



GEPSAMT



I ENCONTRO INTERNACIONAL SOBRE

INOVAÇÕES EM SAÚDE MENTAL

ORGANIZADORES

MÁRCIA ASTRÊS FERNANDES
ALINE RAQUEL DE SOUSA IBIAPINA
AMANDA ALVES DE ALENCAR RIBEIRO
ANA LÍVIA CASTELO BRANCO DE OLIVEIRA
ANA PAULA CARDOSO COSTA
EUKÁLIA PEREIRA DA ROCHA
GEÓRGIA SILVA SOARES MENOR
JOÃO PAULO BARROS IBIAPINA
KAUAN GUSTAVO DE CARVALHO
KAYRON RODRIGO FERREIRA CUNHA
LOPES LENA TCHIVALA
NANIELLE SILVA BARBOSA

**19 A 21 DE
MARÇO DE 2026**

**LIVRO
DE ANAIS**

P
EDITORA
PASTEUR



I ENCONTRO INTERNACIONAL SOBRE INOVAÇÕES EM SAÚDE MENTAL

19 A 21 DE MARÇO DE 2026

Edição I

PRESIDENTE

Prof^ª. Dr^ª. Márcia Astrês Fernandes

COMISSÃO CIENTÍFICA

Agostinho Antônio Cruz Araújo
Amanda Alves de Alencar Ribeiro
Ana Livia Castelo Branco de Oliveira
Ana Paula Cardoso Costa
Carla Danielle Araujo Feitosa
Eukália Pereira da Rocha
Geórgia Silva Soares Menor

João Paulo Barros Ibiapina
Kauan Gustavo de Carvalho
Kayron Rodrigo Ferreira Cunha
Lucíola Galvão Gondim Corrêa Feitosa
Márcia Astrês Fernandes
Nanielle Silva Barbosa

MONITORES

Ana Beatriz Barbosa da Silva
Andreza da Silva Fontinele
Annyele da Silva Barradas
Camilly Gabriely da Costa Borges
Cássia Vitória de Oliveira Santos
Danilo Moreira Pereira Barros
Dayenny Cristine Carreiro Lima
Edigilson Quaresma Boa Morte

Ericka Louisy Oliveira
Gisele Mendes Moura
Maria Clarice dos Anjos Vieira
Maria Jucielen Macedo De Sousa
Richardson Martins França
Sara de Moura Andrade Santos
Thallysson Patrick de Oliveira Macêdo Moura

ORGANIZADORES

Márcia Astrês Fernandes
Aline Raquel de Sousa Ibiapina
Amanda Alves de Alencar Ribeiro
Ana Livia Castelo Branco de Oliveira
Ana Paula Cardoso Costa
Eukália Pereira da Rocha

Geórgia Silva Soares Menor
João Paulo Barros Ibiapina
Kauan Gustavo de Carvalho
Kayron Rodrigo Ferreira Cunha
Lopes Lena Tchivala
Nanielle Silva Barbosa

COMISSÃO ORGANIZADORA

Amanda Alves de Alencar Ribeiro
Ana Paula Cardoso Costa
Eukália Pereira da Rocha
Geórgia Silva Soares Menor
João Paulo Barros Ibiapina

Kauan Gustavo de Carvalho
Kayron Rodrigo Ferreira Cunha
Lopes Lena Tchivala
Márcia Astrês Fernandes
Nanielle Silva Barbosa

2026 by Editora Pasteur
Copyright © FERNANDES, Márcia Astrês,

Editor Chefe:

Dr. Guilherme Barroso Langoni de Freitas

Corpo Editorial:

Dr. Alaercio Aparecido de Oliveira
(Faculdade INSPIRAR, UNINTER, CEPROMEC e Força Aérea Brasileira)
Dra. Aldenora Maria Ximenes Rodrigues
MSc. Aline de Oliveira Brandão
(Universidade Federal de Minas Gerais - MG)
Dra. Ariadine Reder Custodio de Souza
(Universidade Estadual do Centro-Oeste - PR)
MSc. Bárbara Mendes Paz
(Universidade Estadual do Centro-Oeste - PR)
Dr. Daniel Brustolin Ludwig
(Universidade Estadual do Centro-Oeste - PR)
Dr. Durinézio José de Almeida
(Universidade Estadual de Maringá - PR)
Dra. Egidia Maria Moura de Paulo Martins Vieira
Professora UNIFSA (Centro Universitário Santo Agostinho)
Dr. Everton Dias D'Ándrea
(University of Arizona/USA)
Dr. Fábio Solon Tajra
(Universidade Federal do Piauí - PI)
Francisco Tiago dos Santos Silva Júnior
(Universidade Federal do Piauí - PI)
Dra. Gabriela Dantas Carvalho
Dr. Geison Eduardo Cambri
MSc. Guilherme Augusto G. Martins
(Universidade Estadual do Centro-Oeste - PR)
Dr. Guilherme Barroso Langoni de Freitas
(Universidade Estadual de Maringá - UEM)

Dra. Hana Khaled Steiman
(Faculdade Guairacá - PR)
MSc. Juliane Cristina de Almeida Paganini
(Universidade Estadual do Centro-Oeste - PR)
Dra. Kátia da Conceição Machado
(Universidade Federal do Piauí - PI)
Dr. Lucas Villas Boas Hoelz
(FIOCRUZ - RJ)
MSc. Lyslian Joelma Alves Moreira
(Faculdade Inspirar - PR)
Dra. Márcia Astrês Fernandes
(Universidade Federal do Piauí - PI)
Dr. Otávio Luiz Gusso Maioli
(Instituto Federal do Espírito Santo - ES)
Paula Caroline de Faveri Dias
Centro Universitário Univel (UNIVEL), Brasil
Dr. Paulo Alex Bezerra Sales MSc.
Raul Sousa Andreza
MSc. Renan Monteiro do Nascimento
MSc. Suelen Aline de Lima Barros
(Centro Universitário Santo Agostinho)
Dra. Teresa Leal
Saulo Barreto Cunha dos Santos
(Universidade Federal do Rio Grande do Sul - RN)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Editora Pasteur, PR, Brasil)

F363 FERNANDES, Márcia Astrês
I Encontro Internacional Sobre Inovações em Saúde Mental – 19 a 21 de
Março de 2026
FERNANDES, M. A. – Teresina, PI: Pasteur, 05 jul. 2026.
1 livro digital; 224 p.; ed. I; il.

Modo de acesso: Internet
ISBN: 978-65-6029-370-0
<https://doi.org/10.59290/978-65-6029-370-0>

I. Título.
1. Saúde Mental 2. Inovações Tecnológicas 3. Saúde Pública.

CDD 362.1
CDU 614

PREFÁCIO

O I Encontro Internacional sobre Inovações em Saúde Mental nasceu do reconhecimento de que a Saúde Mental se tornou um dos grandes desafios contemporâneos, atravessando de forma transversal os campos da saúde, da educação, do trabalho e das relações sociais. O evento científico direcionou-se a pesquisadores, profissionais e estudantes com objetivo de compartilhar experiências, evidências científicas e perspectivas que possam fortalecer a prática da Saúde Mental em diferentes contextos e contou com mais de 200 participantes inscritos e apresentações de 20 trabalhos na modalidade completos, 14 resumos expandidos e 58 resumos simples.

Durante a realização do evento, ocorreram discussões conduzidas por especialistas e a apresentação de trabalhos científicos, o que proporcionou oportunidades para o desenvolvimento de estudos e o aprofundamento do conhecimento teórico-prático na área. Além disso, fomentou o debate acerca das inovações em Saúde Mental que podem ser aplicadas nas instituições de ensino e nos serviços de saúde, contribuindo para a melhoria da qualidade da saúde em todos os níveis de atenção.

Destaca-se que a Saúde Mental é uma área de extrema notoriedade e importância globalmente. Segundo o Relatório da Organização Mundial da Saúde, cerca de 1 bilhão de pessoas enfrentam algum tipo de transtorno mental no mundo, o que demonstra a urgência de discutirmos sobre as inovações científicas e tecnológicas da área. Esse debate, também, se alinha diretamente aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030, estabelecida pela Organização das Nações Unidas, especialmente o ODS 3, que busca garantir saúde e bem-estar para todos.

Nessa perspectiva, o I Encontro Internacional sobre Inovações em Saúde Mental trouxe a oportunidade de fomentar o conhecimento científico e compartilhar diversas perspectivas em Saúde Mental, por meio de debates valiosos com profissionais experientes no assunto e dedicados ao avanço dos conhecimentos na área, tornando-se um espaço fértil para a construção do diálogo aberto e transformador sobre a temática.

Para finalizar, nossos agradecimentos a todos e todas que participaram da primeira edição de nosso Encontro, ao tempo em que, desejamos uma boa leitura dos anais. Que seja inspiradora e enriquecedora.

Profa. Dra. Márcia Astrês Fernandes
Professora Titular da Universidade Federal do Piauí
Bolsista Produtividade CNPq
Presidente do Evento



SUMÁRIO

RESUMOS SIMPLES	1
A FRONTEIRA ENTRE SOFRIMENTO E NORMA: PSICODIAGNÓSTICO, MEDICALIZAÇÃO E RESPONSABILIDADE CLÍNICA	2
A INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NA CONSTRUÇÃO DA AUTOIMAGEM FEMININA E REFLEXOS NA SAÚDE MENTAL	4
A INFLUÊNCIA DO PRECONCEITO APRESENTADO POR PSICÓLOGOS NO ATENDIMENTO PSICOTERAPÊUTICO ÀS MULHERES TRANSGÊNERO E ÀS TRAVESTIS NO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE	6
A PREVALÊNCIA DE QUADROS DEPRESSIVOS E ANSIOSOS NA POPULAÇÃO LGBTQIAPN+: REVISÃO INTEGRATIVA	8
A VIDA PERFORMÁTICA: A PATOLOGIZAÇÃO DA PRODUTIVIDADE NA SOCIEDADE DO CANSAÇO	10
ACOLHIMENTO A VÍTIMA DE VIOLÊNCIA NA PRÁTICA DE ENFERMAGEM: RELATO DE EXPERIÊNCIA	12
ANÁLISE DO IMPACTO DAS EMOÇÕES NA MODULAÇÃO DA DOR CRÔNICA: REVISÃO NARRATIVA	14
ANSIEDADE NA GRADUAÇÃO EM SAÚDE: FATORES ASSOCIADOS E IMPACTOS NA TRAJETÓRIA ACADÊMICA	16
AROMATERAPIA NO MANEJO DA ANSIEDADE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA SOB A ÓTICA DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO	18
ARTETERAPIA COMO ESTRATÉGIA COMPLEMENTAR NO CUIDADO COM PACIENTES PSIQUIÁTRICOS: RELATO DE EXPERIÊNCIA	20
AS SALAS LILÁS COMO DISPOSITIVO INOVADOR DE CUIDADO À SAÚDE MENTAL: UMA REVISÃO LITERÁRIA SOB VIÉS PSICOLÓGICO	22
ATIVIDADES LÚDICAS COMO ESTRATÉGIA DE PROMOÇÃO DO BEM-ESTAR EM RESIDÊNCIA TERAPÊUTICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA	24
ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM NA ORIENTAÇÃO MEDICAMENTOSA EM UM CAPS: RELATO DE EXPERIÊNCIA	26
AVANÇOS DA SAÚDE MENTAL E OS ACONTECIMENTOS AO LONGO DA HISTÓRIA NO BRASIL: UM ESTUDO REFLEXIVO	28
CUIDADO DE ENFERMAGEM AO PACIENTE COM ESQUIZOFRENIA PARANOIDE	30
“CÊ VAI SE ARREPENDER DE LEVANTAR A MÃO PRA MIM”: AÇÕES PARA O ENFRENTAMENTO DO FEMINICÍDIO NO BRASIL	32
COMUNICAÇÃO TERAPÊUTICA FRENTE AOS IMPACTOS EMOCIONAIS DE UM CLIENTE EM PROCESSO PATOLÓGICO GRAVE	34
CONECTIVIDADE SEM VÍNCULO: O LETRAMENTO DOS AFETOS NA SOCIEDADE LÍQUIDA	36
CUIDADOS DE ENFERMAGEM NA PREVENÇÃO DE DELIRIUM EM UNIDADES DE TERAPIA INTENSIVA: REVISÃO INTEGRATIVA	38
DA DOR À EXPRESSÃO: A ARTE COMO INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA EM CONTEXTOS HOSPITALARES	40
DESAFIOS NO MANEJO DE QUEIMADURA DE SEGUNDO GRAU EM PACIENTE COM TRANSTORNO PSIQUIÁTRICO	42
DIÁRIO TERAPÊUTICO COMO TECNOLOGIA LEVE NA PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL EM MATERNIDADE DE ALTO RISCO	44
EFEITOS DO EXERCÍCIO FÍSICO COMO TRATAMENTO ADJUVANTE PARA A DEPRESSÃO: REVISÃO NARRATIVA	46
ENTRE EMOÇÕES INTENSAS E RELAÇÕES INSTÁVEIS DO TRANSTORNO DE PERSONALIDADE BORDERLINE: ESTUDO TEÓRICO-REFLEXIVO	48
ENTRE ESTEREÓTIPOS E AUTODIAGNÓSTICOS: O TDAH E SUA POPULARIZAÇÃO NO TIKTOK ENTRE JOVENS DA GERAÇÃO Z	50
ESQUIZOFRENIA PARANOIDE: VULNERABILIDADE PSICOSSOCIAL E A NECESSIDADE DE CUIDADO CONTÍNUO NO CONTEXTO DA INTERNAÇÃO PSIQUIÁTRICA	52



ESTÁGIO DE ENFERMAGEM EM HOSPITAL REFERÊNCIA EM SAÚDE MENTAL EM TERESINA (PI): RELATO DE EXPERIÊNCIA	54
EXIGÊNCIAS ACADÊMICAS E SOFRIMENTO PSÍQUICO: SAÚDE MENTAL DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO	56
EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO NA INTEGRALIDADE DO CUIDADO EM SETOR FEMININO PSIQUIÁTRICO	58
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL: CONTRIBUIÇÕES DO PREMAUT PARA INCLUSÃO E DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL	60
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL NO TRABALHO: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM CONTEXTO ORGANIZACIONAL	62
FATORES RELACIONADOS A SAÚDE MENTAL DE PESSOAS COM DOENÇA RENAL CRÔNICA	64
FORMAÇÃO ANTICAPACITISTA E PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL: EXPERIÊNCIAS EM UMA LIGA ACADÊMICA DA UFPI	66
DAS DINÂMICAS DE TRABALHO NA SAÚDE MENTAL DE PROFISSIONAIS DE COMUNICAÇÃO NO MARKETING DIGITAL	68
EDUCAÇÃO SOCIOEMOCIONAL COMO ESTRATÉGIA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL: REVISÃO DE ESCOPO NO CONTEXTO ESCOLAR	70
ENTRE TELAS E EXPECTATIVAS: COMPARAÇÃO SOCIAL DIGITAL E SOFRIMENTO PSÍQUICO EM JOVENS ADULTOS	72
ESTIGMA X MASCULINIDADE: A SUBNOTIFICAÇÃO DE CASOS DE VIOLÊNCIA SEXUAL EM HOMENS	74
ESTUDO REFLEXIVO: EFETIVAÇÃO DE DIREITOS DE POVOS INDÍGENAS E SUA RELAÇÃO COM SAÚDE MENTAL	76
EXPOSIÇÃO À VIOLÊNCIA VERBAL EM COMUNIDADES DE JOGOS ONLINE E SEUS IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL	78
IMPACTOS OCUPACIONAIS DO CUIDADO PSIQUIÁTRICO NA ENFERMAGEM	80
INCLUSÃO E PERMANÊNCIA DE ESTUDANTES AUTISTAS NA GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM	82
INFLUÊNCIA DO CAPACITISMO, IDADISMO E EXCLUSÃO SOCIAL NA OCORRÊNCIA DE DEPRESSÃO EM IDOSOS COM DEFICIÊNCIA	84
INOVAÇÃO E SOBRECARGA: O USO DAS TICS NA RESIDÊNCIA EM ENFERMAGEM OBSTÉTRICA E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A SAÚDE MENTAL	86
INOVAÇÃO NA PREVENÇÃO DE TRANSTORNOS MENTAIS RELACIONADOS AO TRABALHO DOCENTE	88
INOVAÇÃO TECNOLÓGICA E INCLUSÃO DE ESTUDANTES AUTISTAS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR	90
INTEGRAÇÃO DA SEMIOLOGIA PSIQUIÁTRICA E RECURSOS LÚDICO-TERAPÊUTICOS NO CUIDADO EM SAÚDE MENTAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA	92
INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E PSICOTERAPIA: POTENCIAIS, RISCOS ÉTICOS E LIMITES NO CUIDADO EM SAÚDE MENTAL	94
INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL EM SAÚDE MENTAL: DESAFIOS REGULATÓRIOS, PROTEÇÃO DE DADOS E ÉTICA DO CUIDADO	96
INTERVENÇÕES FORMATIVAS NA PROMOÇÃO DE SAÚDE MENTAL NO TRABALHO DOCENTE	98
JANEIRO BRANCO E PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL ENTRE TRABALHADORES DA SAÚDE: RELATO DE EXPERIÊNCIA	100
MANUAL DE ORIENTAÇÃO ACADÊMICA COMO FERRAMENTA DE APOIO À PERMANÊNCIA DE GRADUANDOS DE ENFERMAGEM	102
MURAL DOS SONHOS COMO ESTRATÉGIA DE PROTAGONISMO EM UM CAPS	104
O IMPACTO DA DEPENDÊNCIA DIGITAL NO DESEMPENHO ACADÊMICO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA	106
O IMPACTO DA PSICOTERAPIA ONLINE NA SAÚDE MENTAL CONTEMPORÂNEA: DESAFIOS E POTENCIALIDADES	108
PAPEL DO ENFERMEIRO NAS URGÊNCIAS DE CRISE PSIQUIÁTRICAS	110
PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS ÓBITOS POR LESÕES AUTOPROVOCADAS INTENCIONALMENTE NO PIAUÍ, 2014-2024	112
PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES EM HOSPITAL PSIQUIÁTRICO EM TERESINA (PI): RELATO DE EXPERIÊNCIA	114
PROFISSIONAIS, ARTEFATOS E SENTIDOS MOVENTES DO CUIDADO EM SAÚDE MENTAL NO PERÍODO PERINATAL	116
PRESENTEÍSMO ENTRE TRABALHADORES DE ENFERMAGEM: FATORES RELACIONADOS E AS IMPLICAÇÕES PARA SAÚDE E ASSISTÊNCIA	118
PROMOÇÃO DA SAÚDE BUCAL EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: CONTRIBUIÇÕES DA NEUROCIÊNCIA COMPORTAMENTAL EM ESTRATÉGIAS LÚDICAS	120



PSICOBÍÓTICOS COMO TECNOLOGIA ASSISTENCIAL: UMA INOVAÇÃO NO CUIDADO À SAÚDE MENTAL.....	122
PSICOTERAPIA VS. ALGORITMOS: UM ESTUDO SOBRE O USO DA IA NO CUIDADO EM SAÚDE MENTAL.....	124
QUANDO A DOR DO OUTRO ATRAVESSA QUEM CUIDA: SAÚDE MENTAL NA FORMAÇÃO EM SAÚDE	126
REALIDADE VIRTUAL COMO ESTRATÉGIA DE REABILITAÇÃO COGNITIVA EM PESSOAS COM TRANSTORNOS PSICÓTICOS	128
REFLEXÕES ACERCA DA SAÚDE MENTAL E SUA RELAÇÃO COM OS HÁBITOS DE SAÚDE BUCAL.....	130
RELAÇÃO ENTRE SÍNDROME DE <i>BURNOUT</i> , PROBLEMAS OSTEOMUSCULARES E ABSENTEÍSMO: ESTUDO TEÓRICO-REFLEXIVO	132
ROLAGEM DO JUÍZO FINAL: UMA REFLEXÃO ACERCA DOS EFEITOS DO <i>DOOMSCROLLING</i> NA SAÚDE MENTAL DE USUÁRIOS DE MÍDIAS SOCIAIS.....	134
SENTIDOS DA ARTESANIA E FRUIÇÃO DA ESCUTA CALEIDOSCÓPICA DE MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL	136
SOFRIMENTO MENTAL DE PACIENTES EM TRATAMENTO DE HEMODIÁLISE: REVISÃO NARRATIVA	138
SOFRIMENTO PSÍQUICO E VULNERABILIDADE SOCIAL EM PESSOAS COM ÚLCERA DE PÉ: RELATO DE EXPERIÊNCIA.	140
TECNOLOGIA EDUCATIVA PARA PROMOÇÃO DO AUTOCUIDADO EM SAÚDE EM ESPAÇO COMUNITÁRIO DE LAZER: RELATO DE EXPERIÊNCIA	142
TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO NA FORMAÇÃO EM ENFERMAGEM E CONTRIBUIÇÕES PARA A SAÚDE MENTAL	144
TECNOLOGIAS DIGITAIS COMO METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO POR PSICÓLOGOS EM LICENCIATURA.....	146
UMA ANÁLISE REFLEXIVA ACERCA DO BRUXISMO E SUA RELAÇÃO COM A ANSIEDADE E ESTRESSE	148
VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: PLATAFORMAS DIGITAIS COMO INSTRUMENTOS DE APOIO, PROTEÇÃO E ENFRENTAMENTO	150
VIVÊNCIA ACADÊMICA A PACIENTE COM ESQUIZOFRENIA HEBEFRÊNICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA	152
VIVÊNCIA DE UM PESQUISADOR ANGOLANO EM UM PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM <i>STRICTO SENSU</i> DO NORDESTE BRASILEIRO.....	154
VOZES QUE FLORESCEM: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM PSICOLOGIA ESCOLAR COM ESTUDANTES INDÍGENAS VENEZUELANOS.....	156
<i>WORKAHOLISM</i> E SONO: EVIDÊNCIAS CIENTÍFICAS EM UMA REVISÃO INTEGRATIVA	158
RESUMOS EXPANDIDOS	160
A AURICULOTERAPIA COMO FERRAMENTA DE CUIDADO INTEGRAL À SAÚDE MENTAL NA ATENÇÃO BÁSICA	161
ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO ORGANIZACIONAL NA PREVENÇÃO DO <i>BURNOUT</i> NAS ORGANIZAÇÕES.....	165
CONSTRUÇÃO DE CARTILHA SOBRE SEMIOLOGIA EM SAÚDE MENTAL: EXPERIÊNCIA DE ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM	169
DISCRIMINAÇÃO E VIOLÊNCIAS SIMBÓLICAS ASSOCIADAS AO SOFRIMENTO MENTAL NA POPULAÇÃO LGBTQIA+: REVISÃO NARRATIVA.....	173
EFICÁCIA DAS INTERVENÇÕES EM SAÚDE MENTAL ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS.....	177
ENTRE O PERTENCER E O ADOECER: <i>MASKING</i> E SAÚDE MENTAL DE MULHERES AUTISTAS	181
ESGOTAMENTO MENTAL VIVENCIADO POR PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM NA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA (UTI).....	185
FATORES PSICOSSOCIAIS DO TRABALHO DA ENFERMAGEM EM UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA	189
IMPACTOS PSICOSSOCIAIS DA ESTOMIA INFANTIL E A ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM: RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	193
PRINCIPAIS PROBLEMAS ORIUNDOS DA SÍNDROME DE <i>BURNOUT</i> EM PROFISSIONAIS DE UTI: UMA REVISÃO NARRATIVA.....	197
PUBLICIDADE DE ALIMENTOS ULTRAPROCESSADOS COMO FATOR ASSOCIADO A ALTERAÇÕES NA SAÚDE MENTAL INFANTIL.....	202
REGULAÇÃO EMOCIONAL NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA	206
SOFRIMENTO PSÍQUICO EM MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL	210
SOLIDÃO ENTRE JOVENS ADULTOS E A INTERFACE COM A SAÚDE MENTAL	214



II ENCONTRO INTERNACIONAL SOBRE
INOVAÇÕES EM
SAÚDE MENTAL

LIVRO
DE
ANAIIS

RESUMOS SIMPLES



CAPÍTULO 1

A FRONTEIRA ENTRE SOFRIMENTO E NORMA: PSICODIAGNÓSTICO, MEDICALIZAÇÃO E RESPONSABILIDADE CLÍNICA

Helizane Fernandes e Santos¹

¹UNINASSAU, Teresina, PI, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-8824-0774>

Área temática: Saúde Mental na Contemporaneidade e Sociedade

E-mail do autor correspondente: Helizaneas@hotmail.com.

Palavras-chave: Transtornos Mentais; Saúde Mental; Medicalização; Psicopatologia.

INTRODUÇÃO: A discussão acerca da normalidade e da patologia na saúde mental atravessa a história da psicopatologia e permanece atual diante da consolidação dos manuais diagnósticos contemporâneos. Os conceitos de normal e anormal não são neutros, estando historicamente permeados por valores sociais, culturais e políticos que influenciam práticas clínicas e modos de subjetivação. Nesse contexto, torna-se necessário refletir criticamente sobre os limites e as potencialidades do diagnóstico psicopatológico, considerando sua função clínica, ética e social.

OBJETIVOS: Analisar criticamente a construção histórica e conceitual da normalidade e do diagnóstico psicopatológico, discutindo seus desdobramentos nos processos contemporâneos de patologização e medicalização da vida, bem como suas implicações éticas na prática do psicodiagnóstico.

MÉTODOS: Trata-se de um estudo de natureza teórica, com abordagem qualitativa, caracterizado como ensaio crítico fundamentado em revisão bibliográfica de autores clássicos e contemporâneos da psicopatologia e da saúde mental. A análise foi realizada a partir do diálogo com produções científicas e documentos normativos, buscando problematizar os conceitos de normalidade, diagnóstico, patologização e medicalização sob uma perspectiva ética e biopsicossocial.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: Há questões particularmente complexas na determinação da normalidade e da anormalidade em psicopatologia. Historicamente, essas noções receberam grande carga valorativa; assim, definir alguém como normal ou anormal, do ponto de vista psicopatológico, tem sido associado àquilo que é “desejável” ou “indesejável”, ou ao que é considerado “bom” ou “ruim”. Sob essa perspectiva, os conceitos de normal e anormal expressam, na vida do indivíduo, um poder decisório que culmina, em grande parte, em sofrimento, isolamento e retraimento existencial. Por essa razão, é necessário um cuidado significativo para que tais conceitos não sejam confundidos com imposições sociais frequentemente esperadas no convívio em sociedade, rompendo com o direito à liberdade e à individualidade intrínsecos à vida humana. O trabalho no DSM-5 teve início em 2000, resultando na publicação de artigos, análises técnicas e monografias, além de uma ampla mobilização voltada à elaboração do novo volume. Em 2007, a APA estabeleceu uma Força-Tarefa, juntamente com 13 grupos de trabalho organizados por áreas de transtornos, para iniciar a revisão do manual. O DSM-5 foi publicado em 2013. O trabalho na versão mais recente, o DSM-5-TR, iniciou-se em 2019. No campo da psicopatologia, a medicalização é um conceito que se refere, mais especificamente, à transformação de comportamentos desviantes em doenças ou transtornos mentais, implicando, geralmente, ações de controle e o exercício do poder médico sobre as condições transformadas em entidades médicas. Esse movimento também pode ser compreendido como reflexo da crescente ascensão das redes sociais como veículos de circulação e, muitas vezes, de manipulação de informações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: É preciso considerar que o diagnóstico surge como uma diretriz frente às estratégias terapêuticas e farmacológicas, cujo principal objetivo é a reintegração do sujeito às suas próprias funcionalidades, e nunca como uma sentença. Não há, portanto, estereótipo ou delimitação de sua totalidade, mas apenas um retrato temporário de seu sofrimento. O crescente espaço destinado à divulgação da saúde mental é pertinente e necessário; contudo, os esforços e a atenção às armadilhas que rotulam o sujeito devem ser continuamente reforçados com rigor técnico e científico.

CAPÍTULO 2

A INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NA CONSTRUÇÃO DA AUTOIMAGEM FEMININA E REFLEXOS NA SAÚDE MENTAL

Brunna Rafaela Silva Brito¹
Deilane Raquel da Silva Sousa²
Maria Eduarda Silva Sousa³
Myllena de Farias Oliveira⁴
Vanessa dos Santos Costa⁵
Bruna Victória da Silva Passos⁶

^{1,2,3,4,5,6}Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-8351-1989>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-0449-4173>

³ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-3117-4732>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-3141-9238>

⁵ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-4267-8651>

⁶ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3135-2231>

Área temática: Saúde Mental na Contemporaneidade e Sociedade

E-mail do autor correspondente: brunnarafaelabritosilva@gmail.com

Palavras-chave: Autoimagem; Comparação Social; Saúde Mental; Uso de Rede Social.

INTRODUÇÃO: As redes sociais ocupam um papel central na vida contemporânea, transformando a forma como indivíduos se comunicam e constroem relações sociais. No universo feminino, essas plataformas também funcionam como meios de expressão e de construção da própria imagem, ao mesmo tempo em que refletem padrões culturais de aparência, comportamento e estilo de vida idealizados. A exposição frequente ao ambiente virtual levanta questões sobre como a mídia influencia na percepção de si mesma e suscita reflexões sobre a formação da identidade pessoal no contexto atual. **OBJETIVO:** Analisar a influência das redes sociais na construção da autoimagem feminina e seus impactos na saúde mental. **MÉTODOS:** Trata-se de uma revisão narrativa de literatura acerca da influência das redes sociais na construção da autoimagem e seus reflexos na saúde mental. A estratégia de busca foi conduzida com os descritores “Redes sociais”, “Autoimagem” e “Saúde mental”, combinados entre si por meio dos operadores booleanos AND. A busca foi realizada nas bases de dados *SciELO* e *PubMed*. Como critérios de inclusão artigos publicados em português e inglês, disponíveis na íntegra e alinhados ao objetivo do estudo. Ao final da seleção, três artigos foram escolhidos por apresentarem relevância científica e adequação temática. **RESULTADOS:** A análise dos estudos evidencia que as mídias sociais exercem influência significativa na vida de mulheres, especialmente das mais jovens. Dentre elas, a associação entre a exposição a padrões de beleza veiculados nas redes sociais e a insatisfação corporal, baixa autoestima e sofrimento emocional. Observou-se que a internalização desses padrões estéticos, frequentemente considerados inalcançáveis, está relacionada à distorção da autoimagem. Além disso, os estudos indicaram que a percepção de estar dentro dos padrões socialmente valorizados foi associada a sentimentos de inclusão, conexão e bem-estar. **DISCUSSÃO:** A análise do caso evidencia que as mídias sociais vão além do entretenimento e influenciam a construção da autoimagem feminina, principalmente entre mulheres jovens. A exposição a padrões estéticos está associada à insatisfação corporal, favorecendo comparação social, baixa autoestima e sofrimento emocional. A incorporação desses modelos, muitas vezes idealizados e pouco representativos da diversidade real, revela que a influência não se limita apenas ao visual, sendo absorvida, também, na percepção de si mesma, contribuindo para distorções da autoimagem. Paralelamente, a associação entre adequação aos padrões e sentimentos de inclusão e bem-estar indica que a validação social está fortemente atrelada à aparência. Isso cria uma situação ambivalente: por um lado, seguir os padrões gera sensação de pertencimento; por outro, sentir-se fora deles aumenta a vulnerabilidade emocional, mostrando como essas redes impactam profundamente a saúde mental das mulheres. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Conclui-se que as redes sociais participam de maneira expressiva da construção da autoimagem feminina com influência nas percepções, sentimentos e formas de se posicionar no meio social. Portanto, o estudo contribui para ampliar o entendimento deste fenômeno. Assim, destaca-se a importância de aprofundar essa discussão no campo acadêmico e social, considerando sua relevância para a compreensão das dinâmicas identitárias e emocionais na atualidade.

CAPÍTULO 3

A INFLUÊNCIA DO PRECONCEITO APRESENTADO POR PSICÓLOGOS NO ATENDIMENTO PSICOTERAPÊUTICO ÀS MULHERES TRANSGÊNERO E ÀS TRAVESTIS NO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE

Bianca Maria de Holanda Oliveira Caetano¹

Filipe de Sousa Araújo²

Letícia Oliveira de Miranda Leal³

Marcos Paulo da Silva Liberato⁴

Quezia Silva Sousa⁵

Lucas Lima Ribeiro⁶

^{1,2,3,4,5,6}Universidade Estadual do Piauí. Teresina, Piauí, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-8566-3617>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-1211-232X>

³ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-6850-2010>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-9582-5070>

⁵ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-8727-7908>

⁶ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-025-9979>

Área temática: Saúde Mental de Populações Vulnerabilizadas

E-mail do autor correspondente: biancacaetano2005@aluno.uespi.br

Palavras-chave: Transfobia; Sistema Único de Saúde; Saúde Mental; Pessoas Transgênero; Serviços de Saúde Mental.

INTRODUÇÃO: Torna-se essencial compreender como a atenção à saúde mental de Travestis e Mulheres Trans é abordada na Psicologia Clínica no Sistema Único de Saúde (SUS), o qual tem como foco promover o cuidado integral e humanizado, livre de práticas transfóbicas, respeitando o princípio fundamental da Psicologia, que visa promover saúde, qualidade de vida e combater qualquer forma de discriminação. Além disso, percebe-se a urgência de decolonizar as práticas psicológicas para enfrentar a transfobia presente no contexto social, valorizando a diversidade de gênero. Nesse sentido, a Psicologia deve oferecer acolhimento às Travestis e às Mulheres Trans por meio de uma escuta ética que valorize a diversidade humana e fortaleça suas subjetividades. Para além disso, faz-se necessário o aprofundamento da temática e a ampliação da produção de pesquisas científicas, aspectos que serão abordados nos próximos tópicos. **OBJETIVOS:** Analisar de que forma o preconceito e o despreparo de profissionais psicólogos que atuam no Sistema Único de Saúde impactam o atendimento psicoterapêutico de Mulheres Trans e Travestis. **MÉTODOS:** Trata-se de uma pesquisa descritiva. Ademais, para o delineamento deste projeto, foi selecionado um texto argumentativo disponível no site Medium, bem como artigos localizados em bases de pesquisa como *SciELO*, *Research, Society and Development*, Lume UFRGS e Arquivos de Saúde da Unipar, no eixo temático de saúde mental e sociologia. Ressalta-se, ainda, a escolha fundamental do livro *O Poder Simbólico*, do sociólogo Pierre Bourdieu, por demonstrar as sutis formas de preconceito existentes na sociedade moderna. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Foi encontrado um artigo sobre a realidade dessa população, buscando compreender os fatores associados ao bem-estar psicológico; uma pesquisa que reflete sobre como a construção histórica da cisnormatividade impactou a Psicologia; um trabalho que analisa a influência da cisnormatividade na patologização de pessoas transgênero e travestis por meio da colonialidade de gênero; e um artigo que discute o atendimento e o acesso de pessoas transgênero aos serviços de saúde. Também foi localizado um estudo sobre o atendimento de Mulheres Trans e Travestis no campo da Redução de Danos; uma pesquisa que debate a apreensão de psicólogos ao atender esse público; e um artigo que examinou elementos estressores e fatores de resiliência de Mulheres Trans no acesso e na utilização de serviços de saúde. O livro *O Poder Simbólico* apresenta uma reflexão sobre os sistemas simbólicos, como a ciência e a linguagem, compreendendo que suas funções cognitivas e comunicativas estruturam tais sistemas. A obra explicita o modo como a dominação simbólica é mobilizada por meio da legitimação ideológica, reproduzindo assimetrias de poder e perpetuando formas de violência legitimadas pelos meios sociais. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Em suma, conclui-se que a Psicologia, enquanto ciência e profissão, deve comprometer-se ativamente com o desmonte das estruturas que produzem sofrimento. Não basta não ser transfóbico; é preciso ser antitransfóbico na teoria e na prática, pois a escuta clínica deve constituir um território de resistência, e não de reprodução da violência.



CAPÍTULO 4

A PREVALÊNCIA DE QUADROS DEPRESSIVOS E ANSIOSOS NA POPULAÇÃO LGBTQIAPN+: REVISÃO INTEGRATIVA

Edigilson Quaresma Boa Morte¹

Kauan Gustavo de Carvalho²

Márcia Astrês Fernandes³

¹Graduando em Enfermagem pela Universidade Federal do Piauí – UFPI.

²Doutorando em Enfermagem pela Universidade Federal do Piauí – UFPI.

³Docente de Pós-graduação em Enfermagem pela Universidade Federal do Piauí–UFPI.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-4985-2591>

²ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9940-1837>

³ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9781-0752>

Área temática: Saúde Mental de Populações Vulnerabilizadas

E-mail do autor correspondente: Edilsonquarsema@gmail.com

Palavras-chave: Depressão; Ansiedade; Pessoas LGBTQIA+; Prevalência.

INTRODUÇÃO: A depressão e a ansiedade são transtornos mentais frequentes e multifatoriais, associados a determinantes neurobiológicos, genéticos e psicossociais. Considerando o impacto dos fatores psicossociais na saúde mental, destacam-se o estigma, a discriminação e a exclusão social, que afetam diretamente o bem-estar psicológico. A população LGBTQIAPN+ encontra-se em maior situação de vulnerabilidade devido à exposição recorrente a preconceitos e violências. Esse contexto contribui para um maior risco de sofrimento psíquico. **OBJETIVO:** Analisar as evidências científicas relacionadas à prevalência de quadros depressivos e ansiosos na população LGBTQIAPN+. **MÉTODOS:** Trata-se de uma revisão integrativa realizada nas bases Base de Dados em Enfermagem (BDENF), Índice Bibliográfico Espanhol em Ciências da Saúde (IBECS) e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), via Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), *Web of Science*, Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (*PubMed*) e *Cumulative Index to Nursing and Allied Health Literature* (CINAHL), via EBSCO. A busca foi realizada no período de janeiro a fevereiro de 2026. Para a elaboração da questão de pesquisa, utilizou-se a estratégia PICO. Foram considerados critérios de inclusão: estudos primários disponíveis na íntegra nas bases de dados selecionadas. Foram excluídos estudos de abordagem qualitativa, revisões de literatura, teses e dissertações. A amostra foi composta por oito estudos. A classificação do nível de evidência seguiu o modelo descrito pelo Oxford Centre for *Evidence-Based Medicine*. **RESULTADOS:** Os estudos analisados evidenciam que a população LGBTQIAPN+ apresenta maior exposição a experiências de discriminação, exclusão social e sofrimento psíquico. No que se refere aos sintomas ansiosos, a prevalência entre indivíduos LGBTQIAPN+ variou de 18,8% a 97%, enquanto entre indivíduos cis-heterossexuais os percentuais oscilaram entre 13,1% e 28,9%. Em relação aos sintomas depressivos, observou-se prevalência entre 37% e 76% na população LGBTQIAPN+, em comparação com índices entre 13,1% e 19,2% na população heterossexual. Além disso, as médias dos escores foram superiores no grupo LGBTQIAPN+, indicando não apenas maior frequência, mas também maior intensidade sintomatológica. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A população LGBTQIAPN+ apresenta maior prevalência de sintomas depressivos e ansiosos quando comparada à população cis-heterossexual, possivelmente em decorrência da vivência de discriminação e de estressores psicossociais. Esses achados reforçam a compreensão da saúde mental dessa população à luz do modelo do estresse minoritário. Além do fortalecimento de políticas públicas inclusivas, torna-se imprescindível promover mudanças socioculturais, qualificar as redes de cuidado, fomentar a produção científica contínua e desenvolver estratégias intersetoriais que enfrentem o estigma e ampliem fatores de proteção, com vistas à redução das iniquidades e à promoção da equidade em saúde mental.



CAPÍTULO 5

A VIDA PERFORMÁTICA: A PATOLOGIZAÇÃO DA PRODUTIVIDADE NA SOCIEDADE DO CANSAÇO

Gabrielle Cristina Nogueira de Sousa¹
Pedro Henrique Batista da Silva²

¹Estudante. Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão, Caxias, MA, Brasil.

²Psicólogo. UniFacid Wyden, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-5127-4984>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-0315-4206>

Área temática: Saúde Mental na Contemporaneidade e Sociedade

E-mail do autor correspondente: gcnogueirasousa@gmail.com

Palavras-chave: Comportamento; Trabalho; Desempenho; Byung-Chul Han; Positividade.

INTRODUÇÃO: Byung-Chul Han, filósofo e sociólogo sul-coreano, no ensaio *Sociedade do Cansaço*, propõe a distinção entre a Sociedade Disciplinar e a Sociedade do Desempenho. O modelo apresentado por Han caracteriza-se pela centralidade da positividade e da autoexploração. Na sociedade do desempenho, o sujeito passa a experimentar sentimentos de insuficiência, inferioridade e angústia diante do fracasso. A autoridade externa da proibição cede lugar à exigência de desempenho contínuo e à ideia de que é preciso “ser você mesmo” como sinônimo de liberdade. Contudo, essa lógica produz formas específicas de sofrimento psíquico, como exaustão (*burnout*), depressão e transtornos relacionados à atenção. O estudo aborda as transformações históricas das formas de trabalho e sua relação com o adoecimento psíquico, destacando a passagem da sociedade disciplinar para a sociedade do desempenho, conforme proposto por Byung-Chul Han. **OBJETIVO:** Buscar compreender como os modelos contemporâneos de produtividade, característicos da sociedade do desempenho, contribuem para o sofrimento psíquico na sociedade. **MÉTODOS:** Pesquisa qualitativa, de natureza teórica e analítica, com revisão integrativa da literatura, realizada a partir de publicações do século XXI, articuladas ao referencial teórico de Han. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Han afirma que “a técnica temporal e de atenção multitasking (multitarefa) não representa nenhum progresso civilizatório [...]. Trata-se, antes, de um retrocesso”. Assim, na sociedade que se autodenomina sociedade do lazer, valoriza-se mais a quantidade do que a qualidade, e a aparência e a superficialidade sobrepõem-se a valores mais profundos e interiores. O excesso de positividade manifesta-se também por meio do excesso de estímulos, informações e impulsos. Esses excessos, aliados à sobrecarga de trabalho, destroem a atenção do sujeito, que deixa de se concentrar em uma única tarefa para se dividir entre múltiplas atividades. Nos estudos de Ehrenberg, observa-se uma relação direta entre a necessidade de alta performance e possíveis efeitos colaterais, como ansiedade, depressão e outros transtornos psíquicos. Observou-se que a sociedade atual se estrutura pela lógica da ausência de repouso, valorizando a multitarefa, a aceleração e o excesso de positividade. A autoexploração substitui o controle externo, e as redes sociais reforçam a cultura da performance e da felicidade constante, intensificando sentimentos de insuficiência, ansiedade e esgotamento. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Conclui-se que a produtividade se tornou um critério central de valor social, redefinindo o trabalho e a subjetividade. A promessa de liberdade vinculada à alta performance revela-se ilusória, contribuindo para a naturalização do sofrimento psíquico na sociedade contemporânea.

CAPÍTULO 6

ACOLHIMENTO A VÍTIMA DE VIOLÊNCIA NA PRÁTICA DE ENFERMAGEM: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Geovana Maria Dutra Vieira Marques¹
Angella Vitória Quadros Guedes da Silva²
Carlos Emanuel Pereira Carvalho³
Francisca Gabriela Pereira Lopes⁴
Whitney Rossana Gomes Maurício da Cruz⁵
Joao Paulo Barros Ibiapina⁶
Márcia Astrês Fernandes⁷

^{1,2,3,4,5,6,7}Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-1389-7314>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-1423-9756>

³ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-0441-9375>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-5824-3703>

⁵ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-0422-2974>

⁶ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1791-7774>

⁷ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9781-0752>

Área temática: Práticas Educativas/Educação em Saúde/ Psicoeducação

E-mail do autor correspondente: geovana.marques@ufpi.edu.br

Palavras-chaves: Humanização da Assistência; Saúde Mental; Violência Doméstica; Educação em Enfermagem.

INTRODUÇÃO: A violência configura-se como um fenômeno social que impacta diretamente a saúde mental das vítimas, estando associada a desfechos como depressão, ansiedade e transtorno de estresse pós-traumático, exigindo do enfermeiro sensibilidade e preparo para oferecer um cuidado integral. Nesse contexto, torna-se fundamental articular conhecimentos teóricos e práticos a fim de alcançar uma compreensão mais profunda dessa realidade. Assim, desenvolver, ainda na graduação, a capacidade de criar um ambiente acolhedor revela-se essencial para a formação de profissionais éticos, empáticos e capazes de proporcionar uma assistência humanizada, com enfoque prioritário às vítimas de violência. **OBJETIVO:** Relatar a vivência de graduandos de Enfermagem no acolhimento a vítimas de violência. **MÉTODOS:** Trata-se de uma pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa, do tipo relato de experiência, desenvolvida por graduandos de Enfermagem de uma Universidade Federal do Nordeste, a partir de uma atividade de campo da disciplina Psicologia Aplicada à Enfermagem, realizada em outubro de 2025. A atividade teve como foco as interfaces da violência com a saúde emocional e oportunizou a vivência da entrevista aliada à prática da escuta ativa com uma jovem que vivenciou violência doméstica em um relacionamento conjugal. **RESULTADOS:** Na atividade de campo, foi realizada uma entrevista com uma jovem, cuja identidade foi mantida em anonimato. Ao colocar em prática as técnicas de comunicação terapêutica e escuta ativa aprendidas em sala de aula, foi possível criar um ambiente acolhedor e livre de julgamentos. Assim, ao longo do diálogo, a jovem sentiu-se mais segura e confortável para relatar a violência doméstica e psicológica vivenciada durante seu relacionamento conjugal. **DISCUSSÃO:** O atendimento humanizado em Enfermagem é fundamental na rotina de cuidados, pois a comunicação terapêutica e a oferta de um espaço seguro permitem que o enfermeiro desenvolva um olhar integral sobre as necessidades do indivíduo. Dessa forma, é possível considerar não apenas os aspectos físicos, mas também as dimensões psicológicas envolvidas no processo de assistência. Essa abordagem contribui para a criação de um ambiente acolhedor e fortalece o vínculo entre profissional e paciente, tornando o cuidado mais significativo e eficaz. **CONCLUSÃO:** Conclui-se que a vivência descrita evidenciou a relevância da integração entre teoria e prática na formação em Enfermagem, especialmente diante das repercussões emocionais da violência. A criação de um ambiente acolhedor demonstrou-se fundamental para promover segurança e fortalecer vínculos. A experiência reforça a necessidade de uma formação crítica, reflexiva e humanizada, capaz de preparar futuros profissionais para oferecer uma assistência integral e sensível às vítimas de violência.

CAPÍTULO 7

ANÁLISE DO IMPACTO DAS EMOÇÕES NA MODULAÇÃO DA DOR CRÔNICA: REVISÃO NARRATIVA

Victor Fernandes Alencar¹

Nanielle Silva Barbosa²

Amanda Alves de Alencar Ribeiro³

Márcia Astrês Fernandes⁴

¹Instituto Omni, Teresina, PI, Brasil.

^{2,3,4}Universidade Federal do Piauí. Teresina, Piauí, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-0722-0600>

²ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5758-2011>

³ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5729-6063>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9781-0752>

Área temática: Saúde Mental e Bem-estar

E-mail do autor correspondente: niceforo.victor@gmail.com

Palavras-chave: Psicofisiologia; Dor Crônica; Emoções; Saúde Mental.

INTRODUÇÃO: A dor crônica é uma condição de saúde caracterizada por dores persistentes que se estendem por um período igual ou superior a três meses e que podem interferir diretamente na qualidade de vida e na saúde emocional, levando a quadros de insônia, ansiedade, sintomas depressivos e, em graus mais severos, comportamentos suicidas. Em decorrência disso, o comprometimento da saúde emocional potencializa a percepção subjetiva da dor e contribui para a manutenção do ciclo doloroso no indivíduo. **OBJETIVO:** Analisar, a partir da literatura científica, a relação entre saúde psicológica e dores crônicas. **MÉTODOS:** Trata-se de uma revisão narrativa, realizada entre os meses de fevereiro e março de 2026, por meio de buscas na base de dados *MEDLINE/PubMed*. **RESULTADOS:** Os estudos convergem para a confirmação de que a dor crônica e as emoções compartilham mecanismos neurobiológicos em comum; portanto, estados emocionais negativos podem intensificar a dor, enquanto a regulação emocional pode modulá-la. **DISCUSSÃO:** A dor crônica e as regiões cerebrais responsáveis pelo processamento das emoções compartilham estruturas semelhantes, incluindo a amígdala, o córtex cingulado anterior, a ínsula e o córtex pré-frontal, que são responsáveis tanto pela avaliação afetiva quanto pela modulação da experiência dolorosa. Esse constitui um dos mecanismos-chave para compreender a associação entre dores crônicas e alterações emocionais. Estados emocionais negativos, como ansiedade, depressão e estresse crônico, estão associados ao aumento da ativação límbica e à hiperexcitabilidade do sistema nervoso central, o que leva a uma maior sensibilização central, com aumento da responsividade aos estímulos nociceptivos e redução da eficácia dos mecanismos inibitórios da dor. Portanto, dificuldades na regulação emocional estão diretamente associadas ao aumento da intensidade da dor, à maior prevalência de sintomas depressivos e à pior qualidade de vida. Por outro lado, estratégias adaptativas de regulação emocional parecem exercer efeito modulador positivo, reduzindo o impacto funcional da dor crônica. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Conclui-se, portanto, que fatores emocionais não apenas acompanham a dor crônica persistente, mas também participam ativamente de sua manutenção e amplificação.



CAPÍTULO 8

ANSIEDADE NA GRADUAÇÃO EM SAÚDE: FATORES ASSOCIADOS E IMPACTOS NA TRAJETÓRIA ACADÊMICA

Lília Ravena Melo dos Santos¹
Lívia Manoela Sóstenes de Alencar²
Jéssica Ramos Magalhães Sousa³
Giovanna de Oliveira Libório Dourado⁴

^{1,2,3,4}Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-0694-2039>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-2959-5207>

³ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-0502-4315>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6570-8689>

Área temática: Saúde Mental no Trabalho

E-mail do autor correspondente: liliamel0219@gmail.com

Palavras-chave: Ansiedade; Estudantes; Estudantes de Ciências da Saúde; Saúde Mental.

INTRODUÇÃO: Estudantes da área da saúde vivenciam uma rotina marcada por extensa carga horária, atividades práticas frequentes e inserção precoce em cenários clínicos permeados por dor e vulnerabilidade humana. Essas condições, associadas à intensa pressão por desempenho e à autocobrança constante, podem favorecer o desenvolvimento de sintomas ansiosos e a internalização de expectativas idealizadas sobre competência profissional. **OBJETIVO:** Analisar como as demandas acadêmicas e as vivências assistenciais influenciam o desenvolvimento de ansiedade em estudantes da área da saúde. **MÉTODOS:** Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, de abordagem qualitativa. A busca dos estudos foi conduzida nas bases de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), *Scientific Electronic Library Online (SciELO)* e *PubMed*. Utilizaram-se descritores extraídos da lista de Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), controlados e combinados por meio dos operadores booleanos AND e OR, incluindo os termos: “ansiedade”, “estudantes”, “estudantes de ciências da saúde” e “saúde mental”. O recorte temporal estabelecido compreendeu o período de 2020 a 2025, com o objetivo de contemplar produções mais atuais sobre a temática. Foram incluídos estudos originais disponíveis na íntegra, publicados em português, inglês ou espanhol, que abordassem a relação entre ansiedade e formação acadêmica na área da saúde. Foram excluídos relatos de caso, artigos de opinião, teses, dissertações, monografias e estudos que não respondiam à questão proposta. Após a aplicação dos critérios de elegibilidade e a leitura dos títulos, resumos e textos completos, nove estudos foram selecionados para compor a amostra final. Os dados foram analisados de forma descritiva e interpretativa, organizando-se as evidências em categorias temáticas relacionadas aos fatores associados à ansiedade e às suas repercussões na trajetória acadêmica. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** A transição para a vida universitária representa um período crítico de adaptação, marcado por mudanças na rotina, afastamento do núcleo familiar, redefinição de vínculos sociais e maior responsabilidade individual. Esse processo pode gerar sentimentos de insegurança, solidão e sobrecarga emocional, contribuindo para o aumento dos níveis de estresse, ansiedade e sintomas depressivos, sobretudo nos primeiros anos de graduação. A necessidade de desenvolver autonomia acadêmica e organizar o próprio tempo também pode representar um desafio significativo, especialmente quando associada a altas expectativas pessoais e familiares. Evidenciou-se elevada prevalência de sintomas ansiosos, associada à sobrecarga acadêmica, à insegurança profissional e à exposição ao sofrimento de pacientes. Fatores sociodemográficos e hábitos de vida modulam esses efeitos, com impacto no desempenho acadêmico, na qualidade do sono e nas relações interpessoais. No que se refere às estratégias de enfrentamento, pesquisas realizadas com estudantes relatam a utilização de técnicas adaptativas e de baixo custo, especialmente aquelas voltadas à gestão emocional. Entre elas, destacam-se a respiração diafragmática, as práticas de mindfulness ou atenção plena, os exercícios de relaxamento, a organização da rotina acadêmica, a prática regular de atividade física e a busca por suporte social junto a amigos e familiares. Essas estratégias favorecem a autorregulação emocional, reduzem a ativação fisiológica associada à ansiedade e contribuem para um maior equilíbrio psicológico. Intervenções institucionais, como serviços de aconselhamento psicológico e oficinas de promoção da saúde mental, também se mostram relevantes, embora sua efetividade dependa da acessibilidade e da adesão dos estudantes. **CONCLUSÃO:** A ansiedade na formação em saúde configura-se como um fenômeno multifatorial, resultante da interação entre vulnerabilidades individuais e exigências institucionais, indicando a necessidade de estratégias de promoção da saúde mental no ambiente universitário.

CAPÍTULO 9

AROMATERAPIA NO MANEJO DA ANSIEDADE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA SOB A ÓTICA DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

Daniel Viana Ferreira¹
Vinicius Lima Costa²
Rayane Lima Borges³
Dyego de Carvalho Costa⁴

^{1,2,3,4}Universidade Estadual do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-1369-9517>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-9556-7047>

³ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-5687-5199>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1028-7805>

Área temática: Práticas Integrativas e Complementares em Saúde Mental

E-mail do autor correspondente: daniel.viana.f@aluno.uespi.br

Palavras-chave: Aromaterapia; Ansiedade; Análise do Comportamento; Saúde.

INTRODUÇÃO: A aromaterapia utiliza óleos essenciais, substâncias concentradas extraídas de plantas, que possuem a capacidade de interagir com o sistema nervoso central por meio do sistema olfatório. Do ponto de vista analítico-comportamental, a introdução de estímulos olfatórios pode atuar como uma operação estabelecedora, alterando a probabilidade de ocorrência de determinados comportamentos e a eficácia de reforçadores no ambiente. O cenário brasileiro tornou-se propício para a institucionalização dessas práticas, especialmente após a implementação da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde (SUS), em 2006. Desde então, a aromaterapia tem sido objeto de diversos estudos clínicos e revisões que buscam comprovar sua eficácia no manejo de sintomas ansiosos em diferentes públicos. **OBJETIVO:** Avaliar a eficácia da aromaterapia no tratamento da ansiedade, fundamentando os achados na teoria da Análise do Comportamento. **MÉTODOS:** Trata-se de uma revisão integrativa. A busca pelos estudos foi realizada nas seguintes bases de dados eletrônicas: *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*, Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), *PubMed/MEDLINE*, *Facid Wyden (American Psychological Association)* e *Google Scholar (Google Acadêmico)*. Para a busca, foram utilizados descritores controlados e palavras-chave não controladas, em português e inglês. Os termos foram combinados com os operadores booleanos AND e OR para refinar os resultados da pesquisa. Os termos utilizados na estratégia de busca foram: aromaterapia, ansiedade, práticas integrativas e comportamento respondente. Para serem incluídos na revisão, os estudos atenderam aos seguintes critérios de inclusão: artigos originais, revisões de literatura, ensaios teóricos ou estudos de caso publicados entre janeiro de 2022 e a data de realização da busca. Os resultados foram organizados e agrupados em categorias temáticas, definidas de acordo com os objetivos específicos desta revisão. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Segundo o mecanismo do comportamento respondente descrito por Skinner (2003), se um aroma (inicialmente um estímulo neutro) é apresentado diversas vezes em um contexto de relaxamento ou segurança, ele passa a ser um estímulo condicionado capaz de eliciar respostas de calma e redução da ansiedade fora do ambiente terapêutico. A flexibilidade dos métodos de aplicação, como o uso de inaladores pessoais, permite que o indivíduo utilize o aroma como um recurso portátil para o manejo de contingências aversivas no dia a dia. O fato de o uso de pads ou tecidos impregnados ter se mostrado mais eficaz do que o uso de difusores ambientais reforça a ideia de que a proximidade e o controle do estímulo olfatório aumentam sua função reguladora sobre o comportamento. Na Análise do Comportamento, a redução do uso de medicamentos alopáticos em favor de práticas integrativas pode ser compreendida como uma transição de um controle comportamental químico externo para uma aprendizagem de autorregulação mediada por estímulos ambientais naturais, promovendo maior autonomia do indivíduo sobre seus estados emocionais. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Conclui-se que a integração da aromaterapia à prática psicológica e à atenção primária oferece uma via segura, eficaz e de baixo custo para mitigar o sofrimento associado aos transtornos de ansiedade, embora seja imperativo o desenvolvimento de protocolos mais padronizados para garantir a consistência dos resultados clínicos. A Psicologia, ao incorporar essas práticas integrativas, amplia seu alcance terapêutico, unindo o rigor da Análise do Comportamento ao suporte biológico e sensorial proporcionado pela natureza. O psicólogo deve utilizar a aromaterapia não como uma cura, mas como um recurso para facilitar o acesso do paciente a contingências de reforçamento positivo, reduzindo a barreira fisiológica da ansiedade aguda.



CAPÍTULO 10

ARTETERAPIA COMO ESTRATÉGIA COMPLEMENTAR NO CUIDADO COM PACIENTES PSIQUIÁTRICOS: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Katarine Marques Cirilo Oliveira¹
Kauan Gustavo de Carvalho²
Márcia Astrês Fernandes³

¹Graduanda em Enfermagem do Centro Universitário UniFacid-Wyden. Teresina, PI, Brasil.

²Docente do Centro Universitário UniFacid-Wyden. Doutorando em Enfermagem pela Universidade Federal do Piauí – UFPI.

³Docente de Pós-graduação em Enfermagem pela Universidade Federal do Piauí (UFPI).

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-9280-5106>

²ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9940-1837>

³ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9781-0752>

Área temática: Práticas Integrativas e Complementares em Saúde Mental

E-mail do autor correspondente: katarine22041997@gmail.com

Palavras-chave: Arteterapia; Saúde Mental; Enfermagem; Práticas Integrativas; Hospitais Psiquiátricos.

INTRODUÇÃO: A arteterapia, enquanto abordagem integrativa em saúde mental, propõe a utilização de recursos expressivos e criativos para favorecer o processo terapêutico. Diferentemente do modelo biomédico tradicional, que privilegia intervenções farmacológicas e psicoterapêuticas baseadas em evidências, a arteterapia valoriza a subjetividade, a expressão emocional e a construção de sentido por meio da arte. Essa prática visa ampliar o cuidado, promovendo espaços de escuta ativa, comunicação não verbal e fortalecimento do vínculo entre paciente e profissional. **OBJETIVO:** Relatar a experiência da aplicação da arteterapia no cuidado a pacientes psiquiátricos. **MÉTODOS:** Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, realizado por acadêmicos de Enfermagem do Centro Universitário *Facid Wyden*, durante atividade extensionista desenvolvida em junho de 2025, no Hospital Psiquiátrico de Teresina. A intervenção ocorreu no pátio da instituição, com materiais artísticos acessíveis, como tintas, pincéis, cartolinas, folhas A4, papel vegetal, lápis de cor e esponjas. Os acadêmicos acompanharam a atividade, oferecendo escuta ativa e suporte constante. As ações foram organizadas com base na metodologia da problematização, por meio da estratégia do Arco de Maguerez. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** A experiência desenvolvida seguiu as etapas da metodologia da problematização por meio do Arco de Maguerez. Na etapa de observação da realidade, identificou-se, entre os pacientes internados, dificuldade de expressão emocional e limitada interação social durante as atividades cotidianas da instituição. A partir dessa realidade, definiram-se como pontos-chave a necessidade de estimular a expressão de sentimentos e ampliar o engajamento em atividades terapêuticas. Na etapa de teorização, discutiu-se a relevância da arteterapia como recurso terapêutico complementar no cuidado em saúde mental, favorecendo a comunicação, a criatividade e o fortalecimento de vínculos. Como hipótese de solução, propôs-se a realização de atividade artística com materiais acessíveis, incentivando a participação ativa dos pacientes. Na etapa de aplicação à realidade, foram desenvolvidas atividades de pintura e produção artística, acompanhadas pelos acadêmicos com escuta ativa e suporte contínuo. Observou-se adesão significativa, interesse e satisfação dos participantes, além de maior interação social e expressão de emoções de difícil verbalização. Ao final, realizou-se um momento de confraternização com lanche coletivo, reforçando o acolhimento e o vínculo entre pacientes e equipe. Para os acadêmicos, a experiência contribuiu para o desenvolvimento da empatia, da sensibilidade, da comunicação interpessoal e do trabalho em equipe no contexto do cuidado em saúde mental. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A experiência evidenciou que a arteterapia constitui uma estratégia terapêutica complementar viável, de baixo custo e com impacto significativo na promoção do cuidado em saúde mental. As atividades favoreceram a expressão de sentimentos, a interação social e o fortalecimento do vínculo entre pacientes e equipe, contribuindo para um cuidado mais humanizado. Destaca-se, ainda, a relevância dessas práticas para a formação em Enfermagem, baseada em referenciais teóricos capazes de estimular empatia, comunicação e sensibilidade no cuidado. Assim, reforça-se a importância de sistematizar e ampliar o uso de práticas integrativas no contexto da assistência a pacientes psiquiátricos.



CAPÍTULO 11

AS SALAS LILÁS COMO DISPOSITIVO INOVADOR DE CUIDADO À SAÚDE MENTAL: UMA REVISÃO LITERÁRIA SOB VIÉS PSICOLÓGICO

Ana Francisca dos Santos Alencar¹

¹Centro Universitário Maurício de Nassau, Teresina, PI, Brasil.
ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-8584-6859>

Área temática: Gestão, Políticas Públicas e Direitos Humanos

E-mail do autor correspondente: anasantosalencar34@gmail.com

Palavras-chave: Psicologia; Sala Lilás; Mulheres.

INTRODUÇÃO: A violência contra a mulher é entendida, na sociedade hodierna, como uma grave violação dos direitos humanos, haja vista que compromete sua integridade física, psicológica e moral. Além disso, observa-se um aumento desses crimes, contabilizando, no panorama atual, 12 (doze) mulheres vítimas de violência em um intervalo de 24 (vinte e quatro) horas. Nessa perspectiva, o governo, amparado por ministérios e sistemas públicos de saúde, constitui como política permanente as "Salas Lilás", espaços de acolhimento e proteção ao público feminino, consolidando-se como uma iniciativa urgente para a garantia dos direitos das mulheres em uma realidade que as vulnerabiliza. A partir disso, urge compreender a atuação psicológica nesse setor, como ela se desenvolve e por que é importante integrá-la de maneira multidisciplinar ao contexto analisado. **OBJETIVO:** Analisar, a partir de artigos publicados e documentos oficiais, as "Salas Lilás" como um dispositivo inovador não apenas no campo dos direitos humanos e sociais, mas também no âmbito da Psicologia, destacando suas contribuições para o bom funcionamento dessa forma de intervenção. **MÉTODOS:** Trata-se de uma revisão de literatura de caráter qualitativo. A busca foi realizada em bases de dados científicas e documentos institucionais que abordam violência contra a mulher, saúde mental, políticas públicas e práticas psicológicas de acolhimento. **RESULTADOS:** Os estudos analisados indicam que espaços de acolhimento especializados, como as "Salas Lilás", contribuem para a humanização do atendimento às mulheres em situação de violência. Observa-se que a presença de profissionais capacitados e a adoção de práticas de escuta qualificada favorecem a redução de padrões de comportamento prejudiciais, consequência direta dos traumas vivenciados, possibilitando maior suporte emocional às vítimas. A integração entre Psicologia, assistência social e sistema de justiça fortalece a rede de proteção e amplia as possibilidades de cuidado em saúde mental. **DISCUSSÃO:** Evidencia-se que as "Salas Lilás" representam uma estratégia relevante dentro das políticas públicas de enfrentamento à violência de gênero. Ao oferecer um ambiente mais acolhedor e reservado, esses espaços favorecem a expressão do sofrimento psíquico e possibilitam intervenções mais sensíveis às necessidades das vítimas. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Conclui-se que as "Salas Lilás" constituem um dispositivo inovador e essencial para a melhoria das condições físicas, morais e psicológicas de mulheres afetadas pelos mais diversos tipos de violência e violações. Paralelamente, a atuação psicológica nesses espaços torna-se imprescindível, pois exerce efeito significativo na superação de traumas e no fortalecimento feminino.

CAPÍTULO 12

ATIVIDADES LÚDICAS COMO ESTRATÉGIA DE PROMOÇÃO DO BEM-ESTAR EM RESIDÊNCIA TERAPÊUTICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Jéssica Ramos Magalhães Sousa¹
Lília Ravena Melo dos Santos²
Lívia Manoela Sóstenes Alencar³
Giovanna de Oliveira Libório Dourado⁴

^{1,2,3,4}Universidade Federal do Piauí. Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-0502-4315>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-0694-2039>

³ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-2959-5207>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6570-8689>

Área temática: Saúde Mental e Bem-Estar

E-mail do autor correspondente: jessica.sousa@ufpi.edu.br

Palavras-chave: Desinstitucionalização; Estudantes de Enfermagem; Promoção da Saúde; Serviços de Saúde Mental.

INTRODUÇÃO: A Reforma Psiquiátrica brasileira, consolidada pela Lei nº 10.216/2001, re-direcionou o modelo assistencial em saúde mental para a desinstitucionalização, tendo os Serviços Residenciais Terapêuticos (SRTs) como dispositivos estratégicos de cuidado. Nesse contexto, atividades lúdicas configuram-se como recursos relevantes para a promoção do bem-estar e o estímulo às potencialidades dos moradores. **OBJETIVO:** Descrever e refletir sobre a promoção do bem-estar por meio de atividades lúdicas desenvolvidas por estudantes de Enfermagem em um SRT tipo II, no município de Teresina-PI. **METODOLOGIA:** Trata-se de um relato de experiência, desenvolvido por acadêmicas de Enfermagem da Universidade Federal do Piauí em um Serviço Residencial Terapêutico tipo II, em Teresina-PI. A experiência ocorreu em duas visitas realizadas em 2025, envolvendo momentos de interação inicial com os moradores e, posteriormente, o desenvolvimento de atividades lúdicas voltadas à promoção do bem-estar e da socialização. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** A dinâmica inicial favoreceu a interação e o estímulo à memória recente, embora tenham sido identificadas dificuldades de retenção por alguns participantes. Já a atividade sensorial promoveu estímulos táteis e inclusão, destacando-se a participação ativa de um residente previamente pouco comunicativo. Por fim, a intervenção musical possibilitou a expressão artística e a evocação de memórias. A análise crítica evidenciou que práticas lúdicas como as propostas pelas discentes devem ser realizadas de forma contínua para que obtenham o impacto positivo esperado na promoção do bem-estar dos residentes. Ao final da visita, ocorreu um momento de devolutiva, no qual os moradores demonstraram contentamento com a proposta desenvolvida, ressaltando o quanto apreciaram os momentos de convivência proporcionados pelas atividades. Alguns participantes verbalizaram o desejo de que iniciativas semelhantes fossem realizadas com maior frequência, solicitando, inclusive, o retorno das discentes para novos encontros. Essa manifestação reforça a percepção de que a experiência foi significativa para os moradores, evidenciando a importância de ações contínuas que favoreçam o fortalecimento de vínculos e a promoção da qualidade de vida nos Serviços Residenciais Terapêuticos do tipo II. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A vivência em um SRT tipo II possibilitou às discentes a compreensão dos princípios da Reforma Psiquiátrica. As oficinas favoreceram o desenvolvimento de competências profissionais e evidenciaram o potencial das atividades lúdicas na promoção do bem-estar de pessoas em sofrimento psíquico.



CAPÍTULO 13

ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM NA ORIENTAÇÃO MEDICAMENTOSA EM UM CAPS: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Amanda Cristina Rodrigues Silva¹
Maria Eduarda Mendes Pinto Coelho²
Stefany Lourana de Sousa e Silva³
Lorena Uchoa Portela Veloso⁴

^{1,2,3}Graduanda de Enfermagem pela Universidade Estadual do Piauí. Teresina, PI, Brasil.

⁴Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Piauí. Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-6389-0381>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-2718-5467>

³ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-8550-7454>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8062-3624>

Área temática: Educação em Saúde

E-mail do autor correspondente: amandacristinarsilva@aluno.uespi.br

Palavras-chave: Adesão à Medicação; Educação em Saúde; Enfermagem Psiquiátrica; Uso de Medicamentos.

INTRODUÇÃO: A adesão à terapia medicamentosa constitui uma dimensão importante do cuidado em saúde mental, especialmente diante da necessidade de tratamentos contínuos. Contudo, o uso irregular ou a interrupção dos psicofármacos ainda representam desafios, associados a dificuldades de compreensão, efeitos colaterais, vulnerabilidades sociais e fragilidades na comunicação entre equipe e usuário. Nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), a adesão deve ser compreendida como um processo construído por meio do vínculo e da responsabilização pelo cuidado. Nesse contexto, a orientação medicamentosa realizada pela Enfermagem configura-se como uma estratégia relevante para promover o uso racional de medicamentos, fortalecer a autonomia e qualificar o acompanhamento terapêutico. **OBJETIVO:** Descrever a experiência de estagiárias de Enfermagem na orientação medicamentosa em um CAPS como ferramenta de educação em saúde e promoção da adesão terapêutica. **MÉTODOS:** Trata-se de um relato de experiência desenvolvido durante estágio supervisionado em um CAPS II, no município de Teresina-PI. A atividade ocorreu nos dias de atendimento psiquiátrico, por meio de orientações individuais realizadas após a consulta médica e a dispensação da medicação, direcionadas a usuários adultos do serviço. Durante a abordagem, eram fornecidas explicações sobre os horários corretos de administração, a importância do uso contínuo e os riscos da interrupção sem orientação profissional, destacando-se que alguns psicofármacos demandam tempo para apresentar efeitos terapêuticos. Buscava-se avaliar a compreensão dos usuários quanto às orientações, utilizando-se um instrumento ilustrado com representações dos períodos do dia para auxiliar na organização dos horários. As medicações eram apresentadas aos usuários, reforçando sua identificação e modo de uso. **RESULTADOS:** Observou-se que parte dos usuários já demonstrava compreensão quanto às medicações prescritas e aos respectivos horários de uso. Entretanto, outros apresentavam dúvidas, confusão entre os fármacos ou dificuldades na organização dos horários, sendo necessário, em alguns casos, direcionar as orientações também aos acompanhantes ou membros da rede de apoio. Alguns usuários questionavam sobre efeitos colaterais e relataram perceber melhora clínica com o uso regular da medicação. Também foram identificadas dificuldades de leitura e compreensão, o que reforçou a importância do uso do instrumento ilustrado para facilitar o entendimento. A abordagem individual possibilitou o esclarecimento de dúvidas específicas e maior segurança quanto à continuidade do tratamento. **DISCUSSÃO:** A experiência evidenciou que a adesão medicamentosa no CAPS depende não apenas da prescrição, mas também da forma como o tratamento é comunicado e compreendido. As dúvidas e fragilidades identificadas indicam lacunas no processo educativo e na gestão compartilhada do cuidado. A orientação individualizada mostrou-se uma estratégia importante para fortalecer a autonomia, prevenir interrupções indevidas e qualificar o vínculo entre usuário e serviço, em consonância com o modelo psicossocial. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Conclui-se que a orientação medicamentosa individual, no contexto do CAPS, configura-se como estratégia fundamental para qualificar a adesão terapêutica e promover o uso racional de psicofármacos. A experiência evidenciou que, mesmo entre usuários que demonstram conhecimento prévio sobre o tratamento, persistem dúvidas e fragilidades que podem comprometer a continuidade do cuidado. Nesse sentido, a atuação da Enfermagem, por meio de uma abordagem acessível e individualizada, fortalece a autonomia, o vínculo terapêutico e a segurança no manejo medicamentoso.



CAPÍTULO 14

AVANÇOS DA SAÚDE MENTAL E OS ACONTECIMENTOS AO LONGO DA HISTÓRIA NO BRASIL: UM ESTUDO REFLEXIVO

Andreza da Silva Fontinele¹

João Paulo Barros Ibiapina²

Amanda Alves de Alencar Ribeiro³

Kayron Rodrigo Ferreira Cunha⁴

Sara de Moura Andrade Santos⁵

Marcia Astrês Fernandes⁶

^{1,2}Mestranda(o) em Enfermagem. Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina, PI, Brasil.

^{3,4}Doutoranda em Enfermagem. Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina, PI, Brasil.

⁵Graduanda em Enfermagem. Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina, PI, Brasil.

⁶Doutora em Ciências na Área de Enfermagem Fundamental Instituição. Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3239-357X>

²ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1791-7774>

³ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5729-6063>

⁴ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3507-3376>

⁵ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-0948-4247>

⁶ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9781-0752>

Área temática: Saúde Mental na Contemporaneidade e Sociedade

E-mail do autor correspondente: andrezacristynna33@gmail.com

Palavras-chave: Reforma Psiquiátrica; Política de Saúde; Saúde Mental; Saúde Pública.

INTRODUÇÃO: No período que antecedeu a Reforma Psiquiátrica, observava-se um significativo desconhecimento acerca das doenças mentais, o que gerava medo, estigma, preconceito e, conseqüentemente, a rejeição social das pessoas em sofrimento psíquico. Nesse contexto, o principal método de tratamento consistia no isolamento dos indivíduos em instituições asilares. A luta antimanicomial representou um marco central na transformação do modelo de atenção à saúde mental, influenciando também as práticas de cuidado no campo da Enfermagem. **OBJETIVO:** Refletir sobre os avanços da saúde mental e os principais acontecimentos históricos relacionados à transformação do cuidado em saúde mental. **MÉTODOS:** Trata-se de um estudo de reflexão temática, desenvolvido no âmbito do Mestrado Acadêmico em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí (PPGENF/UFPI). A investigação foi realizada entre janeiro e fevereiro de 2026, por meio da busca de produções científicas no Portal de Periódicos da CAPES, nas bases *Web of Science*, *Scopus* e *MEDLINE*, via *PubMed*. Foram utilizados descritores do DeCS/MeSH: Reforma Psiquiátrica, Política de Saúde, Saúde Mental e Saúde Pública, combinados pelo operador *booleano AND*. A seleção dos estudos ocorreu mediante a leitura dos títulos, resumos e textos completos, considerando sua pertinência ao objetivo da reflexão. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** A literatura aponta que, ao longo da história, o cuidado em saúde mental foi marcado por fragmentações diante da elevada carga de sofrimento psíquico no país. Entretanto, a implementação de práticas e políticas voltadas ao acesso ao cuidado contribuiu para avanços significativos, ampliando a inclusão das pessoas em sofrimento mental em serviços abertos à comunidade. Esses serviços buscam garantir assistência integral e promover a reinserção social, representando importantes conquistas no processo de desinstitucionalização do modelo manicomial. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A reflexão apresentada evidencia os avanços da saúde mental no Brasil, destacando a Reforma Psiquiátrica como um marco fundamental para a reorganização das estratégias de acesso ao cuidado psicossocial no contexto social e político. Nesse sentido, esse movimento possibilitou a construção de novas formas de compreender e lidar com o sofrimento psíquico, favorecendo práticas de cuidado mais humanizadas e voltadas à inclusão social.

CAPÍTULO 15

CUIDADO DE ENFERMAGEM AO PACIENTE COM ESQUIZOFRENIA PARANOIDE

Tiago Ferreira Guimarães¹

Ana Clara Cunha Barbosa²

Ana Vitoria Soares Carvalho³

Gabriel de Oliveira⁴

Myrelly da Silva Gomes⁵

Aline Raquel de Sousa Ibiapina⁶

^{1,2,3,4,5,6}Universidade Federal do Piauí. Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-9199-3690>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-1309-4330>

³ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-8121-4575>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-9733-0679>

⁵ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-0180-2457>

⁶ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1373-3564>

Área temática: Práticas Clínicas Disruptivas e Humanizadas

E-mail do autor correspondente: tiago.guimaraes@ufpi.edu.br

Palavras-chave: Esquizofrenia; Esquizofrenia Paranoide; Cuidados de Enfermagem.



INTRODUÇÃO: A esquizofrenia é um transtorno mental grave que afeta o comportamento e a percepção das pessoas acometidas, impactando diretamente sua qualidade de vida. Entre as manifestações clínicas mais comuns, destaca-se a esquizofrenia paranoide, caracterizada por delírios persecutórios e de grandeza, frequentemente associados a alucinações auditivas persistentes. **OBJETIVO:** Descrever o cuidado de enfermagem durante o tratamento intensivo de um paciente diagnosticado com esquizofrenia paranoide. **MÉTODOS:** Trata-se de um relato de experiência de natureza descritiva, com abordagem qualitativa. Os dados foram coletados durante os estágios da disciplina de Enfermagem em Saúde Mental, em uma instituição de internação psiquiátrica do Estado do Piauí, durante o segundo semestre de 2025. Para a coleta das informações, foi realizada a consulta individualizada de enfermagem, utilizando o instrumento de Semiologia Psiquiátrica. Além disso, foram coletadas informações complementares no prontuário médico do paciente. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** A assistência de enfermagem direcionada ao paciente de 37 anos, com diagnóstico de esquizofrenia paranoide, hospitalizado no Hospital Psiquiátrico Areolino de Abreu, possibilitou ampliar a compreensão acerca da importância do acompanhamento sistematizado e da organização do plano terapêutico individual. Destacou-se a necessidade de supervisão rigorosa quanto ao uso correto das medicações prescritas, à observação de possíveis interações medicamentosas e ao acompanhamento clínico diário, visando maior segurança terapêutica. Durante a experiência, evidenciou-se que a enfermagem realizava os cuidados necessários. Além disso, percebeu-se, durante o atendimento ao paciente, que ele apresentava baixa adesão aos psicofármacos e associação ao uso de substâncias psicoativas, o que resultou na descompensação do quadro de esquizofrenia paranoide e na consequente necessidade de hospitalização. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** O presente estudo evidenciou que a internação do paciente ocorreu em decorrência da realização inadequada do tratamento, marcada pela baixa adesão aos psicofármacos e pela associação com substâncias psicoativas. Tal conduta resultou na descompensação do quadro de esquizofrenia paranoide, com intensificação dos sintomas psicóticos e necessidade de hospitalização. Esse cenário reforça que a irregularidade no uso da medicação e o consumo de álcool configuram importantes fatores de risco para recaídas e novas internações, demonstrando a fragilidade do acompanhamento extra-hospitalar quando não há adesão efetiva ao tratamento. Portanto, o cuidado de enfermagem, aliado à atuação multiprofissional no acompanhamento extra-hospitalar de pacientes com esquizofrenia paranoide, faz-se necessário a fim de evitar retrocessos no tratamento medicamentoso.

CAPÍTULO 16

“CÊ VAI SE ARREPENDER DE LEVANTAR A MÃO PRA MIM”: AÇÕES PARA O ENFRENTAMENTO DO FEMINICÍDIO NO BRASIL

Nanielle Silva Barbosa¹

Liana Osório Fernandes²

Alexsandra da Rocha Fontes³

Amanda Alves de Alencar Ribeiro⁴

Kauan Gustavo de Carvalho⁵

Márcia Astrês Fernandes⁶

^{1,2,3,4,5,6}Universidade Federal do Piauí. Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5758-2011>

²ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5214-4733>

³ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8737-0105>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5729-6063>

⁵ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9940-1837>

⁶ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9781-0752>

Área temática: Gestão, Políticas Públicas e Direitos Humanos

E-mail do autor correspondente: naniellesilvabarbosa@hotmail.com

Palavras-chave: Mulheres; Feminicídio; Políticas Públicas.

INTRODUÇÃO: O cenário do feminicídio no Brasil atingiu níveis recordes. Segundo dados divulgados pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, em março de 2026, 1.568 mulheres foram vítimas de feminicídio no ano anterior. Juridicamente, o conceito busca dar visibilidade à natureza sistemática desses crimes, frequentemente precedidos por ciclos abusivos, permitindo que o Estado reconheça e trate esse agravo como um fenômeno social que exige políticas públicas específicas de enfrentamento. **OBJETIVO:** Identificar as principais ações de enfrentamento ao feminicídio no Brasil. **MÉTODOS:** Trata-se de um levantamento bibliográfico realizado em fevereiro de 2026, nos sites do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, do Ministério das Mulheres, do Ministério da Justiça e Segurança Pública e a partir de publicações da Biblioteca Virtual em Saúde. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Destacam-se as seguintes iniciativas: **1)** Lei Maria da Penha: constitui o principal mecanismo legal para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher. A legislação define as cinco formas de violência, cria Juizados Especiais, estabelece medidas protetivas de urgência e amplia a responsabilização dos agressores. **2)** Lei do Feminicídio: tipifica o assassinato de mulheres por razões de gênero como homicídio qualificado e crime hediondo, tendo sido posteriormente atualizada pelo Pacote Antifeminicídio. **3)** Pacto Nacional de Prevenção aos Feminicídios: consiste em uma estratégia intersetorial que articula o Governo Federal, os estados e os municípios com o objetivo de reduzir as mortes violentas de mulheres. **4)** Pacto Brasil entre os Três Poderes para o Enfrentamento do Feminicídio: assinado em fevereiro de 2026, representa um avanço institucional ao integrar as ações dos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, permitindo que as políticas deixem de ser isoladas e passem a ser coordenadas em uma rede única de proteção. O Poder Executivo concentra-se na operacionalização da segurança e no acolhimento direto às vítimas. A atuação do Judiciário busca garantir a aplicação rigorosa do Protocolo para Julgamento com Perspectiva de Gênero, que orienta magistrados a identificar e neutralizar preconceitos estruturais durante os processos. Somado a isso, busca-se reduzir drasticamente o tempo de concessão de medidas protetivas de urgência. Por meio de pautas prioritárias, o Congresso Nacional e as Assembleias Legislativas agilizam a votação de projetos que endurecem as penas para crimes de gênero e garantem auxílio financeiro a órfãos do feminicídio. Outra ação estratégica é a capilarização das Procuradorias da Mulher em municípios de menor porte. Outras ações incluem campanhas educativas, o fortalecimento da rede de saúde mental para atendimento psicológico, o combate à violência política de gênero e o incentivo à autonomia econômica das mulheres. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** O enfrentamento ao feminicídio no Brasil consolida-se por meio de uma robusta articulação intersetorial. As principais ações revelam que a eficácia no combate a essa violência depende da integração entre o fortalecimento das medidas punitivas, a celeridade do Judiciário e o aprimoramento das redes de acolhimento. Assim, a superação desse fenômeno exige não apenas a repressão ao crime, mas também a continuidade de políticas públicas que promovam a autonomia feminina e a desconstrução cultural do machismo, garantindo a proteção integral à vida das mulheres em todas as instâncias.

CAPÍTULO 17

COMUNICAÇÃO TERAPÊUTICA FRENTE AOS IMPACTOS EMOCIONAIS DE UM CLIENTE EM PROCESSO PATOLÓGICO GRAVE

Angella Vitória Quadros Guedes da Silva¹
Carlos Emanuel Pereira Carvalho²
Francisca Gabriela Pereira Lopes³
Geovana Maria Dutra Vieira Marques⁴
Whitney Rossana Gomes Maurício da Cruz⁵
Márcia Astrês Fernandes⁶

¹Universidade Federal do Piauí. Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-1423-9756>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-0441-9375>

³ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-5824-3703>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-1389-7314>

⁵ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-0422-2974>

⁶ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9781-0752>

Área temática: Práticas Educativas/Educação em Saúde/ Psicoeducação

E-mail do autor correspondente: angella.silva@ufpi.edu.br

Palavras-chaves: Processos Patológicos; Humanização da Assistência; Relações Enfermeiro-Paciente.

INTRODUÇÃO: O adoecimento grave e as amputações decorrentes de doenças crônicas representam experiências que ultrapassam as limitações físicas, repercutindo de maneira significativa nos aspectos emocionais, psicológicos e sociais do indivíduo. A perda de parte do corpo pode desencadear diferentes respostas emocionais ao longo do processo de adaptação, marcadas por sentimentos de negação, revolta, tentativas de negociação com a própria realidade e tristeza. Esses sentimentos refletem a complexidade do enfrentamento humano diante de mudanças abruptas na funcionalidade corporal. Nesse contexto, a Enfermagem assume papel essencial ao promover um cuidado que vá além das intervenções técnicas, valorizando a escuta, o acolhimento e a compreensão das necessidades subjetivas do indivíduo. **OBJETIVO:** Relatar a experiência de discentes da graduação em Enfermagem acerca da comunicação terapêutica frente aos impactos emocionais de um cliente em processo patológico grave. **MÉTODOS:** Trata-se de uma pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa, do tipo relato de experiência, desenvolvida por graduandos de Enfermagem de uma universidade federal nordestina, a partir de uma atividade de campo da disciplina Psicologia Aplicada à Enfermagem, realizada em outubro de 2025. A atividade teve como foco a compreensão dos aspectos emocionais que permeiam o cuidado ao cliente gravemente enfermo, por meio de um diálogo com um cliente portador de Diabetes Mellitus e amputação de membro inferior. **RESULTADOS:** A pesquisa de campo consistiu em uma atividade em grupo, realizada por meio da escuta qualificada de uma pessoa que sofreu amputação de um membro inferior em decorrência do diabetes mellitus. Durante o diálogo, os discentes empregaram técnicas de comunicação terapêutica, o que contribuiu para a criação de um ambiente acolhedor e favoreceu a expressão dos sentimentos do indivíduo diante da situação vivenciada. A partir dos relatos, foi possível identificar três dos cinco estágios propostos por Kübler-Ross — negação, raiva e barganha —, ressaltando a importância do cuidado humanizado como espaço para a manifestação de angústias e expectativas. **DISCUSSÃO:** Compreender os estágios do luto ou da aceitação ainda durante a graduação é fundamental para qualificar a assistência prestada. Esse conhecimento amplia a sensibilidade do futuro profissional diante das reações emocionais dos clientes, permitindo uma abordagem mais humana e individualizada. É igualmente importante reconhecer que esses estágios são variáveis e não lineares, como evidenciado no caso relatado, em que o cliente não vivenciou todas as fases nem as seguiu em uma ordem preestabelecida. Dessa forma, adquirir esse aprendizado ainda na formação acadêmica fortalece a construção de uma comunicação terapêutica acolhedora e verdadeiramente humanizada. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A experiência configura-se como elemento indispensável à formação de profissionais preparados para desenvolver uma assistência qualificada a clientes gravemente adoecidos. A articulação entre o conhecimento teórico e a prática vivenciada fortalece o vínculo terapêutico, orienta intervenções mais empáticas e amplia a sensibilidade frente às demandas psicoemocionais. Dessa forma, os estágios deixam de assumir caráter meramente descritivo e passam a constituir instrumentos fundamentais para a consolidação de um cuidado integral.

CAPÍTULO 18

CONECTIVIDADE SEM VÍNCULO: O LETRAMENTO DOS AFETOS NA SOCIEDADE LÍQUIDA

Stefany Karoline Figueredo Gonçalves do Rêgo¹

Lorena Barbosa Alcântara²

Valéria Carvalho Lima Santos³

Yasmin de Carvalho Leal⁴

Maria Clara de Assis Nascimento⁵

Rita de Cássia da Silva Alves⁶

^{1,2,3,4,5}Universidade Estadual do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

⁶Psicóloga. Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-6138-6916>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-8586-234X>

³ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-2594-8105>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-0688-1536>

⁵ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-9120-8447>

⁶ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-7476-4285>

Área temática: Saúde Mental na Contemporaneidade e Sociedade

E-mail do autor correspondente: stefanykarolinefigueredo@gmail.com

Palavras-chave: Era Digital; Relacionamentos Afetivos; Educação Emocional.

INTRODUÇÃO: Embora muitas vezes restrita à Psicologia, a saúde mental exige uma compreensão interdisciplinar. A Sociologia, nesse contexto, contribui para analisar como as transformações sociais contemporâneas impactam os modos de subjetivação e de vinculação. Zygmunt Bauman cunhou o termo "modernidade líquida" para descrever um tempo em que tudo é volátil, fluido e descartável, inclusive as relações humanas. Na contemporaneidade, essa liquidez ganha contornos ainda mais agudos com a ascensão das tecnologias digitais. Desse modo, é possível destacar que as redes sociais e os aplicativos de relacionamento promovem uma lógica de consumo afetivo, com dicas e estratégias para lidar com a alteridade do outro nas relações, atuando como impositores de comportamentos relacionais, estabelecendo códigos, ritmos e expectativas próprias que moldam a experiência afetiva dos usuários. Com isso, o outro passa a ser percebido não em sua totalidade, mas como um conjunto de atributos fragmentados que atendem, ou não, a determinadas expectativas, em um movimento que empobrece a experiência do encontro genuíno. **OBJETIVO:** Examinar como as plataformas digitais influenciam a constituição e a fragilidade dos vínculos afetivos na sociedade contemporânea, a partir das contribuições teóricas de Zygmunt Bauman. **MÉTODOS:** Trata-se de uma revisão bibliográfica narrativa, de abordagem qualitativa, exploratória e teórica, sobre a conectividade sem vínculo e os desafios para o letramento dos afetos na contemporaneidade. Utilizaram-se os descritores "letramento dos afetos", "relacionamentos afetivos", "plataformas digitais", "educação emocional" e seus correspondentes em inglês, combinados pelos operadores booleanos AND e OR. Foram incluídos estudos de acesso aberto, publicados em português e inglês, entre 2020 e 2025. Após a leitura dos títulos, resumos e textos completos, considerando a pertinência temática e a exclusão de duplicidades, seis estudos foram excluídos, permanecendo cinco na amostra final. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Os estudos analisados demonstraram que as plataformas digitais têm contribuído para a reconfiguração dos afetos na direção de uma conectividade sem vínculo. Dessa forma, a mediação tecnológica transforma o sentimento em mercadoria, reduzindo os sujeitos a atributos selecionados e descartáveis, em um movimento que subordina a experiência afetiva aos interesses mercadológicos das plataformas. Além disso, o desgaste emocional ecoa nos discursos presentes nas redes sociais, onde parcela significativa das narrativas amorosas é atravessada por afetos negativos, frequentemente tomados como verdades absolutas, que impõem ao sujeito uma única forma de visualizar o outro. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A presente revisão confirmou que as tecnologias digitais impactam profundamente as relações afetivas, consolidando um regime de conectividade sem profundidade e fragmentando a percepção do outro, o que empobrece a experiência do encontro genuíno. Por isso, é preciso promover o letramento dos afetos como competência fundamental para capacitar os sujeitos a navegarem criticamente pelos ambientes digitais, reabilitando a alteridade, a escuta e o compromisso como pilares das relações humanas. Além disso, cabe ressaltar que esta investigação teórica é fundamental porque amplia a compreensão das estruturas sociais contemporâneas para além do campo da saúde mental vinculada à Psicologia, uma vez que sua sustentação parte de uma perspectiva sociológica amplamente discutida por Bauman.

CAPÍTULO 19

CUIDADOS DE ENFERMAGEM NA PREVENÇÃO DE DELIRIUM EM UNIDADES DE TERAPIA INTENSIVA: REVISÃO INTEGRATIVA

Maria Etelvina de Carvalho Sousa¹

Miriane da Silva Mota²

Thayna Mayara de Oliveira Araújo Moura³

Francilene Lima da Silva Sousa⁴

Ana Livia Castelo Branco de Oliveira⁵

¹Especialista em Enfermagem em Terapia Intensiva Adulto. Faculdade Laboro, São Luís, MA, Brasil.

²Docente do Curso de Bacharelado em Enfermagem (Mestrado em Enfermagem). Universidade Federal do Piauí, Floriano, PI, Brasil.

³Especialista em Gestão Hospitalar e Qualidade em Serviços de Saúde. Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

⁴Universidade Católica Dom Bosco, Brasília, DF, Brasil.

⁵Docente do Curso de Bacharelado em Enfermagem (Doutorado em Enfermagem). Universidade Federal do Piauí, Floriano, PI, Brasil.

¹ORCID: <http://orcid.org/0009-0007-8230-9261>

²ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9717-7253>

³ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9961-6862>

⁴ORCID: <http://orcid.org/0009-0003-4841-2020>

⁵ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2634-0594>

Área temática: Temas Transversais

E-mail do autor correspondente: maria.etelvinacarvalhosl@gmail.com

Palavras-chaves: Unidades de Terapia Intensiva; Cuidados de Enfermagem; Delírio.

INTRODUÇÃO: INTRODUÇÃO: O delirium emerge como uma problemática relevante nas Unidades de Terapia Intensiva (UTIs), nas quais os enfermeiros desempenham papel fundamental na sua prevenção, por meio da identificação precoce de fatores de risco e da implementação de intervenções preventivas. **OBJETIVO:** Identificar evidências na literatura científica sobre as estratégias utilizadas por enfermeiros na prevenção do delirium em Unidades de Terapia Intensiva. **MÉTODOS:** Trata-se de uma revisão integrativa que utilizou as bases de dados MEDLINE/PubMed, CINAHL e LILACS, bem como os termos de busca: unidades de terapia intensiva, cuidados de enfermagem e delírio. Não foram definidos limites temporais para a seleção dos estudos. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Foram analisados sete artigos que compuseram a amostra final, após a exclusão de duplicatas e a aplicação dos critérios de elegibilidade. Os resultados revelaram que os cuidados de enfermagem são essenciais na prevenção e no monitoramento do delirium, destacando-se ações educativas e articulações intersetoriais. O uso do *Confusion Assessment Method for Intensive Care Unit* (CAM-ICU) mostrou-se eficaz, pois não apenas obteve adesão significativa dos enfermeiros, mas também possibilitou uma avaliação mais precisa dos resultados e das iniciativas implementadas. A adoção de instrumentos validados pelos enfermeiros é crucial, embora ainda existam lacunas no conhecimento acerca da monitorização, prevenção e manejo do delirium, bem como das comorbidades críticas associadas, como dor, agitação, imobilidade e distúrbios do sono. O uso da *Nursing Delirium Screening Scale* (Nu-DESC) foi apontado como uma ferramenta útil para o rastreamento do delirium, embora sua sensibilidade limitada possa resultar em casos não identificados. Os enfermeiros valorizam intervenções não farmacológicas e melhorias no suporte assistencial, enquanto a presença de acompanhantes, a mobilização precoce e a gestão ambiental — que inclui o controle de ruídos e a adequação da luminosidade — são identificadas como fatores protetores, evidenciando a necessidade de práticas integradas e baseadas em evidências. A combinação de estratégias preventivas, a educação continuada e a utilização de ferramentas de rastreamento são essenciais para melhorar os cuidados prestados aos pacientes em risco de delirium nas Unidades de Terapia Intensiva. Essas abordagens não apenas aprimoram os resultados clínicos, mas também contribuem para a otimização da carga de trabalho dos profissionais de enfermagem, permitindo que estes se concentrem em intervenções mais qualificadas. A implementação eficaz dessas práticas favorece um atendimento mais humanizado e eficiente, promovendo a recuperação dos pacientes e a melhoria da qualidade do cuidado prestado nas UTIs. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A prevenção do delirium em pacientes críticos é fundamental, ressaltando o papel dos enfermeiros nessa assistência, bem como a importância da presença de acompanhantes e da gestão ambiental. O uso de instrumentos validados, aliado a outras abordagens, facilita o cuidado integrado, reduz a carga de trabalho e os custos assistenciais, além de abrir novas oportunidades para pesquisas na área da terapia intensiva.



CAPÍTULO 20

DA DOR À EXPRESSÃO: A ARTE COMO INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA EM CONTEXTOS HOSPITALARES

Maria Clara de Carvalho e Silva Moura¹

João Pedro Freitas Barradas²

Zaira Arthemisa Mesquita Araújo³

^{1,2,3}Centro de Ensino e Pesquisa do Hospital São Marcos, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <http://orcid.org/0009-0007-2248-2054>

²ORCID: <http://orcid.org/0009-0001-7428-7345>

³ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-6625-034X>

Área temática: Tecnologias e Inovações em Saúde Mental

E-mail do autor correspondente: carvalhomariaclara215@gmail.com

Palavras-chave: Psicologia; Comunicação; Arteterapia; Hospitalização.

INTRODUÇÃO: No contexto da Psicologia Hospitalar, a atuação do profissional é voltada à compreensão e ao tratamento dos aspectos psicológicos relacionados ao processo de adoecimento. É sabido que o processo de hospitalização pode intensificar sentimentos de angústia, medo e sofrimento decorrentes da ruptura da rotina e da perda de autonomia. Dentro do ambiente hospitalar, o profissional de Psicologia é convocado a lidar com o sofrimento psíquico decorrente de internações, doenças crônicas e intervenções de risco que afetam o paciente. Nesse cenário, a Arteterapia surge como um recurso terapêutico capaz de possibilitar a expressão simbólica das emoções e vivências hospitalares, favorecendo o alívio psíquico do paciente.

OBJETIVOS: O presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência de dois alunos da Pós-Graduação em Psicologia Hospitalar durante estágio supervisionado em um hospital da rede privada em Teresina, Piauí, tratando-se de uma pesquisa descritiva fundamentada nos pressupostos da Psicologia Hospitalar. Refere-se à utilização da Arteterapia em ambiente hospitalar como recurso terapêutico de enfrentamento para pacientes hospitalizados, por proporcionar um espaço de representação e expressão simbólica de questões cognitivas e psicológicas, com o intuito de minimizar sofrimentos não acessados pela verbalização. **MÉTODOS:** O projeto de pesquisa foi conduzido à luz da abordagem qualitativa, de natureza descritiva, utilizando como estratégia metodológica o relato de experiência com dois pacientes durante o período de janeiro a setembro de 2025, nas práticas supervisionadas em um hospital de referência localizado na capital Teresina-PI. A vivência foi possibilitada pela realização de visitas aos leitos dos pacientes, o que gerou a intenção de produzir uma escrita científica com o objetivo de contribuir para o cenário da pesquisa. Portanto, ao ser escolhido o relato de experiência como metodologia para compor o trabalho, evidencia-se que, além de expor a experiência vivida, favorecendo a associação crítico-reflexiva, há uma articulação entre o aporte teórico-metodológico e o esforço acadêmico-científico. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** A Arteterapia no ambiente hospitalar possibilita a expressão de sentimentos e emoções, além de apresentar potencial para a elaboração subjetiva da experiência de hospitalização. Observou-se que a verbalização de conteúdos psicológicos ocorre com maior facilidade após sua aplicação como recurso terapêutico, representando uma possibilidade de ressignificação e fortalecimento de questões subjetivas. As experiências permitiram constatar que, mesmo em situações marcadas pela brevidade, a Arteterapia favorece a criação de vínculos terapêuticos e a mobilização de recursos internos do paciente, tornando-se uma ferramenta valiosa no campo da Psicologia Hospitalar. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Em síntese, observou-se impacto positivo na formação profissional, com o desenvolvimento de habilidades como comunicação efetiva, escuta sensível e trabalho interdisciplinar, além da ampliação da compreensão acerca da potência da arte como mediadora do cuidado, o que evidenciou a Arteterapia como um recurso complementar relevante no contexto hospitalar. Assim, conclui-se que a Arteterapia, ao articular criatividade, simbolismo e acolhimento, mostra-se capaz de contribuir de forma significativa para a humanização da assistência hospitalar.

CAPÍTULO 21

DESAFIOS NO MANEJO DE QUEIMADURA DE SEGUNDO GRAU EM PACIENTE COM TRANSTORNO PSIQUIÁTRICO

Maria Eduarda Mendes Pinto Coelho¹

Felipe Galvão Machado²

Francisco Gauniê de Sousa Pessôa³

Sandra Marina Gonçalves Bezerra⁴

¹Graduanda de Enfermagem pela Universidade Estadual do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

²Doutor em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

³Mestre em Ciências e Saúde pela Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

⁴Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <http://orcid.org/0009-0009-2718-5467>

²ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1291-332>

³ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-6630-3405>

⁴ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3890-5887>

Área temática: Tecnologias e Inovações em Saúde Mental

E-mail do autor correspondente: meduardampc@aluno.uespi.br

Palavras-chave: Saúde Mental; Enfermagem; Educação em Saúde.

INTRODUÇÃO: O tratamento de feridas em pacientes com transtornos psiquiátricos apresenta desafios relacionados à adesão terapêutica, à previsibilidade da colaboração e à continuidade do cuidado, exigindo abordagens individualizadas e interdisciplinares. Nesse contexto, o uso de curativos com tecnologia avançada, como o octassulfato de sacarose (*UrgoStart®*), tem se mostrado eficaz ao modular o microambiente da ferida e favorecer a cicatrização, mesmo em condições clínicas complexas. **OBJETIVO:** Relatar o manejo clínico de uma queimadura de segundo grau em paciente com transtorno psiquiátrico, utilizando curativo com octassulfato de sacarose (*UrgoStart®*), durante estágio extracurricular. **MÉTODOS:** Trata-se de um relato de caso descritivo, realizado em um hospital psiquiátrico de referência em Teresina (PI). O paciente era do sexo masculino, tabagista, diabético e com diagnóstico de esquizofrenia hebefrênica. O acompanhamento incluiu avaliação clínica seriada da ferida, manejo terapêutico e observação da evolução cicatricial. O uso de imagens foi autorizado mediante Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinado pelo responsável legal. **RESULTADOS:** O manejo ocorreu no ambulatório de Estomaterapia, com limpeza da lesão por meio de solução de PHMB, aplicação de lidocaína tópica para analgesia, desbridamento mecânico e aplicação de curativo à base de octassulfato de sacarose. Embora o intervalo entre as trocas tenha sido inferior ao recomendado, em virtude da remoção e do umedecimento recorrentes do curativo pelo paciente, observou-se evolução clínica satisfatória. O paciente mostrou-se predominantemente colaborativo, a despeito de episódios de agitação psicomotora, discurso permeado por delírios de grandeza e alternância entre períodos de orientação e desorientação. Nessas ocasiões, foram adotadas estratégias não farmacológicas, como a reprodução de músicas a pedido do paciente e a realização de orações de sua escolha, as quais contribuíram para a redução da agitação e para maior aceitação do cuidado. Observou-se, ainda, que as oscilações do estado mental influenciavam a percepção corporal e o engajamento no autocuidado. **DISCUSSÃO:** O manejo de feridas em pacientes com transtornos psiquiátricos impõe desafios relacionados à adesão, ao comportamento, à sensibilidade dolorosa e às limitações institucionais. A remoção frequente do curativo exigiu adaptações por parte da equipe. A lidocaína tópica mostrou-se estratégica para promover analgesia e cooperação, reforçando o controle da dor como fator facilitador da adesão. A evolução satisfatória, mesmo diante de trocas mais frequentes, evidencia o potencial do octassulfato de sacarose em contextos complexos. Na esquizofrenia hebefrênica, alterações do pensamento e da organização comportamental podem comprometer a compreensão da gravidade da lesão, exigindo postura empática, comunicação clara e intervenções estruturadas. Estratégias como música e práticas espirituais evidenciam a importância do cuidado centrado na pessoa e do vínculo terapêutico, fundamentais para o êxito dos procedimentos. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** O manejo demandou uma abordagem individualizada e humanizada, considerando as particularidades comportamentais e os desafios relacionados à adesão terapêutica. Apesar das limitações, o curativo com octassulfato de sacarose apresentou resultados positivos na evolução cicatricial, reforçando a relevância da atuação interdisciplinar e da integração entre o cuidado físico e a saúde mental.



CAPÍTULO 22

DIÁRIO TERAPÊUTICO COMO TECNOLOGIA LEVE NA PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL EM MATERNIDADE DE ALTO RISCO

Livia Cristina Silva

Maternidade Dona Evangelina Rosa, Teresina, PI, Brasil.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4128-5781>

Área temática: Saúde Mental de Populações Vulnerabilizadas

E-mail do autor correspondente: liviacristinasilva@yahoo.com.br

Palavras-chave: Gravidez de Alto Risco; Saúde Mental; Serviço Hospitalar de Psicologia; Vulnerabilidade e Saúde; Humanização da Assistência.

INTRODUÇÃO: A gestação configura um período de intensas transformações físicas, emocionais e sociais, que demanda reorganizações psíquicas significativas e pode desencadear crises psíquicas, mesmo quando desejada. Em contextos de gestação de alto risco, essas transformações são intensificadas por incertezas prognósticas, riscos clínicos e temor de agravos ou morte, repercutindo na experiência subjetiva e na elaboração psíquica da parentalidade. Nesse cenário, recursos expressivos ampliam as possibilidades de simbolização e integração emocional durante a internação. O diário terapêutico, como tecnologia leve em saúde, constitui um dispositivo de intervenção psicológica que favorece a reflexão, a elaboração emocional e a organização das vivências hospitalares, alinhando-se às diretrizes da Rede Alyne ao promover autonomia, escuta qualificada e práticas assistenciais equitativas. **OBJETIVO:** Relatar a implementação de um diário terapêutico como tecnologia leve de cuidado em saúde mental para gestantes internadas em uma maternidade de alto risco. **MÉTODOS:** Trata-se de um relato de experiência sobre a implantação de um plano de ação institucional em uma maternidade pública de alto risco. A intervenção foi conduzida pela equipe de Psicologia, por meio de abordagens individuais e grupais, com proposição e acompanhamento da construção dos diários terapêuticos, além do registro das ações no prontuário eletrônico. As temáticas abordadas incluíram identidade materna, rede de apoio, identificação de emoções, expectativas frente ao parto possível, saúde mental materna e relação com o bebê e a família. **RESULTADOS:** Observou-se boa aceitação do diário terapêutico pelas gestantes, com relatos espontâneos de alívio emocional, organização dos pensamentos e fortalecimento do vínculo com o bebê durante a internação. Contudo, identificaram-se desafios institucionais relacionados ao alcance da intervenção, uma vez que nem todas as gestantes internadas foram acompanhadas pela Psicologia durante a hospitalização, além de limitações de recursos materiais. O monitoramento dos indicadores de processo encontra-se em fase inicial de implementação. **DISCUSSÃO:** Os resultados indicam que o diário terapêutico, ao integrar escrita, desenho e recursos lúdicos, amplia a escuta qualificada e favorece a expressão emocional de gestantes em situação de risco gestacional. A estratégia demonstra potencial para promover elaboração psíquica, alívio emocional e fortalecimento do vínculo materno, corroborando evidências sobre dispositivos expressivos na construção da parentalidade em contextos de hospitalização e vulnerabilidade. Ao sustentar uma narrativa contínua durante a internação, contribui para a organização subjetiva da experiência, mesmo diante da instabilidade clínica e do tempo reduzido das intervenções hospitalares. A intervenção dialoga com os princípios da Rede Alyne ao favorecer a autonomia materna, a escuta qualificada e práticas assistenciais equitativas, especialmente em contextos de maior vulnerabilidade social e racial. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Conclui-se que a implementação do diário terapêutico fortalece a promoção da saúde mental perinatal e contribui para práticas assistenciais mais humanizadas e equitativas em maternidades de alto risco. Recomenda-se avançar na sistematização do monitoramento dos indicadores de adesão e impacto, visando consolidar e ampliar a estratégia no cuidado psicológico às gestantes hospitalizadas.

CAPÍTULO 23

EFEITOS DO EXERCÍCIO FÍSICO COMO TRATAMENTO ADJUVANTE PARA A DEPRESSÃO: REVISÃO NARRATIVA

Victor Fernandes Alencar¹
Nanielle Silva Barbosa²
Amanda Alves de Alencar Ribeiro³
Márcia Astrês Fernandes⁴

¹Instituto Omni, Teresina, PI, Brasil.

^{2,3,4}Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-0722-0600>

²ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5758-2011>

³ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5729-6063>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9781-0752>

Área temática: Saúde Mental e Bem-estar

E-mail do autor correspondente: niceforo.victor@gmail.com

Palavras-chave: Exercício Físico; Promoção da Saúde; Depressão.

INTRODUÇÃO: A depressão é um transtorno mental caracterizado por apatia severa e perda de interesse ou prazer em atividades previamente consideradas agradáveis, trazendo como algumas de suas consequências alterações no sono e no apetite, fadiga, dificuldade de concentração e sentimentos de culpa ou inutilidade, o que também pode desencadear perda de afeto e interesse emocional por entes próximos. Trata-se de uma condição multifatorial que envolve alterações neurofisiológicas, psicológicas, ambientais, comportamentais e sociais. Sob a ótica fisiológica, o transtorno depressivo está associado à desregulação de neurotransmissores, especialmente serotonina, dopamina e noradrenalina, além do desequilíbrio no eixo hipotálamo-hipófise-adrenal, responsável pela homeostase do organismo, do aumento de marcadores inflamatórios e da redução do fator neurotrófico derivado do cérebro. Nesse contexto, estratégias não farmacológicas, como a prática regular de exercícios físicos, têm sido amplamente investigadas em decorrência de seu potencial efeito antidepressivo. **OBJETIVO:** Analisar a relação entre exercícios físicos e sintomas depressivos, apontando potenciais evidências do exercício físico na prevenção e regulação de indivíduos com sintomas depressivos. **MÉTODOS:** Trata-se de uma revisão narrativa da literatura baseada em evidências, realizada por meio da base de dados *MEDLINE/PubMed* em março de 2026, priorizando pesquisas revisadas por pares e com metodologias consistentes. Foram analisados dois estudos, sendo uma revisão sistemática e uma meta-análise. Adicionalmente, utilizou-se o referencial teórico do livro *Fisiologia Clínica do Exercício* para embasamento das discussões. **RESULTADOS:** A literatura demonstra uma relação inversa entre os níveis de prática de exercício físico e os sintomas depressivos, indicando que indivíduos fisicamente ativos apresentam redução acentuada na probabilidade de desenvolver sintomas depressivos. Além disso, práticas moderadas de exercício físico já demonstraram apresentar significativo efeito protetor contra a depressão. Evidências científicas robustas mostram que diferentes protocolos de exercício físico são eficazes na redução de sintomas depressivos em adultos, reforçando seu potencial terapêutico como intervenção complementar no manejo da depressão. O livro *Fisiologia Clínica do Exercício*, obra de referência na área, também destaca que programas estruturados de exercício aeróbico e resistido podem promover melhora significativa do humor, da autoestima e da função cognitiva em indivíduos com sintomas depressivos. **DISCUSSÃO:** A prática regular de exercícios físicos reorganiza mecanismos fisiológicos e promove o aumento da liberação de neurotransmissores associados à sensação de bem-estar e relaxamento, como serotonina, dopamina e noradrenalina, além de estimular a produção de endorfinas, que contribuem para a melhora do humor e a redução da percepção subjetiva de estresse. Outro importante fator é o aumento da expressão do BDNF, proteína envolvida na neuroplasticidade e na sobrevivência neuronal, cujos níveis se encontram reduzidos em indivíduos com depressão. Além disso, o exercício físico contribui para a regulação do eixo HHA (hipotálamo-hipófise-adrenal), reduzindo os níveis de substâncias pró-inflamatórias associadas ao estresse. Dessa forma, a literatura científica sugere que o exercício físico atua como um importante modulador fisiológico e psicológico na prevenção e no tratamento da depressão. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Conclui-se, portanto, que o exercício físico, mesmo quando realizado de forma moderada ou por meio de diferentes protocolos, desempenha importante papel na redução do risco de desenvolvimento da depressão, constituindo-se, assim, em uma ferramenta promissora a ser explorada no tratamento adjuvante de indivíduos com sintomas depressivos.



CAPÍTULO 24

ENTRE EMOÇÕES INTENSAS E RELAÇÕES INSTÁVEIS DO TRANSTORNO DE PERSONALIDADE BORDERLINE: ESTUDO TEÓRICO-REFLEXIVO

Sara de Moura Andrade Santos¹

João Paulo Barros Ibiapina²

Andreza da Silva Fontinele³

Olga Maria Castro de Sousa⁴

Márcia Astrês Fernandes⁵

^{1,2,3,4,5}Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-0948-4247>

²ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1791-7774>

³ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3239-357X>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1476-5413>

⁵ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9781-0752>

Área temática: Saúde Mental na Contemporaneidade e Sociedade

E-mail do autor correspondente: saramabsacademico@outlook.com

Palavras-chave: Transtorno de Personalidade Borderline; Emoções; Relações Interpessoais.

INTRODUÇÃO: O Transtorno de Personalidade Borderline (TPB) é um transtorno mental associado a uma maior dificuldade na manutenção da regulação emocional (RE) e que, quando não tratado, pode evoluir para quadros mais graves, trazendo maiores prejuízos ao indivíduo. Devido a esse comprometimento relacionado à RE, as pessoas com TPB tendem a apresentar relações instáveis, visto que vivenciam constante instabilidade emocional. **OBJETIVO:** Analisar, a partir da literatura científica, a intensidade das emoções e a instabilidade das relações interpessoais no Transtorno de Personalidade Borderline. **MÉTODOS:** Trata-se de um estudo descritivo, do tipo revisão de literatura, realizado no mês de fevereiro de 2026. Os descritores utilizados foram “*Borderline Personality Disorder*”, “*Emotional Regulation*” e “*Interpersonal Relations*”, selecionados de acordo com os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) (<http://decs.bvs.br/>). Foram encontrados 13 artigos, dos quais dois foram selecionados para compor este estudo. **RESULTADOS:** Na literatura, foi possível encontrar evidências acerca da presença de emoções intensas, bem como da instabilidade das relações interpessoais em pessoas com Transtorno de Personalidade Borderline. **DISCUSSÃO:** A dificuldade em gerenciar as próprias emoções é uma característica marcante das pessoas com TPB, principalmente em momentos de maior vulnerabilidade emocional, como durante as crises. A raiva intensa e de difícil controle pode manifestar-se por meio de agressões verbais dirigidas a outras pessoas, independentemente do vínculo afetivo existente, o que contribui para o enfraquecimento e, por vezes, para a ruptura dos relacionamentos. Além disso, a pessoa com TPB tende a apresentar respostas emocionais exacerbadas em situações que, muitas vezes, demandariam maior racionalidade. Em razão da intensidade de suas emoções, pode acabar tomando decisões precipitadas ou inadequadas. Ademais, outro comportamento digno de destaque é a autolesão. Em situações de intensa desregulação emocional e diante de múltiplas frustrações — como aquelas relacionadas às instabilidades nos relacionamentos afetivos, familiares e profissionais, entre outros contextos —, o indivíduo pode adotar comportamentos agressivos e autopunitivos como forma de lidar com o sofrimento psíquico, reprimindo aspectos de si mesmo que percebe como inadequados, rebeldes ou incontroláveis. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Portanto, fica evidente, a partir da discussão apresentada, que o Transtorno de Personalidade Borderline possui diversas nuances relevantes que merecem debate e aprofundamento científico, como a intensidade emocional e a instabilidade das relações interpessoais. A compreensão desses aspectos é fundamental para subsidiar uma conduta adequada aos pacientes que necessitam de acompanhamento profissional, favorecendo o desenvolvimento da autonomia na regulação das emoções e na gestão dos relacionamentos. Desse modo, reafirma-se a importância da continuidade dos estudos sobre essa temática, que, embora amplamente conhecida, permanece como uma problemática contemporânea com impactos significativos na saúde mental da população.

CAPÍTULO 25

ENTRE ESTEREÓTIPOS E AUTODIAGNÓSTICOS: O TDAH E SUA POPULARIZAÇÃO NO TIKTOK ENTRE JOVENS DA GERAÇÃO Z

Ana Carolina Costa Fortes¹

Bruna Moura Pessoa Correia²

Maria Eduarda Augustinho³

Ana Cecília de Figueiredo Barreto Amorim⁴

Juliana Beatriz Santos Santiago⁵

^{1,2,3,4,5}Centro Universitário Maurício de Nassau, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-3429-1477>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-7750-6232>

³ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-7378-4514>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-6226-7186>

⁵ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-8905-6057>

Área temática: Tecnologias e Inovações em Saúde Mental

E-mail do autor: Contato.anacarolpsi@gmail.com

Palavras-chave: Autodiagnóstico; TDAH; Estereotipagem; Redes Sociais Online.

INTRODUÇÃO: O TikTok destaca-se como um dos principais canais nos quais jovens da Geração Z compartilham informações sobre saúde mental. A plataforma funciona como um verdadeiro universo de conteúdos, com vídeos curtos, linguagem acessível e grande capacidade de viralização. Pesquisas mostram que ela se consolidou como um espaço de encontro para pessoas que desejam compartilhar experiências relacionadas a transtornos mentais, como o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), impactando a forma como os usuários compreendem a própria saúde mental. Ambientes digitais como o TikTok favorecem a expressão da subjetividade e o senso de pertencimento a grupos sociais, ainda que virtuais. Considerando o estigma que ainda persiste em torno dos transtornos mentais, indivíduos com TDAH encontram na plataforma a oportunidade de construir vínculos com pares que vivenciam contextos semelhantes, formando, assim, uma identidade coletiva. Contudo, observa-se que muitos criadores centralizam suas narrativas e performances no diagnóstico, reduzindo, por vezes, sua individualidade à condição de TDAH. **OBJETIVO:** Investigar como conteúdos digitais sobre TDAH e saúde mental, especialmente aqueles disseminados em plataformas como o TikTok, impactam a construção da identidade e a tendência ao autodiagnóstico entre jovens da Geração Z. **MÉTODOS:** Foi utilizado o método de revisão integrativa, de abordagem qualitativa e caráter exploratório, por meio das bases de dados *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*, Portal de Periódicos da CAPES, Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e *PubMed*. Foram incluídos no estudo artigos, dissertações e teses publicados nos idiomas português e inglês, no período de 2022 a 2025, que apresentavam abordagens relevantes para o tema da pesquisa. Foram excluídos os estudos que não contemplavam os objetivos da pesquisa, bem como aqueles cujos textos não estavam disponíveis na íntegra. Foram utilizados onze artigos na construção deste trabalho. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Assim como o TikTok pode oferecer acolhimento e validação para aqueles que buscam compreender ou confirmar um diagnóstico, a plataforma também pode atuar como disseminadora de informações enganosas. Por mais convincentes que os vídeos sobre TDAH encontrados na plataforma possam parecer aos usuários, a grande maioria dos conteúdos não é produzida por profissionais da área, o que pode contribuir para a formação de conceitos equivocados, disseminação de dados incorretos e criação de novos estereótipos. Os resultados revelam uma dualidade: enquanto o TikTok promove a denominada “iluminação biográfica” e contribui para a redução do estigma, sua dinâmica algorítmica pode incentivar uma “subcultura do papel de doente” socialmente recompensada. O autodiagnóstico na Geração Z não se configura meramente como uma busca por atenção, mas também como uma resposta a barreiras sistêmicas, como longas filas de espera e os altos custos das avaliações formais. Observa-se, ainda, que a apropriação do léxico psiquiátrico ocorre em um ambiente de “câmara de eco”, no qual informações imprecisas são consumidas de forma massiva sem o devido crivo técnico. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A democratização da linguagem psiquiátrica no TikTok empodera os jovens ao permitir que nomeiem seu sofrimento, mas pode sacrificar a precisão clínica necessária. Conclui-se que o acesso facilitado à informação deve ser mediado por um novo letramento digital, no qual profissionais de saúde e políticas públicas atuem para transformar o conteúdo viral em conhecimento responsável e consciente. É urgente que os sistemas de saúde se adaptem a essa realidade, a fim de evitar que a busca por pertencimento resulte em processos de autopatologização equivocados.



CAPÍTULO 26

ESQUIZOFRENIA PARANOIDE: VULNERABILIDADE PSICOSSOCIAL E A NECESSIDADE DE CUIDADO CONTÍNUO NO CONTEXTO DA INTERNAÇÃO PSIQUIÁTRICA

Deilane Raquel Da Silva Sousa¹

Allice Nascimento De Oliveira²

Allyce Kelly Rodrigues Melo³

Brunna Rafaela Brito Silva⁴

Maria Eduarda De Oliveira Lima⁵

Aline Raquel De Souza Ibiapina⁶

^{1,2,3,4,5,6}Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-0449-4173>

²ORCID: <https://orcid.org/0439-8699-4235-9700>

³ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-9016-4326>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-8351-1989>

⁵ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-7266-405X>

⁶ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1373-3564>

Área temática: Saúde Mental de Populações Vulnerabilizadas

E-mail do autor correspondente: deilaneraquel1981@gmail.com

Palavras-chave: Esquizofrenia; Vulnerabilidade; Saúde Mental.

INTRODUÇÃO: A esquizofrenia é um transtorno mental grave e crônico, caracterizado por alterações na percepção, no pensamento e no comportamento, comprometendo a qualidade de vida e a autonomia do indivíduo. A forma paranoide apresenta delírios persecutórios, alucinações auditivas e prejuízo do juízo crítico, além de sintomas como apatia e isolamento social. A interrupção do tratamento, o uso de substâncias psicoativas e a ausência de acompanhamento na rede de saúde aumentam o risco de recaídas e reinternações psiquiátricas. Nesse contexto, evidencia-se a importância do cuidado contínuo no âmbito da internação psiquiátrica. **OBJETIVO:** Explicar a cronicidade, as fragilidades e a importância do cuidado contínuo no contexto hospitalar ao paciente com esquizofrenia paranoide. **MÉTODOS:** Trata-se de um relato de experiência, de cunho qualitativo, vivenciado por acadêmicos do curso de Enfermagem de uma instituição pública do Piauí, durante as atividades práticas da disciplina Enfermagem em Saúde Mental no Hospital Areolino de Abreu. A coleta de dados ocorreu por meio da análise do prontuário e de entrevista com o paciente designado ao grupo, contemplando dados pessoais, diagnóstico médico, antecedentes e histórico de internação. Posteriormente, foram realizados o exame físico e o exame mental. Após a organização das informações, procedeu-se à análise dos dados obtidos. **RESULTADOS:** No período de acompanhamento, observou-se um quadro psicótico caracterizado por delírios persecutórios, pensamento desorganizado, ausência de insight e sintomas negativos, como apatia e isolamento social. O histórico revelou comprometimento funcional relevante, déficit intelectual leve e múltiplas reinternações anteriores. O contexto psicossocial mostrava-se fragilizado, com baixa escolaridade, dependência econômica e rede de apoio restrita à família. Durante a internação, ocorrida após baixa adesão ao tratamento e uso de substâncias psicoativas, houve estabilização clínica com o uso de antipsicóticos e intervenção multiprofissional, com encaminhamento posterior para serviço de atenção psicossocial, visando ao seguimento contínuo. **DISCUSSÃO:** Evidenciou-se que o uso irregular dos medicamentos, associado ao consumo de substâncias psicoativas, não deve ser compreendido apenas como falha individual, mas como expressão da própria doença, marcada pela ausência de insight e pela presença de prejuízos cognitivos, fatores que dificultam a percepção da necessidade de tratamento e aumentam o risco de recaídas. As reinternações desde a adolescência revelam um curso crônico da esquizofrenia, no qual o déficit intelectual e os sintomas negativos comprometem a funcionalidade e reduzem a autonomia, a inserção social e a participação laboral. A vulnerabilidade psicossocial influencia significativamente a manutenção da doença, uma vez que a baixa escolaridade, a dependência econômica e o apoio social fragilizado limitam os recursos de enfrentamento. Embora a estabilização medicamentosa durante a internação seja fundamental, ela se mostra insuficiente quando não integrada ao acompanhamento contínuo no Centro de Atenção Psicossocial, articulando manejo clínico, fortalecimento dos vínculos familiares e reabilitação psicossocial. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Diante do exposto, evidencia-se que a esquizofrenia paranoide exige cuidado contínuo e abordagem multiprofissional, sendo fundamental a integração entre o tratamento medicamentoso, o acompanhamento no Centro de Atenção Psicossocial e o suporte familiar para reduzir recaídas e promover a reabilitação psicossocial.

CAPÍTULO 27

ESTÁGIO DE ENFERMAGEM EM HOSPITAL REFERÊNCIA EM SAÚDE MENTAL EM TERESINA (PI): RELATO DE EXPERIÊNCIA

Felipe Galvão Machado¹

Maria Eduarda Mendes Pinto Coelho²

Francisco Gauniê de Sousa Pessôa³

¹Doutor em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

²Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estadual do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

³Mestre em Ciências e Saúde pela Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1291-332>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-2718-5467>

³ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6630-3405>

Área temática: Práticas Educativas/Educação em Saúde/Psicoeducação

E-mail do autor correspondente: felipegalvaomachado@gmail.com

Palavras-chave: Educação em Saúde; Cuidados de Enfermagem; Saúde Mental; Sistema Único de Saúde.

INTRODUÇÃO: A inserção do discente de Enfermagem em cenários reais de cuidado em saúde mental favorece a compreensão das demandas psicossociais, das vulnerabilidades e dos determinantes sociais que atravessam esse campo, contribuindo para o desenvolvimento de competências teórico-práticas e éticas. Nessa perspectiva, o estágio extracurricular possibilita ao graduando conhecer a realidade local, o que é essencial para compreender o funcionamento da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) do estado do Piauí e do município de Teresina, bem como os principais desafios e perspectivas no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). **OBJETIVO:** Relatar as experiências teórico-práticas e subjetivas de graduandos de Enfermagem durante a realização de estágio extracurricular, com foco no cuidado em saúde prestado aos pacientes de um hospital público de referência em saúde mental em Teresina (PI). **MÉTODOS:** Estudo qualitativo, descritivo, do tipo relato de experiência, desenvolvido por graduandos de Enfermagem selecionados por processo seletivo via Secretaria de Estado da Saúde do Piauí (SESAPI) para estágio extracurricular em um hospital público de referência em saúde mental em Teresina (PI), no período entre novembro de 2025 e fevereiro de 2026. **RESULTADOS:** Durante o estágio extracurricular, os graduandos vivenciaram um sistema de rodízio mensal, com atuação nos setores de triagem, estabilização e urgência, bem como em unidades organizadas conforme sexo, faixa etária e situações clínico-sociais específicas dos pacientes. Nesse percurso, participaram do cuidado clínico dos pacientes hospitalizados, realizando procedimentos e intervenções sob supervisão, de acordo com as necessidades assistenciais de cada indivíduo. Ademais, destacou-se o caráter multiprofissional do cuidado em saúde mental, uma vez que, no cotidiano do serviço, os estudantes mantiveram contato constante com diferentes categorias profissionais, articulando ações para assegurar o atendimento integral ao paciente psiquiátrico. **DISCUSSÃO:** O estágio extracurricular é fundamental para compreender a realidade do campo da saúde mental no estado do Piauí, especialmente na capital. No cotidiano desse serviço, os estagiários deparam-se com fragilidades estruturais e assistenciais, uma vez que o sofrimento psíquico possui raízes multifatoriais e, muitas vezes, é agravado pela insuficiência de investimentos, pela escassez de profissionais, de serviços e de políticas específicas voltadas a esse público. Ainda assim, observa-se o empenho da equipe e da instituição em garantir a resolutividade dos casos e fortalecer o enfrentamento dos transtornos mentais, dentro das possibilidades existentes. Além disso, a capilaridade da RAPS no estado favorece o encaminhamento do usuário a outros pontos de cuidado, como Unidades Básicas de Saúde (UBS) e Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), assegurando a continuidade do acompanhamento do paciente junto à sua rede de apoio. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** O estágio extracurricular em um hospital público de referência em saúde mental em Teresina (PI) possui relevância que ultrapassa o domínio técnico-científico, pois favorece a reflexão crítica fundamentada na observação direta da realidade local, de suas fragilidades e das potencialidades da RAPS no âmbito do SUS. Nesse processo, o estudante compreende que o foco do cuidado em saúde mental não é a cura, mas a promoção da autonomia e da autogestão do indivíduo em sofrimento psíquico, fortalecendo seu vínculo com o tratamento e sua reinserção social.

CAPÍTULO 28

EXIGÊNCIAS ACADÊMICAS E SOFRIMENTO PSÍQUICO: SAÚDE MENTAL DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO

Yasmin de Carvalho Leal¹

Maria Clara de Assis Nascimento²

Lorena Barbosa Alcântara³

Vinícius Lima Costa⁴

Stefany Karoline Figueredo Gonçalves do Rêgo⁵

Rita de Cássia da Silva Alves⁶

^{1,2,3,4,5}Universidade Estadual do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

⁶Psicóloga. Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-0688-1536>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-9120-8447>

³ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-8586-234X>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-9556-7047>

⁵ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-6138-6916>

⁶ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-7476-4285>

Área temática: Saúde Mental e Bem-Estar

E-mail do autor correspondente: yasmindecarvalhoaleal@gmail.com

Palavras-chave: Saúde Mental; Docentes Universitários; *Burnout*; Trabalho; Bem-Estar.

INTRODUÇÃO: O trabalho docente no ensino superior caracteriza-se pela multiplicidade de funções que envolvem ensino, pesquisa, extensão, produção científica e atividades administrativas, frequentemente associadas a pressões institucionais e exigências de produtividade. No contexto brasileiro contemporâneo, tais demandas têm sido intensificadas por transformações nas políticas educacionais e pela incorporação de lógicas gerenciais e produtivistas, contribuindo para o desenvolvimento de sofrimento psíquico entre professores universitários. Nos cenários mais alarmantes, o modelo de *burnout* descreve a exaustão emocional, a despersonalização e a redução da realização profissional como consequências da exposição crônica ao estresse ocupacional. **OBJETIVO:** Elucidar, na produção científica brasileira recente, a relação entre as exigências do trabalho acadêmico, o sofrimento psíquico e o bem-estar de professores universitários, identificando fatores de risco e de proteção associados à saúde mental desses trabalhadores. **MÉTODOS:** Trata-se de um estudo descritivo, de abordagem qualitativa, do tipo revisão narrativa da literatura, realizado por meio de buscas nas bases *Google Acadêmico*, *SciELO* e *PePSIC*, considerando publicações brasileiras entre 2016 e 2025. Foram selecionadas seis publicações, e utilizados descritores como “saúde mental”, “professor universitário”, “trabalho docente”, “*burnout*” e “bem-estar”. Foram incluídos artigos que abordassem condições de trabalho, fatores psicossociais e saúde mental de docentes do ensino superior no contexto brasileiro. **RESULTADOS:** A literatura analisada evidencia que professores universitários apresentam elevada exposição a fatores estressores ocupacionais, incluindo carga horária excessiva, múltiplas responsabilidades profissionais e pressão por produtividade acadêmica. Tais fatores estão associados ao aumento de sintomas de ansiedade, estresse, exaustão emocional e *burnout*, além de impactos negativos na qualidade de vida e na satisfação profissional. Observa-se, ainda, que conflitos institucionais, insegurança laboral e dificuldades na conciliação entre vida pessoal e trabalho contribuem para o sofrimento psíquico, corroborando os pressupostos da psicodinâmica do trabalho acerca da relação entre organização laboral e adoecimento. Por outro lado, apoio social, autonomia, reconhecimento institucional e sentido atribuído à docência emergem como fatores protetivos para o bem-estar psicológico. **DISCUSSÃO:** A intensificação das exigências acadêmicas, marcada por lógicas neoliberais de produtividade e avaliação quantitativa de desempenho, pode favorecer processos de adoecimento ao deslocar para o indivíduo a responsabilidade pela gestão das demandas institucionais, invisibilizando fatores estruturais que produzem desgaste mental. Nesse cenário, a naturalização da sobrecarga e a competitividade acadêmica configuram importantes determinantes psicossociais do sofrimento docente, exigindo uma análise crítica das condições organizacionais do trabalho universitário. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** As exigências acadêmicas constituem importante fator associado ao sofrimento psíquico de professores universitários brasileiros. Conforme evidenciado na literatura, especialmente nos estudos expoentes de Dejours, o trabalho docente também pode atuar como fonte de realização e bem-estar quando existem condições favoráveis ao seu exercício. Destaca-se a necessidade de políticas institucionais que promovam o equilíbrio entre demandas profissionais, reconhecimento do trabalho e qualidade de vida, contribuindo para a prevenção do *burnout* e para a promoção da saúde mental desses trabalhadores.



CAPÍTULO 29

EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO NA INTEGRALIDADE DO CUIDADO EM SETOR FEMININO PSIQUIÁTRICO

Maria Eduarda Mendes Pinto Coelho¹

Felipe Galvão Machado²

Ana Cléia de Sousa Marques³

Lara Raquel Dias Carvalho⁴

Francisco Gauniê de Sousa Pessôa⁵

¹Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estadual do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

²Doutor em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

³Graduada em Enfermagem pelo Centro Universitário UNINOVAFAPI, Teresina, PI, Brasil.

⁴Graduada em Enfermagem pelo Centro Universitário Facid Wyden, Teresina, PI, Brasil.

⁵Mestre em Ciências e Saúde pela Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-2718-5467>

²ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1291-332>

³ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-4312-3323>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3447-7969>

⁵ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6630-3405>

Área temática: Saúde Mental de Populações Vulnerabilizadas

E-mail do autor correspondente: meduardampc@aluno.uespi.br

Palavras-chave: Assistência à Saúde Mental; Integralidade em Saúde; Saúde da Mulher.

INTRODUÇÃO: A integralidade do cuidado constitui princípio estruturante do Sistema Único de Saúde (SUS), compreendendo a assistência para além de aspectos estritamente biológicos, ao abarcar dimensões psicológicas, sociais e culturais dos usuários. No campo da saúde mental, tal diretriz exige a organização do processo de trabalho orientada pelo acolhimento, pela construção de vínculo terapêutico e por práticas que reconheçam o sujeito em sua totalidade, superando modelos fragmentados e centrados exclusivamente no diagnóstico ou no controle de sintomas. **OBJETIVO:** Relatar a experiência de estagiários de Enfermagem na promoção do cuidado integral a mulheres em acompanhamento hospitalar em um hospital de referência em saúde mental, em Teresina (PI). **MÉTODOS:** Relato de experiência vivenciado por dois acadêmicos de Enfermagem, estagiários da Secretaria de Estado da Saúde do Piauí (SESAPI), durante o período de janeiro de 2026, no setor feminino de um hospital de referência em saúde mental, localizado em Teresina (PI). As atividades foram desenvolvidas no âmbito da assistência direta às pacientes, sob supervisão da equipe de Enfermagem e de profissionais da equipe multiprofissional, abrangendo cuidados físicos, orientações em saúde e apoio às atividades de vida diária, com enfoque no estímulo ao autocuidado e na promoção de práticas humanizadas. **RESULTADOS:** As pacientes apresentavam demanda expressiva por acompanhamento contínuo relacionado ao autocuidado, com destaque para a necessidade de orientações diretas e supervisão em atividades como higiene corporal, banho, uso de roupas adequadas e cuidados íntimos, especialmente durante o período menstrual. As tricotomias eram realizadas de forma supervisionada e, além das orientações técnicas, as pacientes frequentemente solicitavam cuidados relacionados à imagem pessoal, tais como pentear os cabelos, organizar penteados simples ou utilizar maquiagem. Essas demandas evidenciaram a relevância atribuída à identidade, à autoestima e à percepção de si, mostrando-se elementos concretos na construção do cuidado integral. Ademais, atuou-se em consonância com a equipe multiprofissional no incentivo à adesão medicamentosa, na escuta das queixas apresentadas e na promoção de práticas de autocuidado. Ao longo do estágio, percebeu-se que o cuidado ofertado às mulheres articulava intervenções técnicas com elementos subjetivos, contribuindo para o resgate da dignidade, do senso de autonomia e da identidade pessoal. **DISCUSSÃO:** A valorização de demandas vinculadas à imagem pessoal e ao autocuidado indica que estratégias simples, como cuidados com os cabelos, a aparência e a organização corporal, podem ter relevância terapêutica ao favorecer a autoestima, o reconhecimento de si e o fortalecimento do vínculo. Tais demandas devem ser compreendidas à luz dos determinantes sociais de gênero, pois normas socioculturais atribuem à apresentação corporal significados relacionados à dignidade, à identidade e ao pertencimento. Em contextos de internação psiquiátrica, marcados por restrições de autonomia, essas práticas podem representar formas de preservação da agência individual. Assim, a integração entre intervenções técnicas e atenção às dimensões subjetivas reafirma a importância de um cuidado ampliado, humanizado e orientado pela escuta qualificada. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A promoção do cuidado integral às mulheres em sofrimento psíquico requer atenção às necessidades físicas e subjetivas. A Enfermagem, ao integrar higiene, autocuidado, identidade, autoestima e adesão terapêutica, mostrou-se essencial para o bem-estar e o fortalecimento do vínculo, reforçando os princípios da integralidade e da atuação humanizada e multiprofissional em serviços psiquiátricos.



CAPÍTULO 30

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL: CONTRIBUIÇÕES DO PREMAUT PARA INCLUSÃO E DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL

Rodolfo Matheus Lopes Passos¹
Paula Gardênia Campelo dos Santos²
Mara Jordana Magalhães Costa³
Raphaella Thalya do Nascimento Moraes Sousa⁴
Giovanna de Oliveira Liborio Dourado⁵
Hygor Melo de Sena⁶

^{1,2,3,4,5}Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

⁶Faculdade Maurício de Nassau, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-5716-5991>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-0040-4285>

³ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2185-3814>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-3671-5641>

⁵ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6570-8689>

⁶ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-0211-5113>

Área temática: Saúde Mental de Populações Vulnerabilizadas

E-mail do autor correspondente: matheuslopa1206@gmail.com

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; Psicomotricidade; Qualidade de Vida.

INTRODUÇÃO: A promoção da saúde mental requer estratégias que favoreçam a socialização, o bem-estar e o desenvolvimento humano, especialmente entre populações em situação de vulnerabilidade. Nesse contexto, os projetos de extensão universitária configuram-se como importantes dispositivos de integração entre universidade e comunidade, possibilitando ações educativas, inclusivas e socialmente transformadoras. O Projeto de Atividades Motoras para Pessoas com Autismo (PREMAUT), desenvolvido na Universidade Federal do Piauí (UFPI), articula práticas psicomotoras, atividades lúdicas e ações educativas voltadas para pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Essas iniciativas contribuem para a promoção da inclusão, da socialização e da qualidade de vida dos participantes, ao mesmo tempo em que favorecem a formação crítica, ética e socioemocional dos estudantes extensionistas. **OBJETIVO:** Apresentar a experiência de estudantes extensionistas no PREMAUT, destacando os impactos das interações sociais e das atividades desenvolvidas na promoção da saúde mental de crianças, jovens e dos próprios estudantes participantes do projeto. **MÉTODOS:** Trata-se de um relato de experiência de abordagem qualitativa, baseado na participação de estudantes extensionistas do PREMAUT no ano de 2025. As atividades ocorreram semanalmente e incluíram práticas de psicomotricidade, jogos cooperativos, atividades lúdicas, encontros educativos e momentos de integração com familiares. A análise das experiências considerou os efeitos dessas ações na promoção da saúde mental, no desenvolvimento socioemocional e na inclusão social dos participantes, tendo como referência as diretrizes da extensão universitária e a literatura nacional sobre o tema. **RESULTADOS:** As atividades realizadas com as crianças e os jovens com TEA ocorreram em formato coletivo, integrando ludicidade e atividade física com o objetivo de estimular a socialização, fortalecer a autoestima e favorecer o desenvolvimento motor e socioemocional. Para os estudantes extensionistas, a experiência proporcionou o desenvolvimento de habilidades como empatia, escuta ativa, sensibilidade às diferenças e senso de responsabilidade social. Observou-se que os encontros e as atividades lúdicas favoreceram a construção de ambientes acolhedores, colaborativos e inclusivos, contribuindo para a promoção da saúde mental e do bem-estar de todos os envolvidos. **DISCUSSÃO:** Os achados evidenciam que projetos de extensão como o PREMAUT constituem estratégias relevantes para a promoção da saúde mental de populações vulnerabilizadas, ao integrarem práticas educativas, inclusivas e inovadoras. Além disso, a vivência extensionista favorece o desenvolvimento de competências socioemocionais nos estudantes e fortalece a articulação entre teoria e prática, permitindo uma compreensão mais ampla das necessidades específicas de grupos vulneráveis e contribuindo para a formação de profissionais mais sensíveis, éticos e socialmente comprometidos. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Conclui-se que a participação em projetos de extensão promove impactos significativos na saúde mental e na inclusão social de crianças e jovens com TEA, ao mesmo tempo em que contribui para a formação crítica, ética e socialmente responsável dos estudantes extensionistas. As interações sociais, as atividades lúdicas e as práticas psicomotoras mostram-se ferramentas potentes para o desenvolvimento humano, acadêmico e social, evidenciando o potencial transformador da extensão universitária no cuidado em saúde mental.

CAPÍTULO 31

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL NO TRABALHO: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM CONTEXTO ORGANIZACIONAL

Ericka Louisy Oliveira¹

Iara Maria do Vale Santos²

Joana Karoline Ramos Santos³

Natália Alves de Sousa⁴

Ruth Emilly Silva de Oliveira⁵

Karoline Costa e Silva⁶

^{1,2,3,4,5,6}Centro Universitário Santo Agostinho, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-7861-0208>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-3986-0127>

³ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-2237-3600>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-1805-7106>

⁵ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-1443-0716>

⁶ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-3369-3268>

Área temática: Saúde Mental e Trabalho

E-mail do autor correspondente: erickalouisypsi@gmail.com

Palavras-Chave: Saúde Mental; Qualidade de Vida; Condições de Trabalho.

INTRODUÇÃO: A promoção do bem-estar no ambiente de trabalho envolve o desenvolvimento pessoal e relacional dos trabalhadores. Nesse contexto, em uma empresa privada, um projeto de extensão universitária abordou temas relacionados à saúde mental, utilizando dinâmicas de grupo, rodas de conversa e materiais educativos e, dessa forma, evidenciou a relevância de práticas que promovam ambientes de trabalho mais saudáveis. **OBJETIVO:** Analisar a experiência de acadêmicas de Psicologia no desenvolvimento da Atividade Curricular de Extensão (ACE) em Orientação Profissional, destacando a implementação de ações voltadas à promoção da saúde mental de colaboradores no contexto organizacional. **METODOLOGIA:** Trata-se de um relato de experiência desenvolvido no âmbito de uma Atividade Curricular de Extensão (ACE) do curso de Psicologia, realizada em uma empresa privada localizada na cidade de Teresina, Piauí. Inicialmente, foi conduzida uma entrevista com a psicóloga da instituição, com o objetivo de identificar as principais demandas apresentadas pelos colaboradores. A partir desse levantamento, foram planejadas e executadas intervenções voltadas à promoção da saúde mental no contexto organizacional. A experiência ocorreu ao longo de oito encontros, com duração média de duas horas cada, nos quais foram abordados temas relacionados ao autoconhecimento, à comunicação no ambiente de trabalho e à organização da vida financeira, por meio de atividades reflexivas e dialogadas. Ao final, realizou-se uma avaliação coletiva das atividades. **RESULTADOS:** Os encontros apresentaram elevada participação dos colaboradores, favorecendo reflexões sobre aspectos pessoais e profissionais do cotidiano de trabalho. Ao longo dos oito encontros realizados, com média de seis colaboradores participantes, as dinâmicas de autoconhecimento estimularam o reconhecimento de características, valores e trajetórias individuais, além de fortalecerem a interação e o sentimento de pertencimento entre os participantes. As atividades sobre comunicação assertiva possibilitaram identificar diferentes estilos comunicativos e refletir sobre suas implicações nas relações profissionais, incentivando estratégias mais claras e respeitadas. Já as atividades de educação financeira promoveram reflexões sobre hábitos de consumo e planejamento do orçamento pessoal. **DISCUSSÃO:** As reflexões promovidas durante os encontros favoreceram uma maior consciência sobre comportamentos, formas de comunicação e organização da vida financeira, aspectos que influenciam diretamente a convivência e o cotidiano no ambiente de trabalho. Além disso, a participação ativa dos colaboradores e o espaço de diálogo criado durante as atividades indicam que iniciativas dessa natureza podem fortalecer relações, estimular trocas de experiências e promover um ambiente organizacional mais colaborativo. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A experiência relatada possibilitou ampliar as reflexões acerca de aspectos pessoais e profissionais presentes no cotidiano dos colaboradores, evidenciando a relevância de espaços de escuta e diálogo no contexto organizacional. As atividades desenvolvidas favoreceram a troca de experiências entre os participantes, contribuindo para o fortalecimento das relações interpessoais e para a construção de um ambiente de trabalho mais colaborativo e saudável. Ademais, destaca-se o potencial de iniciativas extensionistas que articulam universidade e organizações, promovendo práticas voltadas ao cuidado com a saúde mental e ao bem-estar no trabalho.



CAPÍTULO 32

FATORES RELACIONADOS A SAÚDE MENTAL DE PESSOAS COM DOENÇA RENAL CRÔNICA

Annyeale da Silva Barradas¹

Thallysson Patrick de Oliveira Macêdo Moura²

Gisele Mendes Moura³

Márcia Astrês Fernandes⁴

^{1,2,3,4}Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-9051-2492>

²ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7181-1618>

³ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-6961-0456>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9781-0752>

Área temática: Saúde Mental de Populações Vulnerabilizadas

E-mail do autor correspondente: annyelebarradas9053@gmail.com

Palavras-chave: Saúde Mental; Doença Renal Crônica; Enfermagem.

INTRODUÇÃO: A Doença Renal Crônica (DRC) impõe limitações físicas e psicossociais severas que impactam diretamente a saúde mental, sendo frequentemente associada a quadros de ansiedade e depressão devido à perda da autonomia e ao rigor do tratamento. O manejo desses pacientes exige atenção voltada para a resiliência subjetiva e para o enfrentamento das perdas simbólicas que acompanham a evolução da patologia renal. A rotina de cuidados e as restrições geram um desgaste emocional contínuo, transformando a vida do paciente em um ciclo de adaptações. Torna-se fundamental que a assistência compreenda o indivíduo para além da uremia, focando em sua estabilidade psíquica e no suporte emocional durante a progressão da DRC. **OBJETIVO:** Analisar os fatores relacionados à saúde mental de pessoas com Doença Renal Crônica. **MÉTODOS:** Trata-se de uma revisão integrativa, desenvolvida a partir da questão norteadora: “Quais são os fatores relacionados à saúde mental em pessoas com Doença Renal Crônica?”. A pesquisa possui abordagem descritiva e exploratória, realizada nas bases de dados LILACS, BDENF, *MEDLINE* e *SciELO*. Para a busca, utilizou-se o acrônimo PICO (P: Pacientes com Doença Renal Crônica; I: Fatores relacionados à saúde mental; Co: Assistência em serviços de saúde). Incluíram-se artigos originais completos, publicados em português nos últimos 10 anos, utilizando o operador booleano “AND” com os descritores “Insuficiência Renal Crônica”, “Enfermagem” e “Saúde Mental”, disponíveis no DeCS. Foram identificados 33 artigos, dos quais 15 foram selecionados para compor a revisão, após a exclusão de monografias, artigos duplicados e estudos indisponíveis na íntegra. Dentre estes, três foram escolhidos para compor o presente resumo. **RESULTADOS:** A vivência da hemodiálise é marcada pelo impacto emocional e pelo desconhecimento da doença, exigindo que o cuidado de enfermagem transcenda os aspectos técnicos e alcance uma dimensão humanizada. Embora o bem-estar emocional apresente avaliações positivas em alguns pacientes, o tratamento compromete significativamente as funções sociais, cognitivas e sexuais, demandando intervenções multiprofissionais. Nesse cenário, a espiritualidade emerge como suporte essencial para a qualidade de vida, especialmente entre idosos, ao promover a saúde mental, a esperança e o engajamento ativo no autocuidado necessário ao sucesso terapêutico. **DISCUSSÃO:** A descoberta da DRC representa mudanças significativas no estilo de vida e nas demandas psicossociais. O tratamento dialítico e a espera pelo transplante configuram-se como fatores estressores que exigem constante adaptação. Muitos pacientes vivenciam sofrimento, não aceitação e medo de complicações, apresentando redução da qualidade de vida. Observa-se elevada prevalência de agravos psíquicos, como depressão e ansiedade, frequentemente subdiagnosticados. Nessa perspectiva, destaca-se a importância da atuação multiprofissional e do cuidado de enfermagem, que abrangem dimensões assistenciais, educativas e de apoio emocional. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Depreende-se que a DRC e a hemodiálise transcendem a esfera biológica, impactando a saúde mental e a autonomia dos pacientes. Os resultados demonstram que, apesar do suporte proporcionado pela espiritualidade, a incidência de transtornos psíquicos menores exige atenção redobrada das equipes de saúde. Torna-se necessário adotar um modelo de cuidado humanizado que integre o suporte emocional à técnica dialítica, visando à promoção da qualidade de vida da pessoa em cuidado.

CAPÍTULO 33

FORMAÇÃO ANTICAPACITISTA E PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL: EXPERIÊNCIAS EM UMA LIGA ACADÊMICA DA UFPI

Rodolfo Matheus Lopes Passos¹

Paula Gardênia Campelo dos Santos²

Mara Jordana Magalhães Costa³

Mateus da Cunha Moraes⁴

Giovanna de Oliveira Liborio Dourado⁵

Hygor Melo de Sena⁶

^{1,2,3,4,5}Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

⁶Faculdade Maurício de Nassau, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-5716-5991>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-0040-4285>

³ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2185-3814>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-3467-6478>

⁵ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6570-8689>

⁶ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-0211-5113>

Área temática: Práticas Educativas / Educação em Saúde / Psicoeducação

E-mail do autor correspondente: matheuslopa1206@gmail.com

Palavras-chave: Pessoas com Deficiência; Inclusão Social; Saúde Mental.

INTRODUÇÃO: A formação acadêmica contemporânea demanda experiências que ultrapassem os limites da sala de aula, promovendo a integração entre teoria, prática e demandas sociais. Nesse contexto, as ligas acadêmicas voltadas à pessoa com deficiência (PcD) configuram-se como importantes espaços de formação crítica e cidadã, possibilitando aos estudantes refletirem sobre inclusão, diversidade, direitos humanos e promoção da saúde mental. Tais experiências favorecem o desenvolvimento de competências socioemocionais e estimulam a construção de uma perspectiva anticapacitista, em consonância com as diretrizes da extensão universitária, que valorizam a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, bem como o compromisso social da universidade. **OBJETIVO:** Descrever a experiência formativa de estudantes participantes da Liga Acadêmica da Pessoa com Deficiência da Universidade Federal do Piauí (UFPI), enfatizando suas contribuições para a construção de uma perspectiva anticapacitista e para a promoção da saúde mental na comunidade acadêmica. **MÉTODOS:** Trata-se de um relato de experiência, de abordagem qualitativa, baseado na participação de discentes da liga acadêmica no período de 2023 a 2025. As atividades desenvolvidas incluíram rodas de conversa, eventos científicos, capacitações e intervenções educativas voltadas para estudantes e para a comunidade. A análise das experiências foi realizada a partir de reflexões acerca dos processos de inclusão, empatia, humanização do cuidado e construção de práticas pedagógicas anticapacitistas, à luz das diretrizes da extensão universitária e da educação inclusiva. **RESULTADOS:** Os membros da liga acadêmica, durante todo o período de participação, assistiram a palestras sobre anticapacitismo, desafios enfrentados pelas PcD, acessibilidade, inclusão e aprofundamento em deficiências específicas, além de participarem de atividades de extensão. Essa participação possibilitou ampliar a conscientização acerca das barreiras sociais, comunicacionais e atitudinais enfrentadas por pessoas com deficiência. Observou-se também o fortalecimento de habilidades socioemocionais, como empatia, escuta sensível e respeito à diversidade, além do estímulo à construção de práticas pedagógicas inclusivas. Os espaços de interação e diálogo proporcionaram a criação de vínculos, a troca de experiências e o engajamento em ações educativas mais humanizadas e socialmente comprometidas. **DISCUSSÃO:** Os achados indicam que as ligas acadêmicas podem atuar como importantes dispositivos de formação crítica e cidadã, ao promoverem a internalização de valores relacionados à diversidade, aos direitos humanos e às práticas anticapacitistas. A articulação entre vivências práticas e reflexão teórica contribui para o desenvolvimento de competências socioemocionais e atitudes inclusivas, fortalecendo a formação de profissionais sensíveis às questões da deficiência e comprometidos com a transformação social. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Conclui-se que a participação em ligas acadêmicas voltadas à temática da pessoa com deficiência constitui um relevante espaço de formação humanizada e anticapacitista. Essas experiências contribuem para a promoção da saúde mental, para o desenvolvimento de práticas educacionais inclusivas e para o fortalecimento da interface entre universidade e sociedade, ampliando o compromisso social da formação acadêmica.



CAPÍTULO 34

DAS DINÂMICAS DE TRABALHO NA SAÚDE MENTAL DE PROFISSIONAIS DE COMUNICAÇÃO NO MARKETING DIGITAL

Nara Amorim Cortez¹
Carlos Eduardo Gonçalves Leal²

^{1,2}Centro Universitário Santo Agostinho, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-8992-3432>

²ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8888-1513>

Área temática: Saúde Mental e Trabalho

E-mail do autor correspondente: naraamorim.mkt@gmail.com

Palavras-chave: Saúde Mental; Marketing Digital; Ansiedade; *Burnout*; Comunicação.

INTRODUÇÃO: O cenário atual do marketing digital no Brasil é marcado por uma crescente aceleração das dinâmicas de trabalho, em um contexto no qual o país registra índices alarmantes de transtornos de ansiedade e depressão. A profissão exige que o comunicólogo lide com prazos cada vez mais curtos e com uma cultura de alta performance que, frequentemente, negligencia o bem-estar individual em prol de métricas de sucesso. **OBJETIVO:** Refletir sobre as condições laborais e o bem-estar dos profissionais da área, apresentando uma revisão sistemática da literatura sobre a saúde mental dos profissionais do marketing digital, considerando a pressão por produtividade e os modelos de contratação, bem como sua influência no surgimento de transtornos mentais. **MÉTODOS:** Utilizaram-se descritores como marketing digital, saúde mental, *burnout* e teletrabalho. A revisão foi realizada em bases de dados nacionais e repositórios acadêmicos (*SciELO*, *BDTD* e *Google Acadêmico*), com foco em estudos de caso, dissertações e monografias que mapearam percepções relacionadas à sobrecarga de trabalho e ao suporte organizacional. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Constatou-se que as produções científicas na área ainda são pouco expressivas, tendo em vista a reduzida quantidade de publicações sobre o tema. Os dados revelam que a maioria dos profissionais já enfrentou quadros de ansiedade e *burnout* em decorrência do exercício da profissão. Observou-se que a transição para formatos virtuais, consolidada durante a pandemia de COVID-19, embora tenha proporcionado maior flexibilidade, acabou por diluir as fronteiras entre vida pessoal e trabalho, estendendo a jornada para além do expediente formal. Ademais, modelos de contratação, como Pessoa Jurídica (PJ) e freelancer, geram instabilidade financeira e insegurança psicológica, transferindo para o próprio trabalhador riscos que anteriormente eram assumidos pelas organizações. Em contrapartida, destaca-se que longas jornadas de trabalho, associadas à má gestão, já faziam parte da rotina desse setor. A discussão aponta para um processo de plataformação do trabalho, no qual o estresse crônico é, muitas vezes, confundido com dedicação. Observa-se ainda uma defasagem entre o reconhecimento da importância da saúde mental e a implementação prática de programas de apoio pelas empresas, que ainda avançam lentamente em direção a uma gestão mais humanizada. O silêncio e o estigma em torno do adoecimento mental dificultam a busca por tratamento e perpetuam um ciclo de esgotamento. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Conclui-se que a produção científica brasileira sobre o tema, embora ainda escassa, aponta para um cenário de vulnerabilidade psíquica entre os profissionais do marketing digital. O equilíbrio entre performance técnica e dignidade humana mostra-se imprescindível para que as organizações assumam sua responsabilidade na promoção de ambientes de trabalho saudáveis, rompendo com a romantização da sobrecarga.



CAPÍTULO 35

EDUCAÇÃO SOCIOEMOCIONAL COMO ESTRATÉGIA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL: REVISÃO DE ESCOPO NO CONTEXTO ESCOLAR

Flávio Augusto Leite Soares¹

¹UNINASSAU, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-2592-2764>

Área temática: Práticas educativas/ Educação em saúde/ Psicoeducação

E-mail do autor correspondente: flavim.soares@gmail.com

Palavras-chave: Escolas; Promoção da Saúde; Saúde Mental.

INTRODUÇÃO: A escola se apresenta como um ambiente de interação social que fomenta a educação, a construção de valores, a formação de cidadãos e o desenvolvimento de habilidades socioemocionais e do autoconhecimento. É nesse espaço dinâmico que se observa a construção gradual do indivíduo, moldado pelo pensamento crítico, pela aquisição de conhecimento e pela expressão emocional. Mesmo diante da notável escassez de planos direcionados ao apoio socioemocional que atendam efetivamente às diversas neurodivergências, a interação entre jovens neurotípicos e neuroatípicos continua sendo fundamental para a criação de espaços escolares acolhedores e inclusivos, estimulando a compaixão, a compreensão social e a redução do preconceito. Desse modo, a educação socioemocional surge não apenas como um auxílio individual, mas também como uma estratégia abrangente para promover uma cultura escolar mais saudável. **OBJETIVO:** Analisar, por meio de uma revisão de escopo da literatura, as evidências científicas sobre a educação socioemocional como estratégia de promoção e prevenção em saúde mental no ambiente escolar, com foco em seus efeitos sobre o bem-estar psicológico, a satisfação com a vida, o risco de sintomas depressivos e o clima escolar entre adolescentes típicos e atípicos. **MÉTODOS:** Foram consultadas as plataformas *Scopus*, *Web of Science* e *SciELO*, além do *Google Scholar*, utilizado como ferramenta complementar para rastreamento de publicações relevantes. A estratégia de busca foi construída a partir da combinação de descritores relacionados ao tema da educação socioemocional e da saúde mental no contexto escolar. Entre os principais termos utilizados, destacam-se: “*social-emotional learning*”, “*socioemotional education*”, “*mental health*”, “*adolescentes*”, “*life satisfaction*”, “*aprendizagem socioemocional*”, “*school climate*” e “*intervenção*”. Esses descritores foram combinados por meio de operadores booleanos, especialmente “AND”, de forma a ampliar a sensibilidade da busca e garantir a recuperação de estudos que abordassem a relação entre habilidades socioemocionais e indicadores de saúde mental em adolescentes. Foram incluídos artigos científicos publicados entre os anos de 2013 e 2024, disponíveis em português ou inglês, que abordassem diretamente a relação entre educação socioemocional e saúde mental em adolescentes inseridos no contexto escolar. Além disso, foram considerados estudos empíricos, revisões sistemáticas e pesquisas que analisassem o impacto de programas ou intervenções voltadas ao desenvolvimento de habilidades socioemocionais, especialmente aquelas relacionadas ao bem-estar psicológico, à satisfação com a vida, ao clima escolar e à prevenção de sintomas depressivos. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** A análise dos estudos selecionados evidencia que a educação socioemocional apresenta efeitos consistentes na promoção da saúde mental e no fortalecimento de fatores protetivos entre adolescentes. Diversas investigações indicam que intervenções estruturadas voltadas ao desenvolvimento da autorregulação emocional, da empatia e das habilidades sociais estão associadas à diminuição de indicadores de estresse psicológico e depressão, bem como ao aumento da autoestima e da percepção de competência pessoal. Esses estudos apontam que programas organizados em competências progressivas e implementados de forma sistemática no currículo escolar tendem a produzir efeitos mais consistentes e duradouros no desenvolvimento socioemocional dos estudantes. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A educação socioemocional configura-se como uma estratégia altamente promissora para a promoção da saúde mental dos estudantes. Estudos demonstram efeitos positivos sobre o bem-estar dos jovens, a satisfação com a vida, a redução de sintomas depressivos, a melhoria do clima escolar e o desempenho acadêmico. Essa abordagem favorece o desenvolvimento integral dos estudantes, contribuindo para a consolidação de sua identidade, o fortalecimento da autoconfiança e o aprimoramento da capacidade de lidar com as emoções. Além disso, contribui para a construção de um ambiente escolar mais acolhedor, cooperativo e inclusivo.



CAPÍTULO 36

ENTRE TELAS E EXPECTATIVAS: COMPARAÇÃO SOCIAL DIGITAL E SOFRIMENTO PSÍQUICO EM JOVENS ADULTOS

Lívia Manoela Sóstenes Alencar¹
Lília Ravena Melo dos Santos²
Joelita de Alencar Fonseca Santos³

^{1,2,3}Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-2959-5207>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-0694-2039>

³ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0126-465X>

Área temática: Saúde Mental na Contemporaneidade e Sociedade

E-mail do autor correspondente: liviasostenes1612@gmail.com

Palavras-chave: Adulto Jovem; Mídias Sociais; Saúde Mental.

INTRODUÇÃO: A contemporaneidade é marcada por intensas transformações tecnológicas que modificaram as formas de comunicação, trabalho, lazer e construção da identidade social. A expansão do acesso à internet e o uso massivo de dispositivos digitais tornaram-se elementos comuns da vida cotidiana, especialmente entre jovens adultos, grupo que apresenta elevada exposição às redes sociais e às plataformas digitais. Nesse contexto de intensa conectividade, as interações virtuais também sofreram transformações, deixando de constituir apenas um meio de informação e comunicação para influenciar outras dimensões da vida dos indivíduos, como a construção da identidade, as relações sociais e as experiências emocionais. Paralelamente ao avanço tecnológico, observa-se o crescimento de indicadores relacionados ao sofrimento psíquico, como sintomas ansiosos e depressivos, alterações do sono, baixa autoestima e exaustão emocional. A intensificação do uso das redes sociais nas últimas décadas transformou as dinâmicas de interação, identidade e validação social, especialmente entre jovens adultos. Nesse cenário, a comparação social digital emerge como um processo frequente, associado à internalização de padrões idealizados de sucesso, produtividade e aparência, podendo contribuir para o sofrimento psíquico. **OBJETIVO:** Analisar como a comparação social digital influencia a construção de expectativas idealizadas e sua relação com o sofrimento psíquico em jovens adultos. **MÉTODOS:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, de abordagem qualitativa. A busca bibliográfica foi realizada nas bases de dados *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*, Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), *PubMed* e *MEDLINE*, por meio da combinação dos descritores “Adulto Jovem”, “Mídias Sociais” e “Saúde Mental”, associados aos operadores booleanos AND e OR. Foram incluídos artigos publicados em português, inglês e espanhol, disponíveis na íntegra. Excluíram-se estudos duplicados, não disponíveis na íntegra e publicações que não apresentassem relação direta com o objetivo proposto. Após a aplicação dos critérios de elegibilidade e a leitura dos títulos, resumos e textos completos, nove estudos foram considerados para esta revisão. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Predominou a comparação social ascendente, direcionada a conteúdos idealizados e frequentemente irreais. Nas redes sociais, observa-se a publicação de recortes específicos e majoritariamente positivos da vida cotidiana, muitas vezes acompanhados de imagens editadas e esteticamente aprimoradas. Tais conteúdos passam a operar como referenciais para os usuários, influenciando suas percepções sobre sucesso, pertencimento e adequação social. A internalização desses conteúdos está associada à ansiedade, a sintomas depressivos, à baixa autoestima e à autocritica excessiva. Além disso, as métricas de engajamento intensificam a dependência de validação externa. Fatores como maturidade emocional, suporte social disponível e contexto sociocultural atuam como elementos reguladores desse processo, podendo intensificar ou atenuar seus efeitos. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A comparação social digital configura-se como um fenômeno multifatorial que, ao interagir com as vulnerabilidades inerentes à transição para a vida adulta, pode potencializar o sofrimento psíquico, evidenciando a necessidade de estratégias de educação em saúde e de promoção do uso crítico e consciente das redes sociais.



CAPÍTULO 37

ESTIGMA X MASCULINIDADE: A SUBNOTIFICAÇÃO DE CASOS DE VIOLÊNCIA SEXUAL EM HOMENS

Sarah Sousa de Albuquerque¹
Tainá Mendes Sousa²

^{1,2}UNINASSAU, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-9866-9150>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-4207-8047>

Área temática: Saúde Mental na Contemporaneidade e Sociedade

E-mail do autor correspondente: Sarahalbuquerquepsic@gmail.com

Palavras-chave: Violência Sexual; Homem; Masculinidade; Saúde Mental; Construção Social do Gênero.

INTRODUÇÃO: Consolida-se uma associação recorrente entre masculinidade e agressividade, cristalizando a figura masculina no lugar do perpetrador, especialmente no âmbito da violência sexual, e invisibilizando as experiências de homens que sofrem esse tipo de violação. Apesar de evidências indicarem que a violência sexual contra homens ocorre em diferentes contextos e ciclos de vida, o tema permanece marcado por lacunas teóricas e expressiva subnotificação. **OBJETIVO:** Analisar a subnotificação da violência sexual contra homens por meio de uma perspectiva crítica acerca da construção social da masculinidade. **MÉTODOS:** Trata-se de uma revisão narrativa. As buscas foram realizadas no mês de fevereiro de 2026, nas bases de dados *SciELO (Scientific Electronic Library Online)* e Portal de Periódicos da CAPES, utilizando os descritores: “violência sexual e homens”; “abuso sexual e homens”; e “homens e vítima e violência”. Os critérios de inclusão para os materiais analisados foram publicações entre os anos de 2005 e 2025, abrangendo artigos e dissertações nos idiomas português e inglês. Já os critérios de exclusão contemplaram materiais sem relação com a temática, estudos que não incluíssem homens adultos e publicações que não abordassem homens como vítimas de violência sexual. A seleção foi realizada a partir da leitura dos títulos e resumos dos materiais. Ao final, foram considerados relevantes para a pesquisa nove estudos, sendo oito artigos e uma dissertação de mestrado. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Estudos envolvendo homens são menos frequentes, especialmente quando abordam a perspectiva masculina enquanto vítima de violência sexual. Quando se trata de homens adultos, a revelação dos casos torna-se ainda mais comprometida. Tal cenário reforça a percepção social de que esses episódios não ocorrem ou são extremamente raros, contribuindo para a invisibilização das experiências vividas por esses indivíduos. Os fatores culturais associados à masculinidade desempenham papel central na subnotificação da violência sexual contra homens, uma vez que expectativas sociais dificultam a revelação da violência e o acesso ao apoio profissional. Dessa forma, contribui-se não apenas para a invisibilidade do fenômeno, mas também para o agravamento de seus impactos na saúde mental, sexual e social das vítimas. Menos de 5% das denúncias de violência sexual registradas correspondem a vítimas do sexo masculino. Esse baixo número de notificações não se explica apenas por uma menor ocorrência desses casos em comparação aos registros envolvendo mulheres, mas também por limitações na atuação dos serviços e por normas culturais relacionadas à masculinidade, que dificultam a autopercepção de meninos e homens como vítimas e a expressão de experiências associadas à vulnerabilidade. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Os dados reforçam a relação entre construções sociais de gênero e a perpetuação da invisibilidade da violência sexual masculina, evidenciando a necessidade de ampliar o debate científico e institucional sobre o tema. Como limitação do presente estudo, destaca-se a reduzida quantidade de produções científicas que abordam especificamente a violência sexual contra homens adultos, o que restringiu o número de autores incluídos na análise. Essa dificuldade de levantamento bibliográfico evidencia a ainda incipiente exploração do tema na literatura acadêmica e reforça a necessidade de ampliação de pesquisas que investiguem essa problemática sob diferentes perspectivas teóricas e metodológicas. Como perspectiva futura, propõe-se a realização de um estudo de campo com o objetivo de obter dados empíricos sobre as experiências e os impactos na saúde mental de homens adultos vítimas de violência sexual, com foco na população do estado do Piauí.



CAPÍTULO 38

ESTUDO REFLEXIVO: EFETIVAÇÃO DE DIREITOS DE POVOS INDÍGENAS E SUA RELAÇÃO COM SAÚDE MENTAL

Maria Sandra Santos Carvalho¹
Giovane Sampaio dos Santos²
Jhulyane Cristine da Cunha Nunes³

^{1,2}Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Teresina, PI, Brasil.

³Universidade Federal do Piauí (UFPI) / Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-3136-9238>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-5624-1844>

³ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8697-0387>

Área temática: Saúde Mental de Populações Vulnerabilizadas

E-mail do autor correspondente: sandranascimentoprofissi2025@gmail.com

Palavras-chave: Populações Indígenas; Saúde Mental de Populações Indígenas; Políticas Públicas de Saúde.

INTRODUÇÃO: A população indígena historicamente enfrenta dificuldades no acesso aos seus territórios, direito assegurado a esses povos pela Constituição Brasileira de 1988. Essas limitações de acesso aos locais de origem impactam diretamente sua saúde mental, acarretando o agravamento de transtornos mentais ou o surgimento de novos quadros. **OBJETIVOS:** Analisar, à luz da literatura, quais foram as estratégias e os cuidados em saúde mental formulados pelo setor público direcionados à população indígena; examinar a existência de pesquisas científicas sobre a saúde da população indígena; compreender os direitos legais que a população indígena possui e sua relação com o acesso à saúde integral; e refletir se a literatura apresenta discussões que versem sobre a população indígena nas grades curriculares dos cursos de Psicologia no Brasil. **MÉTODOS:** Para a realização deste estudo, foram efetuadas buscas nas bases *SciELO*, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), *PubMed* (*Publication Medicine*), Portal de Periódicos CAPES e Banco de Teses e Dissertações da CAPES, utilizando os descritores: saúde mental indígena, saúde dos povos indígenas e sistema indígena de saúde. Os critérios de inclusão referiram-se a estudos que contemplassem os objetivos propostos, abordassem especificamente a saúde mental dos povos indígenas e que tivessem sido publicados nos últimos dez anos (2016–2026). Após análise, foram incluídos quatro artigos, uma cartilha e duas teses, somando sete produções científicas. Foram excluídos quatro estudos por não atenderem ao recorte temporal dos últimos dez anos estabelecido. Inicialmente, foram encontrados seis artigos, uma cartilha e quatro dissertações de mestrado, totalizando onze estudos. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Notou-se que os direitos constitucionais da população indígena relacionados à saúde mental não estão sendo plenamente garantidos e efetivados conforme previsto na legislação, o que dificulta a melhoria e a amenização de suas angústias e demandas psicológicas. Além disso, faz-se necessária a reconstrução da atenção à saúde mental indígena, uma vez que a forma como esse cuidado vem sendo ofertado atualmente ainda se fundamenta predominantemente no modelo biomédico. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A partir deste estudo, percebe-se que existem diversas políticas públicas voltadas à saúde indígena, incluindo ações direcionadas à saúde mental. No entanto, observa-se que a efetivação dessas políticas ainda ocorre de forma limitada, sobretudo em razão da necessidade de avanços legais, da ampliação das políticas públicas e, principalmente, da garantia concreta dos direitos já estabelecidos. Ademais, faz-se necessária a descolonização dos saberes e das práticas desenvolvidas pelos profissionais da saúde mental em relação à população indígena, pois, a partir dessas transformações, esses indivíduos poderão receber uma assistência mais qualificada em questões psicológicas, uma vez que as formas de cuidado psíquico estarão mais próximas das realidades indígenas.



CAPÍTULO 39

EXPOSIÇÃO À VIOLÊNCIA VERBAL EM COMUNIDADES DE JOGOS ONLINE E SEUS IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL

Lília Ravena Melo dos Santos¹

Lívia Manoela Sóstenes de Alencar²

Jéssica Ramos Magalhães Sousa³

Joelita de Alencar Fonseca Santos⁴

^{1,2,3,4}Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-0694-2039>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-2959-5207>

³ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-0502-4315>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0126-465X>

Área temática: Saúde Mental na Contemporaneidade e Sociedade

E-mail do autor correspondente: liliamel0219@gmail.com

Palavras-chave: *Cyberbullying*; Jogos de Vídeo; Saúde Mental.

INTRODUÇÃO: Nos últimos anos, os jogos digitais tornaram-se espaços de interação social nos quais milhões de usuários compartilham experiências em tempo real. Apesar de promoverem lazer e sociabilidade, esses ambientes podem configurar contextos de violência verbal, frequentemente naturalizados pela cultura competitiva dos jogos. Diferentemente de outras plataformas digitais, os jogos combinam competição em tempo real, hierarquização por desempenho e interação síncrona entre desconhecidos, fatores que podem intensificar emoções como frustração, rivalidade e hostilidade. Além disso, a cultura presente em alguns ambientes gamer tende a normalizar comportamentos agressivos como parte integrante da experiência competitiva, dificultando o reconhecimento do sofrimento e a denúncia das violências. **OBJETIVO:** Analisar, à luz da literatura, como a exposição à violência verbal em comunidades de jogos online se relaciona com impactos na saúde mental. **MÉTODOS:** Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, realizada a partir de buscas nas bases BVS, *PubMed/MEDLINE* e *SciELO*. Para a construção do trabalho, foi delimitada a seguinte questão norteadora: quais são os impactos da exposição à violência verbal em jogos online na saúde mental dos usuários? A partir dessa definição, foram utilizados os descritores específicos extraídos dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e do *Medical Subject Headings* (MeSH): “*Cyberbullying*”, “Jogos de Vídeo” e “Saúde Mental”, combinados por meio dos operadores booleanos AND e OR, com o intuito de localizar estudos que contemplassem os eixos temáticos propostos. Foram considerados artigos publicados nos últimos dez anos, nos idiomas português, inglês e espanhol, disponíveis na íntegra. Foram selecionados oito estudos que abordavam agressões verbais em jogos online e seus desfechos psicológicos. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Evidenciou-se que a violência verbal está associada à ansiedade, à depressão, ao estresse psicológico, à redução da autoestima e ao isolamento social, especialmente entre adolescentes e jovens adultos. Fatores como anonimato, comunicação em tempo real, competição intensa e cultura de tolerância à agressividade favorecem a ocorrência e a repetição dessas práticas. No que diz respeito às estratégias de enfrentamento, os jogadores frequentemente recorrem a mecanismos individuais, como ignorar ou bloquear o agressor, prática identificada como uma das respostas mais comuns. Entre as mulheres, a ocultação do gênero aparece como estratégia de autoproteção diante da recorrência de ataques sexistas. A denúncia também surge como uma possibilidade de enfrentamento da violência verbal; entretanto, sua baixa centralidade nas análises sugere limitações quanto à confiança ou à efetividade dos canais institucionais disponíveis. Em contrapartida, termos associados a “amigos” e “conversar” evidenciam a importância das redes de apoio e do diálogo como estratégias relacionais de permanência e proteção no ambiente digital. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A violência verbal nos jogos digitais representa um risco psicossocial relevante, exigindo estratégias interdisciplinares de prevenção, educação digital e promoção da saúde mental, bem como uma produção científica mais robusta para compreender seus efeitos em médio e longo prazo.



CAPÍTULO 40

IMPACTOS OCUPACIONAIS DO CUIDADO PSIQUIÁTRICO NA ENFERMAGEM

Tiago Ferreira Guimarães¹

Ana Clara Cunha Barbosa²

Ana Vitoria Soares Carvalho³

Gabriel de Oliveira⁴

Myrelly da Silva Gomes⁵

Aline Raquel de Sousa Ibiapina⁶

^{1,2,3,4,5,6}Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-9199-3690>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-1309-4330>

³ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-8121-4575>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-9733-0679>

⁵ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-0180-2457>

⁶ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1373-3564>

Área temática: Saúde Mental e Trabalho

E-mail do autor correspondente: tiago.guimaraes@ufpi.edu.br

Palavras-chave: Enfermagem; Saúde Mental; Saúde Ocupacional.

INTRODUÇÃO: A atuação na enfermagem psiquiátrica exige elevada responsabilidade no cuidado ao paciente com transtornos mentais, uma vez que a carga de trabalho não é apenas física, mas sobretudo emocional. Além da exposição constante ao estresse, as jornadas extensas constituem fatores que contribuem para o surgimento da Síndrome de *Burnout* e para prejuízos à saúde do profissional. Tais condições comprometem de maneira significativa o bem-estar e o desempenho profissional. **OBJETIVO:** Levantar, na literatura, evidências científicas acerca das crises psicoemocionais enfrentadas por profissionais de enfermagem na assistência a pacientes com transtornos psiquiátricos. **MÉTODOS:** Trata-se de uma revisão narrativa da literatura. A coleta de dados foi realizada no mês de fevereiro de 2026, por meio das bases de dados *SciELO* (*Scientific Electronic Library Online*) e *PubMed* (*National Library of Medicine*), acessadas pela Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Foram utilizados descritores controlados dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), combinados por meio dos operadores booleanos AND e OR, resultando na estratégia de busca: “Enfermagem” AND “Saúde Mental” AND “Saúde Ocupacional”. Foram identificados 20 artigos, submetidos aos critérios de seleção. Como critérios de inclusão, definiram-se: artigos disponíveis na íntegra, publicados em português e inglês, nos últimos cinco anos, e que abordassem os impactos ocupacionais do cuidado psiquiátrico na enfermagem. Excluíram-se artigos duplicados e estudos que não atendiam ao objetivo da revisão. Após a aplicação dos critérios, foram selecionados cinco artigos para análise. Os dados foram apresentados de forma descritiva e organizados em categorias temáticas. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Os estudos analisados convergem ao demonstrar elevada prevalência de adoecimento mental entre profissionais de enfermagem no Brasil, com índices de transtornos mentais e comportamentais alcançando 50,8% em amostras nacionais. Observou-se associação significativa com fatores ocupacionais, como sexo feminino, tempo de atuação superior a dez anos, múltiplos vínculos empregatícios e autoavaliação negativa do estado de saúde. No contexto do cuidado psiquiátrico, os impactos ocupacionais mostram-se potencializados pela exposição contínua ao sofrimento psíquico, à instabilidade comportamental dos pacientes, ao risco de violência e à necessidade de vigilância permanente. Jornadas superiores a 44 horas semanais, acúmulo de funções e dimensionamento inadequado de pessoal configuram fatores diretamente relacionados ao desenvolvimento de ansiedade, depressão, estresse ocupacional e Síndrome de *Burnout*. Além disso, ambientes com escassez de recursos humanos e materiais intensificam a sobrecarga física e emocional, contribuindo para o absenteísmo, o presenteísmo e o aumento do risco de falhas assistenciais. A combinação entre altas demandas emocionais e fragilidades organizacionais evidencia um cenário persistente de vulnerabilidade ocupacional. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A enfermagem, por manter contato direto e contínuo com o paciente, permanece exposta a intensas demandas emocionais relacionadas ao sofrimento, à instabilidade comportamental e à complexidade dos quadros clínicos, associadas a jornadas extensas de trabalho, o que amplia o risco de desgaste psíquico. Dessa forma, os achados evidenciam que os impactos ocupacionais no cuidado psiquiátrico configuram um problema estrutural na enfermagem brasileira, reforçando a necessidade urgente de reestruturação organizacional e da implementação de políticas efetivas de proteção e promoção da saúde do trabalhador.



CAPÍTULO 41

INCLUSÃO E PERMANÊNCIA DE ESTUDANTES AUTISTAS NA GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

Mateus da Cunha Moraes¹
Rodolfo Matheus Lopes Passos²
Paula Gardênia Campelo dos Santos³
Giovanna de Oliveira Libório Dourado⁴

¹Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-3467-6478>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-5716-5991>

³ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-0040-4285>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6570-8689>

Área temática: Saúde Mental na Contemporaneidade e Sociedade

Email do autor correspondente: mateusdcmoraes01@gmail.com

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; Educação em Enfermagem; Universidades.

INTRODUÇÃO: A ampliação do acesso ao ensino superior nas últimas décadas possibilitou a expansão de estudantes com deficiência nas universidades, incluindo pessoas neurodivergentes. Nesse contexto, é fundamental refletir sobre as condições de permanência desses estudantes, especialmente em cursos que apresentam elevada carga teórica, prática e emocional, como a graduação em Enfermagem. O TEA caracteriza-se por alterações no desenvolvimento neurológico que podem impactar aspectos da comunicação, interação social, processamento sensorial e organização cognitiva, o que gera desafios específicos no ambiente acadêmico. Portanto, é necessário discutir estratégias institucionais e pedagógicas que favoreçam a inclusão, a acessibilidade e o sucesso acadêmico desses estudantes. **OBJETIVO:** Refletir sobre as dificuldades enfrentadas por discentes com TEA no curso de Enfermagem e propor melhorias na acessibilidade e na permanência acadêmica. **MÉTODOS:** Trata-se de um estudo de natureza reflexiva, desenvolvido a partir de revisão de literatura, debates em grupos de estudo e discussões realizadas em eventos e atividades de extensão universitária voltadas à inclusão no ensino superior. A análise fundamentou-se em produções científicas que abordam a inclusão de pessoas com TEA na universidade e em diretrizes institucionais relacionadas à acessibilidade acadêmica. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Os resultados evidenciam que estudantes com TEA podem apresentar diferentes níveis de suporte, conforme a classificação do DSM-5, variando desde necessidades mais leves até demandas mais intensas de acompanhamento. Entre as principais dificuldades relatadas, estão barreiras relacionadas à comunicação e à interação social, desafios na produção e compreensão de textos acadêmicos, além de limitações associadas à organização das atividades. Também foram identificadas barreiras linguísticas e atitudinais no ambiente universitário, muitas vezes decorrentes do desconhecimento sobre o TEA ou da reprodução de práticas capacitistas. Nesse sentido, algumas estratégias pedagógicas e institucionais são imprescindíveis para promover um ambiente acadêmico mais inclusivo. Entre elas, destacam-se a escuta ativa e o diálogo com os estudantes desde o início do semestre, o respeito à privacidade quanto à divulgação do diagnóstico e a adoção de metodologias de ensino que considerem diferentes formas de aprendizagem. Além disso, é importante o encaminhamento para serviços de apoio institucional, como núcleos de acessibilidade e acompanhamento psicológico, quando necessário. Nas atividades práticas, recomenda-se a orientação clara das tarefas, a organização prévia das atividades e o acompanhamento sensível por parte de docentes e preceptores. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Por fim, destaca-se que a inclusão efetiva de estudantes com TEA no ensino superior depende de um compromisso institucional coletivo, que envolva docentes, gestores e estudantes. A construção de um ambiente universitário acessível exige a valorização das individualidades, a promoção da acessibilidade atitudinal e pedagógica e a implementação de políticas institucionais que garantam não apenas o acesso, mas também a permanência e o desenvolvimento acadêmico desses estudantes. Dessa forma, a universidade fortalece seu papel social ao promover uma formação mais justa, diversa e inclusiva.

CAPÍTULO 42

INFLUÊNCIA DO CAPACITISMO, IDADISMO E EXCLUSÃO SOCIAL NA OCORRÊNCIA DE DEPRESSÃO EM IDOSOS COM DEFICIÊNCIA

Júlia Nataly Diniz Silva¹

Suianny Jamilly Guimarães Silva²

Tairine Vaz Moura³

Ana Cecília de Figueiredo Barreto Amorim⁴

Juliana Beatriz Santos Santiago⁵

Sara Maria Aurélia Silva⁶

^{1,2,3,4,5}Centro Universitário Maurício de Nassau, Teresina, PI, Brasil.

⁶Universidade Estadual do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-2758-8641>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-5817-3747>

³ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-3028-2520>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-6226-7186>

⁵ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-8905-6057>

⁶ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-1463-6726>

Área temática: Saúde Mental de Populações Vulnerabilizadas

E-mail do autor correspondente: julianatalydinizsilva@gmail.com

Palavras-chave: Capacitismo; Idadismo; Depressão; Deficiência; Idosos.

INTRODUÇÃO: O idadismo ou etarismo configura-se como a estruturação de estereótipos, preconceitos e atitudes discriminatórias direcionadas a indivíduos com base estritamente em sua idade avançada. Nesse contexto, a longevidade, que deveria representar um acúmulo de experiência, é frequentemente reduzida a uma condição de custo e ineficiência. Esse cenário se agrava quando o envelhecimento está associado à deficiência, configurando uma condição de maior vulnerabilidade social. Essa visão estigmatizada abre caminho para o capacitismo, definido como a discriminação que categoriza sujeitos a partir da conformidade de seus corpos a um padrão idealizado de capacidade funcional. **OBJETIVOS:** Compreender como a interlocução entre o capacitismo, o idadismo e os processos de exclusão social contribuem para o desenvolvimento e agravamento da depressão em idosos com deficiência. **MÉTODOS:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura. Optou-se por esse delineamento metodológico por permitir a sistematização da literatura existente sobre o tema, favorecendo a análise crítica das produções e a integração dos principais achados. Foram incluídos na pesquisa artigos científicos completos, disponíveis na íntegra, publicados entre os anos de 2013 e 2025, redigidos em língua portuguesa ou inglesa e indexados nas bases Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), *SciELO* e Portal de Periódicos CAPES. Como critérios de inclusão, foram utilizados estudos que abordassem diretamente ao menos dois dos seguintes eixos temáticos: idadismo (etarismo), capacitismo, exclusão social, depressão, envelhecimento e deficiência. Também foram incluídos trabalhos empíricos, teóricos ou revisões que apresentassem relação explícita com a população idosa, especialmente idosos com deficiência, e que contribuíssem para a compreensão do fenômeno investigado. Foram utilizados os seguintes descritores e combinações booleanas: “etarismo” AND “exclusão social”; “depressão” AND “idosos”; “deficiência” AND “envelhecimento”; “capacitismo” AND “saúde mental”. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** A pesquisa resultou na análise de 20 artigos que abordam a relação entre idadismo, capacitismo e depressão em idosos. Os achados obtidos por meio da revisão bibliográfica indicam que a depressão em idosos com deficiência não é um fenômeno meramente clínico, mas o desdobramento de uma estrutura social que opera sob o viés da produtividade. O idadismo e o capacitismo funcionam como ferramentas de um sistema social e econômico que tende à exclusão de indivíduos considerados não produtivos. Essa dinâmica cria uma dupla vulnerabilidade, na qual o preconceito etário se articula à desvalorização da diferença funcional. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A análise desenvolvida ao longo deste estudo permitiu compreender que a depressão na velhice, especialmente entre pessoas idosas com deficiência, não pode ser reduzida a uma condição estritamente clínica ou individual. Embora o modelo biomédico, como o apresentado no DSM-5, estabeleça critérios diagnósticos fundamentais para a identificação do transtorno depressivo maior, a experiência do sofrimento psíquico na velhice revela-se profundamente atravessada por determinantes sociais, culturais, econômicos e relacionais.



CAPÍTULO 43

INOVAÇÃO E SOBRECARGA: O USO DAS TICS NA RESIDÊNCIA EM ENFERMAGEM OBSTÉTRICA E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A SAÚDE MENTAL

Haissa Gabrielly Gomes da Silva¹
Elida Mercedes de Cerqueira Carvalho²
Maria Sinara Costa da Assunção³
Thaís Nazário de Moura Ferreira⁴
Andreza da Silva Fontinele⁵
Iellen Dantas Campos Verdes Rodrigues⁶

^{1,2,3,4}Graduanda em Enfermagem. Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

⁵Mestranda em Enfermagem. Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

⁶Doutora em Enfermagem na Atenção à Saúde. Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-4000-4477>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-7698-6776>

³ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-9938-0923>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-2638-5696>

⁵ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3239-357X>.

⁶ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5593-4172>

Área temática: Práticas educativas/ Educação em saúde/ Psicoeducação

E-mail do autor correspondente: haissaufpi@gmail.com

Palavras-chave: Tecnologia de Informação; Saúde Mental; Ensino.

INTRODUÇÃO: O aprimoramento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) tem provocado mudanças significativas nas formas de ensino em saúde. Nesse contexto, em programas de residência, reconhecidos pela intensidade da carga horária e pelas exigências técnicas e emocionais, torna-se ainda mais evidente o uso desses meios. Na residência em enfermagem obstétrica, as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) passaram a integrar o cotidiano formativo como instrumentos que facilitam o acesso à informação, aproximam teoria e prática e tornam a comunicação entre profissionais mais ágil. Entretanto, a presença constante dessas tecnologias também suscita questionamentos. Se, por um lado, ampliam possibilidades de aprendizagem e favorecem maior autonomia, por outro, podem contribuir para uma rotina cada vez mais acelerada, com menos espaço para pausas e momentos de desconexão. **OBJETIVO:** Discutir as implicações das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) na saúde mental de residentes de enfermagem obstétrica. **MÉTODOS:** Trata-se de um estudo de caráter analítico, fundamentado em revisão documental e bibliográfica. Foram examinados regulamentos de programas de residência em enfermagem obstétrica, bem como produções científicas recentes, nacionais e internacionais, que abordassem o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) na educação e nas práticas de saúde, bem como seus efeitos psicossociais. A busca foi realizada nas bases de dados LILACS e *PubMed*, utilizando descritores como “Tecnologia da Informação”, “Saúde Mental” e “Ensino”. Foram selecionados dois estudos publicados nos últimos 10 anos, condizentes com a temática abordada. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** A análise indica que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) ampliam o acesso ao conhecimento, facilitam a atualização científica e estimulam maior protagonismo no processo de aprendizagem. Entretanto, quando inseridas em um contexto já marcado por elevada carga horária e grande responsabilidade assistencial, essas ferramentas podem intensificar o cansaço mental, favorecer quadros de ansiedade e dificultar a separação entre tempo profissional e tempo pessoal. Observa-se, portanto, uma relação ambivalente: tecnologias que fortalecem a formação também podem acentuar a sobrecarga, sobretudo quando não há limites claros para seu uso. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) desempenham papel relevante na inovação da formação em enfermagem obstétrica, principalmente quando implementadas em estratégias eficazes de estudo. Contudo, sua incorporação exige planejamento pedagógico e sensibilidade institucional para que não se tornem mais um fator de pressão sobre os residentes, haja vista que os estudantes já possuem uma carga horária exaustiva e que o uso dessas tecnologias fora do ambiente institucional, ou de modo desregulado na própria instituição, pode ocasionar prejuízos psicológicos que passam despercebidos.

CAPÍTULO 44

INOVAÇÃO NA PREVENÇÃO DE TRANSTORNOS MENTAIS RELACIONADOS AO TRABALHO DOCENTE

Lívia Cristina Silva¹
Sophia Mitie Bello Suzuki²
Iranary Ohio Silva Almeida³
Vitória Fernanda Fernandes Nascimento⁴
Manoela Gomes Reis Lopes⁵
Franciele Machado⁶

^{1,2,3,4,5}Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

⁶Prefeitura de Guarujá, Guarujá, SP, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4128-5781>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-7773-4977>

³ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-2209-7183>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9700-7599>

⁵ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4262-2871>

⁶ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-7793-9926>

Área temática: Saúde Mental e Trabalho

E-mail do autor correspondente: liviacristinasilva@yahoo.com.br

Palavras-chave: Saúde do Trabalhador; Docentes; Saúde Mental; Condições de Trabalho; Vigilância em Saúde do Trabalhador.

INTRODUÇÃO: A saúde mental docente constitui um relevante problema de saúde do trabalhador, com prevalência de estresse, ansiedade, depressão e Síndrome de *Burnout* associadas à intensificação e à precarização do trabalho escolar. Assim, é fundamental conhecer os determinantes do adoecimento mental relacionado ao trabalho. Contudo, predominam análises centradas em fatores individuais, o que limita a compreensão dos processos sistêmicos, organizacionais e históricos que produzem impactos sobre a saúde mental. Nesse contexto, a Teoria da Atividade Histórico-Cultural (TAHC) emerge como uma abordagem inovadora ao propor uma compreensão sistêmica e ampliada do trabalho docente e, consequentemente, possibilidades mais efetivas de prevenção em saúde mental. **OBJETIVO:** Compreender as relações entre a atividade docente e a saúde mental de professores à luz da TAHC. **MÉTODOS:** Trata-se de um estudo qualitativo realizado em uma escola pública de ensino fundamental II em regime integral, no qual participaram professores, gestores escolares e trabalhadores de apoio. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, observação participante, análise documental e registro em diário de campo. A análise baseou-se na TAHC, com a construção do sistema de atividade e a identificação de contradições históricas e atuais que influenciam a saúde mental dos professores. A pesquisa foi aprovada pelo CEP/UFPI (CAAE nº 76969424.0.0000.5214). **RESULTADOS:** Desde a criação da escola, ocorreram transformações nos elementos da atividade docente, contribuindo para o surgimento de contradições que impactam a saúde mental dos professores. Foram identificadas três contradições: 1) regras do ensino integral versus insuficiência de recursos humanos e materiais; 2) objeto de formação integral dos estudantes versus divisão do trabalho marcada pelo subdimensionamento docente; e 3) comunidade escolar versus rede socioassistencial. Essas contradições contribuíram para o aumento da sobrecarga emocional, do sentimento de impotência profissional e da limitação do poder de ação, manifestando-se em fadiga, exaustão emocional, ansiedade, tristeza, estresse e sintomas psicossomáticos recorrentes. Além disso, a COVID-19 intensificou tais impactos na saúde mental ao ampliar a carga horária, fragilizar vínculos profissionais e exigir adaptação tecnológica sem suporte institucional, corroborando evidências globais sobre a relação entre condições de trabalho e saúde mental docente. **DISCUSSÃO:** Evidências indicam que sobrecarga laboral, insuficiência de recursos institucionais, violência no contexto escolar e demandas socioemocionais dos estudantes configuram determinantes estruturais do sofrimento psíquico docente. Os achados evidenciam que os impactos sobre a saúde mental docente resultam de processos organizacionais, históricos e socioculturais, e não apenas de fatores individuais. A TAHC permitiu compreender as interdependências entre os elementos do sistema de atividade e revelar contradições como fontes de sofrimento e de potencial transformação das práticas institucionais. Tal perspectiva constitui inovação ao orientar propostas de intervenções coletivas, participativas e sustentáveis voltadas à reorganização das condições e da divisão do trabalho escolar. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A abordagem sistêmica baseada na TAHC constitui uma inovação para a prevenção de impactos à saúde mental relacionados ao trabalho docente, ao evidenciar contradições estruturais da organização do trabalho e subsidiar intervenções institucionais voltadas à melhoria e à transformação das condições de trabalho e à promoção de ambientes educacionais mais saudáveis e sustentáveis, alinhadas às agendas internacionais de inovação em saúde mental do trabalhador.

CAPÍTULO 45

INOVAÇÃO TECNOLÓGICA E INCLUSÃO DE ESTUDANTES AUTISTAS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Maryane Francisca Araujo de Freitas Cavalcante¹

João Gabriel Freitas Cavalcante²

Maria Raimunda D'Jesus Neta³

Rafael Ângelo Santos Leite⁴

Gerardo Pereira de Sousa⁵

Carmen Mary Pereira Araujo de Freitas⁶

^{1,2,3,4,5}Instituto Federal do Piauí (IFPI), Teresina, PI, Brasil.

⁶Afya/UNINOVAFAPI, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-6234-6895>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-4803-9956>

³ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-4268-2740>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0129-1407>

⁵ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-2856-7793>

⁶ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-7796-2834>

Área temática: Tecnologias e Inovações em Saúde Mental

Email do autor correspondente: moren.afc@hotmail.com

Palavras-chave: Educação Superior; Inclusão Escolar; Transtorno do Espectro Autista; Tecnologia Educacional; Propriedade Intelectual.

INTRODUÇÃO: Plataformas digitais, softwares educacionais, ambientes virtuais de aprendizagem, sistemas de tutoria baseados em inteligência artificial e tecnologias assistivas passaram a ocupar papel central nas políticas universitárias contemporâneas, especialmente no contexto de ampliação do ensino remoto e híbrido. Contudo, tal expansão ocorre de forma assimétrica, atravessada por relações de poder, lógicas de mercado e regimes de propriedade intelectual que tendem a reproduzir desigualdades históricas no interior das instituições de ensino superior. No caso de estudantes autistas, a promessa de inclusão por meio da inovação tecnológica assume contornos ainda mais complexos. Embora as tecnologias educacionais sejam frequentemente mobilizadas como soluções para barreiras comunicacionais, sensoriais e pedagógicas, sua efetividade depende das condições concretas de acesso, adaptação e apropriação institucional. Softwares proprietários, licenças restritivas, altos custos de aquisição e manutenção, bem como a dependência de empresas privadas, podem transformar ferramentas supostamente inclusivas em novos mecanismos de exclusão educacional. **OBJETIVOS:** Problematicar criticamente a relação entre tecnologias educacionais protegidas por regimes de propriedade intelectual e os processos de inclusão de estudantes autistas na educação superior, bem como compreender como as lógicas de inovação, mercantilização do conhecimento e dependência tecnológica incidem sobre as políticas institucionais de inclusão, evidenciando seus limites e contradições no enfrentamento das desigualdades estruturais que atravessam a trajetória desses estudantes. **MÉTODOS:** Este estudo adota uma abordagem qualitativa de natureza teórico-crítica, estruturada como ensaio teórico-analítico, em consonância com a tradição das ciências sociais aplicadas à educação. A investigação fundamenta-se em pesquisa documental e bibliográfica, contemplando literatura científica sobre educação superior, desigualdade social e inclusão, estudos sobre autismo e educação inclusiva, bem como produções acadêmicas relativas à propriedade intelectual, inovação e mercantilização do conhecimento. Também são analisados documentos normativos e políticas públicas relacionadas à educação superior e à inclusão de pessoas com deficiência no Brasil, com o objetivo de compreender o papel institucional das tecnologias educacionais nesse cenário. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** A predominância de softwares proprietários, plataformas digitais licenciadas e tecnologias assistivas protegidas por direitos exclusivos impõe custos financeiros, restrições técnicas e dependência de fornecedores privados, comprometendo a universalização dessas soluções, sobretudo em universidades públicas e em contextos de restrição orçamentária. O segundo eixo analítico evidencia que a inclusão de estudantes autistas na educação superior é atravessada por desigualdades estruturais cumulativas, construídas ao longo da trajetória educacional e reproduzidas no interior da universidade. Esses estudantes frequentemente ingressam no ensino superior após percursos marcados por exclusão na educação básica, caracterizados pela ausência de adaptações pedagógicas, acesso limitado a tecnologias educacionais adequadas e fragilidade das políticas institucionais de apoio. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A inclusão efetiva de estudantes autistas exige a articulação entre redistribuição material e reconhecimento simbólico, bem como a adoção de políticas públicas e institucionais que promovam regimes mais democráticos de inovação e de propriedade intelectual na educação superior.



CAPÍTULO 46

INTEGRAÇÃO DA SEMIOLOGIA PSIQUIÁTRICA E RECURSOS LÚDICO-TERAPÊUTICOS NO CUIDADO EM SAÚDE MENTAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Iara Victória Avelino Nunes¹

Rafaela Oliveira Carvalho²

Kauan Gustavo de Carvalho³

Márcia Astrês Fernandes⁴

^{1,2}Graduanda de enfermagem pelo Universitário UniFacid-Wyden, Teresina, PI, Brasil.

³Docente do Centro Universitário UniFacid-Wyden, Teresina, PI, Brasil. Doutorando em Enfermagem pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina, PI, Brasil.

⁴Docente de Pós-graduação em Enfermagem pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-4122-8412>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-4432-2777>

³ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9940-1837>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9781-0752>

Área temática: Práticas Educativas/Educação em Saúde/Psicoeducação

E-mail do autor correspondente: iaranunes2601@gmail.com

Palavras-chave: Ludicidade; Idoso; Saúde Mental; Hospitais Psiquiátricos.

INTRODUÇÃO: O lúdico é uma atividade terapêutica que possui valor educacional e vem sendo amplamente utilizada nos últimos anos como recurso terapêutico, visto que minimiza a ansiedade e a angústia por meio da expressão de sentimentos e da interação social. Como resultado, observa-se um aumento das funções cognitivas e psíquicas, aspectos fundamentais para a recuperação emocional e o desenvolvimento de pacientes institucionalizados. **OBJETIVO:** Relatar a experiência da integração da semiologia psiquiátrica e de recursos lúdico-terapêuticos no cuidado em saúde mental de pacientes idosos em internação psiquiátrica. **MÉTODOS:** Trata-se de um estudo descritivo do tipo relato de experiência, realizado por acadêmicos de Enfermagem do Centro Universitário *Facid Wyden*, durante atividade de extensão em um hospital psiquiátrico de Teresina. Foram aplicadas estratégias lúdico-terapêuticas com pacientes idosos internados, utilizando recursos como pintura e dinâmicas coletivas, seguindo princípios da abordagem semiológica psiquiátrica integrada, com base na metodologia da Problemáticação por meio da estratégia do Arco de Maguerez. A intervenção ocorreu no mês de outubro de 2025. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** A experiência foi desenvolvida em dois encontros e seguiu as etapas do Arco de Maguerez. Na etapa de observação da realidade, identificou-se resistência dos pacientes durante a anamnese e avaliação semiológica, caracterizada por respostas breves e baixa interação. A partir disso, foram definidos como pontos-chave a dificuldade de expressão de sentimentos e o baixo engajamento nas atividades terapêuticas. Na etapa de teorização, discutiu-se a importância da semiologia psiquiátrica associada a estratégias terapêuticas humanizadas para favorecer a comunicação e o vínculo. Como hipótese de solução, propôs-se a utilização de recursos lúdico-terapêuticos para estimular a participação dos pacientes. Na aplicação à realidade, foram realizadas atividades como pintura terapêutica individual, atividade coletiva e momento de socialização durante um lanche. As intervenções favoreceram maior interação, expressão de sentimentos e participação nas atividades, contribuindo para a redução da resistência inicial, fortalecimento do vínculo paciente-profissional e maior adesão ao cuidado, além de estimular habilidades sociais importantes para o processo gradual de reintegração social. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A experiência evidenciou que a integração entre a semiologia psiquiátrica e estratégias lúdico-terapêuticas favorece a redução da resistência inicial, o fortalecimento do vínculo e maior participação do paciente no cuidado. As atividades possibilitaram melhor expressão de sentimentos e estímulo às habilidades sociais, contribuindo para a reintegração social. Destaca-se a importância de sistematizar essas práticas com base em referenciais teóricos. Considerando as limitações dos pacientes psiquiátricos, intervenções estruturadas e adaptadas às suas necessidades tendem a ser mais efetivas para promover a adesão ao tratamento.



CAPÍTULO 47

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E PSICOTERAPIA: POTENCIAIS, RISCOS ÉTICOS E LIMITES NO CUIDADO EM SAÚDE MENTAL

Maria Clara de Assis Nascimento¹

Yasmin de Carvalho Leal²

Marcos Felipe Borges Teixeira³

^{1,2}Graduanda em Psicologia, Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Teresina, PI, Brasil.

³Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Letras (PPGEL/UFPI). Graduado em Letras - Português e Francês, Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-0688-1536>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-9120-8447>

³ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2610-9026>

Área temática: Tecnologias e Inovações em Saúde Mental

E-mail do autor correspondente: mariaclaradeassisn@aluno.uespi.br

Palavras-chave: Inteligência Artificial; Psicoterapia; Saúde Mental; Ética; Tecnologias Digitais.

INTRODUÇÃO: O avanço das Inteligências Artificiais Generativas (IAGs) tem ampliado o acesso da população a ferramentas digitais de apoio emocional, incluindo sistemas capazes de simular interações humanas por meio da linguagem natural. No campo da saúde mental, esse fenômeno desperta interesse pela possibilidade de ampliação do acesso ao cuidado, mas também levanta preocupações éticas, clínicas e profissionais, especialmente quando tais tecnologias passam a ser utilizadas como substitutas da psicoterapia. No contexto brasileiro, estudos recentes discutem os impactos das IAGs na formação e no exercício profissional da Psicologia, destacando riscos relacionados à confidencialidade, à responsabilização técnica e ao reducionismo da experiência subjetiva humana. **OBJETIVO:** Analisar, na produção científica brasileira recente, os potenciais, riscos éticos e limites do uso da Inteligência Artificial Generativa em contextos associados à psicoterapia, enfatizando a impossibilidade de substituição do cuidado psicológico presencial ou on-line. **MÉTODOS:** Trata-se de uma revisão de literatura realizada por meio de buscas nas bases *Google Acadêmico*, *SciELO* e *PePSIC*, com recorte temporal entre 2021 e 2025. Foram utilizados descritores como “inteligência artificial”, “psicoterapia”, “saúde mental”, “tecnologias digitais” e “ética”. Foram incluídos artigos publicados em periódicos brasileiros que abordassem implicações clínicas, éticas e profissionais da utilização de tecnologias digitais na Psicologia. **RESULTADOS:** Os estudos analisados indicam que a Inteligência Artificial Generativa pode apresentar contribuições quando utilizada como ferramenta complementar, especialmente em ações de psicoeducação, organização de rotinas de autocuidado e ampliação do acesso à informação em saúde mental. Entretanto, emergem riscos significativos relacionados à privacidade de dados sensíveis, ausência de responsabilização profissional clara, possibilidade de dependência emocional e substituição inadequada da psicoterapia. Destaca-se, ainda, a limitação dessas tecnologias na construção de vínculo terapêutico e na compreensão contextualizada do sofrimento psíquico, elementos centrais do processo clínico. Além disso, discute-se que sistemas automatizados não apresentam condições de manejar situações de crise ou de tomar decisões clínicas complexas, o que reforça seus limites enquanto ferramenta terapêutica. **DISCUSSÃO:** A literatura converge para a compreensão de que a psicoterapia constitui um processo relacional fundamentado na escuta qualificada, na singularidade subjetiva e na responsabilidade ética do profissional, dimensões que não podem ser plenamente reproduzidas por sistemas automatizados. Mesmo nas modalidades on-line, a atuação psicológica mantém pressupostos técnicos e éticos específicos que diferenciam a mediação tecnológica da automação do cuidado. O uso indiscriminado da inteligência artificial pode gerar falsa sensação de acolhimento e retardar a busca por acompanhamento profissional adequado, além de promover simplificações da complexidade do sofrimento psíquico. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Conclui-se que a inteligência artificial possui potencial como ferramenta de apoio em saúde mental, porém apresenta limites importantes e riscos éticos que impedem sua utilização como substituta da psicoterapia. Torna-se fundamental, portanto, o desenvolvimento de diretrizes profissionais, pesquisas empíricas e estratégias de educação digital que orientem o uso responsável dessas tecnologias no contexto brasileiro.

CAPÍTULO 48

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL EM SAÚDE MENTAL: DESAFIOS REGULATÓRIOS, PROTEÇÃO DE DADOS E ÉTICA DO CUIDADO

Maryane Francisca Araujo de Freitas Cavalcante¹

João Gabriel Freitas Cavalcante²

Maria Raimunda D'Jesus Neta³

Rafael Ângelo Santos Leite⁴

Gerardo Pereira de Sousa⁵

Carmen Mary Pereira Araujo de Freitas⁶

^{1,2,3,4,5}Instituto Federal do Piauí (IFPI), Teresina, PI, Brasil.

⁶Afya/UNINOVAFAPI, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-6234-6895>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-4803-9956>

³ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-4268-2740>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0129-1407>

⁵ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-2856-7793>

⁶ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-7796-2834>

Área temática: Tecnologias e Inovações em Saúde Mental

Email do autor correspondente: moren.afc@hotmail.com

Palavras-chave: Inteligência Artificial; Saúde Mental; Saúde Digital; Proteção de Dados Pessoais; Ética.

INTRODUÇÃO: A incorporação da inteligência artificial (IA) na saúde mental tem transformado práticas diagnósticas, terapêuticas e de monitoramento por meio de aplicativos móveis, chatbots, triagem automatizada e análise de dados comportamentais. Essas tecnologias ampliam o acesso ao cuidado e favorecem intervenções personalizadas e escaláveis. Entretanto, sua adoção suscita desafios regulatórios e éticos relevantes, especialmente quanto à proteção de dados sensíveis, à transparência algorítmica e aos regimes de propriedade intelectual em contextos de vulnerabilidade psicossocial. **OBJETIVO:** Analisar criticamente os desafios regulatórios da IA aplicada à saúde mental, à luz da proteção de dados pessoais, da propriedade intelectual e da ética do cuidado, discutindo implicações para a inovação responsável e para políticas públicas. **MÉTODOS:** Trata-se de um estudo crítico-reflexivo, fundamentado na análise interdisciplinar de literatura científica publicada entre 2021 e 2026 e de documentos normativos internacionais. Foram considerados estudos sobre saúde mental digital e psiquiatria digital, bem como o relatório da Organização Mundial da Saúde sobre ética e governança da inteligência artificial em saúde (2021), além de produções recentes acerca da regulação da IA e da proteção de dados. A análise foi organizada em três eixos: limites regulatórios da IA em saúde mental; tensões entre propriedade intelectual e transparência algorítmica; e implicações éticas do uso de tecnologias automatizadas no cuidado. **RESULTADOS:** Observou-se que o viés regulatório atual apresenta lacunas diante da rápida expansão das tecnologias digitais em saúde mental, especialmente quando soluções são classificadas como ferramentas de bem-estar e não como dispositivos de saúde. Identificou-se tensão entre a proteção da propriedade intelectual, frequentemente baseada em patentes e segredos industriais, e a necessidade de transparência e explicabilidade dos algoritmos utilizados em decisões clínicas. No campo da proteção de dados, destacou-se a elevada sensibilidade das informações relativas à saúde mental e os riscos associados ao tratamento automatizado, incluindo impactos sobre autonomia, privacidade e possibilidade de discriminação algorítmica. **DISCUSSÃO:** Os achados indicam que a expansão da inteligência artificial na saúde mental exige o fortalecimento de mecanismos de governança tecnológica capazes de acompanhar o ritmo da inovação digital e assegurar proteção adequada aos usuários. Nesse contexto, torna-se fundamental a adoção de instrumentos regulatórios que garantam supervisão humana significativa, direito à explicação das decisões algorítmicas e responsabilização institucional em situações de dano ou erro sistêmico. A ética do cuidado emerge como referencial analítico relevante para orientar a incorporação dessas tecnologias, evitando processos de desumanização das práticas assistenciais mediadas por sistemas automatizados. Reafirma-se, portanto, a centralidade do vínculo terapêutico, da escuta qualificada e do reconhecimento da vulnerabilidade como elementos estruturantes do cuidado em saúde mental, indicando que soluções baseadas em inteligência artificial devem atuar como suporte ao processo clínico e não como substitutas da mediação humana no cuidado. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Conclui-se que a integração da IA na saúde mental requer uma abordagem regulatória específica, articulando proteção de dados sensíveis, transparência algorítmica e equilíbrio entre incentivo à inovação e interesse público. A promoção de uma inovação responsável é essencial para assegurar que as tecnologias digitais contribuam para equidade, dignidade e justiça social no cuidado em saúde mental.



CAPÍTULO 49

INTERVENÇÕES FORMATIVAS NA PROMOÇÃO DE SAÚDE MENTAL NO TRABALHO DOCENTE

Iranary Ohio Silva Almeida¹
Rafael Armando Coutinho Aguiar²
Livia Cristina Silva³
Vitória Fernanda Fernandes Nascimento⁴
Manoela Gomes Reis Lopes⁵
Franciele Machado⁶

^{1,2,3,4,5}Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina, PI, Brasil.

⁶Prefeitura de Guarujá, Guarujá, SP, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-2209-7183>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-1565-4466>

³ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4128-5781>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9700-7599>

⁵ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4262-2871>

⁶ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-7793-9926>

Área temática: Saúde Mental e Trabalho

E-mail do autor correspondente: almeidairanary@gmail.com

Palavras-chave: Docentes; Saúde Mental; Saúde do Trabalhador.

INTRODUÇÃO: O trabalho docente envolve rotinas intensas, com sobrecarga de tarefas e desgastes no ambiente escolar, que produzem cansaço e sofrimento, com repercussões na saúde mental desses profissionais. Para a mudança desse cenário, torna-se essencial a implementação de intervenções sistêmicas, participativas, transformadoras e fundamentadas em teorias de aprendizagem, como, por exemplo, o Laboratório de Mudanças (LM). **OBJETIVO:** Compreender o processo e as condições de trabalho e seus impactos na saúde mental sob a perspectiva de docentes escolares. **MÉTODOS:** Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa e de intervenção formativa com a aplicação do LM. A primeira etapa consistiu na coleta de dados etnográficos obtidos com professores, gestores e comunidade, por meio de entrevistas, observação do trabalho e análise documental. Na segunda etapa, foram realizadas nove sessões coletivas e semanais do LM, com duração de uma hora cada, envolvendo uma média de oito professores, planejadas com base no método da dupla estimulação. A pesquisa foi aprovada pelo CEP/UFPI (CAAE nº 87451725.6.0000.5214). **RESULTADOS:** Durante as sessões do LM, os participantes analisaram coletivamente a atividade docente no CETI e criaram lista de problemas, ciclo vicioso, linha do tempo, sistema de atividade, lista de contradições e propostas para superar os problemas vivenciados que contribuíam para o adoecimento mental. Durante as sessões, os professores reforçaram a percepção de sobrecarga, evidenciando que o acúmulo de funções e responsabilidades vai além do ato de ensinar. A atividade docente está associada a demandas burocráticas, cobranças por resultados e expectativas institucionais, familiares e da comunidade, contribuindo para o aumento do desgaste emocional e psicológico. Além disso, o adoecimento tem sido relacionado ao estresse, decorrente tanto da dinâmica em sala de aula, principalmente pela indisciplina discente, quanto da percepção do baixo envolvimento familiar. Os professores apontaram que uma participação mais ativa das famílias, com oportunidades de escuta e acolhimento, favoreceria melhor comportamento dos alunos, diminuiria o desgaste emocional e contribuiria para a melhoria da saúde mental. **DISCUSSÃO:** O LM cria um espaço em que os participantes identificam, analisam e debatem de forma colaborativa os problemas vivenciados em sua atividade e constroem possíveis propostas para transformar a realidade do seu trabalho. Os professores mostraram envolvimento com as atividades propostas e engajamento nas análises e na criação de soluções durante as sessões do LM. Na análise dos professores, evidenciou-se que a presença de sofrimento mental estava associada às condições de trabalho, como intensificação e sobrecarga, demandas burocráticas e baixo envolvimento das famílias dos alunos. No estudo de Lourenço, Valente e Correa (2020), também foram verificadas situações semelhantes, como falta de apoio, desvalorização profissional e cobranças excessivas, que podem impactar a saúde mental docente. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A saúde mental docente está relacionada às condições e à organização do trabalho escolar. O LM permitiu o aprofundamento da análise das contradições e a construção colaborativa de soluções para a transformação do trabalho, promovendo o engajamento e o envolvimento dos docentes na prevenção de transtornos mentais relacionados ao trabalho.



CAPÍTULO 50

JANEIRO BRANCO E PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL ENTRE TRABALHADORES DA SAÚDE: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Ian Melo Araújo¹
Richardson Martins França²
Márcia Astrês Fernandes³

^{1,2,3}Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-6090-8067>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-7708-0087>

³ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9781-0752>

Área temática: Saúde Mental e Trabalho

E-mail do autor correspondente: ian.araujo@ufpi.edu.br

Palavras-chave: Promoção da Saúde; Trabalhadores da Saúde; Saúde Mental.

INTRODUÇÃO: A saúde mental é um componente essencial do bem-estar e da qualidade de vida, especialmente no contexto do trabalho em saúde, no qual os profissionais estão frequentemente expostos a situações de elevada carga emocional, estresse ocupacional e demandas assistenciais intensas. Esses fatores podem contribuir para o desenvolvimento de sofrimento psíquico, ansiedade, depressão e esgotamento profissional, evidenciando a necessidade de estratégias voltadas à promoção da saúde mental no ambiente de trabalho. Nesse contexto, destaca-se o Janeiro Branco, campanha brasileira criada com o objetivo de sensibilizar a sociedade sobre a importância do cuidado com a saúde mental e estimular reflexões sobre autocuidado e qualidade de vida. No âmbito das instituições de saúde, a campanha também representa uma oportunidade para o desenvolvimento de ações educativas e de sensibilização voltadas aos trabalhadores, favorecendo a conscientização e a promoção do bem-estar psicológico no ambiente laboral. **OBJETIVO:** Relatar a experiência de uma ação educativa voltada à promoção da saúde mental entre trabalhadores da saúde durante a campanha Janeiro Branco em um hospital psiquiátrico. **MÉTODOS:** Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, referente a uma ação de promoção da saúde mental realizada durante a campanha Janeiro Branco em um hospital psiquiátrico. A atividade ocorreu por meio de uma roda de conversa com trabalhadores da instituição, incluindo odontologistas, enfermeiros, técnicos de enfermagem, técnicos administrativos, entre outros profissionais. Durante o encontro, os participantes foram convidados a compartilhar experiências relacionadas ao cuidado aos pacientes e aos desafios do cotidiano laboral, refletindo sobre como essas vivências podem contribuir para o desgaste físico e mental no ambiente de trabalho. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** A roda de conversa promoveu um espaço de escuta e troca de experiências entre os profissionais participantes. Durante a atividade, foram relatados desafios relacionados à sobrecarga de trabalho, às demandas emocionais do cuidado aos pacientes e ao desgaste físico e mental no ambiente laboral. A discussão favoreceu a reflexão sobre a importância do autocuidado e da promoção da saúde mental entre os trabalhadores, destacando a necessidade de iniciativas institucionais, como a realizada, voltadas ao bem-estar no trabalho. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A ação realizada durante o Janeiro Branco mostrou-se uma estratégia relevante para estimular o diálogo e a reflexão sobre a saúde mental entre trabalhadores da saúde. A roda de conversa possibilitou a troca de experiências e o reconhecimento dos desafios presentes no cotidiano laboral, contribuindo para a valorização do autocuidado e do apoio entre os profissionais. Destaca-se, portanto, a importância de iniciativas institucionais que promovam espaços de escuta e ações voltadas ao cuidado com a saúde mental no ambiente de trabalho.



CAPÍTULO 51

MANUAL DE ORIENTAÇÃO ACADÊMICA COMO FERRAMENTA DE APOIO À PERMANÊNCIA DE GRADUANDOS DE ENFERMAGEM

Camily Gabriely da Costa Borges¹
Amanda Alves de Alencar Ribeiro²
João Paulo Barros Ibiapina³
Márcia Astrês Fernandes⁴

^{1,2,3,4}Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-4948-2614>

²ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5729-6063>

³ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1791-7774>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9781-0752>

Área temática: Tecnologias e Inovações em Saúde Mental;

E-mail do autor correspondente: camilyborges14@gmail.com

Palavras-chave: Evasão Escolar; Estudantes de Enfermagem; Universidades; Tecnologia Educacional.

INTRODUÇÃO: O ingresso no ensino superior representa um período de transição na vida do estudante, marcado por mudanças nas rotinas, responsabilidades e formas de aprendizagem. Nesse processo, os graduandos precisam desenvolver novas habilidades cognitivas, sociais e emocionais para lidar com as demandas acadêmicas. No curso de Enfermagem, esse cenário pode tornar-se ainda mais desafiador devido à carga horária intensa, ao contato precoce com situações de sofrimento humano e às exigências acadêmicas. Quando a adaptação ocorre de forma difícil, podem surgir impactos na saúde mental dos estudantes, como sintomas ansiosos, de estresse e sensação de insegurança, fatores que podem contribuir para o abandono do curso. Além disso, a falta de informações claras sobre o funcionamento da universidade e das rotinas acadêmicas pode intensificar as dificuldades enfrentadas pelos estudantes ingressantes. Nesse contexto, o uso de tecnologias educativas tem sido apontado como estratégia para apoiar a adaptação ao ensino superior e favorecer a integração do estudante à vida universitária. **OBJETIVO:** Descrever a etapa inicial de elaboração de um manual de orientação acadêmica como recurso de apoio à permanência de graduandos de Enfermagem no ensino superior. **MÉTODOS:** Trata-se de um estudo metodológico, que descreve a etapa inicial de construção de um manual de orientação acadêmica, realizada por meio de uma revisão narrativa da literatura e elaborada a partir da seleção de estudos nas bases de dados *PubMed*, *SciELO* e Biblioteca Virtual em Saúde. Foram utilizados os descritores controlados: “Evasão escolar”, “Estudantes de Enfermagem”, “Universidades” e “Tecnologia educacional”. Como critérios de inclusão, consideraram-se artigos científicos revisados por pares e disponíveis na íntegra, além de teses e dissertações relacionadas ao objetivo do estudo. Foram incluídos estudos publicados entre 2018 e 2025, nos idiomas português, inglês e espanhol. Como critérios de exclusão, definiram-se artigos duplicados e estudos que não abordassem diretamente a temática proposta. Sete artigos foram incluídos na amostra final desta revisão. **RESULTADOS:** Os estudos analisados indicam que ferramentas educativas podem contribuir para facilitar a adaptação do estudante ao ambiente universitário. O manual de orientação acadêmica destaca-se por reunir informações de forma organizada e acessível, auxiliando na compreensão das rotinas acadêmicas e normas institucionais. A disponibilização de orientações claras sobre o funcionamento do curso e da universidade pode reduzir dúvidas e inseguranças comuns no início da graduação, além de favorecer maior autonomia no planejamento da trajetória acadêmica. **DISCUSSÃO:** A organização de informações em materiais educativos pode favorecer a integração do estudante ao ambiente universitário, contribuindo para uma adaptação mais segura à vida acadêmica. A literatura aponta que o acesso a orientações sobre rotinas institucionais, serviços de apoio e oportunidades acadêmicas auxilia os graduandos na compreensão das demandas do ensino superior. Assim, o manual de orientação acadêmica pode atuar como um recurso de apoio que facilita o acesso às informações e fortalece o vínculo do estudante com a instituição. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A elaboração de tecnologias educativas é fundamental para diversificar ações de prevenção à evasão na Enfermagem. O manual proposto configura-se como recurso de suporte acadêmico, oferecendo maior segurança para que o graduando gerencie sua trajetória com menor sobrecarga emocional. Conclui-se que investir em ferramentas de orientação é essencial para promover a permanência estudantil e o bem-estar no contexto universitário.

CAPÍTULO 52

MURAL DOS SONHOS COMO ESTRATÉGIA DE PROTAGONISMO EM UM CAPS

Amanda Cristina Rodrigues Silva¹
Maria Eduarda Mendes Pinto Coelho²
Stefany Lourana de Sousa e Silva³
Lorena Uchoa Portela Veloso⁴

^{1,2,3}Graduanda de Enfermagem pela Universidade Estadual do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

⁴Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-6389-0381>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-2718-5467>

³ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-8550-7454>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8062-3624>

Área temática: Saúde Mental e Bem-Estar

E-mail do autor correspondente: amandacristinarsilva@aluno.uespi.br

Palavras-chave: Saúde Mental; Centros de Atenção Psicossocial; Reabilitação Psicossocial; Terapia pela Arte.

INTRODUÇÃO: A Reforma Psiquiátrica Brasileira consolidou o modelo de atenção psicossocial, orientado pelo cuidado integral às pessoas em sofrimento psíquico e pela superação de práticas centradas exclusivamente na medicalização. Nesse cenário, os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) atuam na promoção da autonomia e da reinserção social por meio de estratégias territoriais e coletivas. Atividades artísticas e autoexpressivas destacam-se por favorecer a expressão de sentimentos, a ressignificação do sofrimento e a construção de projetos de vida. Nessa perspectiva, o “Mural dos Sonhos”, ferramenta de visualização criativa baseada na representação de metas por imagens e frases, apresenta-se como recurso potencial para fortalecer a esperança e o protagonismo. **OBJETIVO:** Relatar a experiência de estagiárias de enfermagem na utilização do “Mural dos Sonhos” como ferramenta de fortalecimento do protagonismo em usuários de um CAPS. **MÉTODOS:** Trata-se de um relato de experiência desenvolvido durante estágio supervisionado em um CAPS II, no município de Teresina-PI. A atividade foi realizada em um único encontro, com duração de duas horas, durante momento grupal já instituído no serviço, contando com a participação de 12 usuários adultos, com frequência regular ou eventual. Inicialmente, realizou-se uma explanação sobre sonhos, metas e a proposta do “Mural dos Sonhos”. Em seguida, disponibilizaram-se revistas, imagens, cola e canetas para a construção individual dos murais, em mesa coletiva, favorecendo a interação. Ao final, os participantes puderam compartilhar suas produções, optando por expô-las no serviço ou levá-las para casa. **RESULTADOS:** A atividade apresentou ampla aceitação entre os participantes, que demonstraram entusiasmo e disposição para participar. Embora alguns usuários tenham se mostrado inicialmente tímidos, observou-se progressivo envolvimento ao longo do encontro. A dinâmica coletiva favoreceu a interação, a troca de materiais e o compartilhamento de ideias. Cada participante expressou seus desejos e metas de acordo com sua singularidade, evidenciando interesses relacionados à família, ao trabalho, à espiritualidade e ao bem-estar. Usuários que apresentavam maiores limitações cognitivas receberam suporte das estagiárias, preservando sua autonomia e liberdade criativa. Ao final, percebeu-se satisfação geral com as produções realizadas, evidenciada pela alegria em apresentar os murais e pela decisão de alguns em expô-los no serviço. **DISCUSSÃO:** Os achados observados corroboram a literatura que aponta as atividades autoexpressivas como estratégias potentes no cuidado em saúde mental, por favorecerem a criatividade, a expressão subjetiva e o fortalecimento de vínculos. A participação ativa dos usuários e a interação coletiva evidenciam o potencial dessas práticas na promoção do protagonismo e da autonomia, princípios centrais do modelo psicossocial. A possibilidade de projetar metas futuras por meio da visualização criativa configura-se como recurso facilitador da esperança e do enfrentamento do sofrimento psíquico. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Conclui-se que o “Mural dos Sonhos” configurou-se como uma estratégia simples e viável no contexto do CAPS, contribuindo para a expressão de metas, o fortalecimento do protagonismo e o estímulo à esperança. A experiência evidencia o potencial de práticas criativas e autoexpressivas como dispositivos terapêuticos no cuidado psicossocial, reforçando a importância de intervenções que valorizem singularidades e projetos de vida.



CAPÍTULO 53

O IMPACTO DA DEPENDÊNCIA DIGITAL NO DESEMPENHO ACADÊMICO: REVISÃO INTEGRATIVA

Maria Sinara Costa da Assunção¹
Haissa Gabrielly Gomes da Silva²
Élida Mercedes de Cerqueira Carvalho³
Vanessa Sousa Bastos⁴
Andreza da Silva Fontinele⁵
Giovanna de Oliveira Libório Dourado⁶

^{1,2,3,4,5}Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

⁶Doutora em Enfermagem. Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil. ORCID

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-9938-0923>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-4000-4477>

³ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-7698-6776>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3935-221X>

⁵ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3239-357X>

⁶ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6570-8689>

Área temática: Saúde Mental na Contemporaneidade e Sociedade

E-mail do autor correspondente: maria.assuncao@ufpi.edu.br

Palavras-chave: Desempenho Acadêmico; Estudantes; Transtorno de Adição à Internet; Universidades.

INTRODUÇÃO: Diante das exigências acadêmicas, estudantes universitários frequentemente recorrem à internet como estratégia de enfrentamento do estresse e do esgotamento mental. Entretanto, a dificuldade em controlar o tempo de uso e a necessidade constante de conexão podem levar à imersão prolongada no ambiente digital, favorecendo o desenvolvimento do uso problemático da internet e impactando negativamente o rendimento acadêmico. Um estudo multicêntrico realizado em 32 países identificou que aproximadamente 24% dos participantes apresentaram indicadores compatíveis com uso problemático de redes sociais, sendo os universitários um dos grupos mais vulneráveis. O uso excessivo de dispositivos digitais tem sido associado a prejuízos psicológicos e comportamentais, como dificuldades de concentração, redução da capacidade de discernimento e queda no desempenho acadêmico. Além disso, a superexposição às tecnologias pode comprometer a socialização no ambiente universitário, afetar o bem-estar emocional e fragilizar os vínculos institucionais, aumentando a vulnerabilidade à evasão. **OBJETIVO:** Identificar os impactos da dependência digital no desempenho acadêmico e na adaptação ao ensino superior de estudantes universitários. **MÉTODOS:** Revisão integrativa da literatura, estruturada pela estratégia PICO, pelo fluxograma *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA) e pela ferramenta *Rayyan*, realizada por dois revisores independentes. A estratégia de busca foi elaborada por meio dos operadores booleanos "AND" e "OR" e dos caracteres curinga dos *Medical Subject Headings* (MeSH) e dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), sendo aplicada às bases de dados *Scopus*, *Web of Science*, *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MEDLINE), via *National Library of Medicine National Institutes of Health* (PubMed), Base de Dados de Enfermagem (BDENF) e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), via Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Para a elegibilidade, foram incluídos artigos originais disponíveis na íntegra, publicados nos últimos 10 anos, nos idiomas inglês, português ou espanhol, que respondessem à questão de pesquisa. Foram excluídos estudos de revisão, editoriais, artigos de opinião, monografias, dissertações, teses, textos incompletos e artigos fora do recorte temporal estabelecido. A concordância inicial entre os avaliadores foi de 62%, resultando na definição da amostra final de 09 estudos. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** A análise aponta evidências relevantes acerca da dependência digital entre universitários, associada ao sofrimento psicológico, como ansiedade, estresse e depressão. Os achados demonstram impacto negativo no desempenho acadêmico, seja por interrupções funcionais, redução do engajamento ou mediação por fatores emocionais. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A dependência digital exerce impactos diretos e indiretos no desempenho acadêmico, estando associada ao sofrimento psicológico e a prejuízos no desenvolvimento e na permanência estudantil. Ressalta-se a importância de investigações mais consistentes e da implementação de estratégias que promovam o uso equilibrado das tecnologias e a saúde mental.

CAPÍTULO 54

O IMPACTO DA PSICOTERAPIA ONLINE NA SAÚDE MENTAL CONTEMPORÂNEA: DESAFIOS E POTENCIALIDADES

Valéria Carvalho Lima Santos¹

Yasmin de Carvalho Leal²

Lorena Barbosa Alcântara³

Stefany Karoline Figueredo Gonçalves do Rêgo⁴

Vinicius Lima Costa⁵

Rita de Cássia da Silva Alves⁶

^{1,2,3,4,5}Universidade Estadual do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

⁶Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-2594-8105>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-0688-1536>

³ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-8586-234X>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-6138-6916>

⁵ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-9556-7047>

⁶ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-7476-4285>

Área temática: Tecnologias e Inovações em Saúde Mental

E-mail do autor correspondente: valeriacarvalholima3@gmail.com

Palavras-chave: Psicoterapia; Saúde Mental; Telepsicologia; Telepsicoterapia.

INTRODUÇÃO: O progresso significativo na área da tecnologia da informação, somado à crescente facilidade de acesso às Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), tem ampliado as modalidades de trabalho para o psicólogo. Entre elas, destaca-se a psicoterapia realizada pela internet, que se tornou uma ferramenta emergente para a promoção da saúde mental durante a pandemia da COVID-19. Nesse sentido, a Resolução nº 9 do Conselho Federal de Psicologia (CFP), de 2024, regulamenta a prestação de serviços psicológicos realizados por meio das TICs, evidenciando a relevância dessa modalidade de atendimento. **OBJETIVOS:** Investigar as principais vantagens, possibilidades e desafios decorrentes da implementação da psicoterapia online no campo da promoção da saúde mental. **MÉTODOS:** Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, realizada por meio de buscas nas bases *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS – *Index Psicologia/LILACS*) e Plataforma de Periódicos da CAPES, considerando o período de 2022 a 2026. Os critérios de inclusão contemplaram artigos científicos publicados nos últimos cinco anos, disponíveis na íntegra, de acesso gratuito e pertinentes ao tema. Foram excluídos estudos de outros delineamentos e aqueles que divergiam do objetivo da pesquisa. A análise ocorreu em três etapas: (1) leitura dos títulos; (2) leitura dos resumos e objetivos; e (3) leitura integral dos artigos selecionados. A amostra final compreendeu 9 estudos. **RESULTADOS:** A literatura apresenta, como possibilidades e vantagens da psicoterapia online, a ampliação da flexibilização de horários e do alcance geográfico, a redução de custos de natureza econômica, em razão da ausência de deslocamento, e a possibilidade de levar o atendimento a locais onde não há oferta de cuidados em saúde mental, especialmente durante o período pandêmico. Ademais, observou-se aumento da desinibição nesse formato de atendimento, resultando em uma postura mais aberta e sincera por parte dos clientes. No que tange aos desafios, foram identificadas insegurança quanto ao atendimento, incertezas acerca da garantia do sigilo e das condições do ambiente escolhido pelo cliente para participar da sessão, dúvidas de natureza técnica e/ou ética, bem como dificuldades na compreensão das recomendações estabelecidas para o atendimento remoto. **DISCUSSÃO:** Destarte, a psicoterapia online apresenta potencial para promover inclusão social e ampliar o acesso aos serviços de saúde mental em contextos nos quais o atendimento presencial seria mais difícil. Isso ocorre porque proporciona oportunidades de assistência a pessoas com dificuldades de mobilidade, limitações de tempo e residentes em localidades rurais ou em contextos de vulnerabilidade social, além de favorecer a redução de custos. Entretanto, faz-se necessário o conhecimento técnico, crítico e ético acerca do uso das TICs nessa modalidade de atendimento, bem como a adoção de comunicação assertiva nas orientações fornecidas e o alinhamento prévio das condições necessárias para a realização da psicoterapia. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A psicoterapia online transcende a barreira da distância, consolidando-se como uma ferramenta de democratização do acesso à saúde mental. Todavia, sua eficácia não depende apenas da tecnologia, mas também da competência ética e técnica do profissional no uso das TICs. É imperativa uma formação que incorpore o letramento digital e o manejo das vulnerabilidades específicas do ambiente virtual, sendo igualmente inerente aos dispositivos de fiscalização e assistência ao psicólogo promover condições que assegurem uma atuação ética, a responsabilidade técnica individual, a expansão do acesso, a garantia do sigilo e a qualidade do vínculo terapêutico.



CAPÍTULO 55

PAPEL DO ENFERMEIRO NAS URGÊNCIAS DE CRISE PSIQUIÁTRICAS

Guilherme Santana Araújo¹

Annyeale da Silva Barradas²

Gisele Mendes Moura³

Danilo Moreira Pereira Barros⁴

Bianca Letícia Ribeiro Lima⁵

Thallysson Patrick de Oliveira Macêdo Moura⁶

^{1,2,3,4,5,6}Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3056-0538>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-9051-2492>

³ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-6961-0456>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-5212-7912>

⁵ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9357-4534>

⁶ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7181-1618>

Área temática: Práticas Clínicas Disruptivas e Humanizadas

E-mail do autor correspondente: guilhermesantana20020108@gmail.com

Palavras-chave: Enfermagem Psiquiátrica; Saúde Mental; Enfermagem em Emergência; Cuidados de Enfermagem.

INTRODUÇÃO: A emergência psiquiátrica é uma perturbação aguda do comportamento, do pensamento ou do humor de um paciente que, se não tratada, pode causar danos tanto ao indivíduo quanto às pessoas em seu entorno. Assim, a definição de emergência psiquiátrica difere das demais emergências médicas, pois leva em consideração também o risco de danos à sociedade. As emergências podem ser classificadas como graves, quando há risco à vida do paciente ou de outras pessoas em seu entorno, ou leves, quando não há ameaça à vida, mas ocorre incapacitação grave. Dessa forma, torna-se necessário o desenvolvimento de práticas em saúde que promovam o acolhimento e contribuam para o fortalecimento do vínculo do usuário com o serviço e a equipe. Dentre os profissionais que compõem as equipes multiprofissionais de saúde que atuam no atendimento às situações de emergência psiquiátrica, destacam-se as equipes de enfermagem, que atuam na linha de frente da assistência. Nesse sentido, a presença do enfermeiro nos serviços de saúde mental é crucial, tanto para a prestação de cuidados e gestão quanto para o desenvolvimento dos serviços. **OBJETIVO:** Analisar os cuidados do enfermeiro em situações de urgência e emergência psiquiátrica. **MÉTODOS:** Trata-se de uma revisão integrativa. A busca ocorreu no mês de fevereiro de 2026, nas bases de dados *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*, *Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS)* e *Banco de Dados em Enfermagem (BDENF)*, acessadas por meio da *Biblioteca Virtual em Saúde (BVS)*. Utilizaram-se os descritores controlados e não controlados “Enfermagem Psiquiátrica”, “Saúde Mental” e “Enfermagem em Emergência”, disponíveis nos *Descritores em Ciências da Saúde (DeCS)*. Para a base *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE)*, foram empregados os descritores controlados e não controlados “*Psychiatric Nursing*”, “*Mental Health*” e “*Emergency Nursing*”, disponíveis no *Medical Subject Headings (MeSH)*, mediante o uso do operador booleano “AND”. Os critérios de inclusão adotados foram: artigos originais, publicados nos últimos cinco anos e disponíveis na íntegra, sem restrição de idioma. Como critérios de exclusão, consideraram-se trabalhos duplicados, resumos, monografias, dissertações, teses, artigos de revisão e estudos que não contemplassem a temática central da pesquisa. Identificaram-se 302 artigos na amostra inicial, dos quais 32 atenderam aos critérios de triagem e, ao final, 13 foram selecionados para compor esta revisão. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Os achados apontam que o cuidado ainda é predominantemente pautado na estabilização sintomatológica e em medidas coercitivas, visando à sedação e à rápida internação, o que revela fragilidades na articulação entre a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) e a Rede de Urgência e Emergência (RUE). O enfermeiro destaca-se como líder da equipe, sendo o descalonamento verbal, a escuta qualificada e a classificação de risco ferramentas essenciais para reduzir o estigma e a necessidade de contenção mecânica. Contudo, lacunas na formação acadêmica e a sobrecarga das unidades de atendimento comprometem a assistência integral. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Conclui-se que a atuação do enfermeiro nas urgências e emergências psiquiátricas constitui elemento fundamental para a promoção de um cuidado seguro, humanizado e resolutivo em saúde mental.



CAPÍTULO 56

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS ÓBITOS POR LESÕES AUTOPROVOCADAS INTENCIONALMENTE NO PIAUÍ, 2014-2024

Thallysson Patrick de Oliveira Macêdo Moura¹

Annyeale da Silva Barradas²

Gisele Mendes Moura³

Francisco Reginaldo da Silva Júnior⁴

Maria Aparecida Viana de Sousa⁵

Marcia Astrês Fernandes⁶

^{1,2,3,4,5,6}Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7181-1618>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-9051-2492>

³ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-6961-0456>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6399-452X>

⁵ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7019-2402>

⁶ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9781-0752>

Área temática: Temas transversais

E-mail do autor correspondente: thallyssonommoura@gmail.com

Palavras-chave: Epidemiologia; Mortalidade; Autolesão Intencional; Suicídio.

INTRODUÇÃO: As mortes decorrentes de lesões autoprovocadas representam um desafio sensível para a saúde pública global, impactando severamente indivíduos em sofrimento mental. Para além da dor social imensurável, essas perdas expõem fragilidades estruturais que ampliam a vulnerabilidade ao suicídio. Essa realidade é alarmante no Brasil, onde esse agravo figurou como a quarta principal causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos na última década. No Piauí, o cenário é ainda mais crítico, com um aumento de 63,88% nas ocorrências entre 2012 e 2021, o que reitera a urgência de investigações e de políticas públicas voltadas à proteção desse público e à redução de óbitos evitáveis. **OBJETIVO:** Analisar o perfil epidemiológico da mortalidade por lesões autoprovocadas intencionalmente em indivíduos com 10 anos ou mais no Piauí, entre 2014 e 2024. **MÉTODOS:** Trata-se de um estudo descritivo, analítico e de série temporal, realizado no estado do Piauí. Utilizaram-se dados secundários, de acesso público, extraídos em janeiro de 2026 do Sistema de Informações sobre Mortalidade do Ministério da Saúde, por meio do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DataSUS). Os dados foram organizados em planilhas e submetidos à análise estatística descritiva das frequências absolutas e relativas, sendo apresentados na forma de tabelas e gráficos. **RESULTADOS:** Foram registrados 3.631 óbitos, com maior frequência entre indivíduos de 20 a 29 anos (21,81%), do sexo masculino (78,68%) e autodeclarados pardos (69,56%). A principal causa, segundo a classificação da Categoria CID-10, foi lesão autoprovocada intencionalmente por enforcamento, estrangulamento e sufocação (X70), com 2.902 casos (79,92%). A região de saúde Entre Rios concentrou 33,48% dos óbitos. **DISCUSSÃO:** A análise dos dados indica que a elevada mortalidade masculina, associada ao uso de métodos de alta letalidade, como o enforcamento, pode estar vinculada a barreiras culturais que dificultam a busca precoce por suporte psicológico entre homens, resultando em atos de fácil acesso e difícil reversão. Esse cenário é agravado pelo estigma e pela subnotificação das autoagressões e do suicídio, fatores que dificultam o acesso à ajuda preventiva. Ademais, o pico de ocorrências na faixa etária de 20 a 29 anos sugere que as pressões inerentes à transição para a vida adulta, somadas à eclosão de transtornos mentais graves, potencializam o risco por meio da interação entre predisposição genética e fatores ambientais. Paralelamente, a prevalência de óbitos entre indivíduos pardos evidencia vulnerabilidades socioestruturais e desigualdades no acesso aos serviços de saúde. Por fim, a concentração geográfica na região de Entre Rios pode refletir tanto o estresse social dos centros urbanos quanto uma maior eficiência dos sistemas locais de notificação. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Os números referentes à mortalidade por lesões autoprovocadas no Piauí demonstram a necessidade de maiores investimentos em políticas públicas preventivas, com foco nos grupos mais afetados. Os óbitos revelam fragilidades no suporte emocional e na rede de proteção à saúde mental. Assim, faz-se necessário ampliar ações articuladas de saúde mental, inclusão social e prevenção do suicídio, visando à proteção da população e à redução de sua vulnerabilidade.



CAPÍTULO 57

PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES EM HOSPITAL PSIQUIÁTRICO EM TERESINA (PI): RELATO DE EXPERIÊNCIA

Felipe Galvão Machado¹

Maria Eduarda Mendes Pinto Coelho²

Francisco Gauniê de Sousa Pessôa³

¹Doutor em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

²Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estadual do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

³Mestre em Ciências e Saúde pela Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1291-3328>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-2718-5467>

³ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6630-3405>

Área temática: Práticas Integrativas e Complementares em Saúde Mental

E-mail do autor correspondente: felipegalvaomachado@gmail.com

Palavras-chave: Assistência à Saúde Mental; Sistema Único de Saúde; Métodos Terapêuticos Complementares.

INTRODUÇÃO: No âmbito da atenção psicossocial, a terapêutica farmacológica é relevante para o controle e a estabilização dos sintomas, sobretudo em períodos de crise. Todavia, o cuidado destinado a pessoas em sofrimento psíquico, dada sua complexidade, frequentemente requer intervenções que ultrapassem o controle sintomático isolado. Nesse sentido, no contexto do Sistema Único de Saúde (SUS), as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), como a musicoterapia e a acupuntura, podem constituir recursos integrados ao plano terapêutico, com vistas a qualificar o cuidado, favorecer a retomada progressiva das atividades cotidianas, fortalecer o vínculo terapêutico e promover maior conexão do usuário com o território e sua rede de apoio. **OBJETIVO:** Relatar as impressões de graduandos de Enfermagem sobre o cuidado a pacientes em sofrimento psíquico após a realização de musicoterapia e acupuntura como complementação ao tratamento farmacológico, em hospital público de referência em saúde mental, em Teresina (PI). **MÉTODOS:** Estudo qualitativo, descritivo-reflexivo, do tipo relato de experiência, desenvolvido por graduandos de Enfermagem selecionados por meio de processo da Secretaria de Estado da Saúde do Piauí (SESAPI) para estágio extracurricular em hospital público de referência em saúde mental, em Teresina (PI), no período de novembro de 2025 a fevereiro de 2026. As reflexões foram elaboradas a partir de impressões subjetivas e observacionais acerca do uso das PICS, especialmente da musicoterapia e da acupuntura, como complementação ao tratamento psiquiátrico farmacológico. **RESULTADOS:** Após as sessões de musicoterapia, realizadas nos períodos matutino e vespertino, em setores de internação e em espaços comunitários de convivência, os pacientes apresentaram, em geral, maior relaxamento, sinais de bem-estar e maior disponibilidade para interação com a equipe multiprofissional. Em relação à acupuntura, observaram-se percepções e relatos de alívio da dor e redução do desconforto respiratório, sugerindo benefício potencial quando ofertada de forma continuada e articulada ao plano terapêutico ao longo do tempo. **DISCUSSÃO:** A musicoterapia e a acupuntura configuram-se como dispositivos de cuidado potencialmente benéficos no campo da saúde mental. No âmbito deste hospital, observa-se que tais práticas se inserem de maneira concreta na rotina assistencial, compondo o conjunto de ações ofertadas aos pacientes e contribuindo para a qualificação do cuidado no cotidiano da instituição. A incorporação das PICS ao cuidado assistencial, por sua vez, não se constrói de forma isolada, mas é sustentada por orientação e planejamento coletivos, em articulação com as demais categorias da equipe multiprofissional, a fim de assegurar sua integração ao projeto terapêutico e sua adequação às singularidades de cada paciente acompanhado pela instituição. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Ao favorecer o acesso às PICS como parte integrante da assistência em saúde mental, a enfermagem contribui para a consolidação de um cuidado mais empático e holístico, ancorado no reconhecimento dos determinantes sociais que incidem sobre a saúde do indivíduo. Nesse contexto, à medida que o paciente se reconhece como sujeito ativo do próprio cuidado, tende a fortalecer o vínculo com a equipe multiprofissional, ampliando sua participação no processo terapêutico. Tal protagonismo favorece a corresponsabilização pelas propostas assistenciais, sustentando um acompanhamento longitudinal mais consistente, atento às singularidades e à dimensão social do usuário.



CAPÍTULO 58

PROFISSIONAIS, ARTEFATOS E SENTIDOS MOVENTES DO CUIDADO EM SAÚDE MENTAL NO PERÍODO PERINATAL

Valéria Raquel Alcantara Barbosa¹

¹Nova Maternidade Dona Evangelina Rosa, Secretaria de Estado da Saúde do Piauí. Associação Reabilitar, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9281-740X>

Área temática: Tecnologias e Inovações em Saúde Mental

E-mail do autor correspondente: valeryalca@gmail.com

Palavras-chave: Protocolo de Tratamento; Intervenção em Crise; Assistência em Saúde Mental; Cuidado Perinatal; Hospital Maternidade.

INTRODUÇÃO: Crise psíquica, transtorno mental, uso prejudicial de álcool e/ou outras drogas, autolesão sem intenção suicida, tentativa de suicídio e vitimização por violência interpessoal circunscrevem graves fatores de risco no ciclo gravídico-puerperal para o binômio mãe-bebê. Nessa contextura, o cuidado em saúde mental deve ser compreendido como um processo dinâmico, movente, relacional e politicamente situado, no qual se negociam normas sociais, saberes técnicos e experiências singulares. **OBJETIVO:** Analisar as práticas profissionais, os artefatos e os sentidos dos cuidados psicológicos perinatais a partir da experiência de atuação psicológica nos leitos de saúde mental de um Hospital-Maternidade de alta complexidade integrante da Rede SUS. **MÉTODOS:** Trata-se de um estudo descritivo, de abordagem qualitativa, do tipo relato de experiência, referente ao trabalho como psicóloga, membro da equipe assistencial de referência dos leitos de saúde mental, em uma maternidade de ensino e alta complexidade, componente da rede estadual do SUS, situada em Teresina, Piauí, Brasil. **RESULTADOS:** A experiência está em andamento desde o ano de 2022, cumprindo-se carga horária de 30 horas semanais, em regime diurno. A rotina de assistência psicológica especializada no cuidado a gestantes e puérperas internadas em leitos de saúde mental, além de contemplar demandas alusivas a quadros psicopatológicos e disfuncionais, acolhe mulheres em situação de comportamento autolesivo sem intenção suicida, tentativa de suicídio e violência interpessoal. A atuação abrange ações de avaliação, diagnóstico, psicoterapia breve focal, enfoque às urgências, intervenções em crise psíquica e articulação com pontos de atenção da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS). Engloba também protagonismo em atividades de supervisão docente-assistencial, tutoria e preceptoria; participação em iniciativas de educação permanente em saúde; elaboração de protocolos de psicologia hospitalar; e produção e orientação de pesquisas e artigos científicos. **DISCUSSÃO:** Os cuidados psicológicos perinatais destinados a gestantes e puérperas internadas em leitos de saúde mental de Hospital-Maternidade de alta complexidade, referência em alto risco, demandam uma visão caleidoscópica, sensível e holística para o diagnóstico e o manejo dos quadros psicopatológicos e disfuncionais, bem como para a valorização das idiossincrasias das demandas associadas ao sofrimento, à crise psíquica, ao transtorno mental, ao uso prejudicial de álcool e/ou outras drogas, à autolesão sem intenção suicida, à crise suicida e à vitimização por violência interpessoal. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** As práticas profissionais, os artefatos e os sentidos moventes dos cuidados perinatais em leitos de saúde mental reclamam uma égide pautada na integralidade, na humanização e na amorosidade; bem como uma postura ética, estética, crítica, política e emancipatória, que reconheça as pessoas assistidas como protagonistas, detentoras de voz e vez, de fato e em ato. Deveras, exigem respeito aos modos de vida e ao território das usuárias; ênfase na aliança entre a tríade paciente-equipe-acompanhante/familiar; legitimação das interseccionalidades e das vulnerabilidades múltiplas que atravessam as experiências subjetivas de mulheres no ciclo gravídico-puerperal; e atenção aos desafios intrínsecos às itinerâncias necessárias ao seguimento longitudinal do cuidado nos pontos da RAPS, realisticamente articulados à Rede Alyne.

CAPÍTULO 59

PRESENTEÍSMO ENTRE TRABALHADORES DE ENFERMAGEM: FATORES RELACIONADOS E AS IMPLICAÇÕES PARA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

Gisele Mendes Moura¹

Annyeale da Silva Barradas²

Sara de Moura Andrade Santos³

Thallysson Patrick de Oliveira Macêdo Moura⁴

Márcia Astrês Fernandes⁵

^{1,2,3,4,5}Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-6961-0456>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-9051-2492>

³ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-0948-4247>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7181-1618>

⁵ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9781-0752>

Área temática: Saúde Mental e Trabalho

E-mail do autor correspondente: giselemouramendes@gmail.com

Palavras-chave: Enfermagem; Presenteísmo; Estresse Ocupacional.

INTRODUÇÃO: O presenteísmo caracteriza-se pela permanência do profissional no ambiente de trabalho mesmo diante de problemas de saúde, o que impacta negativamente sua produtividade e a qualidade da assistência prestada. Embora frequentemente associado a doenças físicas e transtornos mentais, o fenômeno também está relacionado a fatores pessoais e organizacionais, como pressões institucionais, compromisso profissional e receio de prejuízos à carreira. Nesse contexto, o presenteísmo entre trabalhadores de enfermagem destaca-se como uma problemática relevante, considerando o papel central desses profissionais na segurança do paciente e na qualidade do cuidado em saúde. **OBJETIVOS:** Discutir, a partir da literatura científica, os fatores relacionados ao presenteísmo entre trabalhadores de enfermagem e suas implicações para a saúde e a assistência. **MÉTODOS:** Trata-se de uma revisão integrativa, desenvolvida a partir da questão norteadora: “Quais fatores contribuem para o presenteísmo entre profissionais da enfermagem?”. A pesquisa possui abordagem descritiva e exploratória, realizada na base de dados *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE)*. Para a busca, utilizaram-se os descritores em inglês “*Nursing*”, “*Presenteeism*” e “*Occupational Stress*”, disponíveis no *Medical Subject Headings (MeSH)*, combinados por meio do operador booleano “AND”. Foram incluídos artigos originais completos, publicados nos últimos cinco anos, no idioma inglês, que abordassem o presenteísmo em profissionais de enfermagem e sua relação com o estresse ocupacional. Como critérios de exclusão, foram desconsiderados artigos duplicados, estudos indisponíveis na íntegra e aqueles que não respondiam à questão norteadora. A busca resultou em 33 artigos, dos quais três foram selecionados por atenderem aos critérios estabelecidos. Após a leitura dos títulos, resumos e textos completos, os estudos considerados mais relevantes foram incluídos para compor o presente resumo. **RESULTADOS:** Os estudos analisados evidenciam que os enfermeiros desempenham papel central na coordenação e na prestação de cuidados, sendo essenciais para a garantia da segurança do paciente. Entretanto, múltiplas demandas assistenciais, recursos limitados, elevadas cargas de trabalho e ambientes organizacionais desfavoráveis dificultam a execução integral do cuidado planejado. Observou-se que o presenteísmo compromete a saúde física e mental dos profissionais, estando associado ao estresse ocupacional, além de impactar negativamente a qualidade da assistência, a segurança do paciente e a eficiência organizacional. **DISCUSSÃO:** Os achados demonstram que o presenteísmo na enfermagem está diretamente relacionado a condições laborais adversas e a fatores psicossociais que intensificam o estresse ocupacional. A permanência no trabalho mesmo diante do adoecimento favorece o agravamento da fadiga física e emocional, podendo desencadear a síndrome de *burnout* e comprometer progressivamente a saúde do trabalhador. Além disso, evidencia-se que o presenteísmo não se limita a uma questão individual, mas reflete fragilidades organizacionais, impactando a qualidade da assistência, a segurança do paciente e a sustentabilidade dos serviços de saúde. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Conclui-se que o presenteísmo na enfermagem é um fenômeno multifatorial, associado a fatores individuais e organizacionais, com impactos diretos na saúde do profissional e na segurança do paciente. Torna-se essencial investir em estratégias institucionais que promovam melhores condições de trabalho e a prevenção do estresse ocupacional, visando à qualidade da assistência e ao bem-estar dos trabalhadores.



CAPÍTULO 60

PROMOÇÃO DA SAÚDE BUCAL EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: CONTRIBUIÇÕES DA NEUROCIÊNCIA COMPORTAMENTAL EM ESTRATÉGIAS LÚDICAS

Giovanna de Oliveira Liborio Dourado¹

Mateus da Cunha Moraes²

Rodolfo Matheus Lopes Passos³

Paula Gardênia Campelo dos Santos⁴

Mara Jordana Magalhães Costa⁵

Carlos Roberto Leandro dos Santos Gomes⁶

^{1,2,3,4,5,6}Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6570-8689>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-3467-6478>

³ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-5716-5991>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-0040-4285>

⁵ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2185-3814>

⁶ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-6007-2474>

Área temática: Práticas Educativas/Educação em Saúde/Psicoeducação

E-mail do autor correspondente: giovannaliborio@ufpi.edu.br

Palavras-chave: Saúde Mental; Autismo Infantil; Educação em Saúde.

INTRODUÇÃO: A promoção da saúde bucal em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresenta desafios relacionados às características comportamentais, sensoriais e comunicacionais próprias do espectro. Alterações na sensibilidade sensorial, dificuldades de interação social, padrões comportamentais repetitivos e resistência a novos estímulos podem dificultar a adesão às práticas de higiene oral e ao atendimento odontológico. Esses fatores podem gerar medo, ansiedade ou comportamentos de esquiva durante procedimentos relacionados ao cuidado bucal, comprometendo a construção de hábitos de higiene e a manutenção da saúde oral. Nesse contexto, estratégias educativas baseadas na ludicidade e fundamentadas na Neurociência Comportamental tornam-se relevantes para favorecer a aprendizagem, estimular a motivação e contribuir para a formação de hábitos saudáveis. A Neurociência Comportamental evidencia que estímulos positivos, repetição de experiências e reforço adequado atuam nos processos de aprendizagem e na consolidação da memória, facilitando a aquisição de novos comportamentos. **OBJETIVO:** Relatar a experiência de ações de promoção da saúde bucal em crianças com TEA utilizando estratégias lúdicas fundamentadas na Neurociência Comportamental. **MÉTODOS:** Relato de experiência desenvolvido no projeto de extensão “Arco-Iris de Sorrisos”, realizado com 40 crianças autistas, com idades entre 8 e 12 anos, participantes do Programa de Atividades Motoras para Pessoas com Autismo da Universidade Federal do Piauí (UFPI). As atividades ocorreram entre agosto e novembro de 2025, sendo realizadas quatro ações educativas voltadas à promoção da saúde oral. A equipe foi composta por estudantes da área da saúde. Durante os encontros, foram utilizados materiais educativos elaborados pela própria equipe, incluindo jogo da memória com ilustrações, uma maquete de boca em formato de hipopótamo utilizada para demonstrar técnicas de escovação e uso do fio dental, além de um livro gigante confeccionado em E.V.A., que apresentava uma narrativa lúdica sobre uma hipopótamo com dor de dente. A história permitiu desenvolver momentos de interação, simulação da escovação e diálogo sobre cuidados com a higiene bucal. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** As atividades lúdicas favoreceram o envolvimento e a participação ativa das crianças, facilitando a compreensão dos cuidados relacionados à saúde bucal. Os estímulos visuais e táteis contribuíram para a manutenção da atenção seletiva, enquanto a repetição das atividades favoreceu a consolidação da memória procedural relacionada às práticas de higiene oral. O uso de elogios, incentivos e recompensas simbólicas atuou como reforço positivo, estimulando a motivação e reduzindo possíveis resistências às atividades propostas. A abordagem lúdica contribuiu para a regulação emocional das crianças, diminuindo sinais de ansiedade e favorecendo uma relação mais positiva com o cuidado. Além disso, a atuação da equipe interdisciplinar possibilitou uma abordagem mais sensível às necessidades das crianças, fortalecendo estratégias de inclusão e cuidado integral. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Práticas educativas baseadas na ludicidade e na Neurociência Comportamental podem potencializar ações de promoção da saúde bucal em crianças com TEA. Estratégias que envolvem estímulos sensoriais, repetição e reforço positivo mostraram-se eficazes para favorecer a aprendizagem de hábitos saudáveis, estimular a autonomia e promover experiências mais positivas relacionadas ao cuidado em saúde.

CAPÍTULO 61

PSICOBÍOTICOS COMO TECNOLOGIA ASSISTENCIAL: UMA INOVAÇÃO NO CUIDADO À SAÚDE MENTAL

Natanael Alison Carvalho Rodrigues¹

Carulina Cardoso Batista²

Maria Laiana Viríssimo Sousa de Oliveira³

Erica Williams de Moreira da Lima⁴

Cássio Eduardo Soares Miranda⁵

Regilda Saraiva do Reis Moreira-Araújo⁶

^{1,2,3,4,5,6}Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI.

¹ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0241-1116>

²ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9935-1796>

³ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-5782-0528>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3957-5699>

⁵ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8990-1205>

⁶ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3669-2358>

Área temática: ·Práticas Integrativas e Complementares em Saúde Mental

E-mail do autor correspondente: natanael.acr@gmail.com

Palavras-chave: Probióticos; Microbiota Gastrointestinal; Ansiedade; Depressão; Saúde Mental.

INTRODUÇÃO: O aumento expressivo da prevalência de transtornos de ansiedade e depressão em escala global posiciona a saúde mental como prioridade sanitária contemporânea, exigindo abordagens terapêuticas inovadoras. Avanços recentes evidenciam a relevância do eixo intestino-cérebro na regulação neuropsiquiátrica, destacando seu papel modulador em funções neurobiológicas, imunológicas e metabólicas. Alterações na composição da microbiota associam-se a sintomas psiquiátricos, sugerindo que sua modulação pode constituir uma estratégia terapêutica promissora. Nesse contexto, emergem os psicobióticos, definidos como microrganismos vivos que, quando administrados em quantidades adequadas, produzem efeitos benéficos à saúde mental por meio do eixo intestino-cérebro. Evidências indicam que cepas probióticas podem influenciar a produção de neurotransmissores, reduzir processos inflamatórios e modular respostas ao estresse. Assim, os psicobióticos têm sido discutidos como uma tecnologia assistencial em saúde mental. **OBJETIVO:** Analisar evidências científicas acerca da utilização de psicobióticos como estratégia terapêutica inovadora no cuidado à saúde mental, com foco na modulação da microbiota intestinal em indivíduos com sintomas de ansiedade e depressão. **METODOLOGIA:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura conduzida nas bases de dados *PubMed* e *SciELO*. Foram utilizados descritores em inglês combinados por operadores booleanos: (*anxiety OR depression*) AND microbiota AND (*psychobiotics OR probiotics*). Foram incluídos estudos publicados entre 2021 e 2026, com disponibilidade de texto completo e que investigaram intervenções ou análises da microbiota associadas à saúde mental. Foram considerados ensaios clínicos randomizados, estudos experimentais e investigações observacionais que avaliaram desfechos relacionados à ansiedade, depressão, cognição, qualidade do sono e biomarcadores associados ao eixo microbiota-intestino-cérebro. Os artigos selecionados foram analisados qualitativamente. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** A busca inicial identificou 47 estudos potencialmente elegíveis, dos quais 29 foram incluídos na análise final. Desses, 87% demonstraram associação entre a modulação da microbiota intestinal e melhorias em desfechos relacionados à saúde mental. Entre os estudos incluídos, 17 ensaios clínicos indicaram que a suplementação com cepas probióticas, especialmente dos gêneros *Lactobacillus* e *Bifidobacterium* (*L. rhamnosus*, *L. helveticus* e *B. longum*), esteve associada à redução de sintomas de ansiedade e depressão avaliados por escalas clínicas validadas, como *Hamilton Depression Rating Scale* (HAM-D), *Hamilton Anxiety Rating Scale* (HAM-A), *Generalized Anxiety Disorder-7* (GAD-7) e *Beck Depression Inventory* (BDI), após 4 a 12 semanas de intervenção. Em 14 estudos, observaram-se mudanças na composição da microbiota intestinal, incluindo aumento da abundância de microrganismos considerados benéficos, como *Lactobacillus*, *Bifidobacterium* e *Faecalibacterium*. Quatro estudos relataram modificações em metabólitos relacionados ao eixo intestino-cérebro, como aumento da produção de ácidos graxos de cadeia curta, especialmente o butirato. Cinco estudos evidenciaram redução de marcadores inflamatórios, enquanto seis demonstraram alterações em mediadores neurobiológicos, incluindo neurotransmissores, e cinco identificaram mudanças funcionais em exames de neuroimagem, incluindo recuperação da atividade hipocampal. Em conjunto, esses achados sugerem que a modulação da microbiota intestinal pode influenciar mecanismos imunológicos, metabólicos e neuroendócrinos relacionados à saúde mental. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** As evidências indicam que os psicobióticos apresentam potencial como estratégia complementar no cuidado à saúde mental, reduzindo sintomas de ansiedade e depressão por meio da modulação da microbiota intestinal e do eixo intestino-cérebro. Esses achados reforçam seu papel como abordagem terapêutica inovadora, embora sua aplicação clínica ainda demande maior padronização das intervenções.

CAPÍTULO 62

PSICOTERAPIA VS. ALGORITMOS: UM ESTUDO SOBRE O USO DA IA NO CUIDADO EM SAÚDE MENTAL

Thayane Nunes da Silva Borges¹

Virna de Sousa Santana²

Sara Maria Aurélia Silva³

Vinicius Lima Costa⁴

Lorena Barbosa Alcântara⁵

Lucas Dannilo Aragão Guimarães⁶

¹Universidade Estadual do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-9579-3933>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-9130-9665>

³ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-1463-6726>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-9556-7047>

⁵ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-8586-234X>

⁶ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3452-0026>

Área temática: Tecnologias e Inovações em Saúde Mental

E-mail do autor correspondente: thayanenunesdasborges@aluno.uespi.br

Palavras-chave: Psicologia; Inteligência Artificial; Saúde Mental; Psicoterapia.

INTRODUÇÃO: O avanço da Inteligência Artificial (IA) tem produzido transformações significativas em múltiplos campos do conhecimento, incluindo a Psicologia, ao introduzir novas possibilidades de apoio técnico, triagem, monitoramento e análise de dados clínicos. Paralelamente, observa-se a crescente utilização de chatbots baseados em IA, como o ChatGPT, por indivíduos que buscam suporte emocional, frequentemente em caráter substitutivo à psicoterapia tradicional. Tal fenômeno suscita preocupações éticas, técnicas e clínicas, especialmente no que concerne à qualidade da intervenção, à segurança do usuário e aos limites da atuação algorítmica em contextos de sofrimento psíquico. **OBJETIVO:** Investigar as limitações da IA para fins terapêuticos substitutivos, bem como analisar as principais motivações que impulsionam seu uso indiscriminado e as possíveis repercussões para a saúde mental dos usuários. **MÉTODOS:** Trata-se de um estudo qualitativo, de natureza exploratória, fundamentado em revisão bibliográfica. As buscas foram realizadas nas bases *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*, *Plataforma de Periódicos CAPES* e *Google Acadêmico*, utilizando os descritores “Psicologia”, “Inteligência Artificial”, “Saúde Mental” e “Psicoterapia”. Foram incluídos artigos científicos brasileiros, disponíveis na íntegra, de acesso gratuito e diretamente relacionados à temática. O processo de seleção ocorreu em três etapas: (1) leitura dos títulos; (2) análise dos resumos e objetivos; e (3) leitura integral dos textos elegíveis. A amostra final foi composta por três estudos. **RESULTADOS:** A literatura analisada indica que ferramentas baseadas em IA podem atuar como recursos complementares à prática psicológica, especialmente em atividades de apoio e psicoeducação. Contudo, evidenciam-se limitações substanciais quanto ao uso substitutivo em psicoterapia. A IA não reproduz competências humanas essenciais à relação terapêutica, tais como empatia genuína, sensibilidade contextual, julgamento clínico e capacidade de manejo ético de situações complexas. Identificam-se, ainda, riscos relacionados a vieses algorítmicos, interpretações imprecisas e respostas inadequadas em contextos críticos, como os de ideação suicida. Ademais, a ausência de senso crítico e de responsabilidade profissional pode favorecer a validação de crenças disfuncionais, com possibilidade de reforço de padrões cognitivos prejudiciais e desenvolvimento de dependência tecnológica. Entre os fatores motivacionais para o uso indiscriminado, destacam-se barreiras socioeconômicas de acesso à psicoterapia, conveniência, disponibilidade contínua, anonimato e receio de julgamento por parte de profissionais. **DISCUSSÃO:** O uso substitutivo da IA em contextos terapêuticos pode produzir impactos negativos à saúde mental, sobretudo quando empregado como alternativa à psicoterapia. Embora represente uma solução acessível, sua utilização sem mediação profissional pode comprometer a qualidade do cuidado psicológico, a segurança do usuário e o manejo adequado de situações de risco. Tais achados reforçam a necessidade de regulamentação ética, delimitação de escopo e ampliação de estudos empíricos sobre a eficácia e os limites dessas tecnologias. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Conclui-se que, embora a IA possua potencial como ferramenta auxiliar à prática psicológica, seu uso substitutivo apresenta limitações técnicas e éticas relevantes. A insuficiência de evidências robustas acerca de seus impactos clínicos, aliada à possibilidade de danos decorrentes de respostas inadequadas ou enviesadas, evidencia a necessidade de maior produção científica sobre o tema. Reitera-se que a IA não substitui a atuação do psicólogo, devendo ser compreendida como instrumento complementar, e não como alternativa à psicoterapia conduzida por profissional qualificado.



CAPÍTULO 63

QUANDO A DOR DO OUTRO ATRAVESSA QUEM CUIDA: SAÚDE MENTAL NA FORMAÇÃO EM SAÚDE

Lívia Manoela Sóstenes Alencar¹
Joelita de Alencar Fonseca Santos²

^{1,2}Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-2959-5207>

²ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0126-465X>

Área temática: Saúde Mental e Trabalho

E-mail do autor correspondente: liviasostenes1612@gmail.com

Palavras-chave: Estudantes; Saúde Mental; Serviços de Saúde; Trabalho.

INTRODUÇÃO: A saúde mental tem se destacado como um dos principais desafios contemporâneos na formação e na prática em saúde, especialmente diante do aumento expressivo dos casos de transtornos mentais, sofrimento psíquico e crises emocionais nos serviços de saúde. Nesse contexto, profissionais e estudantes em processo de formação são frequentemente expostos a situações de intenso sofrimento humano, o que exige não apenas competências técnicas, mas também preparo emocional e ético para a oferta de um cuidado integral. Entretanto, a formação em saúde ainda privilegia os aspectos técnicos do cuidado, deixando lacunas importantes no treinamento para o manejo do sofrimento psíquico, tanto dos usuários quanto dos próprios profissionais em formação. **OBJETIVO:** Relatar e refletir sobre a experiência vivenciada por estudantes da área da saúde diante do contato com sofrimento psíquico e ideação suicida em um serviço de urgência, discutindo lacunas da formação acadêmica e a invisibilidade do impacto emocional dessas vivências. **MÉTODOS:** Trata-se de um relato de experiência, com abordagem qualitativa e reflexiva, desenvolvido a partir da vivência de estudantes de Enfermagem em uma Unidade de Pronto Atendimento, no setor de classificação de risco, sob supervisão de enfermeira. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** O contato com a crise psíquica demonstrou como situações dessa natureza podem ser emocionalmente intensas e imprevisíveis, principalmente para estudantes em estágio durante a formação, cuja experiência prática ainda é limitada. Sentimentos de impotência, insegurança e ansiedade surgiram como reações imediatas, revelando a sensibilidade emocional das estudantes diante de um caso de ideação suicida e crise psíquica. Além disso, a experiência também evidenciou como o impacto emocional decorrente do contato inesperado com o sofrimento psíquico pode ser invisibilizado e naturalizado por observadores externos, embora seja profundamente sentido e internalizado pelos estudantes em formação. A vivência evidenciou reações emocionais intensas, como medo, insegurança e sensação de despreparo, além de limitações no acolhimento e na comunicação em situações de crise psíquica, refletindo lacunas no preparo emocional durante a formação acadêmica. Ademais, proporcionou importantes aprendizados construídos a partir da experiência, evidenciando lacunas e oportunidades de desenvolvimento ao longo da formação das estudantes. Entre os principais ensinamentos, destacam-se a necessidade de preparo emocional, o desenvolvimento de habilidades de escuta ativa e a capacidade de lidar com a própria vulnerabilidade emocional diante de situações de sofrimento intenso. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Evidencia-se a necessidade de fortalecer estratégias de escuta, supervisão e apoio emocional na formação em saúde, contribuindo para uma prática mais ética, humanizada e comprometida com a saúde mental dos estudantes.



CAPÍTULO 64

REALIDADE VIRTUAL COMO ESTRATÉGIA DE REABILITAÇÃO COGNITIVA EM PESSOAS COM TRANSTORNOS PSICÓTICOS

Quézia Galvão da Costa¹

Elayne Christina de Brito Costa²

Aline Patrícia Figueiredo Silva³

Lorena Cezar Silva⁴

Alana Maria de Moura Gomes⁵

Aline Raquel de Sousa Ibiapina⁶

^{1,2,3,4,5,6}Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-3053-2598>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-7833-5195>

³ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-4107-4989>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-3290-8376>

⁵ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0411-7236>

⁶ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1373-3564>

Área temática: Tecnologias e Inovações em Saúde Mental

E-mail do autor correspondente: quezia.costa@ufpi.edu.br

Palavras-chave: Realidade Virtual; Reabilitação; Cognição; Transtornos Psicóticos.

INTRODUÇÃO: Atualmente, o uso de novas tecnologias está presente no cotidiano, e o setor da saúde tem se beneficiado dessas inovações no que concerne às práticas terapêuticas, utilizando métodos como a realidade virtual (RV), uma das vertentes da evolução tecnológica que emerge em benefício de áreas como medicina, psiquiatria e psicologia, especialmente quando associada aos tratamentos convencionais. A RV divide-se em não imersiva e imersiva. No primeiro método, o usuário projeta e personaliza uma realidade por meio de um avatar, porém deixa de se beneficiar de experiências sensoriais mais complexas, proporcionadas por estímulos que são possíveis na RV imersiva. Desse modo, torna-se possível simular ambientes ou estímulos que atuem como gatilhos ou que possibilitem a identificação de déficits cognitivos associados às psicoses, em contextos controlados pelo profissional de saúde e veiculados sob a forma de jogos, simulações de treinamento ou imersão em locais já visitados ou relacionados ao cotidiano dos pacientes e à sua condição clínica. Por essa razão, no contexto terapêutico, a modalidade imersiva mostra-se mais vantajosa. É válido destacar que essas intervenções provocam, nos pacientes, respostas fisiológicas semelhantes às observadas em experiências reais e possuem potencial para desencadear sintomas como paranoia, desejos intensos, ansiedade e medo.

OBJETIVO: Analisar, na literatura científica, os desfechos do uso da realidade virtual e aumentada como estratégia de reabilitação cognitiva em pessoas com transtornos psicóticos.

MÉTODOS: A coleta de dados ocorreu no mês de fevereiro de 2026, com acesso às bases realizado em diferentes dias ao longo do período, a fim de assegurar maior abrangência na identificação dos estudos disponíveis. O levantamento bibliográfico foi conduzido nas seguintes bases de dados: *National Library of Medicine (MEDLINE/PubMed)*, Portal de Periódicos CAPES e *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*. Foram utilizados os descritores “saúde mental (*mental health*)”, “realidade virtual (*virtual reality*)” e “transtornos psicóticos (*psychotic disorder*)”, indexados nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS/BVS) e no *Medical Subject Headings (MeSH/PubMed)*. A estratégia de busca foi estruturada com o uso dos operadores booleanos AND e OR, organizados da seguinte forma: (“*mental health*”) AND (“*virtual reality*”) AND (“*psychotic disorder*”). Como critérios de inclusão, consideraram-se estudos publicados em periódicos científicos que abordassem o uso da realidade virtual em indivíduos com transtornos psicóticos, disponíveis na íntegra e que respondessem à pergunta norteadora. Foram excluídos artigos duplicados, estudos que não contemplassem a temática proposta e pesquisas que não envolvessem a população-alvo. Ao final do processo, os estudos incluídos foram organizados em tabela contendo título, objetivo e ano de publicação, compondo a análise final com três artigos para a revisão e atendendo ao objetivo proposto pelo estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: Observou-se que o uso dessa tecnologia apresentou resultados positivos no tratamento e na reabilitação de pacientes com transtornos como esquizofrenia e fobias, bem como em populações específicas, como idosos, evidenciando melhora cognitiva. Contudo, ressalta-se a necessidade de ampliar os estudos que envolvam a utilização da realidade virtual, principalmente por profissionais como enfermeiros, tanto no Brasil quanto em países em desenvolvimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A realidade virtual configura-se como uma tecnologia relevante na área da saúde mental, contribuindo para melhores resultados na reabilitação e atuando como recurso complementar no tratamento de pacientes com transtornos psicóticos. Ademais, observa-se a necessidade de ampliação das pesquisas para fortalecer e expandir sua utilização em diferentes contextos ao redor do mundo.



CAPÍTULO 65

REFLEXÕES ACERCA DA SAÚDE MENTAL E SUA RELAÇÃO COM OS HÁBITOS DE SAÚDE BUCAL

Maria Luiza da Cunha Nunes¹
Jhulyane Cristine da Cunha Nunes²

¹Centro Universitário UniFacid Wyden (UNIFACID), Teresina, PI, Brasil.

²Universidade Federal do Piauí (UFPI) / Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-6094-4044>

²ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8697-0387>

Área temática: Saúde Mental e Bem-Estar

E-mail do autor correspondente: maluinunes@gmail.com

Palavras-chave: Saúde Mental; Higiene Oral; Saúde Bucal.

INTRODUÇÃO: A saúde mental pode influenciar a maneira como as pessoas se comportam na sociedade, bem como o modo como cuidam do próprio corpo e da mente. Ou seja, esses aspectos também tendem a repercutir nos hábitos de higiene corporal e oral. Estudos discutem que indivíduos com sintomas depressivos, ansiedade, entre outros transtornos mentais, podem apresentar mudanças em sua rotina e em seus hábitos de higiene, o que tende a impactar sua disposição e ânimo, além de interferir no bem-estar. Tais alterações possuem potencial para modificar, inclusive, a higienização bucal e, conseqüentemente, ocasionar problemas como cáries e perdas dentárias. **OBJETIVOS:** Este trabalho possui como objetivo geral refletir acerca da relação entre saúde mental e hábitos de higiene bucal. Como objetivos específicos, busca avaliar, a partir da literatura, quais os impactos da ausência do autocuidado na higiene oral; discutir, com base na literatura, como transtornos mentais podem influenciar alterações no cuidado com a saúde bucal; e analisar como o isolamento social do indivíduo afeta sua saúde mental e sua higiene bucal. **MÉTODOS:** Trata-se de uma análise reflexiva, desenvolvida a partir de uma revisão de literatura realizada no mês de fevereiro de 2026. Para tanto, realizaram-se buscas nas seguintes bases de dados: *SciELO*, *Google Acadêmico* e *Biblioteca Virtual em Saúde*. Utilizaram-se as seguintes palavras-chave: “saúde mental”, “saúde bucal” e “hábitos de higiene”. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** A partir da literatura analisada, observou-se que indivíduos com sintomas de ansiedade podem apresentar dificuldades relacionadas ao autocuidado e, conseqüentemente, adotar comportamentos que prejudiquem seus hábitos de higiene corporal e oral, podendo ocasionar até mesmo problemas periodontais. Em alguns estudos, discute-se que episódios de ansiedade e depressão podem estar associados a maior intensidade de características como o abandono do autocuidado e da percepção corporal, o que inclui, principalmente, a ausência de hábitos de higiene oral. Isso ocorre porque aquilo que anteriormente constituía um hábito cotidiano passa a ser colocado em segundo plano, favorecendo o aparecimento de cáries e do biofilme dental. Assim, as doenças bucais podem interferir no cotidiano das pessoas, uma vez que o isolamento social pode desencadear alterações emocionais capazes de modificar sua motivação, refletindo-se em sintomas relacionados à dor, ao sofrimento e ao constrangimento decorrente da baixa autoestima, especialmente quando há perda dentária avançada. Além disso, a assiduidade às consultas odontológicas tende a não ser mantida, o que provoca impacto negativo na qualidade de vida do indivíduo. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Mediante as pesquisas analisadas, o cuidado com a saúde mental necessita ocorrer de forma integrada ao cuidado com a higiene oral, visto que muitos pacientes ainda permanecem sem motivação e assistência adequadas. Nesse sentido, destaca-se que uma atenção integral, humanizada e acolhedora, pautada na empatia, deve constituir um dos pilares da atuação das equipes multiprofissionais que atendem pessoas em situação de sofrimento.



CAPÍTULO 66

RELAÇÃO ENTRE SÍNDROME DE *BURNOUT*, PROBLEMAS OSTEOMUSCULARES E ABSENTEÍSMO: ESTUDO TEÓRICO-REFLEXIVO

Sara de Moura Andrade Santos¹
Gisele Mendes Moura²
Olga Maria Castro de Sousa³
Márcia Astrês Fernandes⁴

^{1,2,3,4}Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-0948-4247>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-6961-0456>

³ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1476-5413>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9781-0752>

Área temática: Saúde Mental na Contemporaneidade e Sociedade

E-mail do autor correspondente: saramabsacademico@outlook.com

Palavras-chave: Síndrome de *Burnout*; Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho; Absenteísmo; Saúde Mental.

INTRODUÇÃO: A síndrome de *burnout* tem ganhado cada vez mais espaço nas discussões referentes à saúde mental devido às diversas situações que a cercam. Entre elas, destaca-se o absenteísmo, por estar relacionada a condições limitantes, como a exaustão emocional e a despersonalização, associadas a baixos índices de realização pessoal, com sentimentos de incompetência e baixa produtividade. Além disso, há os efeitos osteomusculares, que acabam sendo, também, fatores restritivos. **OBJETIVO:** Analisar, a partir da literatura científica, a relação entre síndrome de *burnout*, problemas osteomusculares e absenteísmo. **MÉTODO:** Trata-se de um estudo descritivo, do tipo revisão de literatura, realizado no mês de fevereiro de 2026. Os descritores utilizados foram “*Burnout, Psychological*”, “*Absenteeism*” e “*Mental Health*”, selecionados de acordo com os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) (<http://decs.bvs.br/>). **RESULTADOS:** Na literatura, foi possível identificar a relação entre a síndrome de *burnout*, o aparecimento de problemas osteomusculares e, concomitantemente, o absenteísmo. **DISCUSSÃO:** O esgotamento psicológico tem contribuído para que o indivíduo se sinta cada vez menos capaz e menos confortável, tanto física quanto psicologicamente, para frequentar diferentes ambientes, inclusive o local de trabalho, trazendo, assim, diversos prejuízos, inclusive de natureza social. Na atualidade, o aumento das demandas por resultados, o ritmo acelerado de trabalho e a ampliação das exigências físicas e psicológicas requerem uma estrutura para a qual o ser humano, muitas vezes, não está apto a responder de forma saudável. Desse modo, com o passar do tempo, ocorre o acúmulo de estressores, e o organismo suporta essa sobrecarga até o momento em que seus sistemas estruturais, como o ósseo e o muscular, passam a sentir os efeitos de uma rotina extenuante. Paralelamente, o equilíbrio psicológico também começa a se fragilizar. Como consequência, o indivíduo passa a apresentar dificuldades para realizar atividades que anteriormente desempenhava de forma automática, tanto no âmbito social quanto profissional, como sair com amigos e familiares, viajar e até mesmo trabalhar para garantir sua subsistência, uma vez que as demandas e as relações presentes no ambiente laboral passam a ser percebidas como um fardo. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Portanto, fica evidente, a partir da discussão deste estudo, que a exaustão mental está relacionada ao surgimento de uma série de consequências, dentre elas o desenvolvimento de patologias musculoesqueléticas, bem como de manifestações psicossomáticas, como a síndrome de *burnout*, visto que seus sinais e sintomas acarretam danos físicos e sociais ao indivíduo. Desse modo, afirma-se que essa é uma temática importante a ser continuamente estudada, pois, embora seja amplamente conhecida, reflete uma problemática atual que interfere significativamente na saúde mental da população.



CAPÍTULO 67

ROLAGEM DO JUÍZO FINAL: UMA REFLEXÃO ACERCA DOS EFEITOS DO *DOOMSCROLLING* NA SAÚDE MENTAL DE USUÁRIOS DE MÍDIAS SOCIAIS

Vinicius Lima Costa¹

Lorena Barbosa Alcântara²

Thayane Nunes da Silva Borges³

Valéria Carvalho Lima Santos⁴

Maria Clara de Assis Nascimento⁵

Liliane Leite Moreira⁶

^{1,2,3,4,5,6}Universidade Estadual do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-9556-7047>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-8586-234X>

³ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-9579-3933>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-2594-8105>

⁵ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-0688-1536>

⁶ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-1971-3330>

Área temática: Saúde Mental na Contemporaneidade e Sociedade

E-mail do autor correspondente: vlimacosta@aluno.uespi.br

Palavras-chave: Mídias Sociais; Tecnologia; Saúde Mental; Cognição.

INTRODUÇÃO: O *DOOMSCROLLING* trata-se de um mecanismo de evitação da falta de informação, intensificado pela pandemia de COVID-19, definido como um ciclo vicioso de consumo de informações de conteúdo negativo em estado de alerta constante, associado à percepção reduzida do tempo e a pensamentos pessimistas. Posteriormente, o conceito foi ampliado e passou a representar o hábito de investir tempo excessivo na rolagem de conteúdos variados em mídias sociais. Tal fenômeno ganha força com o desenho atual dessas plataformas, acarretando prejuízos cognitivos e emocionais aos usuários. **OBJETIVO:** Refletir acerca das causas e dos efeitos do comportamento de rolagem compulsória e do consumo exacerbado de conteúdos viabilizados pelas mídias sociais. **MÉTODOS:** Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, conduzida em fevereiro de 2026, tendo como base a análise de produções bibliográficas e documentais. Foram filtradas publicações no período de 2021 a 2026. A estratégia de busca foi realizada nas plataformas *SciELO* e *Google Acadêmico*, utilizando-se os descritores: “*DOOMSCROLLING*”, “mídias sociais” e “*design*”. O processo de seleção do material seguiu um fluxo trietápico, compreendendo a leitura dos títulos, a análise dos resumos e, por fim, a leitura integral dos textos. Desse processo, foram selecionados três artigos para compor a discussão central, os quais foram analisados criticamente à luz do referencial teórico adotado. **RESULTADOS:** O *DOOMSCROLLING* estabelece-se por meio de mecanismos das mídias sociais que permitem o salto instantâneo e compulsivo entre estímulos, destacando-se o recurso da “barra de rolagem infinita”. Esse design dificulta a percepção dos efeitos da exaustão cognitiva pelo usuário, gerando quadros de compulsão e danos mensuráveis à memória e à atenção. Nesse contexto, o binômio “*smartphone* + mídia social” consolida um cenário que integra conectividade, portabilidade integral e design persuasivo, produzindo um ciclo vicioso de necessidade informacional. **DISCUSSÃO:** A análise dos dados aponta que a arquitetura digital culmina em dependência, resultando em sentimentos de frustração e culpa pelo tempo despendido em conteúdos irrelevantes. Para além da mecânica das plataformas, a estimulação sensorial contínua associada a conteúdos pessimistas provoca danos profundos à saúde mental, vinculados a uma ansiedade existencial diante do vazio. Demonstra-se, assim, que a busca compulsiva por notícias negativas molda percepções e crenças, estabelecendo sensações de incerteza e uma progressiva falta de sentido na experiência do usuário. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Diante do exposto, entende-se o *DOOMSCROLLING* como um mecanismo que representa a influência das transformações sociais, digitais e tecnológicas nas mídias, corroborando para a construção de um cenário marcado por dependência, ansiedade informacional, distorção temporal, impactos nos processos cognitivos e prejuízos ao estado mental dos usuários. Ainda que seja um tema pouco discutido pela academia brasileira, carecendo de produções científicas quando comparado ao volume de estudos desenvolvidos em outros países, o entendimento do *DOOMSCROLLING* é crucial para compreender como o cenário infotecnológico vigente estabelece novos padrões de sofrimento psíquico e reconfigura a relação entre ser humano e máquina, exigindo um debate urgente sobre a ética dos algoritmos e a preservação da integridade mental em ambientes digitais saturados.

CAPÍTULO 68

SENTIDOS DA ARTESANIA E FRUIÇÃO DA ESCUTA CALEIDOSCÓPICA DE MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL

Valéria Raquel Alcantara Barbosa¹

¹Nova Maternidade Dona Evangelina Rosa, Secretaria de Estado da Saúde do Piauí|. Associação Reabilitar, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9281-740X>

Área temática: Comunicação Não Violenta

E-mail do autor correspondente: valeryalca@gmail.com

Palavras-chave: Violência Sexual Contra a Mulher; Tecnologia Leve; Atenção Integral; Cuidado Holístico.

INTRODUÇÃO: A violência sexual contra a mulher constitui fenômeno sociohistórico complexo, controverso e polissêmico, hedionda violação dos direitos humanos e problema de saúde pública de magnitude global, que ocasiona irrestritos danos físicos e psíquicos. Nessa conjuntura, a artesanaria e a fruição da escuta com sentido caleidoscópico circunscrevem atitude ontológica fundante do cuidado, que valoriza as mulheres vitimadas, ampliando o ouvir enquanto método comunicacional e terapêutico, ao passo que dignifica as narrativas, idiosincrasias e alteridades das vítimas. **OBJETIVO:** Refletir sobre os sentidos da artesanaria e da fruição da escuta caleidoscópica no cuidado psicológico a mulheres em situação de violência sexual, a partir de um relato de experiência profissional em um serviço especializado do SUS. **MÉTODOS:** Trata-se de um estudo descritivo, de abordagem qualitativa, do tipo relato de experiência, referente ao trabalho profissional individual como Psicóloga de Referência, membro da equipe técnica do Serviço de Atenção a Mulheres Vítimas de Violência Sexual (SAMVVIS), em uma Maternidade de ensino e alta complexidade, componente da rede estadual do SUS, situada em Teresina, Piauí, Brasil. **RESULTADOS:** A experiência está em andamento desde o ano 2024, sendo promovidas intervenções destinadas a situações de urgência e aos cuidados psicológicos clínicos ambulatoriais, na modalidade de psicoterapia breve focal. As práticas assistenciais em urgência clínica demarcam intervenções imediatas para promoção dos primeiros socorros psicológicos, centradas no acolhimento, na escuta e no suporte individual à mulher, oferecendo-se espaço seguro para a expressão dos conteúdos psíquicos correlacionados à crise psíquica decorrente da vitimização sexual. As práticas psicológicas clínicas ambulatoriais na modalidade de psicoterapia breve focal abrangem, em média, 12 a 20 sessões, em conformidade com as demandas específicas e o projeto terapêutico singular de cada mulher assistida. Ademais, são desenvolvidas intervenções em crise, para manejo de revivências e flashbacks, com ênfase na ressignificação dos significados intrínsecos ao trauma sexual, na valorização da vida/prevenção do suicídio e na mitigação de danos. **DISCUSSÃO:** A escuta com sentido caleidoscópico pressupõe a prática da escuta eminentemente ativa, atenta, qualificada, sensível, plural, cuidadosa, interseccional, territorializada, isenta de julgamentos e terapêutica, que vivifica o acolhimento do sofrimento insuportável e inominável, no intuito de auxiliar as mulheres vitimadas por violência sexual na livre expressão, na validação de emoções difíceis, na minimização de angústias e sentimentos conflitantes. Para tanto, em ato e de fato, exige postura ética-estética-crítica-política-emancipatória, de reconhecimento das nuances intrínsecas à experiência subjetiva das vítimas, a fim de compreender a mulher em sua totalidade, como protagonista de sua história de vida. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A formulação dos sentidos da artesanaria e fruição da escuta caleidoscópica de mulheres vitimizadas sexualmente conclama apreensão das múltiplas camadas que perpassam o ato da escuta em si, na qualidade de tecnologia leve do cuidado, baseada no trabalho vivo; enquanto prática epistemológica, clínica e política, ato de resistência, gesto de resgate e recriação, parte de um cuidado restaurador. Isto posto, exalta-se a força terapêutica e transformadora da escuta caleidoscópica, que dignifica a palavra e o silêncio, apreende a dor psíquica, reconhecendo o sofrimento incomensurável e multifacetado consequente à violência sexual.

CAPÍTULO 69

SOFRIMENTO MENTAL DE PACIENTES EM TRATAMENTO DE HEMODIÁLISE: REVISÃO NARRATIVA

Elizana Carvalho Oliveira¹
Márcia Astrês Fernandes²

¹Enfermeira. Pós-graduanda da Especialização de Gestão em Saúde (UFPI), Teresina, PI, Brasil.

²Pós-Doutora em Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (EERP/USP). Professora Titular da UFPI. Bolsista Produtividade CNPq., Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2161-9569>

²ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9781-0752>

Área temática: Temas Transversais

E-mail do autor correspondente: elizanacarvalho@hotmail.com.br

Palavras-chave: Saúde Mental; Hemodiálise; Doença Renal Crônica.

INTRODUÇÃO: A insuficiência renal crônica (IRC) é uma doença progressiva e irreversível que compromete gradualmente a função dos rins, configurando um relevante problema de saúde pública em nível mundial. Entre as opções de terapia renal substitutiva, a hemodiálise é a mais empregada, pois permite a remoção de toxinas e do excesso de líquidos, contribuindo para a manutenção da vida. Contudo, embora seja clinicamente eficaz, o tratamento acarreta mudanças significativas na rotina dos pacientes, como dependência do equipamento, restrições alimentares e hídricas e a necessidade de sessões frequentes, impactando negativamente sua saúde mental e qualidade de vida. A atuação da equipe multidisciplinar é essencial no cuidado de pacientes em diálise. Por meio de ações de educação, conscientização e apoio psicossocial, associadas ao acompanhamento contínuo, é possível desenvolver um cuidado integrado e colaborativo, garantindo atenção ampla às necessidades e ao bem-estar desses pacientes. Faz-se necessário um acompanhamento integral que ultrapasse o manejo exclusivamente farmacológico. A adoção de estratégias complementares, como psicoterapia, psicoeducação, técnicas de relaxamento, grupos de apoio e prática de exercícios físicos, mostra-se fundamental para promover melhores estratégias de enfrentamento, fortalecer a rede de apoio emocional e favorecer a adesão ao tratamento, contribuindo para uma assistência mais humanizada e direcionada às necessidades específicas desse público-alvo. **OBJETIVO:** Analisar, por meio de uma revisão narrativa, a produção científica acerca do sofrimento mental de pacientes com doença renal crônica em hemodiálise. **MÉTODOS:** Trata-se de um estudo de revisão narrativa, realizado a partir da análise da literatura disponível em artigos completos, publicados nos últimos cinco anos e disponíveis na íntegra na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e no *Google Acadêmico*. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Estudos apontam que indivíduos que convivem com Doença Renal Crônica (DRC), especialmente aqueles submetidos à terapia renal substitutiva, apresentam elevada ocorrência de sintomas relacionados a transtornos mentais, como depressão, ansiedade e alterações no padrão do sono. Essas condições estão associadas às limitações impostas pela doença, às mudanças no estilo de vida, à dependência do tratamento contínuo e às incertezas quanto ao prognóstico, repercutindo de maneira significativa na qualidade de vida, na adesão terapêutica e no bem-estar geral desses pacientes. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Pacientes com insuficiência renal crônica em terapia renal substitutiva apresentam níveis de ansiedade e depressão que variam de moderados a elevados, com maior prevalência de ansiedade entre aqueles submetidos à hemodiálise. Identificou-se que a atualização constante da produção científica torna-se fundamental para embasar práticas assistenciais fundamentadas em evidências, orientar a implementação de intervenções multiprofissionais mais efetivas e contribuir para o fortalecimento de políticas de cuidado voltadas à promoção da saúde mental e à melhoria da qualidade de vida desses pacientes.



CAPÍTULO 70

SOFRIMENTO PSÍQUICO E VULNERABILIDADE SOCIAL EM PESSOAS COM ÚLCERA DE PÉ: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Álvaro Sepúlveda Carvalho Rocha¹

Ana Maria Ribeiro dos Santos²

Lidya Tolstenko Nogueira³

Maria Eduarda Silva Gomes⁴

Jefferson Abraão Caetano Lira⁵

Sandra Marina Gonçalves Bezerra⁶

^{1,2,3}Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

^{4,5,6}Universidade Estadual do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7968-9597>

²ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5825-5335>

³ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4918-6531>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5794-0840>

⁵ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7582-4157>

⁶ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3890-5887>

Área temática: Saúde Mental de Populações Vulnerabilizadas

E-mail do autor correspondente: alvaro_scr@hotmail.com

Palavras-chave: Saúde Mental; Sofrimento Psíquico; Úlcera do Pé; Vulnerabilidade Social.

INTRODUÇÃO: A úlcera de pé constitui uma das complicações mais graves do diabetes mel-litus, estando associada a hospitalizações recorrentes, risco de amputações e impactos signifi-cativos na qualidade de vida. Para além das repercussões físicas, evidencia-se importante sofri-mento psíquico, marcado por medo, ansiedade, sentimentos de incapacidade e estigmatização social. Estudos indicam que pessoas com complicações do pé diabético apresentam maior pre-valência de sintomas depressivos e redução do bem-estar emocional. Ademais, condições de vulnerabilidade social potencializam barreiras de acesso ao cuidado, dificultam o autocuidado e agravam o sofrimento mental. No contexto hospitalar de urgência, onde o foco costuma ser a estabilização clínica, as dimensões emocionais tendem a ser secundarizadas, reforçando a ne-cessidade de práticas assistenciais mais integradas e humanizadas. **OBJETIVO:** Relatar a ex-periência de abordagem do sofrimento psíquico em pessoas com úlcera de pé em situação de vulnerabilidade social. **MÉTODOS:** Trata-se de um relato de experiência desenvolvido em hospital público de urgência, no setor de clínica médica, com pessoas adultas internadas por complicações relacionadas à úlcera de pé. A intervenção ocorreu durante a assistência de en-fermagem, associando orientações sobre autocuidado à escuta qualificada e à comunicação em-pática. Foram abordados aspectos emocionais relacionados ao medo da amputação, à insegu-rança quanto ao trabalho e ao impacto familiar. Utilizaram-se estratégias de educação em saúde, linguagem acessível e validação dos sentimentos expressos, promovendo acolhimento e fortalecimento da autonomia. **RESULTADOS:** Observou-se que grande parte dos pacientes expres-sava sofrimento psíquico intenso, relacionado principalmente ao risco de perda do membro, à dependência funcional e às dificuldades socioeconômicas. A escuta ativa favoreceu a expressão de sentimentos antes silenciados no ambiente hospitalar. A integração entre orientação técnica e apoio emocional contribuiu para maior adesão às recomendações de autocuidado e para a redução de comportamentos de negação ou resistência ao tratamento. Evidenciou-se que o cui-dado humanizado ampliou o vínculo profissional-usuário, promovendo sensação de segurança e reconhecimento. **DISCUSSÃO:** A experiência reforça que o hospital de urgência, embora centrado na estabilização clínica, constitui um espaço potente para intervenções em saúde men-tal. O sofrimento psíquico associado à úlcera de pé revela-se atravessado por desigualdades sociais e fragilidades no acesso à informação. Estratégias baseadas na comunicação empática e na educação em saúde demonstraram potencial para mitigar angústias e fortalecer o protago-nismo do paciente. Assim, práticas clínicas humanizadas configuram-se como dispositivos de promoção da saúde mental, especialmente em populações vulnerabilizadas. **CONSIDERA-ÇÕES FINAIS:** O cuidado à pessoa com úlcera de pé deve transcender o manejo da lesão, incorporando a dimensão subjetiva do adoecimento. A experiência evidenciou que intervenções simples, centradas na escuta e na educação em saúde, podem reduzir o sofrimento psíquico e fortalecer o autocuidado no contexto da urgência hospitalar. Recomenda-se a ampliação de prá-ticas integradas que articulem assistência clínica e promoção da saúde mental.



CAPÍTULO 71

TECNOLOGIA EDUCATIVA PARA PROMOÇÃO DO AUTOCUIDADO EM SAÚDE EM ESPAÇO COMUNITÁRIO DE LAZER: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Francisca Samara Barbosa da Silva Lustosa¹
Sárvia Elice Machado Ferreira²
Kauan Gustavo de Carvalho³
Márcia Astrês Fernandes⁴

^{1,2}Graduanda em Enfermagem do Centro Universitário UniFacid-Wyden, Teresina, PI, Brasil.

³Docente do Centro Universitário UniFacid-Wyden. Doutorando em Enfermagem pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina, PI, Brasil.

⁴Docente de Pós-graduação em Enfermagem pela Universidade Federal do Piauí (FPI), Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-3705-9136>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-2284-1261>

³ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9940-1837>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9781-0752>

Área temática: Práticas Educativas/Educação em Saúde/Psicoeducação

E-mail do autor correspondente: samarabarbosa2014.1@gmail.com

Palavras-chave: Tecnologia Educacional; Promoção da Saúde; Autocuidado; Saúde Mental; Centros de Convivência e Lazer.

INTRODUÇÃO: A saúde mental representa um importante desafio para a saúde pública, com o aumento de condições como depressão e transtornos de ansiedade, intensificado após a pandemia de COVID-19. Nesse contexto, as tecnologias educativas consistem em estratégias pedagógicas que facilitam o acesso à informação e promovem a conscientização sobre saúde. No campo da saúde mental, contribuem para reduzir estigmas e estimular o cuidado. Contudo, ainda existem lacunas em ações educativas voltadas à promoção do autocuidado em espaços públicos de lazer. Diante disso, destaca-se o papel da Enfermagem no desenvolvimento de intervenções educativas junto à comunidade. **OBJETIVO:** Relatar a experiência do uso de tecnologia educativa para a promoção do autocuidado em saúde em espaço comunitário de lazer. **MÉTODOS:** Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, realizado por acadêmicos de Enfermagem do Centro Universitário *Facid Wyden*, durante atividade extensionista desenvolvida em setembro de 2025, em um parque público de lazer de grande circulação na cidade de Teresina, Piauí. A intervenção envolveu adolescentes, adultos e idosos e consistiu na aplicação de entrevistas por meio de questionário estruturado com perguntas simples relacionadas à saúde mental. Posteriormente, foram realizadas ações educativas, incluindo rodas de conversa, orientações conduzidas pelos acadêmicos e distribuição de panfletos informativos sobre o tema. As ações foram organizadas com base na metodologia da problematização, por meio da estratégia do Arco de Maguerez. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** A experiência seguiu as etapas da metodologia da problematização por meio do Arco de Maguerez. Na etapa de observação da realidade, identificou-se que muitos participantes reconheciam a importância de hábitos saudáveis para a saúde mental, porém relatavam dificuldade em incorporá-los à rotina, citando falta de tempo, procrastinação e desconhecimento sobre como iniciar. Como pontos-chave, destacaram-se a distância entre o conhecimento e a prática do autocuidado. Na etapa de teorização, discutiu-se a teoria do déficit de autocuidado de Dorothea Orem, que compreende que os indivíduos podem apresentar limitações na capacidade de realizar ações voltadas ao próprio cuidado. Como hipótese de solução, propuseram-se intervenções educativas voltadas à orientação sobre hábitos saudáveis e estratégias simples de autocuidado. Na aplicação à realidade, foram realizadas rodas de conversa, orientações educativas e distribuição de materiais informativos. Observou-se que participantes que relataram práticas de autocuidado apresentavam melhor percepção de qualidade de vida e redução de ansiedade e estresse. Os achados evidenciam que o conhecimento isolado não garante mudança de comportamento, reforçando a necessidade de ações educativas que fortaleçam a autonomia e a capacidade de autocuidado na promoção da saúde mental. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A experiência evidenciou que ações educativas em saúde mental, realizadas em espaços comunitários, favorecem o acesso à informação, estimulam o autocuidado e contribuem para a redução de estigmas. As atividades promoveram reflexão sobre hábitos saudáveis e bem-estar psicológico. Destaca-se a importância de fundamentar essas intervenções na teoria do autocuidado de Dorothea Orem, a fim de fortalecer a autonomia dos participantes. Além disso, a ação fortaleceu a formação acadêmica e o papel da Enfermagem na promoção da saúde mental na comunidade.



CAPÍTULO 72

TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO NA FORMAÇÃO EM ENFERMAGEM E CONTRIBUIÇÕES PARA A SAÚDE MENTAL

Élida Mercedes de Cerqueira Carvalho¹
Haissa Gabrielly Gomes da Silva²
Maria Sinara Costa da Assunção³
Iellen Dantas Campos Verdes Rodrigues⁴

^{1,2,3}Estudante de Enfermagem. Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

⁴Doutora em Enfermagem na Atenção à Saúde. Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-7698-6776>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-4000-4477>

³ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-9938-0923>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5593-4172>

Área temática: Saúde Mental na Contemporaneidade e Sociedade

E-mail do autor correspondente: elidamercedes126@gmail.com

Palavras-chave: Tecnologias da Informação e Comunicação; Educação em Enfermagem; Saúde Mental.

INTRODUÇÃO: A incorporação das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) na formação em saúde tem ampliado as possibilidades de ensino, aprendizagem e qualificação profissional. No contexto da enfermagem, especialmente na formação em residências, essas tecnologias têm potencial para fortalecer práticas assistenciais, ampliar o acesso ao conhecimento e apoiar estratégias de cuidado integral. Além disso, as TICs também têm sido utilizadas como ferramentas de apoio ao cuidado em saúde mental, tanto no acompanhamento de pacientes quanto na formação de profissionais mais preparados para lidar com aspectos psicossociais do cuidado. Dessa forma, compreender como essas tecnologias estão presentes na formação em enfermagem contribui para refletir sobre seu impacto no preparo dos profissionais para uma assistência mais humanizada e integral. **OBJETIVO:** Analisar a presença e a utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) nas ementas dos cursos de residência em enfermagem obstétrica no Brasil, discutindo suas possíveis contribuições para a formação profissional e para o cuidado em saúde mental. **MÉTODOS:** Trata-se de um estudo exploratório, de natureza bibliográfica e documental, com abordagem qualitativa. A coleta de dados foi realizada por meio da consulta a páginas institucionais e documentos públicos de programas de Residência em Enfermagem Obstétrica no Brasil. Foram analisadas ementas de disciplinas que apresentavam conteúdos relacionados ao uso de tecnologias no processo formativo. As informações coletadas foram organizadas em quadros comparativos, permitindo identificar a presença de ferramentas tecnológicas, metodologias de ensino mediadas por tecnologia e estratégias voltadas ao desenvolvimento de competências profissionais. Posteriormente, foi realizada análise descritiva e interpretativa dos dados. **RESULTADOS:** Os resultados apontaram que as TICs aparecem nas ementas principalmente associadas a estratégias de ensino, como ambientes virtuais de aprendizagem, plataformas digitais, simulações clínicas e acesso a bases de dados científicas. Também foram identificadas referências ao uso de tecnologias voltadas à assistência, como prontuários eletrônicos, aplicativos de monitoramento em saúde e ferramentas de comunicação digital. Apesar disso, observou-se que a abordagem das TICs ainda ocorre de forma heterogênea entre os programas analisados, com diferenças na profundidade e na integração desses recursos ao processo formativo. **DISCUSSÃO:** A presença das TICs na formação em enfermagem evidencia uma transformação no modo como o conhecimento é construído e compartilhado no campo da saúde. Essas ferramentas podem contribuir para o desenvolvimento de habilidades críticas, para o acesso ampliado à informação e para o fortalecimento de práticas baseadas em evidências. No contexto da saúde mental, as tecnologias também favorecem estratégias de educação permanente, suporte profissional e acompanhamento remoto, aspectos relevantes para a promoção do cuidado integral e humanizado. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Conclui-se que as Tecnologias da Informação e Comunicação têm potencial significativo para fortalecer o processo formativo em enfermagem e contribuir para práticas assistenciais mais qualificadas, incluindo o cuidado em saúde mental. Entretanto, ainda existem lacunas na incorporação sistemática dessas tecnologias nos programas de residência, evidenciando a necessidade de maior integração entre inovação tecnológica, formação profissional e desenvolvimento de competências voltadas à atenção integral à saúde.



CAPÍTULO 73

TECNOLOGIAS DIGITAIS COMO METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO POR PSICÓLOGOS EM LICENCIATURA

Giovane Sampaio dos Santos¹
Maria Sandra Santos Carvalho²
Marília Santana Andrade³

^{1,2,3}Universidade Estadual do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-5624-1844>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-3136-9238>

³ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-4157-0454>

Área temática: Práticas Educativas/Educação em Saúde/Psicoeducação

E-mail do autor correspondente: giovanesampaio123@gmail.com

Palavras-chave: Educação; Tecnologia; Psicologia Educacional.

INTRODUÇÃO: Esta revisão narrativa aborda a importância das tecnologias digitais como metodologias ativas no ensino de Psicologia, aplicadas por psicólogos no ambiente escolar. Parte-se do entendimento de que crianças, adolescentes e profissionais da educação estão inseridos em uma cultura caracterizada pela hiperconexão, pela presença contínua de aparelhos móveis e por interações comunicativas mediadas por plataformas digitais. Nesse contexto, métodos de ensino puramente expositivos, focados na transmissão unilateral de conteúdos, tendem a aumentar o desinteresse dos alunos e a ampliar a desconexão da Psicologia com a realidade. Discute-se, aqui, a aplicação da inteligência artificial, da gamificação e dos celulares no ambiente escolar. **OBJETIVO:** Debater como tecnologias digitais podem se constituir em metodologias ativas no ensino de Psicologia na escola, por psicólogos licenciados. **MÉTODOS:** Buscou-se analisar produções acadêmicas sobre o uso de tecnologias digitais no contexto educacional. A busca bibliográfica foi realizada nas bases *Google Acadêmico*, *SciELO* e Portal de Periódicos da CAPES, no período de 1º de janeiro a 1º de março de 2026. Foram incluídos apenas estudos publicados em língua portuguesa, disponíveis na íntegra e que abordassem a tecnologia como recurso pedagógico, bem como os debates relacionados à proibição ou à integração orientada do uso de celulares no ambiente escolar. A seleção contemplou uma amostra final de seis estudos, os quais foram analisados de forma descritiva e interpretativa, possibilitando uma síntese das potencialidades e dos desafios associados à utilização dessas tecnologias no contexto do ensino. **RESULTADOS:** A análise dos trabalhos indica que ferramentas de inteligência artificial podem favorecer a personalização da aprendizagem, a oferta de feedback imediato e a análise de dados educacionais, contribuindo para intervenções mais ajustadas às necessidades individuais e coletivas dos estudantes. A gamificação destaca-se como estratégia capaz de ampliar o engajamento, a motivação e a participação ativa, ao mobilizar elementos lúdicos que dialogam com o repertório cultural dos alunos. O celular, por sua vez, apresenta-se de forma ambivalente: simultaneamente associado a distrações e conflitos disciplinares, configura-se também como importante meio de acesso à informação, à comunicação e à produção de conhecimento, especialmente em contextos de vulnerabilidade social. Em comum, as três tecnologias evidenciam potencial para reposicionar o estudante como sujeito ativo do processo de aprendizagem, desde que inseridas em propostas pedagógicas intencionalmente planejadas e criticamente fundamentadas. **DISCUSSÃO:** Os achados sugerem que o papel do psicólogo na escola ultrapassa a mera regulação do uso de dispositivos, implicando a problematização dos sentidos subjetivos e sociais da cultura digital. A articulação entre teorias psicológicas, práticas pedagógicas e condições institucionais concretas mostra-se fundamental para que a inteligência artificial, os jogos e os celulares sejam mobilizados como disparadores de debates. Entretanto, destacam-se desafios como a necessidade de formação continuada, a elaboração de políticas institucionais claras e o enfrentamento das desigualdades de acesso. A atuação do psicólogo deve evitar tanto a adesão acrítica às inovações tecnológicas quanto a recusa indiscriminada, investindo em mediações qualificadas. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Conclui-se que cabe ao psicólogo, em suas aulas e em articulação com a equipe gestora, planejar intervenções que integrem a tecnologia a projetos pedagógicos que valorizem a participação, a cooperação e a reflexão crítica.



CAPÍTULO 74

UMA ANÁLISE REFLEXIVA ACERCA DO BRUXISMO E SUA RELAÇÃO COM A ANSIEDADE E ESTRESSE

Maria Luiza da Cunha Nunes¹
Jhulyane Cristine da Cunha Nunes²

¹Centro Universitário UniFacid Wyden (UNIFACID), Teresina, PI, Brasil.

²Universidade Federal do Piauí (UFPI). Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-6094-4044>

²ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8697-0387>

Área temática: Saúde Mental e Bem-Estar

E-mail do autor correspondente: maluinunes@gmail.com

Palavras-chave: Ansiedade; Bruxismo; Saúde Bucal.

INTRODUÇÃO: Tanto a ansiedade quanto o estresse são sentimentos complexos e causados por inúmeros fatores. Eles podem estar associados à sensação de aflição, tensão, medo, preocupação com algo, incerteza e apreensão. Nesse sentido, esses sintomas podem afetar diretamente a saúde física de uma pessoa, bem como desencadear problemas de saúde bucal, como é o caso do bruxismo, ocasionado por uma sobrecarga muscular que ocorre em situações de estresse e ansiedade, impactando diretamente a saúde bucal. Assim, a ansiedade pode ser considerada um dos fatores etiológicos do bruxismo. Apesar de o bruxismo ser multifatorial, ele pode estar relacionado a desequilíbrios emocionais e comportamentais do indivíduo, incluindo aspectos associados ao estresse. Estudos mostram que indivíduos acometidos pelo bruxismo podem apresentar correlação com uma rotina estressante, o que gera tensão. Dessa forma, a demora em buscar o diagnóstico e compreender os fatores que influenciam diretamente essa condição pode acarretar consequências como desgastes e perdas dentárias, interferindo negativamente no bem-estar do indivíduo. **OBJETIVOS:** Este trabalho possui como objetivo geral refletir acerca da relação entre bruxismo, ansiedade e estresse. **MÉTODOS:** Trata-se de uma análise reflexiva, baseada em uma revisão de literatura realizada no mês de fevereiro de 2026. Nesse sentido, foram realizadas buscas nas bases *SciELO*, *Google Acadêmico* e *Biblioteca Virtual em Saúde*. **RESULTADOS:** A partir da análise da literatura, observou-se que a sintomatologia relacionada à ansiedade, ao estresse e à depressão tem aumentado e pode apresentar papel determinante em distúrbios funcionais, como o bruxismo. Nesse sentido, a literatura demonstra que pessoas com apertamento dentário são impactadas pelo estresse, tendo em vista a forma como o corpo exterioriza as tensões. O bruxismo configura-se como um mecanismo inconsciente de lidar com essas tensões, de modo que os indivíduos acometidos permanecem constantemente em estado de tensão e alerta. Destaca-se que o apertamento dentário pode surgir como uma resposta que o organismo aciona de forma indireta para aliviar os sintomas da ansiedade. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Mediante as pesquisas analisadas, observou-se que o paciente com bruxismo geralmente necessita do uso de placa dentária e que, além disso, seu tratamento requer a atuação de uma equipe multiprofissional, incluindo acompanhamento psicológico para compreender sua sintomatologia emocional. Por fim, um cuidado integral pode auxiliar no tratamento e contribuir para a melhora do quadro clínico e do bem-estar do indivíduo.

CAPÍTULO 75

VIOÊNCIA CONTRA A MULHER: PLATAFORMAS DIGITAIS COMO INSTRUMENTOS DE APOIO, PROTEÇÃO E ENFRENTAMENTO

Lorena Barbosa Alcântara¹

Stefany Karoline Figueredo Gonçalves do Rêgo²

Valéria Carvalho Lima Santos³

Vinicius Lima Costa⁴

Yasmin de Carvalho Leal⁵

Rita de Cássia da Silva Alves⁶

^{1,2,3,4,5}Universidade Estadual do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

⁶Psicóloga. Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-8586-234X>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-6138-6916>

³ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-2594-8105>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-9556-7047>

⁵ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-0688-1536>

⁶ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-7476-4285>

Área temática: Saúde Mental na Contemporaneidade e Sociedade

E-mail do autor correspondente: lorenna.alcatdb@gmail.com

Palavras-chave: Violência Contra a Mulher; Plataformas Digitais; Tecnologia e Proteção.

INTRODUÇÃO: A Violência Contra a Mulher (VCM) configura-se como uma das mais persistentes e complexas violações dos direitos humanos. Trata-se de um fenômeno multifatorial, atravessado por dimensões sociais, econômicas, culturais, raciais e institucionais, que afeta de maneira ainda mais intensa mulheres em situação de vulnerabilidade. Conforme a Pesquisa Nacional de VCM, 3,7 milhões de brasileiras sofreram algum tipo de violência doméstica ou familiar em 2025. Logo, o enfrentamento da violência de gênero exige uma abordagem integrada e interseccional, articulando políticas públicas, rede de apoio psicossocial, atuação do sistema de justiça e estratégias preventivas. **OBJETIVO:** Investigar a VCM sob uma perspectiva multifatorial, examinando o papel das plataformas digitais como mecanismos de apoio, proteção e fortalecimento das políticas públicas de enfrentamento. **MÉTODOS:** Trata-se de uma revisão bibliográfica narrativa, de abordagem qualitativa e teórica, sobre a VCM e as plataformas digitais como instrumentos de apoio, proteção e enfrentamento. Utilizaram-se os descritores “violência contra a mulher”, “violência de gênero”, “plataformas digitais”, “tecnologia e proteção” e seus correspondentes em inglês, combinados pelos operadores booleanos AND e OR. Incluíram-se estudos publicados em português e inglês, entre 2022 e 2025. Após a leitura dos títulos, resumos e textos completos, considerando a pertinência temática e a exclusão de duplicidades, três estudos foram excluídos, permanecendo oito na amostra final. **RESULTADOS:** Os estudos indicam que as plataformas digitais fortalecem o enfrentamento da VCM ao ampliarem os canais de denúncia, orientação e acesso à rede de proteção, por meio de ferramentas como SOS Mulher, PenhaS, Disque 180 Digital e Delegacia Online da Mulher, além de evidenciarem a participação da iniciativa privada, como o aplicativo Magalu, na oferta de soluções de apoio. Verificou-se também que as redes sociais ampliam a visibilidade do tema e contribuem para a mobilização social, reforçando o papel das tecnologias no apoio às vítimas e no fortalecimento das políticas públicas de proteção. **DISCUSSÃO:** Os achados indicam que, embora as plataformas digitais ampliem o acesso à informação, à denúncia e à rede de proteção, sua efetividade depende da integração com políticas públicas estruturadas e com o sistema de justiça, em consonância com os princípios da Lei Maria da Penha. As tecnologias apresentam-se como instrumentos complementares às estratégias presenciais de acolhimento, exigindo articulação intersetorial, capacitação institucional e garantia de respostas rápidas e humanizadas. É necessário considerar as desigualdades de acesso à internet, as barreiras de letramento digital e os contextos de vigilância por parte do agressor, que podem limitar o uso seguro dessas ferramentas, sobretudo entre mulheres em maior situação de vulnerabilidade social. O potencial transformador das plataformas digitais reside em sua capacidade de operar de forma integrada à rede de proteção, fortalecendo fluxos de atendimento, prevenção e responsabilização, sem desconsiderar os determinantes estruturais que sustentam a VCM. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** As plataformas digitais têm se mostrado instrumentos importantes no enfrentamento da VCM, ampliando canais de denúncia, acesso à informação e apoio, além de fortalecerem a visibilidade do tema e a mobilização social. Todavia, sua eficácia depende da integração com políticas públicas, serviços presenciais e estratégias de proteção, considerando as desigualdades de acesso e a segurança digital, atuando como complemento às ações consolidadas de enfrentamento à VCM.



CAPÍTULO 76

VIVÊNCIA ACADÊMICA A PACIENTE COM ESQUIZOFRENIA HEBEFRÊNICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Pedro Igor Silva Portela¹
Maria Eduarda Silva Sousa²
Myllena de Farias Oliveira³
Vanessa dos Santos Costa⁴
Aline Raquel de Sousa Ibiapina⁵

^{1,2,3,4,5}Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID:0009-0001-1178-9743

²ORCID:0009-0003-3117-4732

³ORCID:0009-0009-3141-9238

⁴ORCID:0009-0000-4267-8651

⁵ORCID:0000-0003-1373-3564

Área temática: Saúde Mental de Populações Vulnerabilizadas

E-mail do autor correspondente: pedroiestudosetrabalho@gmail.com

Palavras-chave: Esquizofrenia Hebefrênica; Saúde Mental; Reabilitação Psiquiátrica.

INTRODUÇÃO: A esquizofrenia hebefrênica configura-se como um tipo de esquizofrenia que, em geral, manifesta-se nos anos iniciais da juventude, sendo caracterizada, sobretudo, pelo significativo comprometimento cognitivo, especialmente no que se refere à organização lógica das ideias e ao comportamento do indivíduo. Além disso, é comum que as emoções expressas não correspondam à situação vivenciada, mostrando-se superficiais ou inadequadas ao contexto. Trata-se de uma patologia que gera prejuízos relevantes, impactando significativamente os eixos da vida social, escolar e profissional do indivíduo. **OBJETIVO:** Relatar a experiência acadêmica vivenciada por estudantes de enfermagem na atenção à esquizofrenia hebefrênica e refletir sobre os desafios do cuidado multiprofissional. **MÉTODOS:** Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, desenvolvido a partir de vivência acadêmica em campo de prática na Rede de Atenção Psicossocial (RAPS). A experiência ocorreu durante atividades supervisionadas, nas quais foram realizadas observações do quadro clínico, do comportamento e do contexto psicossocial do paciente com esquizofrenia hebefrênica. As informações foram registradas em diário de campo e analisadas qualitativamente, à luz da literatura sobre esquizofrenia e determinantes sociais da saúde, possibilitando reflexão acerca da assistência prestada e dos desafios relacionados à continuidade do cuidado e ao suporte psicossocial. **RESULTADOS:** Durante a experiência prática, foram evidenciadas diferentes manifestações de delírios recorrentes e com conteúdo desorganizado, além de um contexto psicossocial fragilizado. Observou-se a presença de delírios de grandeza, caracterizados pela crença infundada sobre a própria importância, poder e superioridade; delírios bizarros, com ideias desconexas da realidade e fisicamente impossíveis; delírios somáticos, manifestados por alterações corporais sem evidência clínica; e delírios eróticos, envolvendo diálogos de conotação sexual e suposto interesse afetivo de terceiros, acompanhados de desinibição e inadequação afetiva. Constataram-se, ainda, desafios voltados ao cuidado multiprofissional, como a ausência de insight e a inexistência de suporte familiar adequado. **DISCUSSÃO:** Identificou-se que os principais desafios no cuidado multiprofissional diante dos sintomas apresentados pelo paciente incluem a dificuldade de comunicação decorrente do pensamento desorganizado e da ausência de insight, fatores que comprometem a adesão ao tratamento e exigem estratégias terapêuticas individualizadas. Destaca-se, como determinante social, a ausência de suporte familiar efetivo. Nesse contexto, a assistência requer articulação entre profissionais e serviços da Rede de Atenção Psicossocial para assegurar a integralidade do cuidado. Recursos institucionais limitados fragilizam a continuidade da assistência e dos vínculos sociais, restringindo a autonomia do paciente e dificultando sua reinserção comunitária. A fragilidade do contexto psicossocial associa-se à intensidade dos sintomas e à adesão ao tratamento fora do ambiente institucional. Torna-se indispensável fortalecer estratégias de reabilitação psicossocial, com foco na construção de vínculos, na promoção da autonomia e na ampliação da rede de apoio comunitária, visando reduzir recaídas e favorecer maior estabilidade clínica e social. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Apesar do acompanhamento multiprofissional e do suporte da Rede de Atenção Psicossocial, observa-se que a superação dos desafios enfrentados pela equipe multiprofissional é essencial para a efetividade do cuidado. Torna-se necessário fortalecer o suporte psicossocial, garantindo apoio emocional e estratégias que promovam a autonomia do paciente, visando ao fortalecimento de vínculos, à qualificação da assistência e à construção de uma vida digna e igualitária.

CAPÍTULO 77

VIVÊNCIA DE UM PESQUISADOR ANGOLANO EM UM PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM *STRICTO SENSU* DO NORDESTE BRASILEIRO

Lopes Lena Tchivala¹
Nanielle Silva Barbosa²
Márcia Astrês Fernandes³

^{1,2,3}Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5881-5347>

²ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5758-2011>

³ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9781-0752>

Área temática: Temas Transversais

E-mail do autor correspondente: lopestchivala@hotmail.com

Palavras-chave: Pós-Doutorado; Vivências; Pesquisa.

INTRODUÇÃO: Angola é um país que está em fase de desenvolvimento econômico e social e, nos últimos tempos, estudantes e profissionais têm migrado para diferentes países à procura de maiores oportunidades de formação e qualificação profissional que respondam aos desafios institucionais do país. Entre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, destaca-se o ODS 3, que visa assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades. Assim, vale destacar que o governo angolano, em parceria com o Banco Mundial, financiou 200 milhões de dólares para a formação de 38.000 profissionais de saúde, dentre eles 18.000 profissionais de enfermagem, até 2028. **OBJETIVO:** Descrever a vivência de um pesquisador angolano no Programa de Pós-graduação em Enfermagem *STRICTO SENSU* do Nordeste brasileiro. **MÉTODOS:** Trata-se de um relato de experiência de um pesquisador angolano, no período de março de 2022 a março de 2026. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** O pesquisador inseriu-se no programa após aprovação na chamada do Edital nº 07/2020 – UFPI/CCS/PPGENF, em 21 de janeiro de 2021. As aulas iniciaram em março de 2022, em decorrência da pandemia da Covid-19, sendo as disciplinas ofertadas remotamente. Esse primeiro momento permitiu que o pesquisador permanecesse próximo à família, e tudo transcorria da melhor maneira possível; contudo, a distância dos colegas e professores era desafiadora, causando limitações para o aprendizado. Vale destacar que o curso presencial retornou em 2022, e um misto de sentimentos foi vivenciado. Tratou-se de um momento difícil, mas que também proporcionou satisfação. Houve certa apreensão em deixar o país de origem e vir ao Brasil, distanciando-se dos pais, dos amigos e, principalmente, dos quatro filhos e da esposa, em busca de uma qualificação profissional para melhor servir à sociedade angolana. Apoio e acolhimento foram encontrados na Associação dos Discentes e Docentes da Universidade Federal do Piauí, e as Tecnologias da Informação e Comunicação aproximaram o pesquisador da família durante sua estadia no Brasil. O sentimento de alcançar o título de Doutor foi de gratidão e despertou o desejo pela realização de um estágio de Pós-Doutorado. A experiência representou uma honra para a vida pessoal, para a saúde mental, para a família e para a educação e a saúde de Angola. É necessário destacar que o aprendizado presencial se mostrou mais oportuno. Os grandes desafios motivaram a conquista de grandes objetivos, como o crescimento profissional enquanto pesquisador. A qualificação do profissional reflete-se nos serviços prestados e colabora para a satisfação da população, contribuindo para o alcance do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 3. O apoio à pesquisa é uma área na qual o Estado angolano ainda investe pouco, o que limita diagnósticos e abordagens baseadas em evidências para a resolução de problemas sociais. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A vivência foi desafiadora, porém contribuiu para o crescimento pessoal e profissional do pesquisador. Houve um primeiro momento caracterizado por dificuldades, como adaptar-se ao novo país e estar longe da família. Já o segundo momento foi marcado por orgulho e satisfação ao alcançar os títulos de Doutor e de Pós-Doutor, o que trouxe maior reconhecimento para a educação e a saúde em Angola, além de possibilitar a partilha de conhecimentos com estudantes e pesquisadores internacionais.

CAPÍTULO 78

VOZES QUE FLORESCEM: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM PSICOLOGIA ESCOLAR COM ESTUDANTES INDÍGENAS VENEZUELANOS

Carolyne Lane de Andrade Morais¹
Carlos Eduardo Gonçalves Leal²

¹Estudante de Psicologia do Centro Universitário Santo Agostinho (UNIFSA), Teresina, PI, Brasil.

²Pós-Doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr); Professor do Centro Universitário Santo Agostinho (UNIFSA), Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-9590-3091>

²ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8888-1513>

Área temática: Práticas Educativas/Educação em Saúde/Psicoeducação

E-mail do autor correspondente: carol_llane@outlook.com

Palavras-chave: Psicologia Escolar; Educação Intercultural Indígena; Círculos de Cultura; Afetividade.

INTRODUÇÃO: A Psicologia Escolar, em sua perspectiva crítica e histórico-cultural, tem ampliado sua atuação para além da lógica individualizante das queixas escolares, compreendendo-as como fenômenos produzidos na interface entre sujeito, cultura, instituição e contexto social. Em realidades marcadas por desigualdades, deslocamentos territoriais e diversidade étnica, torna-se imprescindível uma prática psicológica comprometida com a escuta sensível, o diálogo intercultural e a valorização das identidades coletivas. O projeto de intervenção “Vozes que Florescem: Círculos de Cultura e Afetividade na Escola Indígena Oka Ka Inaminanoko” foi uma proposta elaborada para a disciplina de Atividade Curricular de Extensão II (ACE) – Orientação à Queixa Escolar, do curso de Psicologia do Centro Universitário Santo Agostinho (UNIFSA). A iniciativa visou promover o desenvolvimento integral, a escuta sensível e o protagonismo estudantil de adolescentes indígenas e migrantes venezuelanos da etnia Warao, matriculados na 2ª série do Ensino Médio da referida escola. **OBJETIVO:** Relatar a experiência de uma Atividade Curricular de Extensão – Orientação à Queixa Escolar do curso de Psicologia. **MÉTODOS:** Trata-se de um relato de experiência, de abordagem qualitativa, realizado no contexto da Atividade Curricular de Extensão. A intervenção foi desenvolvida com estudantes migrantes indígenas venezuelanos da etnia Warao, da 2ª série do Ensino Médio do CETI Indígena Oka Ka Inaminanoko, em Teresina-PI, visando fortalecer a identidade cultural, a comunicação, a autoestima e o pertencimento escolar por meio de Círculos de Cultura. Foram promovidos encontros estruturados em rodas de conversa, dinâmicas sobre emoções, atividades simbólicas de identidade cultural e um ensaio fotográfico intercultural. A avaliação ocorreu de forma processual, por meio de observação participante, registros em diário de campo e *feedback* oral dos alunos e professores da instituição. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Observou-se ampliação da participação oral, maior expressão emocional e fortalecimento do sentimento de pertencimento. As práticas dialógicas e afetivas contribuíram para ressignificar queixas escolares relacionadas à timidez, às barreiras linguísticas e às dificuldades de integração, evidenciando a relevância das intervenções. A prática extensionista possibilitou vivenciar, na realidade concreta, os desafios escolares atravessados por fatores culturais, linguísticos, emocionais e históricos. No caso da escola indígena atendida, tornou-se evidente que as dificuldades de participação, comunicação ou expressão dos alunos Warao não poderiam ser interpretadas de forma individualizante ou patologizante; tratava-se, sobretudo, de compreender o impacto do processo migratório, da barreira linguística, das rupturas territoriais e das diferenças culturais nos modos de aprender, sentir e interagir. Essa leitura ampliada somente foi possível por ter se constituído em um movimento contínuo de escuta, observação e diálogo com alunos, professores, gestão e lideranças indígenas. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Destaca-se a importância de uma Psicologia Escolar crítica, humanizada e intercultural, comprometida com a escuta sensível e com a valorização das identidades indígenas em contexto migratório.

CAPÍTULO 79

***WORKAHOLISME* SONO: EVIDÊNCIAS CIENTÍFICAS EM UMA REVISÃO INTEGRATIVA**

Ana Beatriz Barbosa da Silva¹
Maria Jucielen Macêdo de Sousa²
Raísa Souza Silva³
Seíra Gabrielle de Freitas Rocha Damas⁴
Italo Arão Pereira Ribeiro⁵
Márcia Astrês Fernandes⁶
Nanielle Silva Barbosa⁷

^{1,2,3,4}Universidade Estadual do Piauí, Floriano, PI, Brasil.

⁵Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Coxim, MS, Brasil.

⁶Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

⁷Universidade Estadual do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5340-8454>

²ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2761-6545>

³ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0764-8144>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4322-2183>

⁵ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0778-1447>

⁶ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9781-0752>

⁷ ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5758-2011>

Área temática: Saúde Mental e Trabalho

E-mail do autor correspondente: anabeatrizbdas@aluno.uespi.br

Palavras-chave: Trabalho; Conduta Aditiva; Sono; Saúde Ocupacional.



INTRODUÇÃO: O *WORKAHOLISM* é um termo americano utilizado para referir-se ao vício em trabalho. Trata-se de um fenômeno global reconhecido como um problema de saúde pública devido aos impactos negativos acarretados na saúde física e mental dos trabalhadores, como ansiedade, esgotamento, problemas cardiovasculares e comprometimento da qualidade do sono. Nesse sentido, esse fenômeno pode ser observado em diferentes contextos profissionais, e pessoas que possuem perfil *workaholic* tendem a negligenciar as próprias necessidades em prol de padrões elevados de produtividade. **OBJETIVO:** Identificar a relação entre *WORKAHOLISM* e o sono dos trabalhadores. **MÉTODOS:** Trata-se de uma revisão integrativa realizada entre dezembro de 2025 e fevereiro de 2026. Aplicaram-se os descritores “Trabalho”, “Conduta aditiva” e “Sono”, bem como seus correspondentes em inglês, às bases de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde, Índice Bibliográfico Espanhol em Ciências da Saúde, Index Psicologia, via Biblioteca Virtual em Saúde, *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online*, via *PubMed*, *Cumulative Index to Nursing and Allied Health Literature*, *Web of Science*, *Scopus*, *Excerpta Medica Database* e *APA Facid Wyden®*. A literatura cinzenta foi recuperada na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e no *Google Scholar*. Foram incluídos estudos de qualquer abordagem metodológica, sem restrição quanto ao ano de publicação e ao idioma. A busca recuperou 718 publicações, das quais 20 compuseram a amostra do estudo. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Observou-se a prevalência do *WORKAHOLISM* entre trabalhadores, variando de 27,1% a 40%, em diferentes contextos de atuação. Há uma associação direta entre o comportamento aditivo relacionado ao trabalho e a má qualidade do sono, incluindo distúrbios como insônia, sonolência diurna e fadiga. Além disso, verificou-se que o trabalho em turnos irregulares potencializa os efeitos negativos, contribuindo para maior risco de exaustão emocional e comprometimento da saúde mental. Os achados fortalecem a compreensão de que o *WORKAHOLISM* não deve ser interpretado apenas como excesso de dedicação profissional, mas como um comportamento disfuncional, com impactos significativos na saúde física e mental. A relação com distúrbios do sono sugere que esse comportamento constitui um fator agravante para condições preexistentes, como estresse e fadiga. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Conclui-se que o *WORKAHOLISM* configura-se como fator de risco relevante para a saúde dos profissionais, especialmente em razão de sua relação com distúrbios do sono. A implementação de estratégias organizacionais e individuais voltadas ao equilíbrio entre a vida pessoal e profissional torna-se essencial para mitigar seus impactos, promovendo ambientes laborais mais saudáveis e sustentáveis.



I ENCONTRO INTERNACIONAL SOBRE
INOVAÇÕES EM
SAÚDE MENTAL

LIVRO
DE
ANAIS

RESUMOS EXPANDIDOS



CAPÍTULO 80

A AURICULOTERAPIA COMO FERRAMENTA DE CUIDADO INTEGRAL À SAÚDE MENTAL NA ATENÇÃO BÁSICA

Maria Geovanna Santos Araújo¹

Dorany Ribeiro Costa²

Isabel Karine Silva Carvalho Costa³

Cristiane Borges de Moura Rabelo⁴

^{1,2,3,4}Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-6086-5562>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-2126-934X>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5297-9092>

Área temática: Práticas Integrativas e Complementares em Saúde Mental

E-mail do autor correspondente: mariageovannasantosaraujo@gmail.com

Palavras-chave: Auriculoterapia; Práticas Integrativas e Complementares; Saúde Mental; Atenção Primária.

INTRODUÇÃO: A Unidade Básica de Saúde (UBS) configura-se como a principal porta de entrada para o Sistema Único de Saúde (SUS), abrangendo, inclusive, as demandas de saúde mental. Nesse cenário, a assistência é operacionalizada em territórios delimitados, o que propicia a consolidação de vínculos terapêuticos e a continuidade do cuidado (BRASIL, 2013). Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), os transtornos mentais representam a segunda maior causa de incapacidade prolongada globalmente, impactando severamente a qualidade de vida das populações (ONU, 2025). Apesar da relevância epidemiológica, as UBS enfrentam obstáculos na identificação precoce de agravos como estresse e ansiedade, que frequentemente se manifestam por meio de sintomatologia somática. Tal limitação decorre da elevada densidade de atendimentos, que compromete a qualidade das consultas, e de lacunas na formação profissional, ainda predominantemente pautada no modelo biomédico e na farmacologização como estratégia terapêutica hegemônica (MANGUEIRA, 2025). As Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), institucionalizadas pela Portaria nº 971/2006, visam à mitigação de agravos, com foco na promoção e recuperação da saúde, valorizando a escuta qualificada e a inserção do indivíduo em seu contexto biopsicossocial (BRASIL, 2025). A auriculoterapia, inserida no escopo das PICS, consiste na estimulação de pontos reflexos no pavilhão auricular, correlacionados a órgãos e sistemas do corpo humano. Trata-se de uma intervenção de baixo custo, segura e passível de execução por profissionais capacitados (BRASIL, 2024). Estudos indicam que a técnica possui potencial para reduzir níveis de ansiedade e dor, além de otimizar a qualidade do sono e o bem-estar geral (FREITAS; BARAGATTI, 2019). No entanto, dados do DATASUS (2020–2024) revelam disparidades regionais na oferta dessa prática, evidenciando a necessidade de investimentos em qualificação profissional para a expansão da técnica no sistema público (FIGUEREDO; SOARES; BEZERRA, 2025). **OBJETIVO:** Relatar a experiência da aplicação da auriculoterapia como prática integrativa no cuidado à saúde mental de usuários da Atenção Básica, sob a ótica da consulta de enfermagem, evidenciando suas contribuições para o cuidado integral. **METODOLOGIA:** Trata-se de um estudo descritivo, com abordagem qualitativa, delineado como relato de experiência. A vivência foi operacionalizada em uma unidade de Atenção Primária à Saúde (APS), no município de Teresina, Piauí, no período compreendido entre agosto e dezembro de 2025. A intervenção ocorreu durante o Estágio Curricular Obrigatório I do curso de graduação em Enfermagem, sob supervisão docente direta e preceptoria da enfermeira da unidade. O público-alvo foi constituído por usuários que apresentavam manifestações clínicas de sofrimento psíquico, notadamente sintomas de ansiedade, insônia e estresse ocupacional ou familiar, identificados de forma sistemática durante a consulta de enfermagem. A intervenção terapêutica fundamentou-se na auriculoterapia chinesa, utilizando sementes de mostarda (*Brassica juncea*) como agentes de estimulação mecânica, fixadas por meio de fita adesiva hipoalergênica. O protocolo de aplicação estruturou-se em torno do Triângulo Cibernético, composto pelos pontos *Shenmen* (responsável pela modulação emocional), Rim (vinculado à energia vital e à homeostase) e Simpático (regulador do sistema nervoso autônomo). Conforme o julgamento clínico individualizado, integraram-se pontos acessórios, como Coração, Ansiedade e Fígado, visando à harmonização das funções neurovegetativas. A condução da experiência pautou-se estritamente nos preceitos éticos da Resolução CNS nº 466/2012, garantindo o sigilo, a beneficência e o respeito à autonomia dos participantes. **RESULTADOS:** Durante a realização das consultas de enfermagem, observou-se que as demandas relacionadas à saúde mental raramente se apresentavam de forma isolada, manifestando-se predominantemente por meio de sintomas somáticos. Os usuários relataram quadros de cefaleias tensionais persistentes e mialgias na região cervical e no trapézio, além de queixas musculoesqueléticas diversas e alterações ginecológicas, como a exacerbação dos sintomas da tensão pré-menstrual (TPM). No campo emocional, os sintomas mais descritos foram: insônia de manutenção (dificuldade em permanecer dormindo), irritabilidade acentuada, palpitações associadas a episódios de ansiedade, sensação de “aperto no peito”, baixa autoestima e estresse



crônico decorrente de sobrecarga ocupacional ou familiar. Quanto à aceitabilidade, notou-se um desconhecimento prévio da técnica por cerca de 80% dos usuários acompanhados. Inicialmente, houve receio relacionado à possibilidade de dor e certa desconfiança quanto à eficácia de uma terapia considerada “não convencional”, visto que a maior parte do público desconhecia os mecanismos e as finalidades terapêuticas da auriculoterapia. Entretanto, após a realização de atividades de educação em saúde e esclarecimentos detalhados sobre a forma de atuação da técnica no organismo, observou-se elevada adesão. Ademais, verificou-se que, ao longo do acompanhamento, os usuários demonstraram protagonismo no autocuidado, relatando, inclusive, o hábito de estimular os pontos aplicados em momentos de crise de ansiedade. A aplicação da auriculoterapia transmutou a consulta de enfermagem em um espaço de escuta qualificada. Observou-se que o toque terapêutico e o procedimento de colocação das sementes reduziam a barreira entre o profissional e o paciente, facilitando o desabafo de questões subjetivas e íntimas. Em termos de resultados clínicos, os usuários relataram, já a partir da segunda sessão, redução da hipervigilância, melhora significativa na qualidade do sono (acordar com sensação de descanso), diminuição de tensões musculares crônicas e maior capacidade de enfrentamento frente aos estressores diários. A assiduidade nas consultas de retorno para reposição dos pontos evidenciou o reconhecimento da prática como um recurso terapêutico eficaz e resolutivo, sugerindo impacto positivo direto da auriculoterapia no cuidado à saúde mental na Atenção Básica.

DISCUSSÃO: Os resultados observados na experiência demonstram que a auriculoterapia pode constituir uma estratégia terapêutica complementar relevante no cuidado à saúde mental no contexto da APS. A predominância de queixas relacionadas a questões emocionais entre os usuários atendidos evidencia a crescente demanda por intervenções que considerem a integralidade do cuidado, articulando dimensões físicas, emocionais e sociais do processo saúde-doença (DA SILVA *et al.*, 2022). A eficácia da auriculoterapia fundamenta-se na complexa inervação do pavilhão auricular, que recebe ramos dos nervos vago, trigêmeo e glossofaríngeo. A estimulação mecânica desses pontos envia impulsos ao Sistema Nervoso Central (SNC), desencadeando respostas neurofisiológicas que modulam o Sistema Nervoso Autônomo (CORRÊA *et al.*, 2020). Consequentemente, a prática estabelece-se como um recurso capaz de induzir estados de relaxamento e equilíbrio homeostático, impactando diretamente a qualidade de vida e o bem-estar biopsicossocial do usuário. Esse processo resulta na liberação de neurotransmissores essenciais para a regulação emocional, como a serotonina e as endorfinas, além de promover o controle do cortisol (hormônio do estresse). Consequentemente, a técnica consolida-se como um recurso terapêutico capaz de induzir estados de relaxamento e equilíbrio homeostático, impactando diretamente a melhoria da qualidade de vida e do bem-estar biopsicossocial do usuário (CUNHA *et al.*, 2025). A inserção da auriculoterapia no contexto da Atenção Primária à Saúde encontra respaldo na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde, instituída pelo Ministério da Saúde, que visa ampliar o acesso da população a abordagens terapêuticas fundamentadas no cuidado integral e humanizado (DE PAULA RIBEIRO; DE MELO, 2022). Nesse cenário, a implementação dessas práticas fortalece o modelo de atenção centrado no usuário, valorizando estratégias não farmacológicas e contribuindo para a redução da medicalização excessiva (QUEIROZ; BARBOSA; DUARTE, 2023). Destaca-se, ainda, o papel do enfermeiro como profissional fundamental na implementação das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde, especialmente no âmbito da consulta de enfermagem, que possibilita o acolhimento das demandas subjetivas e a construção de vínculo terapêutico com os usuários (ALVES; LOUREIRO, 2022). A experiência evidenciou que a utilização da auriculoterapia favoreceu a escuta qualificada, ampliando as possibilidades de intervenção e fortalecendo a longitudinalidade do cuidado (TRINDADE *et al.*, 2024). **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** vivência acadêmica e assistencial evidenciou que a auriculoterapia possui potencial terapêutico robusto no campo da saúde mental, atuando como um divisor de águas na resolutividade da Atenção Básica. A técnica mostrou-se eficaz não apenas no alívio sintomático do

estresse e da ansiedade, mas também como instrumento de humanização do cuidado, capaz de resgatar a subjetividade do paciente em um sistema muitas vezes burocratizado. Por ser uma tecnologia de baixo custo e alta replicabilidade, amplia as ferramentas de intervenção do enfermeiro, qualificando a consulta sem substituir as terapias convencionais, mas potencializando-as. O fortalecimento do vínculo profissional-paciente e o estímulo à corresponsabilização do usuário constituem, talvez, os maiores legados dessa prática, reduzindo a saturação dos serviços especializados e oferecendo respostas imediatas no território. Em síntese, a consolidação da auriculoterapia no SUS não deve ser vista apenas como uma alternativa terapêutica, mas como uma estratégia política de fortalecimento dos princípios da integralidade e da equidade. Para tanto, é premente que as instituições de ensino e gestão invistam em formação contínua e ética, assegurando que o enfermeiro exerça sua autonomia com base em evidências científicas sólidas, consolidando um modelo de saúde mental verdadeiramente centrado na dignidade humana.



CAPÍTULO 81

ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO ORGANIZACIONAL NA PREVENÇÃO DO *BURNOUT* NAS ORGANIZAÇÕES

Maria Francisca Pereira Damasceno¹

Adriana Quaresma de Souza Carvalho²

Luana Mota Martins³

¹Centro Universitário Maurício de Nassau Teresina-Sul, Teresina, PI, Brasil.

²Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

³Docente do Centro Universitário Maurício de Nassau Teresina-Sul, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/009-0009-2802-2758>

²ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0772-5800>

³ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2521-5820>.

Área temática: Saúde Mental e Trabalho

E-mail do autor correspondente: mariapereirapsi17@gmail.com

Palavras-chave: Síndrome de *Burnout*; Psicólogo Organizacional; Saúde Mental; Prevenção; Ambiente de Trabalho.

INTRODUÇÃO: A saúde mental no ambiente de trabalho tem se tornado uma preocupação crescente, pois impacta diretamente o bem-estar dos colaboradores e a produtividade das organizações. Com o aumento das pressões e exigências no cenário corporativo atual, a manutenção da saúde psicológica dos trabalhadores tornou-se um desafio central, exigindo atenção tanto das empresas quanto dos profissionais de saúde. A negligência nessa área pode resultar na Síndrome de *Burnout* (SB), que afeta milhões de pessoas ao redor do mundo, comprometendo suas vidas e o desempenho organizacional (DIAS; SILVA, 2020). Dados da Associação Nacional de Medicina do Trabalho (ANAMT) indicam que cerca de 30% dos trabalhadores brasileiros enfrentam a SB. No entanto, especialistas sugerem que o número real pode ser ainda maior, devido à sobreposição dos sintomas com outras condições, como depressão e ansiedade. Levantamentos recentes apontam que o Brasil apresenta elevada prevalência da síndrome, especialmente entre profissionais submetidos a jornadas prolongadas e altas exigências laborais (CUNHA *et al.*, 2024). A inclusão da SB na Classificação Internacional de Doenças (CID-11), sob o código QD85, pela Organização Mundial da Saúde, em 2019, representa um marco no reconhecimento dos transtornos mentais relacionados ao trabalho, evidenciando a necessidade de estratégias preventivas eficazes para o enfrentamento do estresse crônico ocupacional. O impacto negativo do *Burnout* não se restringe à produtividade; afeta também as relações interpessoais, familiares e sociais, além de aumentar os custos relacionados ao absenteísmo, aos afastamentos e aos tratamentos prolongados (CAIXETA *et al.*, 2021; SILVA *et al.*, 2022). Nesse sentido, o psicólogo organizacional exerce papel estratégico, atuando na prevenção da SB por meio de intervenções que envolvem tanto aspectos individuais quanto organizacionais. As estratégias individuais incluem o fortalecimento da inteligência emocional, da resiliência e da autocompaixão dos colaboradores, enquanto as estratégias organizacionais envolvem a capacitação de lideranças, a melhoria das condições de trabalho, a criação de políticas institucionais de suporte e a promoção de um clima organizacional positivo (GRANJA *et al.*, 2024; LOPES *et al.*, 2022). Diante dessa realidade, e considerando a estreita relação entre saúde mental e ambiente de trabalho, torna-se necessário ampliar a compreensão acerca das estratégias de prevenção da Síndrome de *Burnout* no contexto organizacional. Nesse sentido, definiu-se como questão norteadora desta pesquisa a seguinte indagação: qual é o papel do psicólogo organizacional na prevenção da Síndrome de *Burnout*? **MÉTODOS:** Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, caracterizada como um tipo de estudo que busca descrever, de forma ampla, o desenvolvimento de um determinado tema, apresentando o estado da arte do conhecimento científico disponível sob uma perspectiva teórica ou contextual (CAVALCANTE & OLIVEIRA, 2020). O levantamento dos artigos foi realizado nas bases de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e *PubMed*. Para a estratégia de busca, foram utilizados descritores indexados nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e no *Medical Subject Headings* (MeSH), combinados por meio do operador booleano AND: “Síndrome de *Burnout*” (*Burnout*, *Professional*), “Psicologia Organizacional” (*Organizational Psychology*) e “Prevenção” (*Prevention*). Foram considerados artigos científicos publicados entre 2015 e 2024, nos idiomas português e inglês, que abordassem a temática proposta. Como critérios de inclusão, foram selecionados artigos originais que discutissem o papel do psicólogo organizacional na prevenção da Síndrome de *Burnout*. Foram excluídos estudos duplicados, indisponíveis em texto completo ou que não apresentassem relação direta com o tema investigado. A busca inicial resultou em 92 publicações. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados oito artigos para compor a análise final, sendo quatro identificados na base SciELO, três na PubMed e um na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). A análise dos estudos foi realizada por meio de abordagem qualitativa interpretativa, buscando identificar as principais estratégias de prevenção da Síndrome de *Burnout* e as contribuições da Psicologia Organizacional para a promoção da saúde mental no ambiente de trabalho. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** A análise dos oito artigos selecionados possibilitou identificar diferentes abordagens

acerca da Síndrome de *Burnout* no contexto organizacional, com ênfase nos fatores associados ao esgotamento profissional e nas estratégias de atuação do psicólogo organizacional na promoção da saúde mental no ambiente de trabalho. De modo geral, os estudos analisados abordam aspectos relacionados às condições de trabalho, às demandas psicossociais e às estratégias de prevenção do *Burnout* nas organizações. Observou-se maior prevalência da síndrome entre profissionais submetidos a altas demandas laborais, especialmente na área da saúde. Segundo Silva *et al.* (2015), a prevalência de *Burnout* entre trabalhadores submetidos a alta exigência chegou a 72,5%, enquanto, em contextos de baixa demanda, foi de 64,5%. Além disso, 27,7% dos trabalhadores apresentaram sinais de possíveis transtornos mentais comuns, dos quais 80,6% também estavam associados ao *Burnout*. Além da sobrecarga, fatores como clima organizacional positivo, suporte social, inteligência emocional, autoeficácia profissional e automotivação atuaram como elementos protetivos. Estudos como os de Hernandez e Sousa (2015) indicaram que ambientes colaborativos e a presença de suporte social são essenciais para reduzir os riscos de *Burnout*. Marques e Carlotto (2024) destacaram que psicólogos com maior autocontrole e autoeficácia apresentaram menor risco de desenvolvimento da síndrome. Intervenções conduzidas por psicólogos demonstraram impacto na redução temporária dos sintomas de *Burnout* e do absenteísmo. Por exemplo, Ricou *et al.* (2020) mostraram que, mesmo sem diferenças significativas nos escores em longo prazo, o grupo de intervenção apresentou melhora geral dos sintomas e diminuição temporária do absenteísmo. Francisco *et al.* (2020) evidenciaram que a satisfação das necessidades psicológicas básicas está negativamente associada ao *Burnout* e positivamente ao engajamento, reforçando a importância de estratégias preventivas que considerem fatores individuais e organizacionais. A análise dos estudos também revelou que as causas do adoecimento mental no trabalho são multifatoriais, envolvendo condições laborais, pressões externas e relações interpessoais (SILVA *et al.*, 2016). Isso reforça a necessidade de uma abordagem integrada que articule ações individuais e organizacionais, com foco na promoção da saúde mental e no fortalecimento do bem-estar no ambiente de trabalho. Os estudos evidenciam que a Síndrome de *Burnout* apresenta elevada prevalência em contextos de alta exigência laboral, principalmente entre profissionais da saúde, devido às longas jornadas, à elevada carga emocional e à falta de suporte organizacional. Silva *et al.* (2015) destacam que trabalhadores submetidos a altas demandas apresentam risco significativamente maior de *Burnout*, evidenciando a relação direta entre organização do trabalho e adoecimento psíquico. Essa correlação reforça que a síndrome não deve ser compreendida apenas como um problema individual, mas como resultado de fatores estruturais e institucionais. Os achados de Santos *et al.* (2015) demonstram que o clima organizacional exerce influência relevante na manifestação da síndrome. Ambientes com comunicação eficaz, integração, reconhecimento profissional e políticas de suporte social apresentam menores índices de *Burnout*. Esses resultados indicam que intervenções focadas apenas no indivíduo são insuficientes; é fundamental que o psicólogo organizacional atue em conjunto com mudanças estruturais que promovam um ambiente laboral saudável. Intervenções realizadas por psicólogos organizacionais mostraram impacto positivo, embora muitas vezes temporário, nos sintomas de *Burnout* e no absenteísmo. Ricou *et al.* (2020) evidenciam que ações psicológicas realizadas em unidades de terapia intensiva contribuíram para a redução temporária do esgotamento emocional. Francisco *et al.* (2020) apontam que a satisfação das necessidades psicológicas básicas está associada a menor risco de *Burnout*, demonstrando que estratégias preventivas devem considerar tanto fatores individuais quanto contextuais. Recursos individuais como inteligência emocional, autoeficácia, automotivação e autocontrole emergem como fatores protetivos contra a síndrome (MARQUES & CARLOTTO, 2024). Hernandez e Sousa (2015) reforçam a importância de ambientes colaborativos e do suporte social para a satisfação no trabalho, demonstrando que a atuação do psicólogo organizacional deve contemplar tanto estratégias individuais de enfrentamento quanto intervenções voltadas à melhoria do ambiente laboral. Silva *et al.* (2016) enfatizam a multifatorialidade do adoecimento

mental no trabalho, destacando que fatores organizacionais, subjetivos e sociais estão interligados. Dessa forma, a prevenção do *Burnout* exige uma abordagem integrada e contínua, na qual o psicólogo organizacional atua como agente estratégico, promovendo diagnóstico organizacional, desenvolvimento de lideranças, fortalecimento de redes de suporte e implementação de políticas institucionais voltadas à saúde mental. Em síntese, a literatura revisada evidencia que o psicólogo organizacional desempenha papel crucial na prevenção do *Burnout*. Sua atuação deve combinar intervenções individuais, como a promoção da inteligência emocional e do autocuidado, com ações organizacionais estruturadas que promovam reconhecimento, suporte social e um clima laboral positivo. A integração dessas estratégias é essencial para a construção de ambientes de trabalho mais saudáveis, produtivos e sustentáveis, alinhando o bem-estar dos colaboradores à performance organizacional. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** O presente estudo evidenciou que a Síndrome de *Burnout* constitui um importante problema de saúde ocupacional, diretamente relacionado às condições organizacionais e às exigências psicossociais do trabalho. Os estudos demonstram que fatores como sobrecarga, ausência de reconhecimento e clima organizacional desfavorável contribuem significativamente para o desenvolvimento da síndrome, enquanto estratégias voltadas ao fortalecimento de recursos emocionais e à melhoria do ambiente laboral atuam como fatores de proteção. Nesse cenário, a atuação do psicólogo organizacional mostra-se fundamental na implementação de ações preventivas estruturadas, tanto em nível individual quanto organizacional. Sua intervenção contribui para a promoção da saúde mental, a redução do absenteísmo e o fortalecimento das relações interpessoais no contexto empresarial. Conclui-se que a prevenção do *Burnout* exige uma abordagem integrada e contínua, reforçando o papel estratégico da Psicologia Organizacional na construção de ambientes de trabalho mais saudáveis, produtivos e sustentáveis.

CAPÍTULO 82

CONSTRUÇÃO DE CARTILHA SOBRE SEMIOLOGIA EM SAÚDE MENTAL: EXPERIÊNCIA DE ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM

Quézia Galvão da Costa¹

Isaac Matheus Castelo Branco Almeida²

Alice Vieira Santos Lima³

Lorena Cezar Silva⁴

Alanna Maria de Moura Gomes⁵

Aline Raquel de Sousa Ibiapina⁶

^{1,2,3,4,5,6}Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-3053-2598>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-6032-556X>

³ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0672-1709>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-3290-8376>

⁵ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0411-7236>

⁶ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1373-3564>

Área temática: Práticas Educativas/Educação em Saúde/Psicoeducação

E-mail do autor correspondente: quezia.costa@ufpi.edu.br

Palavras-chave: Saúde Mental; Educação em Saúde; Educação em Enfermagem.

INTRODUÇÃO: A enfermagem exerce um papel fundamental na assistência à saúde mental, atuando diretamente no cuidado a indivíduos com transtornos mentais por meio da promoção do autocuidado, da escuta ativa e da construção de vínculos terapêuticos (SILVA; RIBEIRO, 2025). No centro dessa prática está a semiologia, compreendida como o estudo dos sinais e sintomas que permite ao profissional interpretar as respostas humanas, elaborar diagnósticos e implementar planos de cuidado assertivos e individualizados. No contexto da saúde mental, a semiologia e a anamnese são ferramentas vitais para a coleta de dados objetivos e subjetivos, sendo essenciais para a primeira etapa do Processo de Enfermagem (PE) (NÓBREGA *et al.*, 2021). Entretanto, a literatura aponta uma dualidade e fragilidade no ensino teórico-prático de Saúde Mental e Psiquiatria durante a graduação. Cerca de 72,7% dos enfermeiros sentem-se despreparados para lidar com a área pela primeira vez, e 68,2% consideram que os conteúdos foram pouco explorados em sua formação. Esse cenário de insegurança técnica, muitas vezes ancorado em lógicas hospitalocêntricas e biomédicas ultrapassadas, ressalta a necessidade de estratégias que capacitem o enfermeiro a atuar de forma humanizada e segura (MENEZES *et al.*, 2021). Diante da necessidade de superar práticas automatizadas e promover um cuidado humanizado e centrado no paciente, a utilização de tecnologias educacionais e intervenções educativas torna-se uma estratégia eficaz (SILVA; RIBEIRO, 2025). A confecção de materiais didáticos, como cartilhas, auxilia na sistematização do conhecimento e facilita a abordagem psiquiátrica ao oferecer subsídios para a realização de uma propedêutica que valorize a autonomia do usuário (NÓBREGA *et al.*, 2021; SILVA; RIBEIRO, 2025). **OBJETIVO:** Relatar a experiência de acadêmicos do curso de Enfermagem da Universidade Federal do Piauí na construção da cartilha educativa intitulada “Semiologia em Saúde Mental: abordagem psiquiátrica para enfermagem”, desenvolvida no âmbito do Projeto de Extensão “SintonizaMente: Estratégias para Manutenção do Bem-Estar Mental de Estudantes da Graduação”. **MÉTODOS:** Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, sobre a construção de uma cartilha educativa, desenvolvida entre julho e outubro de 2025, no contexto das atividades do Projeto de Extensão “SintonizaMente: Estratégias para Manutenção do Bem-Estar Mental de Estudantes da Graduação”, vinculado ao curso de Enfermagem da Universidade Federal do Piauí. A construção da cartilha foi orientada pela seguinte pergunta norteadora: “Como sistematizar, de forma didática e acessível, os principais elementos da semiologia psiquiátrica para auxiliar na formação e na prática de acadêmicos e profissionais de enfermagem, diante da escassez de materiais atualizados e direcionados à área?”. Inicialmente, realizou-se uma revisão narrativa da literatura, sem delimitação temporal previamente estabelecida, com o objetivo de reunir produções científicas que abordassem a semiologia psiquiátrica e sua aplicação na enfermagem. O levantamento foi conduzido nas bases de dados *SciELO*, Periódicos CAPES e *PubMed*, utilizando descritores relacionados à semiologia, à saúde mental, à enfermagem psiquiátrica e ao exame do estado mental. Ao todo, foram identificados 14 trabalhos, dos quais três eram duplicados, resultando em 11 estudos elegíveis para análise. Destaca-se a dificuldade na identificação de artigos disponíveis na íntegra, bem como a escassez de publicações específicas e atualizadas que abordassem, de maneira sistematizada, a semiologia psiquiátrica voltada à prática da enfermagem. Posteriormente, após a leitura e a seleção dos termos e conceitos mais relevantes, procedeu-se à síntese das informações e à organização didática dos tópicos abordados. A diagramação e a elaboração das ilustrações gráficas foram realizadas por meio da plataforma Canva Pty Ltd, buscando linguagem acessível, clareza na exposição do conteúdo e harmonia visual. Por fim, a versão final da cartilha foi encaminhada à professora coordenadora do projeto de extensão para revisão técnica e pedagógica, a fim de assegurar coerência científica, adequação da linguagem e organização estrutural, culminando na finalização e posterior divulgação do material. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** A formação de futuros profissionais na área da saúde compete a um aprendizado voltado à construção de um conhecimento embasado em validação científica, o qual precisa ser claro e objetivo. Nesse sentido, no campo da saúde mental,

verificou-se uma pequena quantidade de materiais voltados ao ensino da semiologia em saúde mental, o que, consequentemente, dificulta a compreensão efetiva e a qualidade de sua aplicação. Sendo assim, no ano de 2025, acadêmicos do curso de Enfermagem da Universidade Federal do Piauí, integrantes do projeto de extensão SintonizaMente, criaram uma cartilha com o intuito de apresentar informações baseadas na literatura para contribuir com o fortalecimento do saber e sua aplicação na enfermagem psiquiátrica (COSTA *et al.*, 2025). A cartilha foi intitulada “Semiologia em Saúde Mental: abordagem psiquiátrica para enfermagem”, abordando tópicos da semiologia, como nível de consciência, orientação, linguagem e comunicação, atenção e concentração, memória, conteúdo do pensamento, sensopercepção, humor e afeto. Ainda, com o intuito de conferir maior resolatividade, alguns dos tópicos supracitados foram relacionados aos transtornos mentais que apresentam as características neles encontradas. Como exemplo, pessoas com esquizofrenia paranoide podem apresentar taquilalia e logorreia, conceitos semelhantes, porém distintos (COSTA *et al.*, 2025). No estudo de Gomes e colaboradores (2025) sobre a utilização de cartilhas como tecnologias educacionais em saúde, os autores destacam que a cartilha é considerada um tipo de tecnologia leve de educação, capaz de dialogar com diferentes públicos e realidades socioculturais, o que favorece o empoderamento dos sujeitos e o incentivo à autonomia no cuidado à saúde. Ademais, contribui para a construção de conhecimentos e para a capacitação tanto dos profissionais de saúde quanto de pacientes e familiares. Segundo Teixeira, Gircys e Corvino (2021), materiais educativos na área da saúde devem constituir fontes de educação e estar adaptados à linguagem de domínio do público-alvo. A linguagem utilizada no trabalho encontra-se dentro das normas da língua portuguesa brasileira, sendo de fácil compreensão, com a finalidade de ser clara e acessível, estabelecendo um paralelo entre a escrita científica e a democratização do entendimento (SALIMO *et al.*, 2025). No que tange à diagramação e à ilustração gráfica, a produção foi elaborada a partir de cores em tons pastéis, que transmitem leveza, delicadeza e calma, objetivando proporcionar uma leitura associada a esses sentimentos. Além disso, o uso de ilustrações foi empregado para contribuir com essa dinâmica de leitura. De acordo com Muniz e colaboradores (2023), a utilização de imagens associadas à linguagem adotada contribui para que o material seja considerado esclarecedor. Diante disso, percebe-se que a cartilha se apresenta como uma tecnologia criativa para a disseminação do conhecimento científico. O uso da semiologia psiquiátrica parte da anamnese, assim como ocorre nas demais especialidades, por meio da qual o profissional de saúde, como o enfermeiro, estabelece um olhar clínico para compreender desde um transtorno mental já diagnosticado até um estado de confusão, por vezes induzido por substâncias químicas ou mesmo por um distúrbio metabólico, como nos casos de diabetes descompensado. Desse modo, as publicações científicas contribuem à medida que visam trazer soluções e melhores desfechos para a sociedade, uma vez que um conhecimento consolidado acarreta benefícios para um cuidado humanizado, como a enfermagem tem buscado ao longo dos anos (SALIMO *et al.*, 2025). Ademais, Silva e Ribeiro (2025) destacam o papel crucial da Enfermagem na promoção da saúde e da qualidade de vida de indivíduos que vivenciam transtornos mentais e reforçam a importância da formação continuada, da valorização da saúde mental nos currículos acadêmicos, do incentivo à pesquisa e da inovação tecnológica como estratégias essenciais para transformar a realidade atual da prática de Enfermagem em saúde mental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A construção da cartilha “Semiologia em Saúde Mental: abordagem psiquiátrica para enfermagem”, desenvolvida por acadêmicos da Universidade Federal do Piauí no contexto do projeto de extensão SintonizaMente, evidenciou a importância de estratégias educativas para o fortalecimento do ensino teórico-prático em saúde mental. A experiência possibilitou sistematizar conteúdos essenciais da semiologia psiquiátrica, contribuindo para suprir lacunas identificadas na formação acadêmica e promovendo maior segurança na aplicação do Processo de Enfermagem.



Além disso, a elaboração do material, fundamentada em revisão da literatura e organizada de forma didática e acessível, favoreceu a integração entre teoria e prática, facilitando a compreensão dos sinais e sintomas no exame do estado mental. O uso de linguagem clara, recursos visuais e estrutura pedagógica adequada reforçou o potencial da cartilha como tecnologia educacional capaz de apoiar tanto estudantes quanto profissionais, incentivando uma atuação mais crítica, humanizada e centrada no usuário. Dessa forma, conclui-se que a produção da cartilha representa uma iniciativa relevante para a qualificação da assistência em saúde mental, além de contribuir para a desmistificação dos transtornos mentais e para o fortalecimento do papel do enfermeiro na Rede de Atenção Psicossocial. A experiência reafirma o valor das tecnologias educativas como ferramentas transformadoras no processo de formação e na consolidação de práticas baseadas em evidências científicas.

CAPÍTULO 83

DISCRIMINAÇÃO E VIOLÊNCIAS SIMBÓLICAS ASSOCIADAS AO SOFRIMENTO MENTAL NA POPULAÇÃO LGBTQIA+: REVISÃO NARRATIVA

Eric José Fernandes Calácio¹

Lília Ravena Melo dos Santos²

Lívia Manoela Sóstenes Alencar³

Álvaro Sepúlveda Carvalho Rocha⁴

^{1,2,3,4}Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-8636-9585>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-0694-2039>

³ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-2959-5207>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7968-9597>

Área temática: Saúde Mental de Populações Vulnerabilizadas

E-mail do autor correspondente: ericcalacio24@gmail.com

Palavras-chave: Saúde Mental; Pessoas LGBTQIA+; Violência de Gênero.

INTRODUÇÃO: As relações sociais contemporâneas ainda são estruturadas por padrões heteronormativos que definem modelos legitimados de gênero e sexualidade, estabelecendo parâmetros de normalidade que excluem identidades dissidentes. Esses padrões sustentam mecanismos simbólicos de poder que classificam determinadas existências como inadequadas. Nesse contexto, pessoas LGBTQIA+ vivenciam processos contínuos de marginalização em diferentes esferas, como família, escola, trabalho, instituições religiosas e serviços de saúde, de modo que essas situações não acontecem por acaso, mas refletem estruturas sociais já estabelecidas. Nesse cenário, destaca-se a violência simbólica, conceito desenvolvido por Pierre Bourdieu, que a define como uma forma de dominação que ocorre de maneira sutil e, muitas vezes, imperceptível, por meio da linguagem, das normas e das práticas institucionais (BOURDIEU, 2007). Diferentemente da violência física, ela se manifesta de forma naturalizada, fazendo com que desigualdades sejam vistas como algo comum ou inevitável. No âmbito da sexualidade e do gênero, isso se expressa na imposição de padrões heteronormativos, na deslegitimação de identidades dissidentes e na reprodução de discursos que inferiorizam experiências LGBTQIA+ (MORETTI-PIRES *et al.*, 2022). Assim, não se trata de episódios isolados, mas de um processo contínuo que influencia a forma como essas pessoas são reconhecidas socialmente e como constroem sua autoestima. Esse tipo de violência pode ser observado na negação do uso do nome social, na patologização de identidades trans, na invisibilização de relações homoafetivas e na exclusão da diversidade sexual em diferentes espaços sociais. Embora não envolva agressão física direta, produz efeitos significativos, pois favorece a internalização de sentimentos de inadequação, desvalorização e inferioridade (TRUJILLO *et al.*, 2024). Além disso, muitas pessoas LGBTQIA+ enfrentam microagressões frequentes, como o uso incorreto de pronomes, comentários depreciativos e suposições heteronormativas. Embora, isoladamente, essas situações possam parecer de menor gravidade, sua repetição constante gera um acúmulo de experiências negativas. Esse processo pode provocar sentimentos de não pertencimento, insegurança e isolamento social, favorecendo o desenvolvimento de sintomas ansiosos e depressivos (KÄLLSTRÖM *et al.*, 2022; SANTOS *et al.*, 2022). Dessa forma, o sofrimento psíquico não deve ser compreendido apenas como uma questão individual, mas como resultado de contextos sociais que produzem e mantêm desigualdades. Ainda que, isoladamente, essas atitudes possam parecer de menor gravidade, sua repetição cotidiana reforça sentimentos de inadequação e não pertencimento. A vivência constante dessas situações, aliada à expectativa antecipada de rejeição, favorece estados de hipervigilância, medo e isolamento social, configurando um cenário que potencializa o desenvolvimento de sintomas ansiosos, depressivos e outros agravos à saúde mental, que podem levar, inclusive, a pensamentos suicidas. Dessa forma, discutir a relação entre violência simbólica, discriminação e sofrimento mental na população LGBTQIA+ torna-se fundamental para subsidiar políticas públicas mais efetivas, fortalecer práticas institucionais inclusivas e promover estratégias de cuidado em saúde pautadas na equidade, no reconhecimento das diferenças e na garantia de direitos. **OBJETIVOS:** Objetivo geral — analisar, com base na literatura científica, a relação entre violência simbólica, discriminação e sofrimento mental na população LGBTQIA+. Objetivos específicos — identificar as principais manifestações de violência simbólica e discriminação vivenciadas pela população LGBTQIA+ em diferentes contextos sociais; Discutir os impactos dessas experiências na saúde mental, com ênfase em sintomas ansiosos, depressivos e outros indicadores de sofrimento psíquico; Examinar fatores sociais, familiares e institucionais que contribuem para a vulnerabilidade ou proteção em relação ao adoecimento mental. **METODOLOGIA:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, cujo delineamento foi escolhido por permitir a inclusão de estudos com diferentes abordagens metodológicas, possibilitando uma compreensão ampliada acerca da relação entre violência simbólica, discriminação e sofrimento mental na população LGBTQIA+. A busca foi realizada nas bases *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*, Literatura Latino-Americana

e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e *PubMed*. Foram utilizados descritores específicos retirados dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e do *Medical Subject Headings* (MeSH), combinados por meio dos operadores booleanos AND e OR, contemplando os termos “minorias sexuais e de gênero”, “saúde mental” e “violência de gênero”, com recorte temporal entre 2020 e 2025. Foram selecionados estudos originais com texto completo disponível nos idiomas português e inglês, excluindo-se estudos em outros idiomas, fora da delimitação temporal estabelecida, além de outros tipos de publicações, como teses, editoriais, artigos de opinião e trabalhos que não apresentassem relação direta com o objetivo da pesquisa. Após a aplicação dos critérios de elegibilidade e a leitura dos títulos, resumos e textos completos, sete estudos foram selecionados para compor a amostra final, sendo analisados de forma descritiva e interpretativa, com organização das evidências em categorias temáticas. Por tratar-se de um estudo fundamentado exclusivamente na análise de produções científicas já publicadas, não houve envolvimento direto de participantes nem coleta de dados primários. Assim, conforme a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, pesquisas dessa natureza não requerem apreciação por Comitê de Ética em Pesquisa. Ainda assim, foram observados os princípios de rigor metodológico e ética acadêmica, com adequada referência às fontes consultadas e respeito à integridade dos dados apresentados nos estudos incluídos. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** A análise dos artigos selecionados mostra que a violência simbólica e as diferentes manifestações de discriminação dirigidas à população LGBTQIA+ configuram importantes determinantes sociais do sofrimento mental, afetando diretamente aspectos emocionais, sociais e comportamentais dos indivíduos. Os estudos indicam que o contato constante com o preconceito e a exclusão social favorece o surgimento de quadros de ansiedade e depressão, além de gerar insegurança e baixa autoestima. Essas experiências não são fatos isolados, mas fazem parte de uma estrutura social que mantém desigualdades históricas e acumula vulnerabilidades na vida dessas pessoas (MOAGI *et al.*, 2021; MOURA *et al.*, 2022). Devido ao caráter difuso e, muitas vezes, legitimado socialmente, a violência simbólica tende a se manter invisibilizada, o que dificulta tanto seu reconhecimento quanto sua mensuração em estudos empíricos. A literatura aponta que sua identificação depende da percepção dos sujeitos e das dinâmicas sociais em que estão inseridos, o que pode levar à subnotificação ou à minimização de seus efeitos (MORETTI-PIRES *et al.*, 2022). Ainda assim, os impactos tornam-se evidentes quando se observam as consequências sobre a autoestima, o senso de pertencimento e a estabilidade emocional, especialmente em contextos marcados por discriminação recorrente. Trata-se de um fenômeno que, embora pouco tangível, exerce influência concreta na construção das trajetórias individuais e nas condições de saúde mental. Evidências apontam que o ambiente familiar exerce papel decisivo na forma como pessoas LGBTQIA+ lidam com a discriminação. A rejeição familiar está associada ao aumento do sofrimento psíquico, da depressão, da ideação suicida e do isolamento social. Em contrapartida, o apoio emocional e a aceitação funcionam como fatores de proteção, reduzindo os impactos negativos do preconceito (IQBAL *et al.*, 2025). Assim, evidencia-se que o adoecimento mental não decorre da identidade de gênero ou da orientação sexual, mas das respostas sociais discriminatórias direcionadas a essas pessoas, embora muitos estudos utilizem amostras específicas e recortes qualitativos que limitam a generalização dos achados para diferentes contextos socioculturais. O contexto escolar e institucional revela-se um espaço relevante para a geração de violência simbólica direcionada a indivíduos LGBTQIA+, caracterizado, com frequência, por casos de bullying, rejeição social e agressividade, os quais prejudicam o amadurecimento psicossocial e a autoconfiança, além de contribuírem para episódios de ansiedade, abandono escolar e angústia emocional duradoura. Além disso, o preconceito nos serviços de saúde, associado à falta de capacitação profissional e à inexistência de abordagens inclusivas, impulsiona o distanciamento dessa população do atendimento, dificultando o acesso aos cuidados em saúde mental e agravando as disparidades estruturais, embora predominem estudos transversais que não permitem estabelecer causalidade direta entre discriminação institucional

e adoecimento mental (KÄLLSTRÖM *et al.*, 2022; MOURA *et al.*, 2022). Além disso, estudos sugerem que o preconceito social persistente afeta não apenas o mal-estar mental imediato, mas também os hábitos de autoproteção e as interações sociais entre indivíduos da comunidade LGBTQIA+. Consequentemente, esses indivíduos recorrem a estratégias de ocultação de sua orientação sexual ou identidade de gênero como forma de proteção em contextos adversos, o que se associa a níveis mais elevados de tensão, isolamento emocional e maior risco de agravos psicológicos. Ademais, a ausência de ambientes acolhedores reduz o apoio social percebido, reconhecido como fator protetivo para a saúde mental. Pesquisas indicam que a construção de contextos inclusivos e o fortalecimento de redes de apoio contribuem para a redução de sintomas ansiosos e depressivos, embora existam resultados divergentes sobre os efeitos da ocultação da identidade, sendo apontada tanto como estratégia protetiva imediata quanto como fator de estresse prolongado (TRUJILLO *et al.*, 2024; SANTOS *et al.*, 2022). Nesse sentido, embora a exposição prolongada ao estigma social possa gerar estresse crônico, favorecendo o esgotamento emocional, a maior vulnerabilidade psicológica e o aumento do risco de ideação suicida, especialmente entre jovens e pessoas transgênero, fatores interseccionais, como desigualdades sociais e raciais, potencializam esses impactos, reforçando a necessidade de políticas públicas inclusivas e práticas assistenciais mais humanizadas. Nesse cenário, destaca-se o papel da enfermagem e dos serviços de saúde na promoção do acolhimento, da equidade e do cuidado integral, embora os próprios estudos apontem como limitação a escassez de avaliações sobre a efetividade das intervenções já implementadas, indicando a necessidade de pesquisas futuras voltadas à análise do impacto das ações propostas (IQBAL *et al.*, 2025; MOAGI *et al.*, 2021; MOURA *et al.*, 2022). **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Esta revisão evidenciou que a violência simbólica e as práticas discriminatórias contra a população LGBTQIA+ impactam significativamente a saúde mental, contribuindo para o desenvolvimento de ansiedade, depressão e isolamento emocional. Os agravos identificados não devem ser compreendidos apenas como experiências individuais, mas como reflexo de desigualdades estruturais, estigmatização e ausência de espaços seguros e acolhedores. Entretanto, observou-se que parte significativa das pesquisas apresentou abordagem predominantemente descritiva, com exploração limitada da relação causal entre as manifestações não físicas de discriminação e as consequências para a saúde mental. Esse cenário revela lacunas na literatura, principalmente quanto à compreensão dos efeitos cumulativos da violência simbólica e à necessidade de estudos que aprofundem essa relação de forma mais analítica. Por fim, destaca-se a necessidade de fortalecimento de políticas públicas voltadas à equidade, ao enfrentamento da discriminação e à ampliação do acesso a serviços de saúde mental qualificados. A capacitação contínua dos profissionais e a adoção de práticas assistenciais éticas, inclusivas e respeitosas à identidade de gênero e à orientação sexual são fundamentais para a promoção do cuidado integral. O enfrentamento da violência simbólica exige, portanto, ações intersetoriais que promovam inclusão, garantia de direitos e bem-estar psicológico.



CAPÍTULO 84

EFICÁCIA DAS INTERVENÇÕES EM SAÚDE MENTAL ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Mateus da Cunha Moraes¹

Carlos Roberto Leandro Dos Santos Gomes²

Giovanna de Oliveira Libório Dourado³

^{1,2,3}Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-3467-6478>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-6007-2474>

³ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6570-8689>

Área temática: Saúde mental na Contemporaneidade e Sociedade

E-mail do autor correspondente: mateusdcmoraes01@gmail.com

Palavras-chave: Saúde Mental; Angústia Psicológica; Universidades.

INTRODUÇÃO: Na Grécia pré-socrática, o sofrimento psíquico estava associado à ira dos deuses e era lançado sobre a humanidade sempre que a divindade se irritava com a *hybris* humana (CECCARELLI, 2005). Diferentemente da época pré-socrática, hoje já se sabe que a angústia psicológica está diretamente associada aos estímulos recebidos pelo indivíduo no ambiente que ocupa, potencializando a ocorrência de comorbidades psicológicas. Em média, 30% dos brasileiros na idade adulta apresentam transtornos mentais comuns (TMC); contudo, a prevalência desse sofrimento sofre variações de acordo com a população estudada e os métodos utilizados nas pesquisas. Trata-se de condições que vão desde depressão e ansiedade, caracterizadas pela presença de sintomas como esquecimento, dificuldade de concentração, queixas somáticas, insônia, fadiga e irritabilidade (GRANER; CERQUEIRA, 2017). No mundo hodierno, alguns grupos são mais suscetíveis ao sofrimento psíquico, dentre eles os jovens universitários, visto que vivenciam mudanças biológicas, psicológicas e sociais e enfrentam, no dia a dia, diversos estressores relacionados à jornada acadêmica. Durante a graduação nos cursos da área da saúde e no início da prática clínica, os discentes desenvolvem uma percepção negativa do ambiente acadêmico à medida que se aproximam do sofrimento e da morte (GRANER; CERQUEIRA, 2017). De acordo com Hafén *et al.* (2006), 32% dos acadêmicos de Medicina Veterinária do primeiro ano de uma universidade do Kansas, nos Estados Unidos, apresentavam sintomas de depressão. Além disso, manifestavam sintomas clínicos de ansiedade. Os principais fatores causadores de adoecimento incluíam saudade de casa, problemas relacionados à saúde física e expectativas pouco claras por parte dos instrutores. **OBJETIVO:** O objetivo do presente estudo foi buscar, na literatura, os efeitos das intervenções em saúde mental em juventudes universitárias. **MÉTODOS:** Foram pesquisados, na literatura, artigos que contemplavam a temática, com o objetivo de compreender os efeitos das intervenções em saúde mental na redução de sintomas de ansiedade, depressão e estresse em graduandos. Para a seleção das publicações, foram consultadas as seguintes bases de dados: *MEDLINE*, via *PubMed*; *Web of Science Core Collection*; *Scopus*; Biblioteca Virtual em Saúde (BVS): LILACS, BDENF e IBICS. O levantamento dos dados ocorreu por meio dos termos estabelecidos pelos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): estudantes, saúde mental, ansiedade, depressão e estresse psicológico. Também foram utilizados os seguintes descritores/palavras-chave: Ansiedade; Assistência à Saúde Mental; Depressão; Estresse Psicológico; Estudantes; Universidade. No total, foram encontrados 901 artigos. Posteriormente, foram excluídas 271 duplicatas. Após a leitura dos títulos e resumos, 85 estudos foram selecionados para análise. Em seguida, após a leitura na íntegra, foram incluídos 10 artigos para a construção da pesquisa. Foram adicionados ao presente estudo artigos encontrados na literatura que discutiam a eficácia de intervenções voltadas à redução dos níveis de estresse e dos sintomas de ansiedade e depressão em estudantes universitários. A biblioteca virtual e as bases de dados utilizadas para a elaboração deste manuscrito foram selecionadas por serem amplamente empregadas por enfermeiros na produção de publicações científicas. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** As intervenções descritas nos 10 artigos incluídos abordaram: intervenções de resiliência e regulação emocional, englobando atividades como workshops de psicologia positiva; abordagens baseadas em *mindfulness*, meditação, ioga e treinamento do sono; apoio educativo, informacional e psicológico direto, com destaque para as estratégias de suporte oferecidas ativamente pelo corpo docente; e intervenções digitais e baseadas na internet, utilizando recursos como chatbots e programas de suporte on-line. Com relação ao local das pesquisas, duas dessas publicações possuem origem nacional e oito correspondem a estudos internacionais. Em relação à atualidade das pesquisas, quatro artigos foram publicados nos últimos cinco anos. Um ensaio clínico pragmático que avaliou as “Intervenções de Resiliência e Regulação Emocional” apresentou resultados pouco promissores para replicação. O conceito de resiliência refere-se à capacidade de manter ou recuperar a saúde mental durante ou após adversidades significativas, como eventos potencialmente traumáticos. As intervenções de resiliência não demonstraram reduzir os sintomas de depressão nem melhorar o bem-estar

dos graduandos; contudo, as evidências encontradas mostraram-se limitadas e incertas (KUNZLER; ÂNGELA *et al.*, 2020). Um workshop de intervenção em Psicologia Positiva, realizado ao longo de oito semanas em sala de aula de um curso de Medicina na China, demonstrou melhora após as intervenções. As médias dos escores na Escala de Esperança, na Escala de Satisfação com a Vida e na Escala de Felicidade Subjetiva elevaram-se significativamente, enquanto os sintomas de depressão e ansiedade apresentaram redução expressiva (ZHANG; XIÃO; BÃO; WANG; MENG, 2020). Uma revisão sistemática publicada em 2024 demonstrou que os aplicativos de treinamento em mindfulness apresentaram alta aceitabilidade e utilização variável entre estudantes universitários. Na revisão sistemática e meta-análise de LaMontagne *et al.* (2024), foram incluídos 47 estudos. Segundo os autores, o uso desses aplicativos reduz o estresse e aumenta o bem-estar emocional. Entretanto, os efeitos sobre depressão e ansiedade foram considerados modestos. Estudos publicados anteriormente evidenciaram que universitários apresentam níveis de estresse psicológico superiores aos da população em geral, o que pode favorecer o desenvolvimento de diversos transtornos psiquiátricos na comunidade acadêmica (SCHULTCHEN; DANA *et al.*, 2020). Devido à dupla carga horária dos estudantes de Enfermagem, que dividem seu tempo entre atividades em sala de aula e práticas clínicas, é comum observar dificuldades relacionadas ao manejo da sobrecarga emocional. Nesse contexto, foi realizado um estudo no qual foram fornecidas aos acadêmicos gravações semanais de meditação mindfulness ou gravações contendo informações sobre Enfermagem. Ao analisar os níveis de estresse dos graduandos, os pesquisadores verificaram que os alunos que receberam as gravações de meditação apresentaram níveis de estresse inferiores aos daqueles que receberam as gravações educativas. A conclusão do estudo foi que a meditação mindfulness pode contribuir para a redução dos níveis de estresse e ansiedade em estudantes (DEBRA; HEINRICH; KATHLEEN; CONNELL, 2024). Um estudo realizado entre junho e dezembro de 2016, com 101 estudantes, dividiu os participantes em quatro grupos com o objetivo de avaliar os efeitos de uma intervenção de mindfulness escalável e de baixo custo sobre a saúde mental dos universitários na China. Após a intervenção, na quarta semana, em comparação aos controles, os participantes dos grupos 2, 3 e 4 ($n = 42$) apresentaram redução significativa dos sintomas de depressão e ansiedade. Os resultados sugerem que intervenções de atenção plena de baixa intensidade podem constituir uma estratégia útil em ambientes universitários (SALÃO; BRIAN *et al.*, 2018). Segundo Catherine (2024), os resultados de um estudo sobre construção da resiliência, realizado com 989 estudantes de graduação em Enfermagem na Espanha, revelaram que estratégias voltadas ao fortalecimento da resiliência, associadas a comportamentos e ações de apoio psicológico e funcional promovidos pelo corpo docente, constituem preditores significativos de menores níveis de depressão, ansiedade e estresse. Os investimentos na capacitação do corpo docente para apoiar a resiliência dos estudantes de Enfermagem apresentam potencial para reduzir o sofrimento psíquico relacionado à formação acadêmica e favorecer uma transição mais bem-sucedida para a prática profissional. Um treinamento realizado por meio de chatbot com estudantes do primeiro ano de uma universidade privada da região Centro-Oeste dos Estados Unidos, utilizando o aplicativo MISHA, demonstrou melhora nos níveis de estresse, depressão e sintomas somáticos, com efeito moderado. Entretanto, a ansiedade e as estratégias de enfrentamento ativo não apresentaram alterações significativas. Após a conclusão do estudo, 60% dos participantes responderam a um questionário de avaliação da intervenção, analisando aspectos como qualidade, quantidade, credibilidade e representação visual das informações. Ao final, os estudantes avaliaram positivamente a experiência (ULRICH; SANDRA *et al.*, 2024). Devido à fragilidade psicológica associada ao estresse vivenciado durante a graduação em Medicina, foi realizada uma revisão sistemática com o objetivo de compreender a efetividade de programas on-line voltados à promoção da saúde mental. Os resultados evidenciaram a vulnerabilidade dos estudantes ao estresse emocional. Os programas on-line configuram-se como

alternativas promissoras, por serem acessíveis em qualquer lugar e momento, além de apresentarem baixa barreira de acesso. Contudo, após a análise dos estudos disponíveis, apenas alguns programas apresentaram evidências limitadas de eficácia (UNGAR; PATRÍCIA *et al.*, 2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS: Diversos fatores estão associados ao adoecimento psíquico de universitários, entre eles as mudanças biológicas, psicológicas e sociais enfrentadas cotidianamente durante a vida acadêmica. Entre os diferentes transtornos psicológicos identificados na literatura, destacam-se a depressão, o estresse e a ansiedade como os mais recorrentes. Além disso, observa-se a necessidade de ampliação das pesquisas sobre a temática em âmbito nacional, tendo em vista a escassez de estudos desenvolvidos no país. Nesse sentido, recomenda-se a realização de mais espaços de discussão e reflexão sobre a saúde mental universitária no contexto acadêmico, com vistas à minimização dos danos decorrentes do estresse psicológico vivenciado pelos estudantes. Também é fundamental que gestores universitários promovam intervenções e estratégias institucionais voltadas à prevenção e redução do adoecimento mental entre os graduandos.



CAPÍTULO 85

ENTRE O PERTENCER E O ADOECER: *MASKING* E SAÚDE MENTAL DE MULHERES AUTISTAS

Ana Bárbara Santos de Freitas¹

¹Bacharel em Enfermagem pelo Centro Universitário Uninovafapi, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-2441-3009>

Área temática: Saúde Mental e Bem-Estar

E-mail do autor correspondente: ana.barbara0914@gmail.com

Palavras-chave: Mascaramento Perceptivo; Transtorno do Espectro Autista; Mulheres.

INTRODUÇÃO: Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – 5ª edição (DSM-5), o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é classificado como um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por déficits persistentes na comunicação e na interação social em múltiplos contextos, associados a padrões restritos e repetitivos de comportamentos, interesses ou atividades, os quais ocasionam prejuízos clinicamente significativos no funcionamento social, acadêmico, ocupacional ou em outras áreas relevantes da vida do indivíduo. Os sintomas devem estar presentes desde o período inicial do desenvolvimento, ainda que possam não se manifestar plenamente até que as demandas sociais excedam as capacidades individuais, ou possam ser parcialmente mascarados por estratégias compensatórias. Entre essas estratégias, destaca-se o fenômeno denominado *MASKING* ou camuflagem social, inicialmente descrito em relatos clínicos e nas narrativas de pessoas autistas. A pesquisadora Laura Hull (COOK *et al.*, 2021) contribuiu para a formalização acadêmica do conceito por meio do desenvolvimento do *Camouflaging Autistic Traits Questionnaire* (CAT-Q), instrumento psicométrico destinado a mensurar estratégias de camuflagem em adultos autistas. Outrossim, em 1981, Lorna Wing já havia sugerido que meninas e mulheres autistas frequentemente passavam despercebidas nos processos diagnósticos por apresentarem maior capacidade de mimetização de comportamentos socialmente esperados (CLEMENTINO, 2025). Tal observação suscitou questionamentos relevantes acerca da maior prevalência de camuflagem no sexo feminino e dos potenciais impactos dessas estratégias na saúde mental de mulheres autistas adultas, incluindo maior risco de ansiedade, depressão, exaustão social e sofrimento psíquico decorrente da manutenção prolongada dessas adaptações comportamentais. No que se refere às diferenças relacionadas ao sexo e ao gênero, pesquisas atuais têm empregado a expressão “fenótipo autista feminino” como uma construção descritiva para caracterizar apresentações clínicas que podem divergir do perfil historicamente associado ao autismo. Conforme discutido por Lai, Lin e Ameis (2021), esse termo pode ser útil para ilustrar nuances clínicas, mas não deve ser interpretado como uma essência biológica fixa vinculada exclusivamente a determinado sexo ou gênero. Tais particularidades, que podem ocorrer em indivíduos de qualquer sexo ou identidade de gênero, incluem maior atenção a estímulos socialmente relevantes, interesse por amizades e pertencimento a grupos sociais, maior riqueza na expressão linguística e comportamentos aparentemente mais recíprocos. Assim, a compreensão do TEA exige uma abordagem dimensional, sensível às variações fenotípicas e às influências socioculturais, especialmente no que se refere às expectativas de gênero, as quais podem moldar estratégias adaptativas e influenciar tanto o reconhecimento clínico quanto os desfechos psicossociais ao longo da vida. Diante desse panorama, este estudo propõe a seguinte questão norteadora: de que maneira o fenômeno do *MASKING*, associado às expectativas socioculturais de gênero, impacta a saúde mental de mulheres autistas na vida adulta? **OBJETIVOS:** Analisar o impacto da realização do *MASKING* na saúde mental de mulheres adultas com Transtorno do Espectro Autista. **MÉTODOS:** Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, conduzida com o objetivo de analisar criticamente a produção científica acerca do fenômeno do *MASKING* no contexto do Transtorno do Espectro Autista, com ênfase em seus impactos na saúde mental de mulheres adultas. A busca bibliográfica foi realizada na base de dados *PubMed*, no mês de fevereiro de 2026, por meio de descritores em língua inglesa combinados com operadores booleanos, utilizando-se a seguinte estratégia: ((*MASKING*) AND (*Autism Spectrum Disorder*)) AND (*Autistic Disorder*). Foram incluídos artigos publicados nos idiomas português e inglês, disponíveis na íntegra, que abordassem diretamente o fenômeno do *MASKING*, também descrito como camuflagem social, no contexto do Transtorno do Espectro Autista, especialmente em sua interface com aspectos psicossociais, clínicos e repercussões na saúde mental de mulheres. Foram excluídos estudos duplicados, publicações sem acesso ao texto completo e artigos que não apresentavam aderência ao objetivo proposto. A busca inicial resultou em 113 publicações. Após a leitura dos títulos e resumos, 66 estudos foram seleciona-

dos para análise preliminar. Posteriormente, procedeu-se à leitura integral dos textos, considerando a pertinência temática, a consistência metodológica e a relevância das contribuições teóricas. Ao final do processo, 14 artigos compuseram o corpus da revisão. A análise dos estudos selecionados foi realizada de forma qualitativa e descritiva, buscando identificar como o *MASKING* tem sido conceituado na literatura científica e quais evidências têm sido apresentadas acerca de seus impactos na saúde mental de mulheres adultas com Transtorno do Espectro Autista. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** A análise dos estudos selecionados evidencia que o fenômeno do *MASKING* constitui uma estratégia complexa e multifatorial, associada tanto a demandas socioculturais quanto a processos intrapsíquicos de adaptação social. Segundo Libsack *et al.* (2021), o “passar por não autista” envolve estratégias conscientes e inconscientes de supressão de traços autísticos, imitação social e monitoramento comportamental constante, frequentemente associadas à exaustão emocional e ao sofrimento psíquico. De forma complementar, Nel *et al.* (2025) elaboraram um modelo no qual a camuflagem é compreendida como um conjunto de estratégias cognitivas, comportamentais e afetivas que variam conforme o contexto social. Contudo, no que corresponde às diferenças relacionadas ao sexo e ao gênero, Wood-Downie *et al.* (2020) e Simcoe *et al.* (2022) identificaram que meninas apresentam maior tendência a empregar estratégias de camuflagem desde a infância e a adolescência, o que pode contribuir para o subdiagnóstico, ou seja, para a não identificação ou reconhecimento da condição pela equipe de saúde. Essa hipótese é reforçada por Cruz *et al.* (2024), que apontam a existência de um viés diagnóstico historicamente orientado ao sexo masculino. Segundo os autores, é possível que o autismo seja subdiagnosticado em mulheres porque elas camuflam suas dificuldades sociais e, consequentemente, ocultam sintomas que poderiam atender aos critérios diagnósticos atualmente utilizados. Esse cenário pode refletir um perfil autista distinto entre mulheres e homens e contribuir para o desequilíbrio observado nos diagnósticos de autismo. Além disso, mulheres autistas experimentam maior frequência de problemas de internalização e sofrimento psíquico em razão da tentativa constante de se “encaixar” socialmente por meio da camuflagem de características autísticas. Os estudos também demonstraram que mulheres que utilizam estratégias de camuflagem tendem a inibir deliberadamente comportamentos relacionados ao TEA, especialmente manifestações mais externalizantes, como comportamentos repetitivos. Esse conjunto de evidências contribui para a compreensão dos achados de Belcher *et al.* (2022), que identificaram prejuízos significativos à saúde mental de mulheres com traços autísticos sem diagnóstico formal, sugerindo que a camuflagem prolongada pode retardar o reconhecimento clínico e ampliar o sofrimento psicológico. No contexto da vida adulta, Cook *et al.* (2021) constataram que adultos autistas relatam camuflagem frequente em interações cotidianas, associada à ansiedade social e ao sentimento de inautenticidade. Em consonância, Alaghband-Rad *et al.* (2023) descrevem o *MASKING* como um comportamento adaptativo que, embora facilite momentaneamente a inclusão social, está associado a maior vulnerabilidade à depressão, à ansiedade e ao esgotamento emocional. Segundo Scheeren *et al.* (2025), por meio da metodologia *Ecological Momentary Assessment*, observou-se que o aumento da camuflagem em contextos sociais está diretamente relacionado ao aumento do estresse percebido no mesmo dia, indicando impacto imediato na regulação emocional. No âmbito ocupacional, Pryke-Hobbes *et al.* (2023) verificaram que adultos autistas relataram níveis mais elevados de *MASKING* no ambiente de trabalho, frequentemente associados a desgaste psicológico e menor bem-estar. De maneira complementar, Cleary *et al.* (2023) discutem a camuflagem articulada a experiências de discriminação e trauma, sugerindo que a necessidade constante de mascaramento pode intensificar quadros de sofrimento psíquico e contribuir para trajetórias marcadas por experiências traumáticas. Em termos psicopatológicos, Carpita *et al.* (2023) evidenciam que, em mulheres, o autismo pode ser mascarado por diagnósticos como transtornos alimentares, transtorno de personalidade borderline e transtorno de estresse pós-traumático

complexo, configurando um quadro de sobreposição diagnóstica que dificulta intervenções adequadas. Ademais, Lei *et al.* (2024) identificaram que altos níveis de camuflagem estão associados a discrepâncias entre o autorrelato e o relato de cuidadores quanto à presença de sintomas ansiosos e depressivos, sugerindo subnotificação externa do sofrimento emocional. Embora o estudo de Marcantonio *et al.* (2025) tenha sido conduzido em modelo animal, seus achados sobre especificidades comportamentais relacionadas ao sexo reforçam a hipótese de que diferenças biológicas e comportamentais podem contribuir para apresentações fenotípicas distintas, dialogando com as discussões clínicas acerca do chamado fenótipo feminino do autismo. De forma integrada, os estudos analisados convergem ao demonstrar que o *MASKING*, embora possa operar como estratégia adaptativa em curto prazo, associa-se consistentemente a indicadores de sofrimento psíquico, especialmente em mulheres adultas, seja por exaustão emocional, atraso diagnóstico, sobreposição psicopatológica ou exposição ampliada a contextos de discriminação. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A análise acerca do *MASKING*, longe de constituir apenas uma estratégia social adaptativa, configura-se como um fenômeno de elevada complexidade clínica e psicossocial, com impactos significativos na saúde mental de mulheres adultas com Transtorno do Espectro Autista. Observa-se que a camuflagem, frequentemente iniciada na infância e reforçada por expectativas socioculturais de gênero, pode contribuir para a invisibilidade diagnóstica, a internalização do sofrimento e o desenvolvimento de comorbidades psiquiátricas. Os achados sugerem que a manutenção prolongada de estratégias de camuflagem está associada a maior vulnerabilidade à ansiedade, à depressão, ao estresse percebido, à exaustão emocional e a experiências traumáticas. Ademais, o viés diagnóstico historicamente direcionado ao sexo masculino reforça a necessidade de revisão dos critérios e das práticas avaliativas, a fim de contemplar apresentações fenotípicas menos externalizantes e socialmente compensadas. Do ponto de vista clínico, torna-se imprescindível que os profissionais de saúde desenvolvam maior sensibilidade para identificar sinais sutis de camuflagem, especialmente em mulheres adultas que apresentam histórico de múltiplos diagnósticos psiquiátricos ou sofrimento psíquico crônico sem etiologia claramente estabelecida. Do ponto de vista científico, destaca-se a necessidade de investigações longitudinais que examinem os efeitos cumulativos do *MASKING* ao longo do ciclo vital. Conclui-se, portanto, que analisar o impacto do *MASKING* na saúde mental de mulheres adultas com TEA não apenas amplia a compreensão do espectro em sua dimensão de gênero, mas também contribui para práticas diagnósticas mais equitativas e intervenções psicossociais mais adequadas, promovendo reconhecimento, validação e cuidado integral dessa população historicamente subdiagnosticada.

CAPÍTULO 86

ESGOTAMENTO MENTAL VIVENCIADO POR PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM NA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA (UTI)

Maria Aparecida Viana de Sousa¹

Annye da Silva Barradas²

Gisele Mendes Moura³

Francisco Reginaldo da Silva Júnior⁴

Marcos Vinícius da Silva⁵

Thallysson Patrick de Oliveira Macêdo Moura⁶

^{1,2,3,4,5,6}Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7019-2402>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-9051-2492>

³ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-6961-0456>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6399-452X>

⁵ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-6399-018X>

⁶ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7181-1618>

Área temática: Temas transversais

E-mail do autor correspondente: cida.anaiv@ufpi.edu.br

Palavras-chave: Profissionais de Enfermagem; Esgotamento Psicológico; Saúde Mental; Unidades de Terapia Intensiva.

INTRODUÇÃO: No mundo contemporâneo, com o passar dos anos, o ambiente de trabalho tornou-se mais competitivo e a assistência à saúde mais complexa, exigindo maior qualificação dos trabalhadores. Vários fatores interferem no adoecimento dos profissionais da saúde, destacando-se os fatores sociais, individuais e as condições de trabalho. Entretanto, as manifestações de sofrimento não ocorrem de maneira uniforme para todos (MOURA *et al.*, 2022). A Unidade de Terapia Intensiva (UTI) corresponde ao setor hospitalar voltado ao cuidado de pacientes críticos, os quais apresentam instabilidade no quadro clínico e necessitam de assistência de alta complexidade. Para tal, a UTI é composta por recursos humanos e tecnológicos especializados. Tendo em vista a fragilidade do perfil desses pacientes, a assistência em saúde perpassa, ainda, pelos aspectos biopsicossociais do usuário e de seus familiares (LARANJEIRA; SILVA; VASCONCELOS, 2022). Os profissionais da saúde estão expostos a riscos inerentes às suas profissões, como doenças, altas cargas de trabalho, condições laborais desfavoráveis, medo, dificuldades na prestação de cuidados ao paciente e à família, contato frequente com o processo de morte e morrer e, também, sofrimento psicológico (VIEIRA *et al.*, 2022). No que tange ao ambiente da UTI, destacam-se outros fatores que podem favorecer o estresse, como a ambiência (exposição contínua a ambiente fechado, ruídos constantes e má distribuição dos leitos no espaço), o alto grau de exigência técnica (incorporação contínua de novas tecnologias), a elevada quantidade de atividades a serem desenvolvidas, a sobrecarga de trabalho e o contato direto com o sofrimento e a morte. Arelados a isso, a elevada carga horária semanal de trabalho, principalmente em regime de plantão, bem como a desvalorização profissional, podem constituir fatores predisponentes ao estresse e ao sofrimento mental (LARANJEIRA; SILVA; VASCONCELOS, 2022). **OBJETIVO:** Analisar o esgotamento mental vivenciado pelos profissionais de enfermagem que atuam em UTIs, destacando os principais fatores associados à sobrecarga emocional. **MÉTODOS:** Trata-se de uma revisão integrativa, desenvolvida a partir da pergunta norteadora: “Quais são os principais fatores associados ao esgotamento mental e à sobrecarga emocional vivenciados pelos profissionais de enfermagem no contexto da Unidade de Terapia Intensiva?”. Para a realização da busca nas bases de dados, utilizou-se a estratégia PICO, na qual P correspondeu aos profissionais de enfermagem; I, ao fenômeno de interesse, representado pelo esgotamento mental e pelos fatores de sobrecarga emocional; e Co, ao contexto da Unidade de Terapia Intensiva (UTI). A busca ocorreu entre os meses de janeiro e fevereiro de 2026, nas bases de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Banco de Dados em Enfermagem (BDENF), acessadas por meio da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), utilizando os descritores controlados e não controlados “Profissionais de Enfermagem”, “Esgotamento Psicológico” e “Unidades de Terapia Intensiva”, disponíveis nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS). Para as bases *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE)*, *Web of Science (WoS)* e *Scopus*, foram utilizados os descritores controlados e não controlados “Nurses, Male”, “Burnout, Psychological” e “Intensive Care Units”, disponíveis no *Medical Subject Headings (MeSH)*. O cruzamento dos termos de pesquisa foi realizado por meio dos operadores booleanos “OR” e “AND”. Os critérios de inclusão empregados foram: artigos originais publicados nos últimos cinco anos, disponíveis na íntegra e em qualquer idioma. Como critérios de exclusão, foram considerados: resumos, monografias, dissertações, teses, artigos de revisão e artigos que não contemplassem a temática central do estudo. A seleção ocorreu por meio do *software EndNote®*, utilizado para reconhecimento e remoção de duplicatas, e, subsequentemente, do *software Rayyan®*, empregado na identificação e seleção dos artigos. Para a descrição das etapas de seleção, utilizou-se o fluxograma PRISMA® adaptado. Foram identificados 55 artigos na amostra inicial, dos quais 10 foram selecionados para compor esta revisão. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** O esgotamento mental entre enfermeiros intensivistas, segundo estudo realizado em São Paulo e Minas Gerais, manifesta-se por meio de uma alarmante prevalência de estresse (50,8%) e fadiga severa

(46%), condições que transcendem o campo subjetivo e apresentam, inclusive, marcadores biológicos de desregulação hormonal no eixo hipotálamo-hipófise-adrenal. Essa desregulação, caracterizada por alterações na secreção de cortisol, indica que o estresse crônico compromete a homeostase do profissional, resultando em um esgotamento físico que se manifesta precocemente durante a jornada laboral (ASSIS *et al.*, 2024). Esse quadro é agravado por uma carga de trabalho extenuante, evidenciada, em estudo realizado no estado de São Paulo, por um *Nursing Activities Score* (NAS) médio de 84,79, que, ao consumir a maior parte do tempo produtivo, atua como um gatilho para a exaustão. Somado a isso, suportes organizacionais deficitários impulsionam os índices de *burnout*, observando-se que a autonomia e a satisfação no trabalho funcionam como mediadores críticos (SANTOS *et al.*, 2024; FURLAN; GUIRARDELLO, 2025). Curiosamente, tal fenômeno demonstra disparidade entre os setores, atingindo 9,1% na rede privada frente a 2,5% na pública, sugerindo que fragilidades nas subescalas de controle e apoio são mais acentuadas no contexto particular. A disparidade nos índices de esgotamento mental entre os setores público e privado encontra justificativa direta nas condições estruturais e laborais. Enquanto a rede pública apresenta maior estabilidade empregatícia e retenção de profissionais experientes (com maior média de idade e tempo de serviço), o contexto privado enfrenta desafios críticos que comprometem a saúde mental da equipe (MÖLLER *et al.*, 2021). Entre esses fatores, destacam-se o dimensionamento inadequado — no qual o enfermeiro do setor particular chega a ser responsável pelo dobro de pacientes em relação ao setor público — e a necessidade de múltiplos vínculos empregatícios entre os técnicos, o que eleva o risco de adoecimento e iatrogenias. Além disso, a fragilidade do suporte administrativo e burocrático no setor privado, onde mais de 40% dos enfermeiros discordam da adequação estrutural, frente a 92,7% de aprovação no setor público, corrobora a tese de que o déficit de controle e apoio organizacional é o principal catalisador para a maior prevalência de sofrimento psíquico nas instituições particulares (MÖLLER *et al.*, 2021). A vulnerabilidade emocional, segundo estudo realizado no Chile, acentuou-se drasticamente no cenário pandêmico, resultando na ampliação de sintomas depressivos associados ao medo da contaminação e ao luto frequente. Nesse contexto, consolidou-se o fenômeno da “vítima secundária”, que chega a afetar 67% dos profissionais após a ocorrência de eventos adversos, revelando o profundo sofrimento psicológico daqueles que, mesmo diante do erro ou de desfechos negativos, precisam manter a assistência (KAPPES *et al.*, 2023; CONZ *et al.*, 2021). Desse modo, pôde-se perceber que a intensidade do estresse e da fadiga varia conforme o contexto. Durante a pandemia da COVID-19, a imprevisibilidade e o desconhecimento da evolução clínica da doença elevaram os níveis de *burnout*. Os profissionais enfrentaram o dever de prestar assistência sob o medo constante da infecção, enquanto lidavam com o luto pessoal e inseguranças. Essa emergência em saúde pública evidenciou falhas na estrutura física, escassez de materiais e déficits de recursos humanos. Tais fatores persistem como importantes causadores de estresse na enfermagem intensivista atual, especialmente a insuficiência de pessoal, que desencadeia sobrecarga e adoecimento mental (KAPPES *et al.*, 2023; COSTA *et al.*, 2021). O perfil identificado revelou um grupo composto majoritariamente por mulheres na faixa etária de 28 a 45 anos, com trajetória consolidada de um a oito anos de experiência em terapia intensiva. Embora a maioria não possua outro vínculo empregatício, a dedicação exclusiva é absorvida por jornadas exaustivas que variam de 38 a mais de 60 horas semanais, configurando um cenário de elevada carga laboral. Nesse contexto, a sobrecarga foi agravada pela admissão emergencial de profissionais sem a devida capacitação para o setor durante a pandemia, gerando impacto direto na segurança e no suporte técnico da equipe (ZUCOLOTO; MARCOLAN, 2023). Além disso, a presença de sintomatologia depressiva em parcela considerável da amostra demonstra que o esgotamento mental não é apenas uma possibilidade, mas uma realidade instalada que transcende fronteiras geográficas. A título de comparação, um estudo realizado no Japão com 56 enfermeiras na linha de frente da COVID-

19 corroborou essa vulnerabilidade, identificando prevalências alarmantes de transtorno de ansiedade (46,4%), estresse pós-traumático (25%) e transtorno depressivo maior (19,7%). Portanto, esses dados evidenciam que a maturidade profissional e o tempo de atuação não foram suficientes para blindar os trabalhadores contra o colapso emocional, especialmente diante das condições inadequadas de trabalho e do trauma imposto pela crise sanitária global (ZUCOLOTO; MARCOLAN, 2023). Em contrapartida à gravidade desses dados, o suporte institucional é percebido por apenas 2,8% da categoria. Nesse cenário, a comunicação interpessoal ineficaz, a ausência de apoio das lideranças e os conflitos multiprofissionais surgem como riscos adicionais à integridade mental do profissional e, consequentemente, à segurança do paciente (KAPPES *et al.*, 2023; FURLAN; GUIRARDELLO, 2025). Diante da lacuna de amparo oficial, segundo estudo realizado na Colômbia, os enfermeiros recorrem à espiritualidade e a estratégias de esquiva como mecanismos de enfrentamento e autoproteção. Tais recursos buscam conferir sentido ao trabalho ou mitigar o desgaste em uma unidade marcada pela alta complexidade e pela finitude, atuando na regulação das emoções e na melhora da resposta a crises, configurando-se como fatores protetores contra o esgotamento (KAPPES *et al.*, 2023; RUIZ-ROA, 2021). **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A presente revisão integrativa permitiu concluir que o esgotamento mental dos profissionais de enfermagem em Unidades de Terapia Intensiva (UTI) não é um fenômeno isolado, mas uma resposta direta a um ambiente de elevada criticidade, associado a deficiências estruturais. Os resultados mostram que a alta carga horária — frequentemente ultrapassando 60 horas semanais —, a insuficiência de pessoal, principalmente no setor privado, e a exposição constante ao luto e à finitude constituem os principais fatores que levam ao estresse crônico e à síndrome de *burnout*. Além disso, é importante ressaltar que o esgotamento vai além do aspecto emocional, manifestando-se também por meio de marcadores biológicos e afetando diretamente a segurança do paciente, uma vez que aumenta o risco de eventos adversos e erros de procedimento. Verificou-se que, embora o cenário seja grave, o apoio institucional ainda é ínfimo, levando os profissionais a recorrerem a métodos pessoais de enfrentamento, como a espiritualidade. Em conclusão, é urgente implementar políticas de gestão que coloquem a saúde mental dos profissionais de enfermagem em primeiro plano, assegurando não apenas melhores condições de trabalho e apoio psicológico, mas também a sustentabilidade da assistência de alta complexidade no país.

CAPÍTULO 87

FATORES PSICOSSOCIAIS DO TRABALHO DA ENFERMAGEM EM UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA

Maria Geovanna Santos Araújo¹

Dorany Ribeiro Costa²

Andreia Karla de Carvalho Barbosa Cavalcante³

^{1,2,3}Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-6086-5562>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-2126-934X>

³ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5095-9469>

Área temática: Saúde Mental e Trabalho

E-mail do autor correspondente: mariageovannasantosaraujo@gmail.com

Palavras-chave: Enfermagem; Unidades de Terapia Intensiva; Estresse Ocupacional; Segurança do Paciente; Qualidade da Assistência à Saúde.

INTRODUÇÃO: As Unidades de Terapia Intensiva (UTIs) são setores hospitalares destinados ao cuidado de pacientes em estado crítico, que exigem monitorização contínua, suporte tecnológico avançado e assistência especializada, configurando um ambiente de alta complexidade que demanda vigilância constante e tomada rápida de decisões para a manutenção da vida (VARGAS *et al.*, 2021). Nesse sentido, a Organização Mundial da Saúde (OMS) conceitua os fatores psicossociais como elementos que caracterizam a relação subjetiva entre o trabalhador e sua atividade laboral, influenciando tanto a experiência de bem-estar no trabalho quanto o surgimento de alterações na saúde, sejam elas de natureza mental ou física (SISTEMA ESO, 2021). Sob essa perspectiva, a segurança do paciente constitui uma prioridade na assistência à saúde, uma vez que os danos relacionados ao cuidado configuram um relevante problema de saúde pública, com repercussões na morbidade, mortalidade e qualidade de vida. Nessa lógica, a cultura de segurança, fundamentada em valores e normas compartilhados, orienta comportamentos e decisões clínicas, favorecendo práticas voltadas à proteção do indivíduo assistido nas organizações de saúde (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2023; JUANDA; TAHLIL; USMAN, 2024). A equipe de enfermagem assume papel central no cuidado ao paciente crítico, sendo responsável pela assistência contínua, monitoramento clínico e execução de procedimentos complexos. Tal atuação requer preparo técnico, equilíbrio emocional e capacidade de resposta rápida diante de intercorrências (MENDES, 2019). Diante desse cenário, este estudo tem por objetivo identificar evidências científicas acerca da relação entre fatores psicossociais do trabalho da enfermagem em Unidades de Terapia Intensiva e desfechos relacionados à segurança do paciente e à qualidade da assistência. **OBJETIVO:** Identificar evidências científicas acerca da relação entre fatores psicossociais do trabalho da enfermagem em Unidades de Terapia Intensiva e desfechos relacionados à segurança do paciente e à qualidade da assistência. **MÉTODOS:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, conduzida conforme seis etapas metodológicas: (1) identificação do problema; (2) elaboração da pergunta norteadora; (3) definição dos critérios de inclusão e exclusão; (4) busca na literatura; (5) avaliação crítica dos estudos incluídos; e (6) análise e síntese das evidências (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010). A pergunta norteadora foi estruturada com base na estratégia PICO (População, Interesse e Contexto), considerando como população os profissionais de enfermagem; como interesse, os fatores psicossociais do trabalho; e como contexto, as Unidades de Terapia Intensiva. Estabeleceu-se, portanto, a seguinte questão: Quais são os fatores psicossociais do trabalho da enfermagem em Unidades de Terapia Intensiva? O levantamento bibliográfico foi realizado em fevereiro de 2026, nas bases *MEDLINE* (via *PubMed*), *CINAHL* (EBSCO), *LILACS* e *SciELO*. Foram utilizados descritores controlados e não controlados indexados nos vocabulários DeCS e MeSH, combinados pelos operadores booleanos AND e OR, incluindo os termos “Enfermagem/*Nursing*”, “Unidades de Terapia Intensiva/*Intensive Care Units*”, “Estresse Ocupacional/*Occupational Stress*” e “Fatores Psicossociais/*Psychosocial Factors*”, adaptados à sintaxe de cada base. Foram incluídos estudos primários publicados entre 2020 e 2025, disponíveis na íntegra, nos idiomas português, inglês ou espanhol, que abordassem fatores psicossociais relacionados ao trabalho da enfermagem em UTI. Excluíram-se teses, dissertações, revisões de literatura, cartas ao editor, duplicatas e estudos desalinhados à pergunta norteadora. A seleção ocorreu mediante leitura de títulos e resumos, seguida da análise dos textos na íntegra, resultando em uma amostra final de 16 artigos. A avaliação crítica foi realizada considerando o delineamento, a coerência metodológica e a clareza dos resultados, sem utilização de instrumento específico. Os dados foram organizados e analisados de forma descritiva, com categorização temática dos fatores psicossociais identificados. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** A análise dos 16 estudos evidencia que os fatores psicossociais no trabalho da enfermagem em UTI não se configuram como ocorrências isoladas ou circunstanciais, mas como fenômenos estruturais do processo organizacional, diretamente vinculados ao modo de gestão, às relações de poder e às condições objetivas de trabalho. Tais elementos emergem das correlações entre

os modelos de gestão vigentes, as assimetrias nas relações de poder e as condições objetivas de infraestrutura (MOTA *et al.*, 2021; OLIVEIRA; REIS SILVA, 2023). A elevada prevalência de estresse ocupacional, variando de moderado a alto, associou-se especialmente ao menor tempo de formação, à realização de pós-graduação e à categoria profissional de enfermeiro, sugerindo que a maior responsabilidade técnica, a maior cobrança institucional e o maior envolvimento em decisões críticas podem ampliar a exposição a demandas cognitivas e emocionais intensas (MOTA *et al.*, 2021; ACOSTA-ROMÁN *et al.*, 2023). Os determinantes mais recorrentes — sobrecarga laboral, dimensionamento inadequado, jornadas prolongadas e múltiplos vínculos — indicam a presença de um modelo organizacional de alta exigência, com autonomia limitada e suporte institucional insuficiente. Sob a ótica da psicodinâmica do trabalho, a disparidade entre a densidade das tarefas e a autonomia decisória opera como um estressor crítico, excedendo a capacidade adaptativa do enfermeiro (ACOSTA-ROMÁN *et al.*, 2023; OLIVEIRA *et al.*, 2025). A escassez de suporte institucional, somada à pressão cronológica, transmuta o ambiente de cuidados críticos em um locus de vulnerabilidade psíquica. Essa configuração impõe uma latência de erro sistêmica, na qual a priorização da execução técnica em detrimento da segurança clínica torna-se uma estratégia de sobrevivência ocupacional diante da insuficiência de recursos humanos (OLIVEIRA; REIS SILVA, 2023; BRINGEL *et al.*, 2023; OLIVEIRA *et al.*, 2025). Tal configuração favorece o desgaste progressivo e foi consistentemente relacionada à exaustão emocional, à despersonalização e ao sofrimento moral, especialmente diante da terminalidade, da tomada de decisões éticas complexas e do contato frequente com familiares em situação de crise. Esses elementos evidenciam que o conteúdo do trabalho intensivo ultrapassa a dimensão técnica, exigindo elevada regulação emocional contínua (DALMOLIN *et al.*, 2022; SOUZA *et al.*, 2023). No âmbito organizacional, a centralização decisória e as lacunas na comunicação interprofissional configuram-se como determinantes que intensificam a vulnerabilidade psicossocial da enfermagem. A persistência de modelos de gestão excessivamente hierarquizados restringe a autonomia do enfermeiro e subutiliza seu julgamento clínico nos processos deliberativos, o que gera sentimentos de desvalorização e invisibilidade profissional (DUARTE; SILVEIRA; CALLEFI, 2025). Outrossim, a escassez de canais de diálogo e de suporte por parte das lideranças impede o processamento das tensões inerentes ao ambiente crítico, resultando no silenciamento das equipes. Essa desarticulação institucional não apenas compromete a integridade psíquica do trabalhador, como também fragmenta o cuidado, elevando a probabilidade de erros assistenciais decorrentes da falta de alinhamento das informações críticas (LEMOS *et al.*, 2024; DUARTE; SILVEIRA; CALLEFI, 2025). A centralidade tecnológica da UTI, quando associada à escassez de recursos materiais e à infraestrutura inadequada, amplia a sobrecarga cognitiva e a pressão por desempenho. O cenário da COVID-19 não introduziu novos problemas estruturais, mas ampliou e tornou mais visíveis fragilidades previamente existentes, com repercussões persistentes na saúde mental dos profissionais (RIBEIRO *et al.*, 2022; SOARES; GOMES; GOMES JÚNIOR, 2025). No que se refere aos desfechos assistenciais, a correlação entre o esgotamento do cuidador e a segurança do paciente é direta e alarmante. O estresse e o *burnout* mostraram-se preditores significativos para o aumento de erros de medicação, eventos adversos (como quedas e extubações acidentais) e falhas críticas na monitorização hemodinâmica. Isso ocorre porque a sobrecarga psicossocial interfere diretamente em processos neurocognitivos essenciais, como a atenção sustentada, a memória de trabalho e a agilidade no julgamento clínico sob pressão (QUESADA-PUGA *et al.*, 2024; CASIMIRO *et al.*, 2025; LIMA *et al.*, 2022). Ambientes marcados por clima organizacional desfavorável, conflitos e violência também apresentaram piores indicadores de segurança, maior absenteísmo e maior intenção de rotatividade, indicando impacto sistêmico na continuidade e na qualidade da assistência (AMOADU *et al.*, 2025; WANG *et al.*, 2025). Esse fenômeno gera impacto sistêmico na continuidade do cuidado, uma vez que a perda constante de profissionais

experientes compromete a memória técnica da unidade e sobrecarrega os membros remanescentes. Nesse sentido, a instabilidade do quadro funcional e a erosão das relações de confiança institucional culminam na fragmentação da assistência, reduzindo a eficácia das barreiras de segurança e comprometendo, de forma direta, a qualidade dos desfechos clínicos (AMOADU *et al.*, 2025). **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Os resultados demonstram que a segurança do paciente e a qualidade da assistência em terapia intensiva estão diretamente vinculadas às condições psicossociais do trabalho de enfermagem, não podendo ser analisadas de forma dissociada. Evidencia-se que a vulnerabilidade ocupacional possui natureza sistêmica, exigindo intervenções institucionais que vão além de estratégias individuais e incluam dimensionamento adequado de pessoal, comunicação interprofissional eficaz, segurança psicológica e ambientes organizacionais participativos orientados à cultura de segurança. Nesse contexto, a alta prevalência de estresse ocupacional evidencia que o desgaste psíquico decorre principalmente de condições estruturais do trabalho, como sobrecarga, jornadas extensas e fragilidades organizacionais, e não de eventos isolados. Manifestações como *burnout* e sofrimento moral prejudicam funções cognitivas essenciais ao cuidado intensivo, aumentando o risco de erros assistenciais, eventos adversos e falhas na monitorização, agravados, ainda, por fatores institucionais, como comunicação ineficiente, liderança pouco acessível e cultura punitiva, que desarticulam as equipes e reduzem a qualidade do cuidado. Dessa forma, evidencia-se a necessidade de intervenções multifatoriais que aprimorem as condições de trabalho, ofereçam suporte emocional e promovam gestão participativa, visando fortalecer a saúde mental da equipe de enfermagem e a cultura de segurança. Em síntese, a sustentabilidade de uma assistência intensiva segura e qualificada depende do reconhecimento e do enfrentamento sistemático dos fatores psicossociais que permeiam essa prática.

CAPÍTULO 88

IMPACTOS PSICOSSOCIAIS DA ESTOMIA INFANTIL E A ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Elayne Christina de Brito Costa¹
Aline Patrícia Figueiredo Silva²
Bianca Pereira Dos Santos³
Lorena Cezar Silva⁴
Quézia Galvão da Costa⁵
Marcia Teles De Oliveira Gouveia⁶

^{1,2,3,4,5,6}Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID:<https://orcid.org/0009-0006-7833-5195>

²ORCID:<https://orcid.org/0009-0003-4107-4989>

³ORCID:<https://orcid.org/0009-0007-1208-8635>

⁴ORCID:<https://orcid.org/0009-0005-3290-8376>

⁵ORCID:<https://orcid.org/0009-0005-3053-2598>

⁶ORCID:<https://orcid.org/0000-0002-2401-4947>

Área temática: Saúde Mental de Populações Vulnerabilizadas

E-mail do autor correspondente: elayne.costa@ufpi.edu.br

Palaave: Cuidados de Enfermagem; Enfermagem Pediátrica; Ostomia; Saúde Mental.

INTRODUÇÃO: A estomia intestinal é uma intervenção cirúrgica que consiste na realização de uma abertura na parede abdominal, permitindo a exteriorização de um segmento do intestino para a eliminação das fezes, podendo ocorrer em decorrência de condições traumáticas ou patológicas. Quando o procedimento é realizado no intestino grosso, denomina-se colostomia; quando realizado no intestino delgado, ileostomia. Além disso, há a urostomia, realizada para a eliminação da urina (BRASIL, 2018; BRASIL, 2021). Esse procedimento exige importante adaptação psicológica, pois implica mudanças significativas nos hábitos de vida e na rotina do indivíduo. Em crianças, esses impactos podem ser ainda mais intensos, considerando a necessidade de maior atenção para compreender e adaptar-se à nova condição de saúde. A vivência com a estomia pode desencadear dificuldades psicossociais, como baixa autoestima, isolamento social, alterações no apetite, comparação social e insegurança. Dessa forma, o acompanhamento psicológico contínuo torna-se essencial para a manutenção da qualidade de vida e para o processo de reabilitação das crianças com estomia (SILVA *et al.*, 2021). A enfermagem desempenha papel fundamental nesse contexto, tanto na assistência à criança quanto ao adulto, por atuar diretamente nos cuidados e na condução do processo físico e emocional. Compete ao enfermeiro planejar cuidados específicos para cada paciente ostomizado, realizar orientações quanto à higienização e instruir o paciente e seus familiares sobre os cuidados domiciliares, como o esvaziamento e a troca da bolsa coletora (SILVA *et al.*, 2021). Além disso, o profissional deve oferecer suporte psicoemocional, considerando as particularidades da infância e as repercussões da estomia no desenvolvimento biopsicossocial. Destaca-se que, pelo contato diário com o paciente, esses profissionais podem identificar sinais de medo, preocupação e retraimento em crianças com estomia, favorecendo a comunicação com a equipe multiprofissional e com os familiares (GUEDES *et al.*, 2025; BOZKUL; CELIK; ARSLAN, 2024). Diante disso, evidencia-se a necessidade de um olhar mais atento às crianças com estomia, que demandam um plano de cuidados diferenciado, especialmente no âmbito psicossocial. Nesse contexto, a elaboração desta pesquisa fundamenta-se na experiência de atendimento e cuidado holístico às crianças ostomizadas durante práticas hospitalares realizadas no período da disciplina de Saúde da Criança e do Adolescente, em um hospital de referência estadual. **OBJETIVO:** Relatar e refletir criticamente sobre a experiência vivida acerca do atendimento e dos flagelos psicossociais que permeiam a vivência hospitalar de uma criança ostomizada em um hospital de referência do estado. **MÉTODOS:** Trata-se de um relato de experiência elaborado por meio de uma reflexão crítica sobre os aspectos psicossociais da estomia infantil e os respectivos cuidados de enfermagem. Sua construção fundamentou-se no estabelecimento da hipótese e dos objetivos, advindos de práticas hospitalares realizadas durante a disciplina de Saúde da Criança e do Adolescente, ocorridas entre os meses de setembro e dezembro de 2025, em um hospital infantil estadual. Ainda, realizou-se consulta à literatura científica pertinente ao tema, a fim de relacionar a experiência vivenciada aos achados teóricos. Para a seleção dos artigos, a estratégia de busca utilizou os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): Ostomia, Saúde Mental, Cuidados de Enfermagem e Enfermagem Pediátrica, bem como seus correspondentes no MeSH, combinados por meio dos operadores booleanos OR e AND. A busca foi realizada nas bases EBSCO, Google Acadêmico e Elsevier, durante o mês de janeiro de 2026. Ao final, foram selecionados 14 artigos, dentre 95 inicialmente identificados, após triagem e exclusão de duplicatas, publicados nos idiomas português, inglês ou espanhol. Estabeleceu-se que as obras estivessem compreendidas em um recorte temporal de 10 anos, considerando os avanços da prática estomaterapeuta e das políticas de atuação na área, em consonância com a pergunta norteadora. É válido ressaltar que houve um número reduzido de obras que abordassem os aspectos psicossociais relacionados à questão de pesquisa, sendo que a maior parte dos resultados dissociava a prática da enfermagem assistencial da atenção psicossocial e, ainda, não contemplava todas as modalidades de estomias. Além disso, observa-se a ausência de dados oficiais precisos acerca do quantitativo de crianças e adolescentes ostomizados, uma vez que não há discriminação entre a

população infantojuvenil e a adulta na coleta dessas informações. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) considera criança todo indivíduo menor de 12 anos de idade e adolescente todo aquele que possui entre 12 e 18 anos de idade. Já o neonato é classificado como indivíduo com menos de 27 dias de vida (COSTA, 2017). Atualmente, o número de crianças ostomizadas tem crescido em decorrência do aumento da sobrevivência de recém-nascidos prematuros e daquelas que necessitam de ventilação prolongada (SILVA, 2021). Com base nos achados da literatura analisada, a confecção de uma ostomia implica impactos psicossociais não apenas na criança, mas também nos familiares envolvidos na rede de cuidados, sendo esse momento permeado por sentimentos de medo e sobrecarga emocional por parte de ambos. Ainda, a potencialização desses impactos ocorre durante a transição hospital-domicílio, quando a família passa a ocupar a posição de cuidadora integral e a manejar os dispositivos de ostomia (DO CARMO NEVES, 2025). Do mesmo modo, o processo pode possuir caráter potencialmente traumático no desenvolvimento da personalidade da criança, que se vê em um momento no qual seu corpo foi invadido ou modificado, ou em que não lhe foi assegurado o devido cuidado diante desses sentimentos. Convém ressaltar que os impactos supracitados podem ser ainda mais relevantes quando considerados os diferentes estágios do desenvolvimento infantil (ESTEVE, 2022). A partir da análise dos estudos, observa-se que o processo de introdução de uma ostomia é acompanhado por sentimentos de desesperança, medo, angústia, ansiedade e perda da autoestima. Além disso, é possível que, a partir desse processo, a criança tenha seu desenvolvimento físico e cognitivo afetado, de modo a ocasionar atraso psíquico, comportamental e dificuldades na regulação emocional (LIMA, 2021; PEDROSA, 2024). As práticas eram realizadas em turmas compostas por seis alunos. A dinâmica estabelecida possibilitava que, a cada dia de atuação, cada discente acompanhasse crianças com diferentes condições clínicas, favorecendo a vivência de múltiplas situações assistenciais e ampliando a compreensão acerca das diversas demandas presentes no contexto pediátrico hospitalar. Os acadêmicos eram orientados a adotar linguagem simples, acessível e adequada à faixa etária e ao nível de compreensão do público atendido, de modo a estabelecer comunicação efetiva e vínculo terapêutico. Durante as atividades práticas, houve a oportunidade de atuar junto a crianças ostomizadas, permitindo a observação integral de suas necessidades físicas e emocionais. No acompanhamento dessas crianças, observou-se que muitas se apresentavam mais reclusas e tímidas quando comparadas às demais internadas na enfermaria, demonstrando, em sua maioria, dificuldade de interação. Durante o atendimento prestado às crianças no campo de prática, observou-se que a sistematização da assistência de enfermagem apresentava caráter predominantemente técnico, não contemplando de forma integral as especificidades relacionadas à condição clínica e emocional de cada paciente. Verificou-se a ausência de estratégias direcionadas ao enfrentamento das demandas psicossociais decorrentes da hospitalização, especialmente no que se refere às particularidades individuais das crianças internadas na mesma enfermaria. Além disso, o plano terapêutico não apresentava descrição detalhada das condições dos demais pacientes do ambiente, o que dificultava a implementação de intervenções personalizadas e a promoção de um cuidado mais humanizado e centrado na criança. No que tange ao cuidado de enfermagem, o manejo técnico (higiene e troca de bolsas) e a articulação entre os diferentes serviços de saúde consolidam uma prática assistencial eficaz. Contudo, é crucial que esse cuidado também contemple uma abordagem sensível e integral, com o objetivo de construir vínculo, minimizar inseguranças e assegurar o enfrentamento dos aspectos emocionais (MARTINELLI, 2023; DO CARMO NEVES, 2025). Esse exercício profissional é regulamentado de modo que sua prática deva assegurar o bem-estar físico, mental e social da clientela, garantindo que, durante sua permanência hospitalar, a criança usufrua de formas de recreação, programas de educação em saúde e acompanhamento do currículo escolar (CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM — COFEN, 2017). Durante as práticas de campo, observou-se

que as enfermarias dispunham desses recursos; entretanto, tais estratégias não eram incorporadas de forma sistemática ao plano de cuidados individualizado aplicado ao paciente. Nesse sentido, poderiam ser implementadas intervenções como a socialização em grupo com outras crianças ostomizadas e seus familiares, a fim de favorecer a adaptação à condição de saúde, bem como a adoção de recursos lúdico-educativos, como o brinquedo terapêutico, panfletos informativos e vídeos educativos, com o objetivo de estimular o autocuidado e promover maior autonomia da criança. Além disso, é fundamental garantir que os familiares também sejam incluídos na rede de cuidados por meio de treinamentos e orientações acerca do suporte domiciliar, favorecendo a adaptação à nova condição de saúde, promovendo maior autonomia e reduzindo os impactos emocionais negativos (AVANCINE, 2021). **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Portanto, a partir da análise da literatura e de sua relação com a prática vivenciada, evidencia-se que os impactos psicossociais envolvem sentimentos de medo, ansiedade, desesperança, alterações na autoestima, isolamento social e possíveis repercussões no desenvolvimento psíquico e comportamental, especialmente quando considerados os diferentes estágios do desenvolvimento infantil. A experiência de atuação demonstrou que a implementação de medidas voltadas ao enfrentamento dos impactos psicossociais das ostomias no processo de enfermagem, embora seja de suma importância para o bom prognóstico da criança, ainda não é contemplada de forma predominante na sistematização da assistência de enfermagem. Conclui-se que a atuação da enfermagem deve transcender o cuidado técnico, incorporando uma abordagem integral, sensível e centrada na criança e em sua família, a fim de promover melhor adaptação, qualidade de vida e desenvolvimento saudável.

CAPÍTULO 89

PRINCIPAIS PROBLEMAS ORIUNDOS DA SÍNDROME DE *BURNOUT* EM PROFISSIONAIS DE UTI: UMA REVISÃO NARRATIVA

Maria Aparecida Viana de Sousa¹

João Augusto Viana de Sousa²

Marcos Vinícius da Silva³

Gustavo Teixeira de Araújo Costa⁴

Mayza de Lima Nascimento⁵

Yuanne Maria Aquino Soares⁶

^{1,2,3,4,5,6}Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7019-2402>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-4116-5348>

³ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-6399-018X>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-9142-9423>

⁵ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-4906-8554>

⁶ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1437-0339>

Área temática: Saúde Mental e Trabalho

E-mail do autor correspondente: cida.anaiv@ufpi.edu.br

Palavras-chave: Unidade de Terapia Intensiva; Saúde Mental; Ansiedade; *Burnout*.

INTRODUÇÃO: A Unidade de Terapia Intensiva (UTI) corresponde ao setor hospitalar voltado ao cuidado de pacientes críticos, os quais apresentam instabilidade no quadro clínico e necessitam de assistência de alta complexidade, sendo, portanto, composta por recursos humanos e tecnológicos especializados. Os profissionais, em virtude de longas jornadas de trabalho em diferentes turnos, estão especialmente suscetíveis ao estresse e à fadiga crônicos, cujas consequências incluem adoecimento físico e mental, diminuição da capacidade para o trabalho, aumento dos acidentes ocupacionais e absenteísmo (ASSIS *et al.*, 2025). No que tange ao ambiente da UTI, destacam-se outros fatores que podem favorecer o estresse e a fadiga, como a ambiência (exposição contínua a ambiente fechado, ruídos constantes e má distribuição dos leitos no espaço), o alto grau de exigência técnica (incorporação contínua de novas tecnologias), a elevada quantidade de atividades a serem desenvolvidas, a sobrecarga de trabalho, o contato direto com o sofrimento e a morte, além da desvalorização profissional, fatores que podem predispor ao sofrimento mental (LARANJEIRA; SILVA; VASCONCELOS, 2022). Condições de saúde diretamente relacionadas ao ambiente de trabalho são amplamente descritas na literatura, dentre elas a síndrome de *burnout*, um problema frequente entre profissionais da saúde. Essa síndrome está associada à pressão excessiva no ambiente de trabalho, resultando em exaustão emocional, despersonalização e redução da realização pessoal (FURLAN; GUIRARDELLO, 2025). **OBJETIVO:** Analisar os principais impactos da Síndrome de *Burnout* nos profissionais que atuam em UTIs, bem como identificar os problemas psicológicos associados à síndrome nesses trabalhadores. **MÉTODOS:** O presente estudo trata-se de uma revisão narrativa da literatura, de caráter quantitativo, visto que proporciona uma ampla abordagem, com rigor metodológico, contemplando a literatura teórica e empírica e possibilitando gerar um panorama consistente que abrange um vasto leque de conceitos, teorias e problemas relevantes (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010). Para a execução do estudo, foram seguidas as seguintes etapas: definição do tema e elaboração da questão de pesquisa; delimitação dos critérios de inclusão e exclusão dos estudos; definição dos descritores; busca na literatura; análise crítica dos estudos incluídos; discussão dos resultados; e apresentação da revisão. A busca foi realizada de forma on-line, no período de janeiro a fevereiro de 2026, contemplando artigos científicos nacionais e internacionais. O direcionamento do estudo delineou-se a partir da seguinte questão norteadora: quais são os principais problemas oriundos da Síndrome de *Burnout* em profissionais de UTI? Com base nisso, foi realizada uma busca nas bases de dados *PubMed* e *SciELO*. A busca no acervo contou com a utilização dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): “Unidade de Terapia Intensiva”, “Saúde Mental”, “Ansiedade” e “*Burnout*”, cruzados por meio dos operadores booleanos “AND” e “OR”. Foram definidos como critérios de inclusão: estudos completos, disponíveis on-line, que contemplassem o tema proposto para esta pesquisa, publicados nos últimos cinco anos e nos idiomas português, inglês ou espanhol. Os critérios de exclusão estabelecidos foram: estudos duplicados, debates, resenhas, editoriais, resumos ou artigos publicados em anais de eventos, indisponíveis na íntegra ou que não fossem pertinentes ao objetivo do presente estudo. No total, foram identificadas 16 produções científicas relacionadas à temática proposta, a partir das estratégias de busca previamente definidas. Dentre essas, após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão estabelecidos, foram selecionados cinco artigos para compor a amostra final do estudo, por atenderem de forma mais adequada aos objetivos delineados na pesquisa. Para a etapa de seleção, procedeu-se inicialmente à leitura dos títulos e dos resumos das produções encontradas, realizando-se a análise com base nos critérios de elegibilidade supracitados, a fim de verificar a pertinência temática e metodológica de cada estudo. Posteriormente, foi realizada a leitura criteriosa e integral dos artigos selecionados, possibilitando a extração sistematizada dos dados relevantes e garantindo maior rigor científico ao processo de análise. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** A amostra do estudo foi composta por cinco artigos científicos que abordam a Síndrome de *Burnout*, a resiliência e os impactos psicossociais relacionados ao trabalho em saúde, com ênfase especial nos contextos hospitalares

críticos e de alta complexidade assistencial. De modo geral, os estudos analisados discutem como as condições laborais, a sobrecarga de trabalho e a exposição contínua ao sofrimento humano podem influenciar significativamente a saúde mental dos profissionais da área. No estudo desenvolvido por Trotte *et al.* (2025), que teve como objetivo avaliar a ocorrência da Síndrome de *Burnout* em técnicos de enfermagem atuantes em Unidade de Terapia Intensiva (UTI) exclusiva para pacientes acometidos pela COVID-19, observou-se que a maioria dos trabalhadores apresentou baixos níveis de exaustão emocional, baixa despersonalização e elevados índices de realização profissional. Esses achados sugerem, em parte, a presença de fatores protetivos no ambiente analisado. Entretanto, destacou-se que mais de 30% dos participantes apresentaram níveis significativos de exaustão emocional, evidenciando a presença expressiva de desgaste psicológico nesse grupo específico e reforçando a necessidade de atenção às condições de trabalho e à saúde mental desses profissionais. A Unidade de Terapia Intensiva é reconhecida como um ambiente altamente estressante, não apenas para os profissionais de saúde que nela atuam, mas também para os pacientes internados e seus respectivos acompanhantes. Tal característica decorre do fato de se tratar de um setor marcado por circunstâncias que envolvem intensamente sentimentos como tristeza, angústia, medo, insegurança e preocupação constante. Nesse contexto, a especificidade de atuar em uma Unidade de Terapia Intensiva configura-se como um importante fator de risco ocupacional para o desenvolvimento de transtornos mentais comuns entre os profissionais. Conforme evidenciado por Moura *et al.* (2022), essa exposição prolongada a situações críticas pode impactar negativamente a saúde mental do trabalhador, tornando-o mais vulnerável ao adoecimento psíquico. De modo semelhante, Medeiros *et al.* (2025) investigaram a associação entre *burnout* e resiliência em profissionais de saúde atuantes em Unidades de Terapia Intensiva, especificamente no contexto crítico da pandemia de COVID-19. O estudo contou com a participação de 194 profissionais de diferentes categorias da equipe multiprofissional, incluindo médicos, enfermeiros, técnicos de enfermagem e fisioterapeutas, o que possibilitou uma análise mais abrangente da realidade vivenciada nesses serviços. Os resultados evidenciaram que 62% dos participantes apresentaram sintomas gerais compatíveis com a Síndrome de *Burnout*, demonstrando uma prevalência expressiva do agravo nesse cenário. Os autores identificaram uma associação inversa entre resiliência e *burnout*, indicando que níveis mais elevados de resiliência tendem a estar relacionados a menores níveis da síndrome. Entretanto, observou-se que parte dos profissionais com maiores índices de resiliência também manifestou sintomas de *burnout*, o que sugere que, embora seja um fator protetivo relevante, a resiliência não atua de forma isolada ou absoluta. Além disso, variáveis como idade mais jovem e maior carga horária de trabalho mostraram-se associadas a uma maior prevalência de *burnout*, reforçando a natureza multifatorial e complexa do fenômeno, que envolve tanto características individuais quanto condições organizacionais e contextuais do ambiente laboral. No âmbito da saúde mental, Silva *et al.* (2024) investigaram de forma aprofundada as experiências vivenciadas por psicólogos atuantes em Unidades de Terapia Intensiva destinadas a pacientes com COVID-19, evidenciando a complexidade emocional presente nesse contexto assistencial. O estudo identificou a presença de emoções ambivalentes, caracterizadas pela coexistência de sentimentos de compromisso profissional e, simultaneamente, de medo intenso — seja o medo da própria morte, seja o receio de transmitir o vírus a familiares, colegas ou outros pacientes. Além disso, foram relatados níveis significativos de fadiga física e emocional, associados à exaustão decorrente da sobrecarga de trabalho e do contato frequente com um elevado número de óbitos. Como estratégias de enfrentamento diante desse cenário adverso, destacaram-se a realização de psicoterapia, a busca por supervisão profissional, o apoio na fé e na religiosidade, o fortalecimento do trabalho em equipe, a prática regular de atividade física, as trocas de experiências com colegas e a busca contínua por formação teórica e atualização científica. Tais recursos evidenciam a relevância tanto de estratégias individuais quanto coletivas

para a manutenção do equilíbrio emocional, da saúde mental e da qualidade da atuação profissional em contextos de alta vulnerabilidade e sofrimento. Ao analisar a relação entre *burnout* e resiliência em profissionais de enfermagem atuantes em Unidades de Terapia Intensiva, em um estudo multicêntrico realizado na região Sul do Brasil, Vieira *et al.* (2022) identificaram achados relevantes acerca dos fatores associados à saúde mental desses trabalhadores. Os resultados evidenciaram que a dimensão da realização profissional apresentou influência direta sobre os níveis de resiliência no ambiente laboral, demonstrando que profissionais que percebem maior satisfação e sentido no trabalho tendem a desenvolver maior capacidade de adaptação frente às adversidades. Além disso, a resiliência mostrou-se um importante fator protetivo contra o desgaste emocional, a ocorrência de distúrbios psíquicos menores e outros impactos negativos relacionados ao exercício profissional em contextos críticos. O estudo também apontou uma forte correlação positiva entre resiliência e realização profissional, indicando que quanto maior o sentimento de competência, reconhecimento e propósito no trabalho, maior tende a ser a capacidade do profissional de enfrentar situações estressoras sem prejuízos significativos à sua saúde mental. Complementando essa análise, Moura *et al.* (2022) investigaram transtornos mentais comuns em profissionais de enfermagem de serviços de urgência e emergência, com a participação de 302 trabalhadores. Observou-se uma prevalência de 20,5% de transtornos mentais comuns, associados a fatores como não ter filhos, atuação em atenção terciária e regime estatutário na análise bivariada. Já na análise multivariada, os setores hospitalares e o cargo de enfermeiro indicaram maior risco para esses transtornos, reforçando a influência das condições e do ambiente de trabalho na saúde mental. Diante da análise conjunta dos estudos, observa-se a multifatorialidade em relação à síndrome de *burnout*, com variáveis relacionadas ao setor de atuação, à categoria profissional e às altas cargas de trabalho. Evidenciou-se que o ambiente exerce grande influência no nível de estresse dos profissionais que nele atuam. Setores como unidades de terapia intensiva, pronto atendimento adulto, hospitais psiquiátricos, entre outros, podem contribuir para o aumento dos níveis de estresse, assim como as altas jornadas de trabalho, que além de desgastarem física e mentalmente os trabalhadores da saúde, também alteram a quantidade e a qualidade do sono desses profissionais (VIEIRA *et al.*, 2022). Logo, diante desse cenário em que os profissionais desse setor já se encontram constantemente expostos a diferentes fatores de risco psicossocial, torna-se fundamental a compreensão aprofundada dessas questões e de como elas repercutem diretamente na qualidade do serviço prestado e na segurança da assistência ofertada. A análise dessas condições permite reconhecer que o adoecimento não ocorre de forma isolada, mas está intimamente relacionado ao contexto organizacional e às condições de trabalho vivenciadas diariamente. Aspectos como jornadas longas e exaustivas, que resultam em privação de sono e cansaço físico e mental, postos de trabalho inadequados ou estruturalmente prejudicados, além da insuficiência ou falta de materiais e recursos apropriados, contribuem significativamente para o aumento do estresse ocupacional. Conforme apontado por Moura *et al.* (2022), tais fatores potencializam o desgaste emocional, comprometem o desempenho profissional e podem impactar negativamente tanto a saúde do trabalhador quanto a qualidade da assistência prestada aos pacientes. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A Síndrome de *Burnout* constitui um agravo significativo e relevante à saúde mental dos profissionais que atuam em Unidades de Terapia Intensiva, sobretudo no contexto pós-pandêmico da COVID-19, marcado por intensas demandas assistenciais e repercussões emocionais prolongadas. A exposição contínua a situações críticas, associada à sobrecarga de trabalho e à responsabilidade constante pelo cuidado de pacientes em estado grave, contribui para o aumento da vulnerabilidade desses trabalhadores ao adoecimento psíquico. A Síndrome de *Burnout* compromete não apenas a saúde mental, mas também a saúde física do profissional, manifestando-se por meio de exaustão emocional, despersonalização e redução da realização profissional. Esses fatores podem levar à perda de motivação, ao distanciamento afetivo em relação aos pacientes e à diminuição do desempenho laboral. Além disso, a síndrome impacta negativamente



a qualidade da assistência prestada, elevando o risco de falhas, erros assistenciais, absenteísmo e afastamentos por adoecimento, o que repercute diretamente na dinâmica organizacional e na segurança do paciente. Diante desse cenário, torna-se imprescindível a promoção de ambientes de trabalho saudáveis, com condições adequadas para a prática assistencial, dimensionamento correto de pessoal, disponibilidade de recursos materiais, valorização profissional e implementação de políticas institucionais voltadas à promoção e proteção da saúde mental. Tais medidas são fundamentais tanto para a prevenção da Síndrome de *Burnout* quanto para a garantia da qualidade do cuidado ofertado aos pacientes críticos, assegurando uma assistência segura, humanizada e baseada em boas práticas.



CAPÍTULO 90

PUBLICIDADE DE ALIMENTOS ULTRAPROCESSADOS COMO FATOR ASSOCIADO A ALTERAÇÕES NA SAÚDE MENTAL INFANTIL

Eric José Fernandes Calácio¹
Lília Ravena Melo dos Santos²
Livia Manoela Sóstenes de Alencar³
Rosana dos Santos Costa⁴

^{1,2,3,4}Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-8636-9585>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-0694-2039>

³ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-2959-5207>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4548-6038>

Área temática: Saúde Mental de Populações Vulnerabilizadas

E-mail do autor correspondente: ericcalacio24@gmail.com

Palavras-chave: Criança; Publicidade de Alimentos; Saúde Mental.

INTRODUÇÃO: Nos últimos anos, o consumo de alimentos ultraprocessados entre crianças tem se tornado uma preocupação crescente para a saúde pública, devido à associação desses produtos ao excesso de açúcares, sódio, gorduras saturadas e aditivos químicos. Esses alimentos contribuem significativamente para o desenvolvimento de sobrepeso, obesidade e doenças crônicas não transmissíveis, além de influenciarem padrões alimentares de consumo que podem se perpetuar ao longo da vida adulta. Paralelamente, estudos indicam que hábitos alimentares inadequados também podem repercutir na saúde mental infantil, estando associados a alterações de humor, maior irritabilidade, sintomas de ansiedade e prejuízos no bem-estar psicológico (COELHO; MOREIRA; NASCIMENTO, 2025; O'NEIL *et al.*, 2014; WORLD HEALTH ORGANIZATIONS, 2023). Com o aumento da exposição de crianças a conteúdos midiáticos, surge o debate acerca dos impactos sobre a saúde mental infantil. A infância representa um período crítico do desenvolvimento neuropsicológico, no qual estímulos externos, padrões de recompensa e experiências de consumo podem influenciar a formação de comportamentos, emoções e processos de autocontrole. Nesse contexto, a publicidade de alimentos ultraprocessados não afeta apenas as escolhas alimentares imediatas, mas também o desenvolvimento de experiências relacionadas ao prazer, à impulsividade e à construção de vínculos com a alimentação (MALLARINO; GOMEZ; GONZALEZ-ZAPATA, 2025; UNICEF; ALSANNA, 2024; FACULDADE DE MEDICINA – UFMG, 2025). Além disso, a associação recorrente entre alimentos ultraprocessados e sentimentos de felicidade, diversão e recompensa pode contribuir para a internalização de padrões emocionais mediados pelo consumo. Evidências apontam que dietas de baixa qualidade nutricional, frequentemente estimuladas por estratégias publicitárias, relacionam-se à maior ocorrência de sintomas de ansiedade, alterações de humor e pior qualidade de vida em crianças. Assim, compreender a influência da publicidade de alimentos ultraprocessados requer uma abordagem abrangente, que considere não apenas as questões metabólicas, mas também a possível influência sobre a saúde mental e o desenvolvimento psicossocial infantil (CONTRERAS-RODRIGUEZ *et al.*, 2023; O'NEIL *et al.*, 2014). A delimitação do tema deste estudo concentra-se na exposição de crianças à publicidade de alimentos ultraprocessados e seus efeitos sobre a saúde física e mental, considerando tanto as estratégias de marketing tradicionais, como propagandas em televisão e anúncios em desenhos animados, quanto às abordagens digitais, como redes sociais, aplicativos e jogos interativos. Além disso, o estudo aborda as táticas de persuasão utilizadas pela indústria midiática, como o uso de personagens animados, sons chamativos, cores vivas e brindes, que tornam os produtos mais atrativos e aumentam a probabilidade de consumo (FERREIRA, 2024; COELHO; MOREIRA; NASCIMENTO, 2025; UNICEF; ALSANNA, 2024). O presente estudo justifica-se pela relevância do tema para a saúde pública, a educação nutricional e a promoção da saúde mental em crianças. Compreender como a publicidade influencia os hábitos alimentares permite identificar estratégias e medidas de prevenção e subsidiar políticas públicas voltadas à redução do consumo de ultraprocessados. Trata-se de uma temática atual e de grande impacto social, uma vez que envolve um público vulnerável e apresenta repercussão direta nos índices de sobrepeso, obesidade, problemas metabólicos e repercussões emocionais, com implicações para os sistemas de saúde (WORLD HEALTH ORGANIZATIONS, 2023; TAILLIE *et al.*, 2020; UNICEF; ALSANNA, 2024). **OBJETIVOS:** Objetivo geral — Analisar as evidências científicas relacionadas à influência da publicidade de alimentos ultraprocessados sobre as escolhas alimentares de crianças e suas implicações para a saúde física e mental. Objetivos específicos — Identificar as principais estratégias de marketing utilizadas na publicidade de alimentos ultraprocessados direcionada ao público infantil. Avaliar a associação entre a exposição à publicidade e as preferências e hábitos alimentares de crianças. Discutir os possíveis impactos do consumo de alimentos ultraprocessados na saúde física e mental infantil. Examinar políticas públicas e medidas regulatórias voltadas à proteção da criança frente à publicidade de alimentos. **METODO-**

LOGIA: Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, cujo formato define-se pela possibilidade de incluir estudos com diferentes métodos, possibilitando uma visão ampliada sobre o tema e suas consequências para a saúde de crianças. A fim de conduzir o método de maneira sistemática, este estudo foi desenvolvido em seis etapas: 1) identificação do tema e seleção das hipóteses ou questão de pesquisa; 2) estabelecimento de critérios para inclusão e exclusão de estudos/amostragem ou busca na literatura; 3) definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados/categorização dos estudos; 4) avaliação dos estudos incluídos na revisão integrativa; 5) interpretação dos resultados e 6) apresentação da revisão/síntese do conhecimento. A busca dos artigos foi realizada nas bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE/PubMed)* e *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*, utilizando os descritores “Criança”, “Publicidade de Alimentos” e “Saúde Mental”, retirados dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e do *Medical Subject Headings (MeSH)*, combinados por meio dos operadores booleanos AND e OR. Foram adotados como critérios de inclusão: artigos publicados entre 2014 e 2025, disponíveis na íntegra, nos idiomas português, inglês ou espanhol, e que abordassem a relação entre publicidade de alimentos ultraprocessados, comportamento alimentar e/ou saúde mental em crianças e adolescentes. Para os critérios de exclusão, consideraram-se estudos duplicados, não disponíveis na íntegra, em outras línguas ou fora do recorte temporal, além de resumos sem texto completo e publicações que não respondiam ao objetivo. Todo o processo de levantamento até a composição da amostra foi realizado por seleção duplo-independente. As discordâncias foram resolvidas por meio de consenso com um terceiro revisor. Após a seleção dos estudos, 9 artigos científicos foram considerados para esta revisão. Por tratar-se de um estudo baseado na análise de produções científicas já publicadas, não houve envolvimento direto de participantes ou coleta de dados primários; portanto, conforme a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, pesquisas dessa natureza não requerem apreciação por Comitê de Ética em Pesquisa. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** A literatura evidencia que a publicidade de alimentos ultraprocessados exerce impacto direto na formação de preferências alimentares das crianças. Estudos mostram que crianças expostas a campanhas publicitárias de produtos ricos em açúcares, gorduras e sódio apresentam maior probabilidade de consumi-los com frequência e desenvolver familiaridade e desejo por sabores pouco nutritivos, além de maior resistência à aceitação de outros alimentos. Pesquisas também apontam que hábitos alimentares adquiridos na infância tendem a persistir na adolescência e na vida adulta, aumentando o risco de sobrepeso, obesidade, hipertensão, alterações lipídicas, resistência à insulina e outras doenças metabólicas que podem se estender ao longo da vida (COELHO; MOREIRA; NASCIMENTO, 2025). Além de desfechos nutricionais, a literatura indica que o elevado consumo desses alimentos ultraprocessados por crianças pode repercutir negativamente na saúde mental. Dietas ricas em açúcares e gorduras saturadas têm sido associadas à maior prevalência de sintomas de ansiedade, alterações de humor, déficit de atenção e pior qualidade do sono, fatores que impactam o desenvolvimento cognitivo e emocional da criança (O’NEIL *et al.*, 2014). As estratégias de marketing são planejadas para aumentar a atratividade dos produtos, destacando-se o uso de personagens em embalagens e comerciais, capazes de despertar o interesse infantil. Além disso, a oferta de brindes em produtos transforma o alimento em um objeto de desejo, incentivando sua aquisição não apenas pelo produto em si, mas pelo estímulo de compra associado ao brinde. A veiculação dessas propagandas em horários e programas voltados para crianças, como desenhos animados, intensifica a exposição e contribui para a consolidação precoce de padrões de consumo desde cedo (FERREIRA, 2024). A publicidade de alimentos ultraprocessados explora mecanismos psicológicos que tornam os produtos mais atrativos às crianças. Ao associar os alimentos a prazer, diversão e recompensas, os anúncios ativam o sistema de recompensa do cérebro infantil, aumentando o desejo de consumo. Entre as estratégias utilizadas destacam-se estímulos sonoros e cores chamativas, que não apenas capturam a atenção, mas também criam vínculos

afetivos entre a criança e o alimento (MALLARINO; GOMEZ; GONZALEZ-ZAPATA, 2025). Do ponto de vista psicossocial, a exposição repetida à publicidade também pode favorecer a construção de padrões de recompensa imediata e consumo impulsivo, dificultando o desenvolvimento do autocontrole alimentar. Esse processo pode contribuir para relações disfuncionais com a comida, na medida em que o alimento passa a assumir função de regulação das emoções, gerando maior frustração diante de restrições e potencial impacto no bem-estar emocional infantil, além de maior insatisfação quando esses itens não estão disponíveis. Ressalta-se que esses processos podem se perpetuar na adolescência e na vida adulta (CONTRERAS-RODRIGUEZ *et al.*, 2023). Ao redor do mundo, muitos países têm implementado políticas públicas voltadas à proteção da criança frente a essa temática. No Chile, por exemplo, foi restringida a publicidade de produtos ultraprocessados durante horários e programas voltados para crianças, além da adoção de rotulagem frontal para alimentos ricos em açúcar, sódio e gordura, resultando na redução do consumo desses produtos. Países como França e Noruega adotam estratégias semelhantes, combinando educação nutricional nas escolas e campanhas de conscientização para pais. No Brasil, embora existam legislações que orientam a publicidade infantil, a fiscalização é limitada, evidenciando a necessidade de políticas mais rigorosas e integradas, envolvendo governo, família e escola, para reduzir os impactos da publicidade sobre a saúde física e mental das crianças (TAILLIE *et al.*, 2020; WHO, 2023; UNICEF, 2024). **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** As evidências científicas analisadas demonstram que a publicidade de alimentos ultraprocessados exerce influência significativa sobre as escolhas alimentares de crianças, favorecendo a preferência por produtos de baixo valor nutricional e contribuindo para a consolidação de padrões alimentares inadequados desde a infância. Esses padrões tendem a se perpetuar ao longo da vida, aumentando o risco de sobrepeso, obesidade e outras doenças crônicas não transmissíveis, o que reforça a relevância do tema para a saúde pública. Além dos impactos sobre a saúde física, a literatura aponta que a exposição recorrente à publicidade e o consumo frequente de alimentos ultraprocessados estão associados a repercussões negativas na saúde mental infantil, incluindo alterações de humor, sintomas de ansiedade, maior impulsividade alimentar e possíveis prejuízos ao bem-estar psicológico. Diante desse cenário, destaca-se a necessidade de políticas públicas mais rigorosas de regulação da publicidade infantil, bem como de estratégias integradas de educação alimentar e promoção da saúde mental, visando à proteção do desenvolvimento saudável das crianças.

CAPÍTULO 91

REGULAÇÃO EMOCIONAL NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Giovanna de Oliveira Liborio Dourado¹

Mateus da Cunha Moraes²

Rodolfo Matheus Lopes Passos³

Paula Gardênia Campelo dos Santos⁴

Mara Jordana Magalhães Costa⁵

Carlos Roberto Leandro dos Santos Gomes⁶

^{1,2,3,4,5,6}Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6570-8689>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-3467-6478>

³ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-5716-5991>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-0040-4285>

⁵ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2185->

⁶ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-6007-2474>

Área temática: Saúde Mental e Bem-Estar

E-mail do autor correspondente: giovannaliborio@ufpi.edu.br

Palavras-chave: Saúde Mental; Autismo Infantil; Regulação Emocional.

INTRODUÇÃO: A regulação emocional constitui um processo essencial para o desenvolvimento socioemocional e adaptativo dos indivíduos, envolvendo a capacidade de reconhecer, compreender e manejar as próprias emoções diante das demandas do ambiente. Nas últimas décadas, a temática tem recebido crescente atenção na literatura científica, especialmente após a ampliação das discussões sobre saúde mental em diferentes fases do ciclo vital. No contexto da infância, o desenvolvimento dessas habilidades está diretamente relacionado à aprendizagem, à qualidade das interações sociais e à construção de vínculos afetivos. A regulação emocional integra o conjunto das competências socioemocionais, que abrangem habilidades como empatia, comunicação, autocontrole e resolução de conflitos. Essas competências influenciam significativamente a adaptação social e o bem-estar psicológico ao longo da vida (MARIN *et al.*, 2017). Estudos apontam que a capacidade de identificar e diferenciar emoções se desenvolve progressivamente durante a infância, sendo influenciada por fatores educacionais, familiares e culturais (APARÍCIO *et al.*, 2020). No caso de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), a regulação emocional assume relevância ainda maior. O TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por déficits persistentes na comunicação e interação social, além de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (SULKES, 2025). Estima-se que o transtorno esteja presente em cerca de uma a cada 44 crianças, manifestando-se geralmente antes dos dois anos de idade. Crianças com TEA frequentemente apresentam dificuldades na identificação, expressão e manejo de emoções, bem como na interpretação de pistas sociais e emocionais. Essas limitações podem impactar significativamente o desempenho escolar, as relações familiares e as interações sociais. A desregulação emocional também está associada à ocorrência de comportamentos considerados desafiadores, como agressividade, autoagressão, crises emocionais e isolamento social (MCDONALD *et al.*, 2024). Apesar do aumento das pesquisas sobre autismo nas últimas décadas, ainda existem lacunas na compreensão das estratégias de regulação emocional utilizadas por essas crianças e na eficácia das intervenções disponíveis. Nesse contexto, torna-se fundamental reunir evidências científicas que contribuam para orientar práticas clínicas, educacionais e familiares. **OBJETIVOS:** Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo discutir a regulação emocional em crianças com Transtorno do Espectro Autista, destacando os principais desafios relacionados ao reconhecimento e manejo das emoções, bem como as estratégias de intervenção descritas na literatura científica. **METODOLOGIA:** Trata-se de uma revisão temática da literatura, de natureza qualitativa e descritiva. A revisão de literatura consiste em um processo sistemático de busca, análise e síntese do conhecimento produzido sobre determinado tema, possibilitando identificar evidências científicas relevantes e lacunas existentes na produção acadêmica. A busca bibliográfica foi realizada na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), utilizando os descritores “regulação emocional” e “transtorno do espectro autista”, combinados por meio de operadores booleanos. Foram consultadas as bases de dados MEDLINE, LILACS e Index Psicologia. Os critérios de inclusão adotados foram: artigos publicados sobre regulação emocional em crianças com TEA, disponíveis na íntegra e que abordassem aspectos clínicos, educacionais ou terapêuticos relacionados ao tema. Foram excluídos estudos que abordavam exclusivamente adultos ou adolescentes, bem como aqueles que não apresentavam relação direta com o objetivo da pesquisa. Após a etapa de triagem, foram identificados inicialmente 99 estudos nas bases consultadas. Após análise dos títulos, resumos e exclusão de duplicidades, foram selecionados sete estudos considerados mais relevantes para a discussão do tema. Também foi realizada busca complementar em bases acadêmicas e documentos institucionais relacionados ao autismo e ao desenvolvimento socioemocional. Por tratar-se de um estudo teórico baseado em literatura científica, não houve necessidade de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa. Contudo, foram respeitados os princípios éticos referentes à utilização e citação adequada das fontes consultadas. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Desafios relacionados à regulação emocional em crianças com TEA. As dificuldades relacionadas à regulação emocional em crianças com TEA estão

associadas a fatores neurobiológicos, cognitivos e sociais. Muitos indivíduos autistas apresentam limitações na interpretação de expressões faciais e na compreensão das emoções dos outros, o que pode comprometer o desenvolvimento das habilidades de interação social. Estudos indicam que o processamento emocional em pessoas com autismo ocorre de maneira distinta em comparação a indivíduos neurotípicos, influenciando a forma como emoções são percebidas e expressas (AUTISMO E REALIDADE, 2025). Além disso, alterações nas funções executivas, como controle inibitório, flexibilidade cognitiva e memória de trabalho, podem dificultar o gerenciamento de emoções intensas. Outro fator relevante refere-se ao processamento sensorial atípico, frequentemente observado em pessoas com TEA. Estímulos ambientais como sons, luzes ou texturas podem desencadear sobrecarga sensorial, contribuindo para episódios de desregulação emocional. Essas situações podem resultar em manifestações comportamentais intensas, conhecidas como meltdowns, caracterizadas pela perda temporária do controle emocional. Diferentemente das birras, essas crises não possuem intencionalidade social e estão relacionadas à incapacidade momentânea de lidar com estímulos internos e externos (O MUNDO AUTISTA, 2026). Além disso, indivíduos com TEA podem apresentar dificuldades na interocepção, ou seja, na percepção dos sinais fisiológicos internos do corpo. Essa limitação dificulta o reconhecimento precoce de estados emocionais, como ansiedade ou frustração, aumentando a probabilidade de reações emocionais intensas. Estratégias de intervenção Diversas intervenções têm sido propostas para favorecer o desenvolvimento da regulação emocional em crianças com TEA. Entre as abordagens mais utilizadas, destacam-se as estratégias cognitivas e comportamentais, o treinamento de habilidades socioemocionais e o uso de recursos visuais. Segundo Nuske *et al.* (2024), intervenções baseadas no ensino explícito de habilidades emocionais, no reforço positivo e na participação ativa dos pais apresentam evidências significativas de eficácia. O uso de suportes visuais, como cartões de emoções e agendas visuais, pode auxiliar as crianças na identificação e compreensão de estados emocionais. Outro recurso importante envolve o ensino de estratégias de autorregulação, como técnicas de respiração, pausas sensoriais e atividades relaxantes. Essas práticas ajudam a criança a reconhecer sinais de sobrecarga emocional e a utilizar mecanismos para recuperar o equilíbrio emocional. Além das intervenções comportamentais, estudos recentes apontam o potencial das tecnologias digitais como ferramentas de apoio no desenvolvimento de habilidades socioemocionais. Aplicativos educativos, ambientes virtuais e dispositivos móveis podem favorecer o treino de interações sociais e auxiliar no manejo das emoções (GILLIES-WALKER *et al.*, 2023). A terapia assistida por animais também tem sido investigada como estratégia complementar, demonstrando potencial para reduzir níveis de estresse e favorecer a expressão emocional em crianças neurodivergentes. No campo clínico, abordagens psicodinâmicas também apresentam contribuições relevantes, especialmente ao favorecer o fortalecimento de vínculos afetivos e o desenvolvimento de estratégias adaptativas de enfrentamento. Estudos indicam que a qualidade das relações interpessoais constitui um fator determinante para o bem-estar e para o desenvolvimento emocional de pessoas com TEA (SINGLETARY; RICE, 2023). Dessa forma, a promoção da regulação emocional requer uma abordagem multidisciplinar, envolvendo profissionais da saúde, educação e familiares, com foco na construção de ambientes mais previsíveis, acolhedores e sensíveis às necessidades das crianças. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A regulação emocional constitui um elemento central para compreender os desafios enfrentados por crianças com Transtorno do Espectro Autista. A literatura analisada evidencia que a desregulação emocional é prevalente nesse grupo, estando associada a dificuldades de interação social, sintomas internalizantes e comportamentos considerados desafiadores. As evidências científicas apontam que intervenções baseadas em estratégias cognitivas, recursos visuais, suporte parental e tecnologias de apoio apresentam resultados promissores na promoção da autorregulação emocional. Além disso, abordagens terapêuticas centradas na família e no fortalecimento de vínculos afetivos contribuem significativamente para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais. Diante



disso, torna-se fundamental que profissionais da saúde e da educação estejam preparados para reconhecer as necessidades específicas desse público e implementar estratégias inclusivas que favoreçam o desenvolvimento integral das crianças. Compreender e aprimorar a regulação emocional em crianças com TEA representa um passo importante para promover inclusão social, reduzir estigmas e ampliar oportunidades de desenvolvimento. Recomenda-se que futuras pesquisas ampliem a investigação sobre biomarcadores neurológicos e sobre a eficácia de tecnologias emergentes voltadas ao apoio emocional, contribuindo para o avanço do conhecimento científico e para a qualificação das práticas assistenciais e educacionais.

CAPÍTULO 92

SOFRIMENTO PSÍQUICO EM MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL

Deilane Raquel da Silva Sousa¹
Brunna Rafaela Brito Silva²
Maria Eduarda Silva Sousa³
Myllena de Farias Oliveira⁴
Vanessa dos Santos Costa⁵
Aline Raquel de Sousa Ibiapina⁶

^{1,2,3,4,5,6}Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-0449-4173>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-8351-1989>

³ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-3117-4732>

⁴ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-3141-9238>

⁵ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-4267-8651>

⁶ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1373-3564>

Área temática: Saúde Mental de Populações Vulnerabilizadas

E-mail do autor correspondente: deilaneraquel1981@gmail.com

Palavras-chave: Violência Sexual; Violência Contra a Mulher; Saúde Mental.

INTRODUÇÃO: A violência contra a mulher configura-se como um fenômeno social que atinge indivíduos de diferentes classes sociais, idades, níveis de escolaridade, origens, raças e orientações sexuais, caracterizando-se como uma grave violação dos direitos humanos e um relevante problema de saúde pública. Entre suas diversas manifestações, destaca-se a violência sexual, especialmente o estupro, entendido como uma forma extrema de agressão em que a mulher é forçada a manter relações sexuais por meio de violência, ameaça ou coerção, tendo sua vontade e autonomia anuladas. Esse tipo de violência compromete a integridade psicofísica das vítimas e pode provocar consequências profundas e duradouras, que ultrapassam os danos físicos e atingem também os aspectos psicológicos e emocionais (TRIGUEIRO *et al.*, 2017). Nesse sentido, a violência sexual, independentemente de ocorrer com pessoa conhecida ou desconhecida, pode afetar significativamente a vida das mulheres, provocando mudanças em seu cotidiano e gerando sofrimento psíquico. Essa realidade configura uma questão social de grande relevância e um desafio para a saúde pública, devido à sua elevada ocorrência e aos impactos físicos, psicológicos e sociais sobre as vítimas. Compreender essas consequências é essencial para orientar estratégias de acolhimento, cuidado e intervenção nos serviços de saúde, além de fortalecer políticas públicas e ações interdisciplinares que ofereçam suporte psicológico, social e institucional às mulheres (ALVES *et al.*, 2020). Diante desse cenário, torna-se importante ampliar a discussão sobre o sofrimento psíquico vivenciado por mulheres vítimas de violência sexual, considerando os impactos que essa experiência pode gerar em sua saúde emocional, nas relações sociais e na qualidade de vida. As vivências traumáticas decorrentes desse tipo de violência podem desencadear diferentes manifestações psicológicas, exigindo atenção e acompanhamento adequados (SILVAS *et al.*, 2021). **OBJETIVO:** Analisar as manifestações de sofrimento psíquico em mulheres vítimas de violência sexual, destacando os principais impactos emocionais e psicológicos decorrentes dessa experiência. **MÉTODOS:** Trata-se de um estudo de revisão narrativa de literatura acerca das manifestações de sofrimento psíquico em mulheres vítimas de violência sexual. A coleta de dados ocorreu no mês de fevereiro de 2026. A estratégia de busca foi realizada por meio dos descritores “Violência sexual”, “Violência contra a mulher” e “Saúde mental”, combinados entre si por meio do operador booleano AND. A busca foi conduzida nas bases de dados *SciELO* e *PubMed*. Como critérios de inclusão, foram considerados artigos publicados em português e inglês, disponíveis na íntegra e alinhados ao objetivo do estudo. Foram excluídos estudos duplicados, artigos incompletos e aqueles que não abordavam diretamente as repercussões psicológicas da violência sexual contra mulheres. Identificou-se 10 artigos; após a aplicação dos critérios de seleção, foram escolhidos 5 estudos que apresentaram maior relevância científica e adequação temática para compor a análise. A análise dos dados ocorreu de forma descritiva. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Os resultados deste estudo evidenciam um cenário preocupante ao demonstrar maior ocorrência de violência sexual entre mulheres jovens, especialmente na faixa etária entre 12 e 18 anos. O estudo realizado no estado do Paraná, com uma amostra de 1.272 participantes, revelou que 53,46% das vítimas estavam nessa faixa etária, indicando que adolescentes representam um grupo significativamente vulnerável a esse tipo de violência. Esse dado reforça achados da literatura que apontam que a adolescência é um período marcado por intensas transformações físicas, emocionais e sociais, que podem favorecer situações de vulnerabilidade e dificultar a identificação ou denúncia de abusos (TRIGUEIRO *et al.*, 2017). Além disso, a ocorrência dos episódios em ambientes familiares e escolares evidencia uma realidade particularmente alarmante, pois demonstra que espaços tradicionalmente reconhecidos como locais de proteção e desenvolvimento também podem se tornar cenários de violência. Essa proximidade entre vítima e agressor contribui para a invisibilidade dos casos e dificulta a ruptura do ciclo de violência, especialmente quando há relações de confiança ou dependência envolvidas (TEIXEIRA *et al.*, 2023). Outro aspecto relevante identificado nos resultados refere-se às repercussões psicológicas associadas à violência sexual. Observou-se que mulheres que sofreram abuso, especialmente durante a infância ou adolescência,

apresentam maior risco de desenvolver sofrimento psíquico significativo. Entre os sintomas mais frequentes destacam-se depressão, ansiedade e transtorno de estresse pós-traumático, além de sentimentos persistentes de medo, vergonha e culpa. Essas manifestações refletem o impacto emocional profundo provocado pela experiência traumática e podem comprometer de forma significativa o bem-estar psicológico das vítimas (ALVES *et al.*, 2020). Além disso, foram identificadas consequências importantes, como baixa autoestima e dificuldades no estabelecimento de relações interpessoais, fatores que podem prejudicar o desenvolvimento emocional e social dessas mulheres ao longo da vida. Em alguns casos, o sofrimento psicológico também pode levar ao uso abusivo de álcool e outras substâncias psicoativas como forma de enfrentamento do trauma, evidenciando a complexidade das consequências associadas à violência sexual (SILVA *et al.*, 2021). Dados também revelaram manifestações relacionadas ao estado de hipervigilância, caracterizado por uma atenção constante a possíveis ameaças. Esse estado psicológico é frequentemente observado em vítimas de violência e está associado a uma sensação permanente de perigo, mesmo em situações aparentemente seguras. A hipervigilância pode desencadear alterações significativas no padrão de sono e na alimentação, evidenciando como o trauma pode afetar não apenas o estado emocional, mas também aspectos fisiológicos e comportamentais das vítimas. Essas alterações demonstram que as consequências da violência sexual são amplas e podem comprometer diferentes dimensões da saúde e da qualidade de vida das mulheres que vivenciaram esse tipo de experiência traumática (ALVES *et al.*, 2020). Além das repercussões psicológicas, os impactos da violência sexual se refletem diretamente na vida cotidiana das vítimas. Muitas mulheres relatam medo intenso e sensação constante de insegurança, o que frequentemente leva ao isolamento social. Nesse contexto, a necessidade de estar acompanhada para realizar atividades simples do dia a dia evidencia o impacto profundo que o trauma exerce sobre a percepção de segurança e autonomia dessas mulheres. Como consequência, atividades rotineiras, como trabalhar ou frequentar a escola, tornam-se mais difíceis de serem mantidas, prejudicando significativamente a rotina e o bem-estar das vítimas (TRIGUEIRO *et al.*, 2017). Esse cenário evidencia que os efeitos da violência sexual ultrapassam o momento da agressão, produzindo repercussões duradouras que interferem na capacidade das vítimas de manter uma vida social, acadêmica e profissional estável (SILVA *et al.*, 2021). Outro ponto crítico evidenciado pelos resultados refere-se às dificuldades enfrentadas pelas vítimas no processo de busca por ajuda. Muitas mulheres relatam receio de não serem acreditadas ou de sofrerem julgamentos ao revelar a violência vivenciada, o que pode contribuir para o silêncio e para a subnotificação dos casos. Esse medo de descrédito ou estigmatização social constitui uma barreira importante para que as vítimas procurem apoio e assistência adequada. Além disso, indicam que dificuldades no acolhimento e a falta de capacitação de profissionais de saúde também representam obstáculos significativos para o acesso a um acompanhamento adequado. Quando os serviços de saúde não oferecem um atendimento sensível e preparado para lidar com situações de violência, o sofrimento psicológico das vítimas pode ser intensificado, além de ocorrer o risco de revitimização durante o processo de atendimento (TEXEIRA *et al.*, 2023). Diante desse panorama, os resultados deste estudo reforçam que a violência sexual deve ser compreendida como um grave problema de saúde pública, cujos impactos ultrapassam o momento da agressão e atingem múltiplas dimensões da vida das vítimas. A elevada ocorrência entre adolescentes, associada às profundas repercussões psicológicas, às alterações comportamentais e às dificuldades enfrentadas na busca por ajuda, evidencia a necessidade de fortalecer políticas públicas voltadas à prevenção da violência, à proteção de crianças e adolescentes e à qualificação dos serviços de atendimento às vítimas. Nesse contexto, torna-se fundamental promover ações integradas entre os setores da saúde, educação e assistência social, com o objetivo de garantir acolhimento adequado, apoio psicológico e estratégias efetivas de enfrentamento da violência sexual (ALVES *et al.*, 2020). **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A violência sexual con-

tra mulheres produz repercussões profundas e duradouras na saúde mental das vítimas, manifestando-se por meio de ansiedade, depressão, medo, culpa e dificuldades nas relações sociais. Tais impactos demonstram que as consequências desse tipo de violência ultrapassam o momento da agressão, afetando diferentes dimensões da vida e da autonomia das mulheres. Observou-se também maior vulnerabilidade entre adolescentes, o que reforça a necessidade de estratégias preventivas e de proteção voltadas a esse grupo. Além disso, as dificuldades enfrentadas na busca por apoio evidenciam a importância de qualificar os serviços de saúde e fortalecer práticas de acolhimento sensíveis e humanizadas. Nesse contexto, destaca-se a necessidade de ações intersetoriais que integrem saúde, educação e assistência social, visando ampliar a prevenção, garantir suporte adequado às vítimas e contribuir para a redução dos impactos psicológicos decorrentes da violência sexual.

CAPÍTULO 93

SOLIDÃO ENTRE JOVENS ADULTOS E A INTERFACE COM A SAÚDE MENTAL

Richardson Martins França¹
Ian Melo Araújo²
Márcia Astrês Fernandes³

^{1,2,3}Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil.

¹ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-7708-0087>

²ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-6090-8067>

³ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9781-0752>

Área temática: Saúde Mental na Contemporaneidade e Sociedade

E-mail do autor correspondente: richardson.franca@ufpi.edu.br

Palavras-chave: Solidão; Adulto Jovem; Saúde Mental; Isolamento Social.

INTRODUÇÃO: A juventude e o início da vida adulta representam períodos críticos de transição, marcados pela busca por identidade, autonomia e consolidação de laços sociais fora do núcleo familiar. No entanto, contemporaneamente, observa-se um fenômeno alarmante: a crescente prevalência do sentimento de isolamento nesta faixa etária. A solidão, definida como a discrepância angustiante entre as conexões sociais desejadas e as efetivamente vivenciadas, distanciou-se do mero estado físico de “estar sozinho” (solitude) para se configurar como uma verdadeira crise sanitária global. No Brasil, a solidão desponta como uma ameaça silenciosa à saúde pública. Mudanças na estrutura familiar, urbanização acelerada e a hiperconexão tecnológica transformaram radicalmente a forma como as pessoas interagem (PASSARELLI-ARAUJO, 2025). Esse impacto reverbera de maneira particular entre os jovens adultos, uma população que compõe a geração mais conectada digitalmente da história. Contraditoriamente, em vez de garantir pertencimento, a hiperconexão frequentemente gera interações superficiais que exacerbam o sentimento de inadequação e exclusão. Diante desse cenário, onde a falta de vínculos sociais concretos se associa diretamente ao adoecimento psíquico, torna-se imperativo investigar como a atual epidemia de solidão afeta o bem-estar mental desta população. **OBJETIVO:** Analisar as implicações da solidão na saúde mental de jovens adultos, identificando os principais fatores socioculturais e tecnológicos contribuintes para esse fenômeno e discutir as consequências psicológicas decorrentes do isolamento social prolongado. **MÉTODOS:** A presente pesquisa trata-se de um estudo narrativo da literatura, estruturado de forma sistemática e realizado no mês de março de 2026. A busca bibliográfica foi conduzida por meio de pesquisas nos bancos de dados *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*, Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e *PubMed*. Utilizaram-se como Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e *Medical Subject Headings (MeSH)*: Solidão (*Loneliness*), Adulto Jovem (*Young Adult*) e Saúde Mental (*Mental Health*), combinados por meio do operador booleano AND. A questão norteadora da revisão foi: “Quais são as implicações da solidão para a saúde mental de jovens adultos?”. Foram adotados como critérios de inclusão: artigos originais e de revisão publicados entre os anos de 2020 e 2026, disponíveis na íntegra, com tradução para os idiomas português ou inglês, e que estivessem diretamente relacionados à temática proposta. Inicialmente, foram identificados 127 artigos. Após a leitura dos títulos e resumos, foram excluídos os materiais publicados fora da janela temporal estipulada, os duplicados, os não disponíveis na íntegra e os que não se adequaram ao escopo específico da juventude (focando, por exemplo, apenas na população idosa). Com base nos critérios de elegibilidade, e para atender ao formato delimitado por este edital, selecionaram-se 3 artigos centrais que atenderam rigorosamente aos critérios estabelecidos e que se mostraram pertinentes e robustos para a discussão da temática investigada. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** A análise da literatura evidencia que a experiência de solidão entre jovens adultos não é um evento isolado, mas um processo evolutivo complexo, profundamente influenciado por fatores relacionais e ambientais (ADIB; SABHARWAL, 2023). Em uma fase da vida em que se espera que o indivíduo forme vínculos sociais satisfatórios, a deficiência nessas relações e em habilidades sociais o torna altamente vulnerável. Adib e Sabharwal (2023) relatam que a incapacidade de desenvolver estratégias de enfrentamento adequadas frente ao isolamento exacerba a solidão crônica, exigindo atenção contínua do setor de saúde mental para mitigar o desenvolvimento de transtornos graves. No contexto nacional, Passarelli-Araujo (2025) destaca que a solidão deve ser encarada como uma ameaça à saúde pública também no Brasil. O autor argumenta que fatores como a rápida urbanização e as mudanças demográficas estão corroendo as redes de apoio tradicionais. Embora o Sistema Único de Saúde (SUS) possua estratégias comunitárias, ainda enfrenta desafios, como a fragmentação do cuidado, para lidar de forma eficaz com queixas subjetivas ligadas à solidão, que frequentemente se manifestam clinicamente como depressão e ansiedade. Agravando esse vácuo social, encontra-se o uso desregulado das tecnologias. O estudo transversal conduzido por Oliveira *et al.* (2025) revela que o uso prolongado de redes sociais (acima

de 4 horas diárias) aumenta em mais de 6 vezes as chances de o indivíduo apresentar ansiedade severa ao ficar desconectado, fenômeno conhecido como FOMO (*Fear of Missing Out*). Além disso, o uso dessas tecnologias mesmo na presença física de outras pessoas demonstrou aumentar significativamente a insatisfação com a própria autoimagem. A intersecção desses achados ilustra um ciclo vicioso: o jovem, sentindo-se solitário pela falta de redes de apoio tangíveis (PASSARELLI-ARAUJO, 2025), busca refúgio nas redes sociais; contudo, a natureza comparativa dessas interações agrava o sentimento de exclusão (OLIVEIRA *et al.*, 2025), resultando em declínio do bem-estar psicológico e aumento do sofrimento psíquico (ADIB; SABHARWAL, 2023). **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Conclui-se que a epidemia de solidão em jovens adultos representa uma ameaça complexa à saúde mental, transcendendo a esfera individual para se firmar como um problema sistêmico de saúde pública. A transição para a vida adulta, quando desprovida de redes de suporte social sólidas, predispõe os jovens a quadros de ansiedade e depressão, agravados significativamente pela dependência das redes sociais. Torna-se evidente que a conectividade virtual, embora constante, não substitui a necessidade biológica e psicológica humana por relações interpessoais autênticas. O enfrentamento deste cenário exige a formulação de intervenções que envolvam a alfabetização digital para um uso saudável das tecnologias e o fortalecimento de políticas comunitárias de saúde mental. É imprescindível criar espaços físicos e sociais de acolhimento, garantindo que os jovens não apenas existam em redes virtuais, mas sintam que verdadeiramente pertencem a uma comunidade.



ÍNDICE REMISSIVO

- Absenteísmo, 132
Adesão à Medicação, 26
Adulto Jovem, 72, 214
Afetividade, 156
Ambiente de Trabalho, 165
Análise do Comportamento, 18
Angústia Psicológica, 177
Ansiedade, 8, 16, 18, 68, 122, 148, 197
Aromaterapia, 18
Arteterapia, 20, 40
Assistência à Saúde Mental, 58, 114
Assistência em Saúde Mental, 116
Atenção Integral, 136
Atenção Primária, 161
Auriculoterapia, 161
Autismo Infantil, 120, 206
Autocuidado, 142
Autodiagnóstico, 50
Autoimagem, 4
Autolesão Intencional, 112
Bruxismo, 148
Burnout, 56, 68, 197
Byung-Chul Han, 10
Capacitismo, 84
Centros de Atenção Psicossocial, 104
Centros de Convivência e Lazer, 142
Círculos de Cultura, 156
Cognição, 128, 134
Comparação Social, 4
Comportamento, 10
Comunicação, 40
Condições de Trabalho, 88
Conduta Aditiva, 158
Criança, 202
Cuidado Holístico, 136
Cuidado Perinatal, 116
Cuidados de Enfermagem, 38, 54, 110, 193
Cyberbullying, 78
Deficiência, 84
Depressão, 8, 84, 122
Desempenho, 10
Desempenho Acadêmico, 106
Desinstitucionalização, 24
Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho, 132
Docentes, 88, 98
Docentes Universitários, 56
Doença Renal Crônica, 64, 138
Dor Crônica, 14
Educação, 146
Educação em Enfermagem, 12, 82, 144, 169
Educação em Saúde, 26, 54, 120, 169
Educação Intercultural Indígena, 156
Educação Superior, 90
Emoções, 14, 48
Enfermagem, 20, 42, 80, 118, 189
Enfermagem em Emergência, 110
Enfermagem Pediátrica, 193
Enfermagem Psiquiátrica, 26, 110
Epidemiologia, 112
Era Digital, 36
Escolas, 70
Esgotamento Psicológico, 185
Esquizofrenia, 30, 52
Esquizofrenia Hebefrênica, 152
Esquizofrenia Paranoide, 30
Estereotipagem, 50
Estresse Ocupacional, 118, 189
Estudantes, 16, 106, 126
Estudantes de Ciências da Saúde, 16
Estudantes de Enfermagem, 24, 102
Ética, 94
Evasão Escolar, 102
Exercício Físico, 46
Feminicídio, 32
Gravidez de Alto Risco, 44
Hemodiálise, 138
Higiene Oral, 130
Homem, 74
Hospitais Psiquiátricos, 20
Hospital Maternidade, 116
Humanização da Assistência, 12, 34
Idadismo, 84
Idoso, 92
Inclusão Escolar, 90
Inclusão Social, 66
Integralidade em Saúde, 58
Inteligência Artificial, 94, 96, 124
Intervenção em Crise, 116
Isolamento Social, 214
Jogos de Vídeo, 78
Ludicidade, 92
Marketing Digital, 68
Mascaramento Perceptivo, 181
Masculinidade, 74
Medicalização, 2
Métodos Terapêuticos Complementares, 114
Microbiota Gastrointestinal, 122
Mídias Sociais, 72, 134
Mortalidade, 112
Mulheres, 22, 32, 181
Ostomia, 193
Pesquisa, 154
Pessoas com Deficiência, 66
Pessoas LGBTQIA+, 8, 173
Pessoas Transgênero, 6



- Plataformas Digitais, 150
Política de Saúde, 28
Populações Indígenas, 76
Pós-Doutorado, 154
Práticas Integrativas, 20
Práticas Integrativas e Complementares, 161
Presenteísmo, 118
Prevalência, 8
Prevenção, 165
Probióticos, 122
Processos Patológicos, 34
Profissionais de Enfermagem, 185
Promoção da Saúde, 24, 46, 70, 100, 142
Proteção de Dados Pessoais, 96
Protocolo de Tratamento, 116
Psicofisiologia, 14
Psicologia, 22, 40, 124
Psicologia Educacional, 146
Psicologia Escolar, 156
Psicólogo Organizacional, 165
Psicomotricidade, 60
Psicoterapia, 94, 108, 124
Publicidade de Alimentos, 202
Qualidade da Assistência à Saúde, 189
Qualidade de Vida, 60, 62
Reabilitação, 128
Reabilitação Psicossocial, 104
Reabilitação Psiquiátrica, 152
Realidade Virtual, 128
Reforma Psiquiátrica, 28
Regulação Emocional, 206
Relacionamentos Afetivos, 36
Sala Lilás, 22
Saúde, 18
Saúde Bucal, 130, 148
Saúde Digital, 96
Saúde do Trabalhador, 88
Saúde Mental, 2, 4, 6, 12, 14, 16, 20, 28, 42, 44, 54, 56, 62, 64, 68, 74, 80, 86, 88, 92, 94, 96, 98, 100, 104, 108, 110, 120, 122, 124, 126, 130, 132, 134, 138, 140, 142, 144, 152, 161, 165, 169, 173, 177, 185, 193, 197, 202, 206, 210, 214
Saúde Mental de Populações Indígenas, 76
Saúde Ocupacional, 158
Saúde Pública, 28
Segurança do Paciente, 189
Serviço Hospitalar de Psicologia, 44
Serviços de Saúde, 126
Serviços de Saúde Mental, 24
Síndrome de Burnout, 132, 165
Sistema Único de Saúde, 6, 114
Sofrimento Psíquico, 140
Solidão, 214
Sono, 158
Suicídio, 112
TDAH, 50
Tecnologia, 134, 146
Tecnologia de Informação, 86
Tecnologia e Proteção, 150
Tecnologia Educacional, 90, 102, 142
Tecnologia Leve, 136
Tecnologias da Informação e Comunicação, 144
Telepsicologia, 108
Telepsicoterapia, 108
Terapia pela Arte, 104
Trabalhadores da Saúde, 100
Trabalho, 10, 56, 126, 158
Transfobia, 6
Transtorno de Adição à Internet, 106
Transtorno de Personalidade Borderline, 48
Transtorno do Espectro Autista, 60, 82, 90, 181
Transtornos Mentais, 2
Transtornos Psicóticos, 128
Úlcera do Pé, 140
Unidade de Terapia Intensiva, 197
Unidades de Terapia Intensiva, 38, 185, 189
Universidades, 102, 106, 177
Violência Contra a Mulher, 150, 210
Violência de Gênero, 173
Violência Doméstica, 12
Violência Sexual, 74, 210
Violência Sexual Contra a Mulher, 136
Vivências, 154
Vulnerabilidade, 52
Vulnerabilidade e Saúde, 44
Vulnerabilidade Social, 140